The Project Gutenberg EBook of A Illustre Casa de Ramires, by Eça de Queiroz

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with

almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or

re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included

with this eBook or online at www.gutenberg.org

Title: A Illustre Casa de Ramires

Author: Eça de Queiroz

Release Date: October 22, 2007 [EBook #23145]

Language: Portuguese

\*\*\* START OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES \*\*\*

Produced by Rita Farinha and the Online Distributed

Proofreading Team at http://www.pgdp.net (This file was

produced from images generously made available by National

Library of Portugal (Biblioteca Nacional de Portugal).)

Eça de Queiroz

A Illustre Casa de Ramires

PORTO

LIVRARIA CHARDRON

De Lello & Irmão, editores

1900

Pertence no Brazil o direito de propriedade d'esta obra ao cidadão

Francisco Alves, livreiro editor no Rio de Janeiro, que, para a garantia

que lhe offerece a lei n.^o 496 de 1 d'Agosto de 1898, fez o competente

deposito na Bibliotheca nacional, segundo a determinação do art. 13.^o

da mesma Lei.

\* \* \* \* \*

\_Porto\_--\_Imprensa Moderna\_

A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES

Obras do mesmo auctor:

\*Revista de Portugal\*. 4 grossos volumes 12$000

\*As Minas de Salomão\*, 1 volume 600

\*Os Maias\*. 2 grossos volumes 2$000

\*O Crime do Padre Amaro\*. Terceira edição

inteiramente refundida, recomposta, e

differente na fórma e na acção da edição

primitiva, 1 grosso volume 1$200

\*O Primo Bazilio\*. Terceira edição, 1 grosso

volume. 1$000

\*A Reliquia\*, 1 grosso volume 1$000

\*O Mandarim\*. Quarta edição, 1 volume 500

\*Correspondencia de Fradique Mendes\*, 1 volume 600

No prelo:

\*A Cidade e as Serras.\*

A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES

I

Desde as quatro horas da tarde, no calor e silencio do domingo de Junho,

o Fidalgo da Torre, em chinellos, com uma quinzena de linho envergada

sobre a camisa de chita côr de rosa, trabalhava. Gonçalo Mendes Ramires

(que n'aquella sua velha aldêa de Santa Ireneia, e na villa visinha, a

aceada e vistosa Villa-Clara, e mesmo na cidade, em Oliveira, todos

conheciam pelo «Fidalgo da Torre») trabalhava n'uma Novella Historica,

\_A Torre de D. Ramires\_, destinada ao primeiro numero dos \*Annaes de

Litteratura e de Historia\*, Revista nova, fundada por José Lucio

Castanheiro, seu antigo camarada de Coimbra, nos tempos do Cenaculo

Patriotico, em casa das Severinas.

A livraria, clara e larga, escaiolada d'azul, com pesadas estantes de

pau preto onde repousavam, no pó e na gravidade das lombadas de

carneira, grossos folios de convento e de fôro, respirava para o pomar

por duas janellas, uma de peitoril e poiaes de pedra almofadados de

velludo, outra mais rasgada, de varanda, frescamente perfumada pela

madresilva que se enroscava nas grades. Deante d'essa varanda, na

claridade forte, pousava a mesa--mesa immensa de pés torneados, coberta

com uma colcha desbotada de damasco vermelho, e atravancada n'essa tarde

pelos rijos volumes da \_Historia Genealogica\_, todo o \_Vocabulario\_ de

Bluteau, tomos soltos do \_Panorama\_, e ao canto, em pilha, as obras de

Walter Scott sustentando um copo cheio de cravos amarellos. E d'ahi, da

sua cadeira de couro, Gonçalo Mendes Ramires, pensativo deante das tiras

de papel almaço, roçando pela testa a rama da penna de pato, avistava

sempre a inspiradora da sua Novella,--a Torre, a antiquissima Torre,

quadrada e negra sobre os limoeiros do pomar que em redor crescera, com

uma pouca d'hera no cunhal rachado, as fundas frestas gradeadas de

ferro, as ameias e a miradoira bem cortadas no azul de Junho, robusta

sobrevivencia do Paço acastellado, da fallada Honra de Santa Ireneia,

solar dos Mendes Ramires desde os meiados do seculo X.

Gonçalo Mendes Ramires (como confessava esse severo genealogista, o

morgado de Cidadelhe) era certamente o mais genuino e antigo fidalgo de

Portugal. Raras familias, mesmo coevas, poderiam traçar a sua

ascendencia, por linha varonil e sempre pura, até aos vagos Senhores que

entre Douro e Minho mantinham castello e terra murada quando os barões

francos desceram, com pendão e caldeira, na hoste do Borguinhão. E os

Ramires entroncavam limpidamente a sua casa, por linha pura e sempre

varonil, no filho do Conde Nuno Mendes, aquelle agigantado Ordonho

Mendes, senhor de Treixedo e de Santa Ireneia, que casou em 967 com Dona

Elduara, Condessa de Carrion, filha de Bermudo o \_Gottoso\_, Rei de Leão.

Mais antigo na Hespanha que o Condado Portucalense, rijamente, como

elle, crescera e se afamára o Solar de Santa Ireneia--resistente como

elle ás fortunas e aos tempos. E depois, em cada lance forte da Historia

de Portugal, sempre um Mendes Ramires avultou grandiosamente pelo

heroismo, pela lealdade, pelos nobres espiritos. Um dos mais esforçados

da linhagem, Lourenço, por alcunha o \_Cortador\_, collaço de Affonso

Henriques (com quem na mesma noite, para receber a pranchada de

cavalleiro, vellára as armas na Sé de Zamora), apparece logo na batalha

d'Ourique, onde tambem avista Jesus-Christo sobre finas nuvens d'ouro,

pregado n'uma cruz de dez covados. No cerco de Tavira, Martim Ramires,

freire de San-Thiago, arromba a golpes de acha um postigo da Couraça,

rompe por entre as cimitarras que lhe decepam as duas mãos, e surde na

quadrella da torre albarran, com os dous pulsos a esguichar sangue,

bradando alegremente ao Mestre:--«D. Payo Peres, Tavira é nossa! Real,

Real por Portugal!» O velho Egas Ramires, fechado na sua Torre, com a

levadiça erguida, as barbacans erriçadas de frecheiros, nega acolhida a

El-Rei D. Fernando e Leonor Telles que corriam o Norte em folgares e

caçadas--para que a presença da \_adultera\_ não macule a pureza extreme

do seu solar! Em Aljubarrota, Diogo Ramires o \_Trovador\_ desbarata um

troço de bésteiros, mata o Adiantado-mór de Galliza, e por elle, não por

outro, cahe derribado o pendão real de Castella, em que ao fim da lide

seu irmão d'armas, D. Antão d'Almada, se embrulhou para o levar,

dançando e cantando, ao Mestre d'Aviz. Sob os muros d'Arzilla combatem

magnificamente dois Ramires, o edoso Sueiro e seu neto Fernão, e deante

do cadaver do velho, trespassado por quatro virotes, estirado no pateo

da Alcaçova ao lado do corpo do Conde de Marialva--Affonso V arma

juntamente cavalleiros o Principe seu filho e Fernão Ramires, murmurando

entre lagrimas: «Deus vos queira tão bons como esses que ahi jazem!...»

Mas eis que Portugal se faz aos mares! E raras são então as armadas e os

combates de Oriente em que se não esforce um Ramires--ficando na lenda

tragico-maritima aquelle nobre capitão do Golpho Persico, Balthazar

Ramires, que, no naufragio da \_Santa Barbara\_, reveste a sua pesada

armadura, e no castello de prôa, hirto, se afunda em silencio com a náu

que se afunda, encostado á sua grande espada. Em Alcacer-Kebir, onde

dous Ramires sempre ao lado d'El-Rei encontram morte soberba, o mais

novo, Paulo Ramires, pagem do Guião, nem lezo nem ferido, mas não

querendo mais vida pois que El-Rei não vivia, colhe um ginete solto,

apanha uma acha d'armas, e gritando:--«Vai-te, alma, que já tardas,

servir a de teu senhor!»--entra na chusma mourisca e para sempre

desapparece. Sob os Philippes, os Ramires, amuados, bebem e caçam nas

suas terras. Reapparecendo com os Braganças, um Ramires, Vicente,

Governador das Armas d'Entre-Douro e Minho por D. João IV, mette a

Castella, destroça os Hespanhoes do Conde, de Venavente, e toma

Fuente-Guiñal, a cujo furioso saque preside da varanda d'um Convento de

Franciscanos, em mangas de camisa, comendo talhadas de melancia. Já,

porém, como a nação, degenera a nobre raça... Alvaro Ramires, valido de

D. Pedro II, brigão façanhudo, atordôa Lisboa com arruaças, furta a

mulher d'um Védor da Fazenda que mandára matar a pauladas por pretos,

incendeia em Sevilha depois de perder cem dobrões uma casa de tavolagem,

e termina por commandar uma urca de piratas na frota de Murad o

\_Maltrapilho\_. No reinado do Sr. D. João V Nuno Ramires brilha na Côrte,

ferra as suas mulas de prata, e arruina a casa celebrando sumptuosas

festes de Egreja, em que canta no côro vestido com o habito de Irmão

Terceiro de S. Francisco. Outro Ramires, Christovam, Presidente da Mesa

de Consciencia e Ordem, alcovita os amores d'el-rei D. José I com a

filha do prior de Sacavem. Pedro Ramires, Provedor e Feitor-mór das

Alfandegas, ganha fama em todo o Reino pela sua obesidade, a sua

chalaça, as suas proezas de glutão no Paço da Bemposta com o arcebispo

de Thessalonica. Ignacio Ramires acompanha D. João VI ao Brazil como

Reposteiro-Mór, negoceia em negros, volta com um bahú carregado de peças

d'ouro que lhe rouba um administrador, antigo frade capuchinho, e morre

no seu solar da cornada de um boi. O avô de Gonçalo, Damião, doutor

liberal dado ás Musas, desembarca com D. Pedro no Mindello, compõe as

empoladas proclamações do Partido, funda um jornal, o \_Anti-Frade\_, e

depois das Guerras Civis arrasta uma existencia rheumatica em Santa

Ireneia, embrulhado no seu capotão de briche, traduzindo para vernaculo,

com um lexicon e um pacote de simonte, as obras de Valerius Flaccus. O

pae de Gonçalo, ora Regenerador, ora Historico, vivia em Lisboa no Hotel

Universal, gastando as solas pelas escadarias do Banco Hypothecario e

pelo lagedo da Arcada, até que um Ministro do Reino, cuja concubina,

corista de S. Carlos, elle fascinára, o nomeou, (para o afastar da

Capital) Governador Civil de Oliveira. Gonçalo, esse, era bacharel

formado com um R no terceiro anno.

E n'esse anno justamente se estreou nas Lettras Gonçalo Mendes Ramires.

Um seu companheiro de casa, José Lucio Castanheiro, algarvio muito

magro, muito macilento, de enormes oculos azues, a quem Simão Craveiro

chamava o «Castanheiro Patriotinheiro», fundára um Semanario, a

\*Patria\*--«com o alevantado intento (affirmava sonoramente o Prospecto)

de despertar, não só na mocidade Academica, mas em todo o paiz, do cabo

Silleiro ao cabo de Santa Maria, o amor tão arrefecido das bellezas, das

grandezas e das glorias de Portugal!» Devorado por essa idéa, «a sua

Idéa», sentindo n'ella uma carreira, quasi uma missão, Castanheiro

incessantemente, com ardor teimoso de Apostolo, clamava pelos botequins

da Sophia, pelos claustros da Universidade, pelos quartos dos amigos

entre a fumaça dos cigarros,--«a necessidade, caramba, de reatar a

tradição! de desatulhar, caramba, Portugal da alluvião do

estrangeirismo!»--Como o Semanario appareceu regularmente durante tres

Domingos, e publicou realmente estudos recheiados de griphos e citações

sobre as \_Capellas da Batalha\_, a \_Tomada d'Ormuz\_, a \_Embaixada de

Tristão da Cunha\_, começou logo a ser considerado uma aurora, ainda

pallida mas segura, de Renascimento Nacional. E alguns bons espiritos da

Academia, sobretudo os companheiros de casa do Castanheiro, os tres que

se occupavam das cousas do saber e da intelligencia (porque dos tres

restantes um era homem de cacete e forças, o outro guitarrista, e o

outro «premiado»), passaram, aquecidos por aquella chamma patriotica, a

esquadrinhar na Bibliotheca, nos grossos tomos nunca d'antes visitados

de Fernam Lopes, de Ruy de Pina, d'Azurara, proezas e lendas--«só

portuguezas, só nossas (como supplicava o Castanheiro), que refizessem á

nação abatida uma consciencia da sua heroicidade!» Assim crescia o

Cenaculo Patriotico da casa das Severinas. E foi então que Gonçalo

Mendes Ramires, moço muito affavel, esvelto e loiro, d'uma brancura sã

de porcelana, com uns finos e risonhos olhos que facilmente se

enterneciam, sempre elegante e apurado na batina e no verniz dos

sapatos--apresentou ao Castanheiro, n'um domingo depois do almoço, onze

tiras de papel intituladas \_D. Guiomar\_. N'ellas se contava a velhissima

historia da castellã, que, emquanto longe nas guerras do Ultra-mar o

castellão barbudo e cingido de ferro atira a acha-d'armas ás portas de

Jerusalem, recebe ella na sua camara, com os braços nús, por noite de

Maio e de lua, o pagem de annellados cabellos... Depois ruge o inverno,

o castellão volta, mais barbudo, com um bordão de romeiro. Pelo villico

do Castello, homem espreitador e de amargos sorrisos, conhece a traição,

a macula no seu nome tão puro, honrado em todas as Hespanhas! E ai do

pagem! ai da dama! Logo os sinos tangem a finados. Já no patim da

Alcaçova o verdugo, de capuz escarlate, espera, encostado ao machado,

entre dous cepos cobertos de pannos de dó... E no final choroso da \_D.

Guiomar\_, como em todas essas historias do Romanceiro d'Amor, tambem

brotavam rente ás duas sepulturas, escavadas no êrmo, duas roseiras

brancas a que o vento enlaçava os aromas e as rosas. De sorte que (como

notou José Lucio Castanheiro, coçando pensativamente o queixo) não

resaltava n'esta \_D. Guiomar\_ nada que fosse «só portuguez, só nosso,

abrolhando do sólo e da raça!» Mas esses amores lamentosos passavam n'um

solar de Riba-Côa: os nomes dos cavalleiros, Remarigues, Ordonho,

Froylas, Gutierres, tinham um delicioso sabor godo: em cada tira

resoavam bravamente os genuinos: «\_Bofé!... Mentes pela gorja!...

Pagem, o meu murzello!\_...»: e através de toda esta vernaculidade

circulava uma sufficiente turba de cavallariços com saios alvadios,

beguinos sumidos na sombra das cugulas, ovençaes sopezando fartas bolsas

de couro, uchões espostejando nedios lombos de cêrdo... A Novella

portanto marcava um salutar retrocesso ao sentimento nacional.

--E depois (accrescentava o Castanheiro) este velhaco do Gonçalinho

surde com um estylo terso, masculo, de boa côr archaica... D'optima côr

archaica! Lembra até o \_Bobo\_, o \_Monge de Cister\_!... A Guiomar,

realmente, é uma castellã vaga, da Bretanha ou da Aquitania. Mas no

villico, mesmo no castellão, já transparecem portuguezes, bons

portuguezes de fibra e d'alma, d'entre Douro e Cavado... Sim senhor!

Quando o Gonçalinho se enfronhar dentro do nosso passado, das nossas

chronicas, temos emfim nas Lettras um homem que sente bem o torrão,

sente bem a raça!

\_D. Guiomar\_ encheu tres paginas da \*Patria\*. N'esse Domingo, para

celebrar a sua entrada na Litteratura, Gonçalo Mendes Ramires pagou aos

camaradas do Cenaculo e a outros amigos uma ceia--onde foi acclamado,

logo depois do frango com ervilhas, quando os moços do Camolino,

esbaforidos, renovavam as garrafas de Collares, como «o nosso Walter

Scott!» Elle, de resto, annunciára já com simplicidade um Romance em

dois volumes, fundado nos annaes da sua Casa, n'um rude feito de sublime

orgulho de Tructesindo Mendes Ramires, o amigo e Alferes-mór de D.

Sancho I. Por temperamento, por aquelle saber especial de trajes e

alfaias que revelára na \_D. Guiomar\_, até pela antiguidade da sua

linhagem, Gonçalinho parecia gloriosamente votado a restaurar em

Portugal o Romance Historico. Possuia uma missão--e começou logo a

passear pela Calçada, pensativo, com o gorro sobre os olhos, como quem

anda reconstruindo um mundo. No acto d'esse anno levou o R.

Quando regressou das ferias para o Quarto-Anno já não refervia na rua da

Mathematica o Cenaculo ardente dos Patriotas. O Castanheiro, formado,

vegetava em Villa Real de Santo Antonio: com elle desapparecera a

\*Patria\*: e os moços zelosos que na Bibliotheca esquadrinhavam as

Chronicas de Fernam Lopes e de Azurara, desamparados por aquelle

Apostolo que os levantava, recahiram nos romances de Georges Ohnet e

retomaram á noite o taco nos bilhares da Sophia. Gonçalo voltava tambem

mudado, de luto pelo pae que morrera em Agosto, com a barba crescida,

sempre affavel e suave, porém mais grave, averso a ceias e a noites

errantes. Tomou um quarto no Hotel Mondego, onde o servia, de gravata

branca, um velho creado de Santa Ireneia, o Bento:--e os seus

companheiros preferidos foram tres ou quatro rapazes que se preparavam

para a Politica, folheavam attentamente o \_Diario das Camaras\_,

conheciam alguns enredos da Côrte, proclamavam a necessidade d'uma

«Orientação positiva» e d'um «largo fomento rural», consideravam como

leviandade reles e jacobina a irreverencia da Academia pelos Dogmas, e,

mesmo passeando ao luar no Choupal ou no Penedo da Saudade, discorriam

com ardor sobre os dous Chefes de Partido--o Braz Victorino, o homem

novo dos Regeneradores, e o velho Barão de S. Fulgencio, chefe classico

dos Historicos. Inclinado para os Regeneradores, por que a Regeneração

lhe representava tradicionalmente idéas de conservantismo, de elegancia

culta e de generosidade, Gonçalo frequentou então o Centro Regenerador

da Couraça, onde aconselhava á noite, tomando chá preto, «o

fortalecimento da auctoridade da Corôa», e «uma forte expansão

colonial!» Depois, logo na Primavera, desmanchou alegremente esta

gravidade politica: e ainda tresnoitou, na taberna do Camolino, em

bacalhoadas festivas, entre o estridor das guitarras. Mas não alludio

mais ao seu grande Romance em dous volumes: e ou recuára ou se esquecera

da sua missão d'Arte Historica. Realmente só na Paschoa do Quinto-Anno

retomou a penna--para lançar, na \*Gazeta do Porto\*, contra um seu

patricio, o Dr. André Cavalleiro, que o Ministerio do S. Fulgencio

nomeára Governador civil de Oliveira, duas correspondencias muito

acerbas, d'um rancor intenso e pessoal, (a ponto de chasquear «a feroz

bigodeira negra de S. Ex.^a»). Assignara Juvenal, como outr'ora o pae,

quando publicava communicados politicos d'Oliveira n'essa mesma \*Gazeta

do Porto\*, jornal amigo, onde um Villar Mendes, seu remoto parente,

redigia a \_Revista Estrangeira\_. Mas lêra aos amigos no Centro--«os dous

botes decisivos que atirariam o Sr. Cavalleiro abaixo do seu Cavallo!» E

um d'esses moços serios, sobrinho do Bispo de Oliveira, não disfarçou o

seu assombro:

--Oh Gonçalo, eu sempre pensei que você e o Cavalleiro eram intimos! Se

bem me lembro quando você chegou a Coimbra, para os Preparatorios, viveu

na casa do Cavalleiro, na rua de S. João... Pois não ha uma amizade

tradicional, quasi historica, entre Ramires e Cavalleiros?... Eu pouco

conheço Oliveira, nunca andei para os vossos sitios; mas até creio que

Corinde, a quinta do Cavalleiro, pega com Santa Ireneia!

E Gonçalo enrugou a face, a sua risonha e lisa face, para declarar

seccamente que Corinde não pegava com Santa Ireneia: que entre as duas

terras corria muito justificadamente a ribeira do \_Coice\_: e que o Sr.

André Cavalleiro, e sobre tudo Cavallo, era um animal detestavel que

pastava na outra margem!--O sobrinho do Bispo saudou e exclamou:

--Sim senhor, boa piada!

Um anno depois da Formatura, Gonçalo foi a Lisboa por causa da hypotheca

da sua quinta de Praga, junto a Lamego, que certo fôro annual de dez

réis e meia gallinha, devido ao Abbade de Praga, andava empecendo

terrivelmente nos Conselhos do Banco Hypothecario;--e tambem para

conhecer mais estreitamente o seu Chefe, o Braz Victorino, mostrar

lealdade e submissão partidaria, colher algum fino conselho de conducta

Politica. Ora uma noite, voltando de jantar em casa da velha Marqueza de

Louredo, a «tia Louredo», que morava a Santa Clara, esbarrou no Rocio

com José Lucio Castanheiro; então empregado no Ministerio da Fazenda, na

repartição dos Proprios Nacionaes. Mais defecado, mais macilento, com

uns oculos mais largos e mais tenebrosos, o Castanheiro ardia todo, como

em Coimbra, na chamma da sua Idéa--«a resurreição do sentimento

portuguez!» E agora, alargando a proporções condignas da Capital o plano

da \*Patria\*, labutava devoradoramente na creação d'uma Revista quinzenal

de setenta paginas, com capa azul, os \*Annaes de Litteratura e de

Historia\*. Era uma noite de Maio, macia e quente. E, passeando ambos em

torno das fontes seccas do Rocio, Castanheiro, que sobraçava um rolo de

papel e um gordo folio encadernado em bezerro, depois de recordar as

cavaqueiras geniaes da rua da Misericordia, de maldizer a falta de

intellectualidade de Villa Real de Santo Antonio--voltou soffregamente á

sua Idéa, e supplicou a Gonçalo Mendes Ramires que lhe cedesse para os

\*Annaes\* esse Romance que elle annunciára em Coimbra, sobre o seu

avoengo Tructesindo Ramires, Alferes-mór de Sancho I.

Gonçalo, rindo, confessou que ainda não começára essa grande obra!

--Ah! murmurou o Castanheiro, estacando, com os negros oculos sobre

elle, duros e desconsolados. Então você não persistio?... Não permaneceu

fiel á Idéa?...

Encolheu os hombros, resignadamente, já acostumado, atravez da sua

missão, a estes desfallecimentos do Patriotismo. Nem consentio que

Gonçalo, humilhado perante aquella Fé que se mantivera tão pura e

servidôra--alludisse, como desculpa, ao inventario laborioso da Casa,

depois da morte do papá...

--Bem, bem! Acabou! \_Proscratinare luzitanum est\_. Trabalha agora no

verão... Para Portuguezes, menino, o verão é o tempo das bellas fortunas

e dos rijos feitos. No verão nasce Nun'Alvares no Bomjardim! No verão se

vence em Aljubarrota! No verão chega o Gama á India!... E no verão vae o

nosso Gonçalo escrever uma novellasinha sublime!... De resto os \*Annaes\*

só apparecem em Dezembro, caracteristicamente no Primeiro de Dezembro. E

você em tres mezes resuscita um mundo. Serio, Gonçalo Mendes!... É um

dever, um santo dever, sobretudo para os novos, collaborar nos \*Annaes\*.

Portugal, menino, morre por falta de sentimento nacional! Nós estamos

immundamente morrendo do mal de não ser Portuguezes!

Parou--ondeou o braço magro, como a correia d'um latego, n'um gesto que

açoutava o Rocio, a Cidade, toda a Nação. Sabia o amigo Gonçalinho o

segredo d'esta borracheira sinistra? É que, dos Portuguezes, os peores

despresavam a Patria--e os melhores ignoravam a Patria. O remedio?...

Revelar Portugal, vulgarisar Portugal. Sim, amiguinho! Organizar, com

estrondo, o reclamo de Portugal, de modo que todos o conheçam--ao menos

como se conhece o Xarope Peitoral de James, hein? E que todos o

adoptem--ao menos como se adoptou o sabão do Congo, hein? E conhecido,

adoptado, que todos o amem emfim, nos seus heróes, nos seus feitos,

mesmo nos seus defeitos, em todos os seus padrões, e até nas veras

pedrinhas das suas calçadas! Para esse fim, o maior a emprehender n'este

apagado seculo da nossa Historia, fundava elle os \*Annaes\*. Para berrar!

Para atroar Portugal, aos bramidos sobre os telhados, com a noticia

inesperada da sua grandeza! E aos descendentes dos que outr'ora fizeram

o Reino incumbia, mais que aos outros, o cuidado piedoso de o refazer...

Como? Reatando a tradição, caramba!

--Assim, vocês! Por essa historia de Portugal fóra, vocês são uma

enfiada de Ramires de toda a belleza. Mesmo o desembargador, o que comeu

n'uma ceia de Natal dois leitões!... É apenas uma barriga. Mas que

barriga! Ha n'ella uma pujança heroica que prova raça, a raça mais forte

\_do que promette a força humana\_, como diz Camões. Dois leitões,

caramba! Até enternece!... E os outros Ramires, o de Silves, o de

Aljubarrota, os de Arzilla, os da India! E os cinco valentes, de quem

você talvez nem saiba, que morreram no Salado! Pois bem, resuscitar

estes varões, e mostrar n'elles a alma façanhuda, o querer sublime que

nada verga, é uma soberba lição aos novos... Tonifica, caramba! Pela

consciencia que renova de termos sido tão grandes sacode este chocho

consentimento nosso em permanecermos pequenos! É o que eu chamo reatar a

tradição... E depois feito por você proprio, Ramires, que \_chic\_!

Caramba, que \_chic\_! É um fidalgo, o maior fidalgo de Portugal, que,

para mostrar a heroicidade da Patria, abre simplesmente, sem sahir do

seu solar, os archivos da sua Casa, velha de mais de mil annos. É de

rachar!... E você não precisa fazer um grosso romance... Nem um romance

muito desenvolvido está na indole militante da Revista. Basta um conto,

de vinte ou trinta paginas... Está claro, os \*Annaes\* por ora não podem

pagar. Tambem, você não precisa! E que diabo! não se trata de pecunia,

mas d'uma grande renovação social... E depois, menino, a litteratura

leva a tudo em Portugal. Eu sei que o Gonçalo em Coimbra, ultimamente,

frequentava o Centro Regenerador. Pois, amigo, de folhetim em folhetim,

se chega a S. Bento! A penna agora, como a espada outr'ora, edifica

reinos... Pense você n'isto! E adeus! que ainda hoje tenho de copiar,

para lettra christã, este estudo do Henriques sobre Ceylão... Você não

conhece o Henriques?... Não conhece. Ninguem conhece. Pois quando na

Europa, n'essas grandes Academias da Europa, ha uma duvida sobre a

Historia ou a Litteratura cingaleza, gritam para cá, para o Henriques!

Abalou, agarrado ao seu rolo e ao seu tomo--e Gonçalo ainda o avistou,

na porta e claridade da tabacaria Nunes, agitando o braço esguio

d'Apostolo deante d'um sujeito obeso, de vasto collete branco, que

recuava, com espanto, assim perturbado no quieto gozo do seu grosso

charuto e da doce noite de Maio.

O Fidalgo da Torre recolheu para o Bragança, impressionado, ruminando a

idéa do Patriota. Tudo n'ella o seduzia--e lhe convinha: a sua

collaboração n'uma Revista consideravel, de setenta paginas, em

companhia de Escriptores doutos, lentes das Escolas, antigos Ministros,

até Conselheiros d'Estado: a antiguidade da sua raça, mais antiga que o

Reino, popularisada por uma historia d'heroica belleza, em que com tanto

fulgor resaltavam a bravura e a soberba d'alma dos Ramires; e emfim a

seriedade academica do seu espirito, o seu nobre gosto pelas

investigações eruditas, apparecendo no momento em que tentava a carreira

do Parlamento e da Politica!... E o trabalho, a composição moral dos

vetustos Ramires, a resurreição archeologica do viver Affonsino, as cem

tiras de almaço a atulhar de prosa forte--não o assustavam... Não!

porque felizmente já possuia a «sua obra»--e cortada em bom panno,

alinhavada com linha habil. Seu tio Duarte, irmão de sua mãe (uma

senhora de Guimarães, da casa das Balsas), nos seus annos de ociosidade

e imaginação, de 1845 a 1850, entre a sua carta de Bacharel e o seu

Alvará de Delegado, fôra poeta--e publicára no \*Bardo\*, semanario de

Guimarães, um Poemeto em verso solto, o \_Castello de Santa Ireneia\_, que

assignára com duas iniciaes D.B. esse castello era o seu, o Paço

antiquissimo de que restava a negra torre entre os limoeiros da horta. E

o Poemeto cantava, com romantico garbo, um lance de altivez feudal em

que se sublimára Tructesindo Ramires, Alferes-mór de Sancho I, durante

as contendas de Affonso II e das senhoras Infantas. Esse volume do

\*Bardo\*, encadernado em marroquim, com o brazão dos Ramires, o açor

negro em campo escarlate, ficára no Archivo da Casa como um trecho da

Chronica heroica dos Ramires. E muitas vezes em pequeno Goncalo

recitára, ensinados pela mamã, os primeiros versos do Poema, de tão

harmoniosa melancolia:

Na pallidez da tarde, entre a folhagem

Que o outomno amarellece...

Era com esse sombrio feito do seu vago avoengo que Gonçalo Mendes

Ramires decidira em Coimbra, quando os camaradas da \*Patria\* e das ceias

o acclamavam «o nosso Walter Scott», compôr um Romance moderno, d'um

realismo épico, em dous robustos volumes, formando um estudo ricamente

colorido da Meia-Edade Portugueza... E agora lhe servia, e com deliciosa

facilidade, para essa Novella curta e sobria, de trinta paginas, que

convinha aos \*Annaes\*.

No seu quarto do Bragança abrio a varanda. E debruçado, acabando o

charuto, na dormente suavidade da noite de Maio, ante a magestade

silenciosa do rio e da lua, pensava regaladamente que nem teria a

canceira d'esmiuçar as chronicas e os folios massudos... Com effeito!

toda a reconstruccão Historica a realisára, e solidamente, com um saber

destro, o tio Duarte. O Paço acastellado de Santa Ireneia, com as fundas

carcovas, a torre albarran, a alcaçova, a masmorra, o pharol e o balsão:

o velho Tructesindo, enorme, e os seus flocos de cabellos e barbas

ancestraes derramados sobre a loriga de malha; os servos mouriscos, de

surrões de couro, cavando os regueiros da horta; os oblatos resmungando

á lareira as \_Vidas dos Santos\_; os pagens jogando no campo do

tavolado--tudo resurgia, com veridico realce, no Poemeto do tio Duarte!

Ainda recordava mesmo certos lances: o truão açoutado; o festim e os

uchões que arrombavam as cubas de cerveja; a jornada de Violante Ramires

para o Mosteiro de Lorvão...

Junto à fonte mourisca, entre os ulmeiros,

A cavalgada pára...

O enrêdo todo com a sua paixão de grandeza barbara, os recontros bravios

em que se saciam a punhal os rancores de raça, o heroico fallar

despedido de labios de ferro--lá estavam nos versos do titi, sonoros e

bem balançados...

Monge, escuta! O solar de D. Ramires

Por si, e pedra a pedra se aluira,

Se jámais um bastardo lhe pisasse,

Com sapato aviltado, as lages puras!

Na realidade só lhe restava transpôr as formas fluidas do Romantismo de

1846 para a sua prosa tersa e mascula (como confessava o Castanheiro),

de optima côr archaica, lembrando o \_Bobo\_. E era um plagio? Não! A

quem, com mais seguro direito do que a elle, Ramires, pertencia a

memoria dos Ramires historicos? A resurreição do velho Portugal, tão

bella no \_Castello de Santa Ireneia\_, não era obra individual do tio

Duarte--mas dos Herculanos, dos Rebellos, das Academias, da erudição

esparsa. E, de resto, quem conhecia hoje esse Poemeto, e mesmo o

\*Bardo\*, delgado semanario que perpassára, durante cinco mezes, ha

cincoenta annos, n'uma villa de Provincia?...! Não hesitou mais,

seduzido. E em quanto se despia, depois de beber aos goles um copo

d'agua com bicarbonato de soda, já martellava a primeira linha do conto,

á maneira lapidaria da \_Salammbô\_:--«Era nos Paços de Santa Ireneia, por

uma noite d'inverno, na sala alta da Alcaçova...»

Ao outro dia, procurou José Lucio Castanheiro na repartição dos Proprios

Nacionaes, á pressa,--por que, depois d'uma conferencia no Banco

Hypothecario, ainda promettera acompanhar as primas Chellas a uma

Exposição de Bordados na livraria Gomes. E annunciou ao Patriota que,

positivamente, lhe assegurava para o primeiro numero dos \*Annaes\* a

Novella, a que já decidira o titulo--a \_Torre de D. Ramires\_:

--Que lhe parece?

Deslumbrado, José Castanheiro atirou os magrissimos braços, resguardados

pelas mangas d'alpaca, até á abobada do esguio corredor em que o

recebera:

--Sublime!... \_A Torre de D. Ramires\_!... O grande feito de Tructesindo

Mendes Ramires contado por Gonçalo Mendes Ramires!... E tudo na mesma

Torre! Na Torre o velho Tructesindo pratica o feito; e setecentos annos

depois, na mesma Torre, o nosso Gonçalo conta o feito! Caramba, menino,

carambissima! isso é que é reatar a tradição!

\* \* \* \* \*

Duas semanas depois, de volta a Santa Ireneia, Gonçalo mandou um creado

da quinta, com uma carroça, a Oliveira, a casa de seu cunhado José

Barrôlo, casado com Gracinha Ramires, para lhe trazer da rica livraria

classica que o Barrôlo herdára do tio Deão da Sé todos os volumes da

\_Historia Genealogica\_--«e (accrescentava n'uma carta) todos os

cartapacios que por lá encontrares com o titulo de «Chronicas do Rei

Fulano...» Depois, do pó das suas estantes, desenterrou as obras de

Walter Scott, volumes desirmanados do \_Panorama\_, a \_Historia\_ de

Herculano, o \_Bobo\_, o \_Monge de Cistér\_. E assim abastecido, com uma

farta rêsma de tiras d'almaço sobre a banca, começou a repassar o

Poemeto do tio Duarte, inclinado ainda a transpôr para a aspereza d'uma

manhã de Dezembro, como mais congenere com a rudeza feudal dos seus

avós, aquella lusida cavalgada de donas, monges e homens d'armas que o

tio Duarte estendera, atravez d'uma suave melancolia outomnal, pelas

veigas do Mondêgo...

Na pallidez da tarde, entre a folhagem

Que o outomno amarellece...

Mas, como era então Junho e a lua crescia, Gonçalo determinou por fim

aproveitar as sensações de calor, luar e arvoredos, que lhe fornecia a

aldeia--para levantar, logo á entrada da sua Novella, o negro e immenso

Paço de Santa Ireneia, no silencio d'uma noite d'Agosto, sob o

resplendor da lua cheia.

E já enchera desembaraçadamente, ajudado pelo \*Bardo\*, duas tiras,

quando uma desavença com o seu caseiro, o Manoel Relho, que amanhava a

quinta por oitocentos mil reis de renda, veio perturbar, na fresca e

noviça inspiração do seu trabalho, o Fidalgo da Torre. Desde o Natal o

Relho, que durante annos de compostura e ordem se emborrachava sempre

aos domingos com alegria e com pachorra, começára a tomar, tres e quatro

vezes por semana, bebedeiras desabridas, escandalosas, em que espancava

a mulher, atroava a quinta de berros, e saltava para a estrada,

esguedelhado, de varapáu, desafiando a quieta aldeia. Por fim, uma noite

em que Gonçalo, á banca, depois do chá, laboriosamente escavava os

fossos do Paço de Santa Ireneia--de repente a Rosa cozinheira rompeu a

gritar «Aqui d'El-rei contra o Relho!» E, atravez dos seus brados e dos

latidos dos cães, uma pedra, depois outra, bateram na varanda veneravel

da livraria! Enfiado, Gonçalo Mendes Ramires pensou no revólver... Mas

justamente n'essa tarde o creado, o Bento, descêra aquella sua velha e

unica arma á cozinha para a desenferrujar e arear! Então, atarantado,

correu ao quarto, que fechou á chave, empurrando contra a porta a

commoda com tão desesperada anciedade que frascos de crystal, um cofre

de tartaruga, até um crucifixo, tombaram e se partiram. Depois gritos e

latidos findaram no pateo--mas Gonçalo não se arredou n'essa noite

d'aquelle refugio bem defendido, fumando cigarros, ruminando um furor

sentimental contra o Relho, a quem tanto perdoára, sempre tão

affavelmente tratára, e que apedrejava as vidraças da Torre! Cêdo, de

manhã convocou o Regedor; a Rosa, ainda tremula, mostrou no braço as

marcas roxas dos dedos do Relho; e o homem, cujo arrendamento findava em

Outubro, foi despedido da quinta com a mulher, a arca e o catre.

Immediatamente appareceu um lavrador dos Bravaes, o José Casco,

respeitado em toda a freguezia pela sua seriedade e força espantosa,

propondo ao fidalgo arrendar a Torre. Gonçalo Mendes Ramires porém, já

desde a morte do pae, decidira elevar a renda a novecentos e cincoenta

mil réis:--e o Casco desceu as escadas, de cabeça descahida. Voltou logo

ao outro dia, repercorreu miudamente toda a quinta, esfarellou a terra

entre os dedos, esquadrinhou o curral e a adega, contou as oliveiras e

as cêpas: e n'um esforço, em que lhe arfaram todas as costellas,

offereceu novecentos e dez mil réis! Gonçalo não cedia, certo da sua

equidade. O José Casco voltou ainda com a mulher; depois, n'um domingo,

com a mulher e um compadre,--e era um coçar lento do queixo rapado, umas

voltas desconfiadas em torno da eira e da horta, umas demoras sumidas

dentro da tulha, que tornavam aquella manhã de Junho intoleravelmente

longa ao Fidalgo, sentado n'um banco de pedra do jardim, debaixo d'uma

mimosa, com a \*Gazeta do Porto\*. Quando o Casco, pallido, lhe veio

offerecer novecentos e trinta mil réis--Gonçalo Mendes Ramires

arremessou o jornal, declarou que ia elle, por sua conta, amanhar a

propriedade, mostrar o que era um torrão rico, tratado pelo saber

moderno, com phosphatos, com machinas! O homem de Bravaes, então,

arrancou um fundo suspiro, acceitou os novecentos e cincoenta mil reis.

Á maneira antiga o Fidalgo apertou a mão ao lavrador--que entrou na

cozinha a enxugar um largo copo de vinho, esponjando na testa, nas

cordoveias rijas do pescoço, o suor anciado que o alagava.

Mas, como entulhada por estes cuidados, a veia abundante de Gonçalo

estancou--não foi mais que um fio arrastado e turvo. Quando n'essa tarde

se accomodou á banca, para contar a sala d'armas do Paço de Santa

Ireneia por uma noite de lua--só conseguiu converter servilmente n'uma

prosa aguada os versos lisos do tio Duarte, sem relêvo que os

modernisasse, désse magestade senhorial ou bellesa saudosa áquelles

macissos muros onde o luar, deslisando atravez das rexas, salpicava

scentelhas pelas pontas das lanças altas, e pela cimeira dos morriões...

E desde as quatro horas, no calor e silencio do domingo de Junho,

labutava, empurrando a penna como lento arado em chão pedregoso,

riscando logo rancorosamente a linha que sentia deselegante e molle, ora

n'um reboliço, a sacudir e reenfiar sob a mesa os chinellos de

marroquim, ora immovel e abandonado á esterilidade que o travava, com os

olhos esquecidos na Torre, na sua difficillima Torre, negra entre os

limoeiros e o azul, toda envolta no piar e esvoaçar das andorinhas.

Por fim, descorçoado, arrojou a penna que tão desastrosamente emperrára.

E fechando na gavêta, com uma pancada, o volume precioso do \*Bardo\*:

--Irra! Estou perfeitamente entupido! É este calor! E depois aquelle

animal do Casco, toda a manhã!...

Ainda releu, coçando sombriamente a nuca, a derradeira linha rabiscada e

suja:

--«...Na sala altaneira e larga, onde os largos e pallidos raios da

lua...» Larga, largos!... E os pallidos raios, os eternos \_pallidos

raios\_!... Tambem este maldito castello, tão complicado!... E este D.

Tructesindo, que eu não apanho, tão antigo!... Emfim, um horror!

Atirou, n'um repellão, a cadeira de couro; cravou, com furor, um charuto

nos dentes;--e abalou da livraria, batendo desesperadamente a porta,

n'um tedio immenso da sua obra, d'aquelles confusos e enredados Paços de

Santa Ireneia, e dos seus avós, enormes, resoantes, chapeados de ferro,

e mais vagos que fumos.

II

Bocejando, apertando os cordões das largas pantalonas de seda que lhe

escorregavam da cinta, Gonçalo, que durante todo o dia preguiçára,

estirado no divan de damasco azul, com uma vaga dôr nos rins, atravessou

languidamente o quarto para espreitar, no corredor, o antigo relogio de

charão. Cinco horas e meia!... Para desannuviar, pensou n'uma caminhada

pela fresca estrada dos Bravaes. Depois n'uma visita (devida já desde a

Paschoa!) ao velho Sanches Lucena, eleito novamente deputado, nas

Eleições Geraes de Abril, pelo circulo de Villa Clara. Mas a jornada á

\_Feitosa\_, á quinta do Sanches Lucena, demandava uma hora a cavallo,

desagradavel com aquella teimosa dôr nos rins que o filára na vespera á

noite, depois do chá, na Assembleia da Villa. E, indeciso, arrastava os

passos no corredor, para gritar ao Bento ou á Rosa que lhe subissem uma

limonada, quando, atravez das varandas abertas, resoou um vozeirão de

grosso metal, que gracejando mais se engrossava, rolava pelo pateo,

n'uma cadencia cava de malho malhando:

--Oh sô Gonçalo! Oh sô Gonçalão! Oh sô Gonçalissimo Mendes Ramires!...

Reconheceu logo o \_Titó\_, o Antonio Villalobos, seu vago parente, e seu

companheiro de Villa Clara, onde aquelle homenzarrão excellente, de

velha raça Alemtejana, se estabelecera sem motivo, só por affeição

bucolica á villa. E havia onze annos que a atulhava com os seus

possantes membros, o lento rebombo do seu vozeirão, e a sua ociosidade

espalhada pelos bancos, pelas esquinas, pelas ombreiras das lojas, pelos

balcões das tabernas, pelas sachristias a caturrar com os padres, até

pelo cemiterio a philosophar com o coveiro. Era um irmão do velho

morgado de Cidadelhe (o genealogista), que lhe estabelecêra uma mesada

de oito moedas para o conservar longe de Cidadelhe--e do seu sujo

serralho de moças do campo, e da obra tenebrosa a que agora se

atrellára, a \_Veridica Inquirição\_, uma Inquirição sobre as bastardias,

crimes e titulos illegitimos das familias fidalgas de Portugal. E

Gonçalo, desde estudante, amára sempre aquelle Hercules bonacheirão, que

o seduzia pela prodigiosa força, a incomparavel potencia em beber todo

um pipo e em comer todo um anho, e sobretudo pela independencia, uma

suprema independencia, que, apoiada ao bengalão terrifico e com as suas

oito moedas dentro da algibeira, nada temia e nada desejava nem da Terra

nem do Céo.--Logo debruçado na varanda, gritou:

--Oh Titó, sóbe!... Sóbe emquanto eu me visto. Tomas um calice de

genebra... Vamos depois passear até aos Bravaes...

Sentado no rebordo do tanque redondo e sem agua que ornava o pateo,

erguendo para o casarão a sua franca e larga face requeimada, cheia de

barba ruiva, o Titó movia lentamente como um leque um velho chapéo de

palha:

--Não posso... Ouve lá! Tu queres hoje á noite cear no Gago, commigo e

com o João Gouveia? Vae tambem o Videirinha e o violão. Temos uma tainha

assada, uma famosa. E enorme, que eu comprei esta manhã a uma mulher da

Costa por cinco tostões. Assada pelo Gago!... Entendido, hein? O Gago

abre pipa nova de vinho, do Abbade de Chandim. Eu conheço o vinho. É

d'aqui, da ponta fina.

E Titó, com dous dedos, delicadamente, sacudio a ponta molle da orelha.

Mas Gonçalo, repuxando as pantalonas, hesitava:

--Homem, eu ando com o estomago arrazado... E desde hontem á noite uma

dôr nos rins, ou no figado, ou no baço, não sei bem, n'uma d'essas

entranhas!... Até hoje, para o jantar, só caldo de gallinha e gallinha

cosida... Emfim! vá! Mas, á cautela, recommenda ao Gago que me prepare

para mim um franguinho assado... Onde nos encontramos? Na Assembléa?

O Titó despegára logo do tanque, pousando na nuca o chapéo de palha:

--Hoje não me gasto pela Assembléa. Tenho senhora. Das dez para as dez e

meia, no Chafariz... Vae tambem o Videirinha com a viola. Viva!... Das

dez para as dez e meia! Entendido... E franguinho assado para S. Ex.^a,

que se queixa do rim!

E atravessou o pateo, com lentidão bovina, parando a colher n'uma

roseira, junto ao portão, uma rosa com que florio a quinzena de

velludilho côr d'azeitona.

Immediatamente Gonçalo decidira não jantar, certo dos beneficios

d'aquelle jejum até ás dez horas, depois de um passeio pelos Bravaes e

pelo valle da Riosa. E, antes de entrar no quarto para se vestir,

empurrou a porta envidraçada sobre a escura escada da cozinha, gritou

pela Rosa cozinheira. Mas nem a boa velha, nem o Bento por quem tambem

berrou furiosamente, responderam, no pesado silencio em que jaziam, como

abandonados, esses sombrios fundos de grande lage e de grande abobada

que restavam do antigo Palacio, restaurado por Vicente Ramires depois da

sua campanha em Castella, incendiado no tempo de El-Rei D. José I. Então

Gonçalo desceu dous degráos da gasta escadaria de pedra e atirou outro

dos longos brados com que atroava a Torre--desde que as campainhas

andavam desmanchadas. E descia ainda para invadir a cozinha quando a

Rosa acudio. Sahira para o pateo da horta com a filha da Crispola! não

sentira o Snr. Doutor!...

--Pois estou a berrar ha uma hora! E nem você nem Bento!... É por que

não janto. Vou cear a Villa Clara com os amigos.

A Rosa, do sonoro fundo do corredor, protestou, desolada. Pois o Sr.

Doutor ficava assim em jejum até horas da noite?--Filha d'um antigo

hortelão da Torre, crescida na Torre, já cozinheira da Torre quando

Gonçalo nascêra, sempre o tratára por «menino», e mesmo por «seu

riquinho» até que elle partio para Coimbra e começou a ser, para ella e

para o Bento, o «Sr. Doutor».--E o Sr. Doutor, ao menos, devia tomar o

caldinho de gallinha, que apurára desde o meio dia, cheirava que nem

feito no céo!

Gonçalo, que nunca discordava da Rosa ou do Bento, consentio--e já

subia, quando reclamou ainda a Rosa para se informar da Crispola, uma

desgraçada viuva que, com um rancho faminto de crianças, adoecera pela

Paschoa de febres perniciosas.

--A Crispola vae melhor, Sr. Doutor. Já se levanta. Diz a pequena que já

se levanta... Mas muito derreadinha...

Gonçalo desceu logo outro degráo, debruçado na escada, para mergulhar

mais confidencialmente n'aquellas tristezas:

--Olhe, oh Rosa, então se a pequena ahi está, coitada, que leve para

casa á mãe a gallinha que eu tinha para jantar. E o caldo... Que leve a

panella! Eu tomo uma chavena de chá com biscoitos. E olhe! Mande tambem

dez tostões á Crispola... Mande dois mil réis. Escute! Mas não lhe mande

a gallinha e o dinheiro assim seccamente... Diga que estimo as melhoras,

e que lá passarei por casa para saber. E esse animal do Bento que me

suba agua quente!

No quarto, em mangas de camisa, deante do espelho, um immenso espelho

rolando entre columnas douradas, estudou a lingua que lhe parecia

saburrosa, depois o branco dos olhos, receiando a amarellidão de bilis

solta. E terminou por se contemplar na sua feição nova, agora que rapára

a barba em Lisboa, conservando o bigodinho castanho, frisado e leve, e

uma môsca um pouco longa, que lhe alongava mais a face aquilina e fina,

sempre d'uma brancura de nata. O seu desconsolo era o cabello, bem

ondeado, mas tenue e fraco, e, apezar de todas as aguas e pomadas,

necessitando já risca mais elevada, quasi ao meio da testa clara.

--É infernal! Aos trinta annos estou calvo...

E todavia não se despegava do espelho, n'uma contemplação agradada,

recordando mesmo a recommendação da tia Louredo, em Lisboa:--«Oh

sobrinho! o menino, assim galante e esperto, não se enterre na

provincia! Lisboa está sem rapazes. Precisamos cá um bom Ramires!»--Não!

não se enterraria na provincia, immovel sob a hera e a poeira

melancolica das cousas immoveis, como a sua Torre!... Mas vida elegante

em Lisboa, entre a sua parentella historica, como a aguentaria com o

conto e oitocentos mil reis de renda que lhe restava, pagas as dividas

do papá? E depois realmente vida em Lisboa só a desejava com uma posição

politica,--cadeira em S. Bento, influencia intellectual no seu Partido,

lentas e seguras avançadas para o Poder. E essa, tão docemente sonhada

em Coimbra, nas faceis cavaqueiras do Hotel Mondego,--muito remota a

entrevia! Quasi inconquistavel, para além de um muro alto e aspero, sem

porta e sem fenda!... Deputado--como? Agora, com o horrendo S. Fulgencio

e os Historicos no Ministerio durante tres gordos annos, não voltariam

Eleições Geraes. E mesmo n'alguma Eleição Supplementar que possibilidade

lograria elle, que, desde Coimbra, bem levianamente, arrastado por uma

elegancia de tradições, se manifestára sempre Regenerador, no «Centro»

da Couraça, nas correspondencias para a \*Gazeta do Porto\*, nas verrinas

ardentes contra o chefe do Districto, o Cavalleiro detestavel?... Agora

só lhe restava esperar. Esperar, trabalhando; ganhando em consistencia

social; edificando com sagacidade, sobre a base do seu immenso nome

historico, uma pequenina nomeada politica; tecendo e estendendo a malha

preciosa das amizades partidarias desde Santa Ireneia até ao Terreiro do

Paço... Sim! eis a theoria explendida:--mas consistencia, nomeada,

affeições politicas, como se conquistam? «Advogue, escreva nos jornaes!»

fôra o conselho distrahido e risonho do seu chefe, o Braz Victorino.

Advogar em Oliveira, mesmo em Lisboa? Não podia, com aquelle seu horror

ingenito, quasi physiologico, a autos e papelada forense. Fundar um

jornal em Lisboa como o Ernesto Rangel, seu companheiro de Coimbra no

Hotel Mondego? Era façanha facil para o neto adorado da Snr.^a D.

Joaquina Rangel que armazenava dez mil pipas de vinho nos barracões de

Gaia. Batalhar n'um jornal de Lisboa? N'essas semanas de Capital, sempre

pelo Banco Hypothecario, sempre com as «primas», nem formára relações

duraveis e uteis nos dous grandes Diarios Regeneradores, a \_Manhã\_ e a

\_Verdade\_... De sorte que, realmente, n'esse muro que o separava da

fortuna só descobria um buraquinho, bem apertado mas serviçal--os

\*Annaes de Litteratura e d'Historia\*, com a sua collaboração de

Professores, de Politicos, até d'um Ministro, até de um Almirante, o

Guerreiro Araujo, esse tocante massador. Appareceria pois nos \*Annaes\*

com a sua \_Torre\_, revelando imaginação e um saber rico. Depois,

trepando da Invenção para o terreno mais respeitavel da Erudição, daria

um estudo (que até lhe lembrára no comboio, ao voltar de Lisboa!) sobre

as «Origens Visigothicas do Direito Publico em Portugal...» Oh, nada

conhecia, é certo, d'essas Origens, d'esses Visigodos. Mas, com a bella

historia da \_Administração Publica em Portugal\_ que lhe emprestára o

Castanheiro, comporia corrediamente um resumo elegante... Depois,

saltando da Erudição ás Sciencias Sociaes e Pedagogicas--por que não

amassaria uma boa «Reforma do Ensino Juridico em Portugal» em dous

artigos massudos, de Homem d'Estado?... Assim avançava, bem chegado aos

Regeneradores, construindo e cinzelando o seu pedestal litterario, até

que os Regeneradores voltassem ao Ministerio, e no muro se escancarasse

a desejada porta triumphal.--E no meio do quarto, em ceroulas, com as

mãos nas ilhargas, Gonçalo Mendes Ramires concluio pela necessidade de

apressar a sua Novella.

--Mas, quando acabarei eu essa \_Torre\_? assim emperrado, sem veia, com o

figado combalido?...

O Bento, velho de face rapada e morena, com um lindo cabello branco todo

encarapinhado, muito limpo, muito fresco na sua jaqueta de ganga,

entrára vagarosamente, segurando a infusa d'agua quente.

--Oh Bento, ouve lá! Tu não encontraste na mala que eu trouxe de Lisboa,

ou no caixote, um frasco de vidro com um pó branco? É um remedio inglez

que me deu o Sr. Dr. Mattos... Tem um rotulo em inglez, com um nome

inglez, não sei quê, \_fruit salt\_... Quer dizer sal de fructas...

O Bento cravou no soalho os olhos, que depois cerrou, meditando. Sim, no

quarto de lavar, em cima do bahú vermelho, ficára um frasco com pó,

embrulhado num pergaminho antigo como os do Archivo.

--É esse! declarou Gonçalo. Eu precisava em Lisboa uns documentos por

causa d'aquelle malvado fôro de Praga. E por engano, na balburdia, levo

do Archivo um pergaminho perfeitamente inutil! Vae buscar o rolo... Mas

tem cuidado com o frasco!

O Bento, cuidadoso, sempre lento, ainda enfiou os botões d'agatha nos

punhos da camisa do Sr. Doutor, e desdobrou sobre a cama, para elle

vestir, a quinzena, as calças bem vincadas, de cheviote leve. E Gonçalo,

retomado pela idéa de artigos para os \*Annaes\*, folheava, rente á

janella, a \_Historia da Administração Publica em Portugal\_, quando Bento

voltou com um rolo de pergaminho, d'onde pendia, por fitas roidas, um

sello de chumbo.

--Esse mesmo! exclamou o Fidalgo atirando o volume para o poial da

janella. É esse mesmo que eu enrolei no pergaminho para se não quebrar.

Desembrulha, deixa em cima da commoda... O Sr. Dr. Mattos aconselhou que

o tomasse com agua tepida, em jejum. Parece que ferve. E limpa o sangue,

desannuvia a cabeça... Pois eu muito necessitado ando de desannuviar a

cabeça!... Toma tu tambem, Bento. E dize á Rosa que tome. Todos tomam

agora, até o Papa!

Com cuidado, o Bento desenrolára o frasco, estendendo sobre o marmore da

commoda o pergaminho duro, onde a lettra do seculo XVI se encarquilhava

amarella e morta. E Gonçalo, abotoando o colarinho:

--Ora ahi está o que eu levo preciosamente para deslindar o fôro de

Praga! Um pergaminho do tempo de D. Sebastião... E só percebo mesmo a

data, mil quatrocentos... Não, mil quinhentos e setenta e sete. Nas

vesperas da jornada d'Africa... Emfim! serviu para embrulhar o frasco.

O Bento, que escolhera no gavetão um collete branco, relanceou de lado o

pergaminho veneravel:

--Naturalmente foi carta que El-rei D. Sebastião escreveu a algum

avosinho do Sr. Doutor...

--Naturalmente, murmurava o Fidalgo, deante do espelho. E para lhe dar

alguma cousa boa, alguma cousa gorda... Antigamente ter rei era ter

renda. Agora... Não apertes tanto essa fivella, homem! Trago ha dias o

estomago inchado... Agora, com effeito, esta instituição de Rei anda

muito safada, Bento!

--Parece que anda, observou gravemente o Bento. Tambem, o \_Seculo\_

affiança que os Reis estão a acabar, e por dias. Ainda hontem

affiançava. E o \_Seculo\_ é jornal bem informado... No de hoje, não sei

se o Sr. Doutor leu, lá vem a grande festa dos annos do Sr. Sanches

Lucena, e o fogo de vistas, e o brodio que deram na \_Feitosa\_...

Enterrado no divan de damasco, Gonçalo estendera os pés ao Bento que lhe

laçava as botas brancas:

--Esse Sanches Lucena é um idiota! Ora que arranjo fará a esse homem,

aos sessenta annos, ser deputado, passar mezes em Lisboa no Francfort,

abandonar as propriedades, deixar aquella linda quinta... E para quê?

Para rosnar de vez em quando «apoiado!» Antes elle me cedesse a cadeira,

a mim, que sou mais esperto, não possuo grandes terras, e gosto do Hotel

Bragança. E por Sanches Lucena... O Joaquim amanhã que me tenha a egoa

prompta, a esta hora, para eu ir á \_Feitosa\_ visitar esse animal... E

ponho então o fato novo de montar que trouxe de Lisboa, com as polainas

altas... Ha mais de dois annos que não vejo a D. Anna Lucena. É uma

linda mulher!

--Pois quando o Sr. Doutor estava em Lisboa elles passaram ahi, na

caleche. Até pararam, e o Sr. Sanches Lucena apontou para a Torre, a

mostrar á senhora... Mulher muito perfeita! E traz uma grande luneta,

com um grande cabo, e um grande grilhão, tudo d'oiro...

--Bravo!... Encharca bem esse lenço com agoa de Colonia, que tenho a

cabeça tão pesada!... Essa D. Anna era uma jornaleira, uma moça do

campo, de Corinde?

Bento protestou, com o frasco suspenso, espantado para o Fidalgo:

--Não senhor! A Snr.^a D. Anna Lucena é de gente muito baixa! Filha d'um

carniceiro d'Ovar... E o irmão andou a monte por ter morto o ferrador

d'Ilhavo.

--Emfim, resumiu Gonçalo, filha de carniceiro, irmão a monte, bella

mulher, luneta d'oiro... Merece fato novo!

\* \* \* \* \*

Em Villa-Clara, ás dez horas, sentado n'um dos bancos de pedra do

Chafariz, sob as olaias, o Titó esperava com o amigo João Gouveia--que

era o Administrador do Concelho da Villa. Ambos se abanavam com os

chapeus, em silencio, gozando a frescura e o sussurro da agua lenta na

sombra. E a «meia» batia no relogio da Camara, quando Gonçalo, que se

retardára na Assembléa n'um voltarete enremissado, appareceu annunciando

uma fome terrivel, «a fome historica dos Ramires», e apressando a marcha

para o Gago--sem mesmo consentir que o Titó descesse á tabacaria do

Brito, a buscar uma garrafa de aguardente de canna da Madeira, velha e

«da ponta fina...»

--Não ha tempo! Ao Gago! Ao Gago!... Senão devoro um de Vocês, com esta

furiosa fome Ramirica!

Mas, logo ao subirem a Calçadinha, parou elle cruzando os braços,

interpellando divertidamente o Sr. Aministrador do Concelho pelo

estupendo feito do \_seu\_ Governo... Então o \_seu\_ Governo, os \_seus\_

amigos Historicos, o \_seu\_ honradissimo S. Fulgencio--nomeavam, para

Governador Civil de Monforte, o Antonio Moreno! O Antonio Moreno, tão

justamente chamado em Coimbra Antoninha Morena! Não, realmente, era a

derradeira degradação a que podia rolar um paiz! Depois d'esta, para

harmonia perfeita dos serviços, só outra nomeação, e urgente--a da

Joanna Salgadeira, Procuradora Geral da Corôa!

E o João Gouveia, um homem pequeno, muito escuro, muito secco, de bigode

mais duro que piassaba, esticado n'uma sobrecasaca curta, com o chapeu

de coco atirado para a orelha, não discordava. Empregado imparcial,

servindo os Historicos como servira os Regeneradores, sempre acolhia com

imparcial ironia as nomeações de bachareis novos, Historicos ou

Regeneradores, para os gordos logares Administrativos. Mas, n'este caso,

sinceramente, quasi vomitára, rapazes! Governador Civil, e de Monforte,

o Antonio Moreno, que elle tantas vezes encontrára no quarto, em

Coimbra, vestido de mulher, de roupão aberto, e a carinha bonita coberta

de pó de arroz!...--E, travando do braço do Fidalgo, recordava a noite

em que o José Gorjão, muito bebedo, de cartola e com um revólver, exigia

furiosamente que o padre Justino, tambem bebedo, o casasse com o

Antoninho deante d'um nicho da Senhora da Boa Morte! Mas o Titó, que

esperava, floreando o bengalão, declarou áquelles senhores que se o

tempo sobejava para arrastarem assim na rua, a conversar de Politica e

d'indecencias--então voltava elle ao Brito, buscar a aguardentesinha...

Immediatamente o Fidalgo da Torre, sempre brincalhão, sacudiu o braço do

Administrador, e galgou pela Calçadinha, aos corcovos, com as mãos

fortemente juntas, como colhendo uma redea, contendo um cavallo que se

desboca.

E na sala alta do Gago, ao cimo da escada esguia e ingreme que subia da

taberna, a um canto da comprida mesa allumiada por dois candieiros de

petroleo, a ceia foi muito alegre, muito saboreada. Gonçalo, que se

declarava miraculosamente curado pelo passeio até aos Bravaes e pelas

emoções do voltarete em que ganhára desenove tostões ao Manoel

Duarte--começou por uma pratada d'ovos com chouriço, devorou metade da

tainha, devastou o seu «frango de doente», clareou o prato da salada de

pepino, findou por um montão de ladrilhos de marmellada: e atravez

d'este nobre trabalho, sem que a fina brancura da sua pelle se

afogueasse, esvasiou uma caneca vidrada de Alvaralhão, porque logo ao

primeiro trago, e com desgosto do Titó, amaldiçoára o vinho novo do

Abbade. Á sobremesa appareceu o Videirinha, «o Videirinha do violão»,

tocador afamado de Villa Clara, ajudante da Pharmacia, e poeta com

versos de amor e de patriotismo já impressos no \*Independente

d'Oliveira\*. Jantára n'essa tarde, com o violão, em casa do commendador

Barros, que celebrava o anniversario da sua commenda: e só acceitou um

copo d'Alvaralhão, em que esmagou um ladrilho de marmellada «para

adocicar a goella». Depois, á meia noite, Gonçalo obrigou o Gago a

espertar o lume, ferver um café «muito forte, um café terrivel, Gago

amigo! um café capaz de abrir talento no Sr. Commendador Barros!» Era

essa a hora divina do violão e do «fadinho». E já o Videirinha recuára

para a sombra da sala, pigarreando, affinando os bordões, pousado com

melancolia á borda d'um banco alto.

--A \_Soledad\_, Videirinha! pediu o bom Titó, pensativo, enrolando um

grosso cigarro.

Videirinha gemeu deliciosamente a \_Soledad\_:

Quando fôres ao cemiterio

Ai Soledad, Soledad!...

Depois, apenas elle findou, acclamado, e emquanto acertava as cravelhas,

o Fidalgo da Torre e João Gouveia, com os cotovellos na mesa, os

charutos fumegando, conversaram sobre essa venda de Lourenço Marques aos

Inglezes, preparada surrateiramente (conforme clamavam, arripiados de

horror, os jornaes da Opposição) pelo Governo do S. Fulgencio. E Gonçalo

tambem se arripiava! Não com a alienação da Colonia--mas com a

impudencia do S. Fulgencio! Que aquelle careca obeso, filho sacrilego

d'um frade que depois se fizera mercieiro em Cabecelhos, trocasse a

libras, para se manter mais dois annos no Poder, um pedaço de Portugal,

torrão augusto, trilhado heroicamente pelos Gamas, os Athaydes, os

Castros, os seus proprios avós--era para elle uma abominação que

justificava todas as violencias, mesmo uma revolta, e a casa de Bragança

enterrada no lodo do Tejo! Trincando, sem parar, amendoas torradas, João

Gouveia observou:

--Sejamos justos, Gonçalo Mendes! Olhe que os Regeneradores...

O Fidalgo sorrio superiormente. Ah! se os Regeneradores realisassem essa

grandiosa operação--bem! Esses, primeiramente, nunca commetteriam a

indecencia de vender a Inglezes terra de Portuguezes! Negociariam com

Francezes, com Italianos, povos latinos, raças fraternas... E depois os

bons milhões soantes seriam applicados ao fomento do Paiz, com saber,

com probidade, com experiencia. Mas esse horrendo careca do S.

Fulgencio!...--E no seu furor, engasgado, gritou por genebra, por que

realmente aquelle cognac do Gago era uma peçonha torpe!

O Titó encolheu os hombros, resignado:

--Não me deixaste ir buscar a aguardentesinha, agora aguenta... E a

genebra é ainda mais peçonhenta. Nem para os negros d'esse Lourenço

Marques que tu queres vender... Portuguezes indecentes, a vender

Portugal! Até o Sr. Administrador do Concelho devia prohibir estas

conversas...

Mas o Sr. Administrador do Concelho affirmou que as consentia, e

rasgadamente... Por que tambem elle, como Governo, venderia Lourenço

Marques, e Moçambique, e toda a Costa Oriental! E ás talhadas! Em

leilão! Alli, toda a Africa, posta em praça, apregoada no Terreiro do

Paço! E sabiam os amigos porquê? Pelo são principio de forte

administração--(estendia o braço, meio alçado do banco, como n'um

Parlamento)... Pelo são principio de que todo o proprietario de terras

distantes, que não póde valorisar por falta de dinheiro ou gente, as

deve vender para concertar o seu telhado, estrumar a sua horta, povoar o

seu curral, fomentar todo o bom torrão que pisa com os pés... Ora a

Portugal restava toda uma riquissima provincia a amanhar, a regar, a

lavrar, a semear--o Alemtejo!

O Titó lançou o vozeirão, desdenhando o Alemtéjo como uma pellicula de

terra de má qualidade, que, fóra umas legoas de campos em torno de Beja

e de Serpa, por um grão só dava dois, e, apenas esgaravetada, logo

mostrava o granito...

--O mano João tem lá uma herdade immensa, immensissima, que rende

trezentos mil réis!

O Administrador, que advogára em Mertola, protestou, encristado. O

Alemtejo! Provincia abandonada, sim! Abandonada miseravelmente, desde

seculos, pela imbecilidade dos governos... Mas riquissima, fertilissima!

--Pois então os Arabes... E qual Arabes! Ainda ha dias o Freitas Galvão

me contava...

Mas Gonçalo Mendes, que cuspira tambem a genebra com uma carantonha,

acudiu, n'um resumo varredor, condemnando todo o Alemtejo como uma

desgraçada illusão!

Estirado por sobre a mesa, o Administrador gritava:

--Você já esteve no Alemtejo?

--Tambem nunca estive na China, e...

--Então não falle! Só a vinha espantosa que plantou o João Maria...

--Quê! Umas cem pipas de zurrapa! Mas, n'outros sitios, legoas e legoas

sem...

--Um celleiro!

--Uma charneca!

E atravez do tumulto o Videirinha, repenicando com solitario ardor,

levado na torrente d'ais do «fado» da Ariosa, soluçava contra uns olhos

negros, donos do seu coração:

Ai! que dos teus negros olhos

Me vem hoje a perdição...

O petroleo dos candieiros findava: e o Gago, reclamado para trazer

castiçaes, surdio em mangas de camisa, detraz d'uma cortina de chita,

com a sua esperta humildade banhada em riso, lembrando a suas

Excellencias que passava da uma horasinha da noite... O Administrador,

que detestava noitadas, nocivas á sua garganta (de amygdalas loucamente

inflammaveis), puxou o relogio com terror. E rapidamente reabotoado na

sobrecasa, de chapéo côco mais tombado á banda, apressou o lento Titó,

por que ambos moravam no alto da Villa--elle defronte do Correio, o

outro na viella das Therezas, n'uma casa onde outr'ora habitára e

apparecera apunhalado o antigo carrasco do Porto.

O Titó porém não se aviava. Com o bengalão debaixo do braço, ainda

chamou o Gago ao fundo sombrio da sala estreita, para cochichar sobre o

embrulhado negocio d'uma compra de espingarda, soberba espingarda

Winchester, empenhada ao Gago pelo filho do tabellião Guedes d'Oliveira.

E, quando desceu a escadaria, encontrou á porta da taberna, no estendido

luar que orlava a rua adormecida, o Fidalgo da Torre e o João Gouveia

bruscamente engalfinhados na costumada contenda sobre o Governador Civil

de Oliveira--o André Cavalleiro!

Era sempre a mesma briga, pessoal, furiosa e vaga. Gonçalo clamando que

não alludissem deante d'elle, pelas cinco chagas de Christo, a esse

bandido, esse Snr. Cavalleiro e sobretudo Cavallo, mandão burlesco que

desorganizava o Districto! E João Gouveia muito teso, muito secco, com o

côco mais cahido na orelha, assegurando a inteligencia superior do amigo

Cavalleiro, que estabelecera limpeza e ordem, como Hercules, nas

cavallariças d'Oliveira! O Fidalgo rugia. E Videirinha, com o violão

resguardado atraz das costas, supplicava aos amigos que recolhessem á

taberna, para não alvorotar a rua...

--Tanto mais que defronte, coitada, a sogra do Dr. Venancio está desde

hontem com a pontada!

--Pois então, berrou Gonçalo, não venham com disparates que revoltam!

Dizer você, Gouveia, que Oliveira nunca teve Governador Civil como o

Cavalleiro!... Não é por meu pae! O papá já lá vae ha trez annos,

infelizmente. E concordo que não fosse boa auctoridade. Era frouxo,

andava doente... Mas depois tivemos o Visconde de Freixomil. Tivemos o

Bernardino. Você serviu com elles. Eram dois homens!... Mas este cavallo

d'este Cavalleiro! A primeira condição para a auctoridade superior d'um

Districto é não ser burlesca. E o Cavalleiro é d'entremez! Aquella

guedelha de trovador, e a horrenda bigodeira negra, e o olho

languinhento a pingar namoro, e o papo empinado, e o \_pó-pó-poh\_! É

d'entremez! E estupido, d'uma estupidez fundamental, que lhe começa nas

patas, vem subindo, vem crescendo. Oh senhores, que animal!... Sem

contar que é malandro.

Teso na sombra do immenso Titó, como uma estaca junto d'uma torre, o

Administrador mordia o charuto. Depois, de dedo espetado, com uma

serenidade cortante:

--Você acabou?... Pois, Gonçalinho, agora escute! Em todo o districto

d'Oliveira, note bem, em todo elle! não ha ninguem, absolutamente

ninguem, que de longe, muito de longe, se compare ao Cavalleiro em

intelligencia, caracter, maneiras, saber, e finura politica!

O Fidalgo da Torre emmudeceu, varado. Por fim sacudindo o braço, n'um

desabrido, arrogante desprezo:

--Isso são as opiniões d'um subalterno!

--E isso são as expressões d'um malcreado! uivou o outro, crescendo

todo, com os olhinhos esbugalhados a fuzilar.

Immediatamente entre os dois, mais grosso que um barrote, avançou o

braço do Titó, estendendo uma sombra na calçada:

--Olá! Oh rapazes! Que desconchavo é este? Vocês estão borrachos?...

Pois tu, Gonçalo...

Mas já Gonçalo, n'um d'esses seus impulsos generosos e amoraveis que tão

finamente seduziam, se humilhava, confessava a sua brutalidade,

sensibilisado:

--Perdoe você, João Gouveia! Sei perfeitamente que você defende o

Cavalleiro por amizade, não por dependencia... Mas que quer, homem?

Quando me fallam n'esse Cavallo... Não sei, é por contagio da besta,

orneio, atiro coice!

O Gouveia, sem rancor, logo reconciliado (porque admirava carinhosamente

o Fidalgo da Torre), deu um puxão forte á sobrecasaca e apenas observou

«que o Gonçalinho era uma flôr, mas picava...» Depois, aproveitando a

emoção submissa de Gonçalo, recomeçou a glorificação do Cavalleiro, mais

sobria. Reconhecia certas fraquezas. Sim, com effeito, aquelle modo

impertigado... Mas que coração!--E o Gonçalinho devia considerar...

O Fidalgo, de novo revoltado, recuou, espalmando as mãos:

--Escute você, oh João Gouveia! Por que é que você lá em cima, á ceia,

não comeu a salada de pepino? Estava divina, até o Videirinha a

appeteceu! Eu repeti, acabei a travessa... Por que foi? Por que você tem

horror physiologico, horror visceral ao pepino. A sua natureza e o

pepino são incompativeis. Não ha raciocinios, não ha subtilezas, que o

persuadam a admittir lá dentro o pepino. Você não duvida que elle seja

excellente, desde que tanta gente de bem o adora: mas você não póde...

Pois eu estou para o Cavalleiro como você para o pepino. Não posso! Não

ha molhos, nem razões, que m'o disfarcem. Para mim é ascoroso. Não vae!

Vomito!... E agora ouça...

Então Titó, que bocejava, interveio, já farto:

--Bem! Parece-me que apanhamos a nossa dóse de Cavalleiro, e valente!

Somos todos muito boas pessoas e só nos resta debandar. Eu tive senhora,

tive tainha... Estou derreado. E não tarda a madrugada, que vergonha!

O Administrador pulou. Oh Diabo! E elle, ás nove horas da manhã, com

commissão de recenseamento!... Para esmagar bem o amúo, cingiu Gonçalo

n'um rijo abraço. E, quando o Fidalgo descia para o Chafariz com o

Videirinha (que n'estas noites festivas de Villa Clara o acompanhava

sempre pela estrada até ao portão da Torre), João Gouveia ainda se

voltou, pendurado do braço do Titó no meio da Calçadinha, para lhe

lembrar um preceito moral «de não sei que philosopho»:

--«Não vale a pena estragar boa ceia por causa de má politica...» Creio

que é d'Aristoteles!

E até Videirinha, que de novo afinava a viola, se preparava para um

solto descante ao luar, murmurou respeitosamente por entre abafados

harpejos:

--Não vale a pena, Sr. Doutor... Realmente não vale a pena, por que em

Politica hoje é branco, ámanhã é negro, e depois, zás, tudo é nada!

\* \* \* \* \*

O fidalgo encolhera os hombros. A Politica! Como se elle pensasse na

Auctoridade, no Sr. Governador civil d'Oliveira--quando injuriava o Sr.

André Cavalleiro, de Corinde! Não! o que detestava era o homem--o falso

homem d'olho langoroso! Por que entre elles existia um d'esses fundos

aggravos que outr'ora, no tempo dos Tructesindos, armavam um contra o

outro, em dura arrancada de lanças, dois bandos senhoriaes...--E pela

estrada, com a lua no alto dos oiteiros de Valverde, em quanto no violão

do Videirinha tremia o choro lento do fado do Vimioso, Gonçalo Mendes

recordava, aos pedaços, aquella historia que tanto enchera a sua alma

desoccupada. Ramires e Cavalleiros eram familias vizinhas, uma com a

velha torre em Santa Ireneia, mais velha que o Reino--a outra com quinta

bem tratada e rendosa em Corinde. E quando elle, rapaz de dezoito annos,

enfiava enfastiadamente os preparatorios do Lyceu, André Cavalleiro,

então estudante do Terceiro-Anno, já o tratava como um amigo serio.

Durante as férias, como a mãe lhe dera um cavallo, apparecia todas as

tardes na Torre; e muitas vezes, sob os arvoredos da quinta ou passeando

pelos arredores de Bravaes e Valverde, lhe confiava, como a um espirito

maduro, as suas ambições politicas, as suas idéas de vida que desejava

grave e toda votada ao Estado. Gracinha Ramires desabrochava na flôr dos

seus dezeseis annos; e mesmo em Oliveira lhe chamavam a «flôr da Torre».

Ainda então vivia a governante ingleza de Gracinha, a boa Miss

Rhodes--que, como todos na Torre, admirava com enthusiasmo André

Cavalleiro pela sua amabilidade, a sua ondeada cabelleira romantica, a

doçura quebrada dos seus olhos largos, a maneira ardente de recitar

Victor Hugo e João de Deus. E, com essa fraqueza que lhe amollecia a

alma e os principios perante a soberania do Amor, favorecera demoradas

conversas de André com Maria da Graça sob as olaias do Mirante e mesmo

cartinhas trocadas ao escurecer por sobre o muro baixo da Mãe d'Agua.

Todos os domingos o Cavalleiro jantava na Torre:--e o velho procurador

Rebello já preparára, com esforço e resmungando, um conto de reis para o

enxoval da «menina». O pae de Gonçalo, Governador Civil de Oliveira,

sempre atarefado, enredado em Politica e em dividas, amanhecendo só na

Torre aos Domingos, approvava esta collocação de Gracinha, que, meiga e

romanesca, sem mãe que a velasse, creava na sua vida, já difficil, um

tropeço e um cuidado. Sem representar como elle uma familia de immensa

Chronica, anterior ao Reino, do mais rico sangue de Reis godos, André

Cavalleiro era um moço bem nascido, filho de general, neto de

desembargador, com brasão legitimo na sua casa apalaçada de Corinde, e

terras fartas em redor, de boa semeadura, limpas de hypothecas...

Depois, sobrinho de Reis Gomes, um dos Chefes Historicos, já filiado no

Partido Historico (desde o Segundo Anno da Universidade), a sua carreira

andava marcada com segurança e brilho na Politica e na Administração. E

emfim Maria da Graça amava enlevadamente aquelles reluzentes bigodes, os

hombros fortes de Hercules bem educado, o porte ufano que lhe

encouraçava o peitilho e que impressionava. Ella, em contraste, era

pequenina e fragil, com uns olhos timidos e esverdeados que o sorriso

humedecia e enlanguescia, uma transparente pelle de porcellana fina, e

cabellos magnificos, mais lustrosos e negros que a cauda d'um corcel de

guerra, que lhe rolavam até aos pés, em que se podia embrulhar toda,

assim macia e pequenina. Quando desciam ambos as alamedas da quinta,

miss Rhodes (que o pae, professor de Litteratura Grega em Manchester,

recheára de Mithologia) pensava sempre em «Marte cheio de força amando

Psyché cheia de graça.» E mesmo os criados da Torre se maravilhavam do

«lindo par!» Só a Snr.^a D. Joaquina Cavalleiro, a mãe de André, senhora

obesa e rabugenta, detestava aquella terna assiduidade do filho na

Torre, sem motivo pesado, só por «desconfiar da pinta da menina e

desejar nóra mais comesinha...» Felizmente, quando André Cavalleiro se

matriculava no Quinto Anno, a desagradavel matrona morreu d'uma

anasarca. O pae de Gonçalo recebeu a chave do caixão: Gracinha tomou

luto: e Gonçalo, companheiro de casa do Cavalleiro na rua de S. João, em

Coimbra, enrolou um fumo na manga da batina. Logo em Santa Ireneia se

pensou que o explendido André, libertado da pêca opposição da mamã,

pediria a «Flôr da Torre» depois do Acto de Formatura. Mas, findo esse

desejado Acto, Cavalleiro abalou para Lisboa--por que se preparavam

Eleições em Outubro, e elle recebera do tio Reis Gomes, então Ministro

da Justiça, a promessa de «ser deputado» por Bragança.

E todo esse verão o passou na Capital; depois em Cintra, onde o negro

langor dos seus olhos humidos amollecia corações; depois n'uma jornada

quasi triumphal a Bragança com foguetes e «vivas ao sobrinho do Sr.

conselheiro Reis Gomes!» Em Outubro Bragança «confiou ao dr. André

Cavalleiro (como escreveu o \_Echo de Traz-os-Montes\_) o direito de a

representar em Côrtes com os seus brilhantes conhecimentos litterarios e

a sua formosissima presença de orador...» Recolheu então a Corinde; mas

nas suas visitas á Torre, onde o pae de Gonçalo convalescia d'uma febre

gastrica que exacerbára a sua antiga diabetes, André já não arrastava

sofregamente Gracinha, como outr'ora, para as silenciosas sombras da

quinta, permanecendo de preferencia na sala azul, a conversar sobre

Politica com Vicente Ramires, que se não movia da poltrona, embrulhado

n'uma manta. E Gracinha, nas suas cartas para Coimbra a Gonçalo, já se

carpia de não correrem tão doces nem tão intimas as visitas do André á

Torre, «occupado, como andava sempre agora, a estudar para deputado...»

Depois do Natal o Cavalleiro voltou para Lisboa, para a abertura das

Côrtes, muito apetrechado, com o seu creado Matheus, uma linda egua que

comprára em Villa Clara ao Manoel Duarte, e dous caixotes de livros. E a

boa Miss Rhodes sustentava que Marte, como convinha a um heróe, só

reclamaria Psyché depois d'um nobre feito, uma estreia nas Camaras,

«n'um discurso lindo, todo flôres...» Quando Gonçalo, nas férias de

Paschoa, appareçeu na Torre, encontrou Gracinha inquieta e descorada. As

cartas do seu André, que se estreára «e n'um discurso lindo, todo

flôres...», eram cada semana mais curtas, mais calmas. E a ultima (que

ella lhe mostrou em segredo), datada da Camara, contava em tres linhas

mal rabiscadas «que tivera muito que trabalhar em commissões, que o

tempo se pozera lindo, que n'essa noite era o baile dos condes de

Villaverde, e que elle continuava com muitas saudades o seu fiel

André...» Gonçalo Mendes Ramires, logo n'essa tarde, desabafou com o

pae, que definhava na sua poltrona:

--Eu acho que o André se está portando muito mal com a Gracinha... O

papá não lhe parece?

Vicente Ramires apenas moveu, n'um gesto de vencida tristeza, a mão

descarnada d'onde a cada momento lhe escorregava o annel d'armas.

Por fim em Maio a sessão das Camaras terminou--essa sessão que tanto

interessára Gracinha, anciosa «que elles accabassem de discutir e

tivessem férias.» E quasi immediatamente ella em Santa Ireneia, Gonçalo

em Coimbra, souberam pelos jornaes que «o talentoso deputado André

Cavalleiro partira para Italia e França n'uma longa viagem de recreio e

d'estudo.» E nem uma carta á sua escolhida, quasi sua noiva!... Era um

ultraje, um bruto ultraje, que outr'ora, no seculo XII, lançaria todos

os Ramires, com homens de cavallo e peonagem, sobre o solar dos

Cavalleiros, para deixar cada trave denegrida pela chamma, cada servo

pendurado d'uma corda de canave. Agora Vicente Ramires, apagado e

mortal, murmurou simplesmente: «Que traste!» Elle em Coimbra, rugindo,

jurou esbofetear um dia o infame! A boa Miss Rhodes, para se consolar,

desembrulhou a sua velha harpa, encheu Santa Ireneia de magoados

harpejos. E tudo findou nas lagrimas que Gracinha, durante semanas, tão

desconsolada da vida que nem se penteava, escondeu sob as olaias do

Mirante.

E, ainda depois d'esses annos, a esta lembrança das lagrimas da irmã, um

rancor invadiu Gonçalo, tão redivivo que atirou para o lado, para sobre

as sebes da valla, uma bengallada, como se fossem ás costas do

Cavalleiro!--Caminhavam então junto á ponte da Portella, onde os campos

se alargam, e da estrada se avista Villa-Clara, que a lua branqueava

toda, desde o convento de Santa Thereza, rente ao Chafariz, até ao muro

novo do cemiterio, no alto, com os seus finos cyprestes. Para o fundo do

valle, clara tambem no luar, era a egrejinha de Craquêde, Santa Maria de

Craquêde, resto do antigo Mosteiro em que ainda jaziam, nos seus rudes

tumulos de granito, as grandes ossadas dos Ramires Affonsinos. Sob o

arco, docemente, o riacho lento, arrastando entre os seixos, sussurrava

na sombra. E Videirinha, enlevado n'aquelle silencio e suavidade

saudosa, cantava, n'um gemer surdo de bordões:

Baldadas são tuas queixas,

Escusados são teus ais,

Que é como se eu morto fôra.

E não me verás nunca mais!...

E Gonçalo retomára as suas recordações, repassava tristezas que depois

cahiram sobre a Torre. Vicente Ramires morrera n'uma tarde d'Agosto, sem

soffrimento, estendido na sua poltrona á varanda, com os olhos cravados

na velha Torre, murmurando para o padre Soeiro:--«Quantos Ramires verá

ella ainda, n'esta casa, e á sua sombra?...» Todas essas ferias as

consumiu Gonçalo no escuro cartorio, desajudado (por que o procurador, o

bom Rebello, tambem Deus o chamára), revolvendo papeis, apurando o

estado da casa--reduzida aos dois contos e trezentos mil reis que

rendiam os foros de Craquêde, a herdade de Praga, e as duas quintas

historicas, Treixedo e Santa Ireneia. Quando regressou a Coimbra deixou

Gracinha em Oliveira, em casa de uma prima, D. Arminda Nunes Viegas,

senhora muito abastada, muito bondosa, que habitava no Terreiro da Louça

um immenso casarão cheio de retratos d'avoengos e de arvores de costado,

onde ella, vestida de velludo preto, pousada n'um camapé de damasco,

entre aias que fiavam, perpetuamente relia os seus Livros de Cavallaria,

o \_Amadis\_, \_Leandro o Bello\_, \_Tristão e Brancaflôr\_, as \_Chronicas do

Imperador Clarimundo\_... Foi ahi que José Barrôlo (senhor d'uma das mais

ricas casas d'Amarante) encontrou Gracinha Ramires, e a amou com uma

paixão profunda, quasi religiosa--estranha n'aquelle moço indolente,

gorducho, de bochechas coradas como uma maçã, e tão escasso d'espirito

que os amigos lhe chamavam «o José Bacôco». O bom Barrolo residira

sempre em Amarante com a mãe, não conhecia o trahido romance da «Flôr da

Torre»--que nunca se espalhára para além dos cerrados arvoredos da

quinta. E, sob o enternecido e romanesco patrocinio de D. Arminda,

noivado e casamento docemente se apressaram, em tres mezes, depois d'uma

carta de Barrôlo a Gonçalo Mendes Ramires jurando--«que a affeição pura

que sentia pela prima Graça, pelas suas virtudes e outras qualidades

respeitaveis, era tão grande que nem achava no Diccionario termos para a

explicar...» Houve uma bôda luxuosa: e os noivos (por desejo de

Gracinha, para se não affastar da querida Torre), depois d'uma jornada

filial a Amarante, «armaram o seu ninho» em Oliveira, á esquina do largo

d'El-Rei e da rua das Tecedeiras, n'um palacete que o Bacôco herdára,

com largas terras, do seu tio Melchior, Deão da Sé. Dois annos correram,

mansos e sem historia. E Gonçalo Mendes Ramires passava justamente em

Oliveira as suas ultimas férias de Paschoa quando André Cavalleiro,

nomeado Governador Civil do Districto, tomou posse, estrondosamente, com

foguetes, philarmonicas, o Governo civil e o Paço do Bispo illuminados,

as armas dos Cavalleiros em transparentes no café da Arcada e na

Recebedoria!... Barrôlo conhecia o Cavalleiro quasi intimamente,

admirava o seu talento, a sua elegancia, o seu brilho Politico. Mas

Gonçalo Mendes Ramires, que dominava soberanamente o bom Bacôco, logo o

intimou a não visitar o Sr. Governador Civil, a não o saudar sequer na

rua, e a partilhar, por dever d'alliança, os rancores que existiam entre

Cavalleiros e Ramires! José Barrôlo cedeu, submisso, espantado, sem

comprehender. Depois uma noite, no quarto, enfiando as chinellas, contou

a Gracinha «a exquisitice de Gonçalo»:

--E sem motivo, sem offensa, só por causa da Politica!... Ora, vê tu! Um

bello rapaz como o Cavalleiro! Podiamos fazer um ranchinho tão

agradavel!...

Outro sereno anno passou... E n'essa primavera, em Oliveira, onde se

demorára para a festa dos annos de Barrôlo, eis que Gonçalo suspeita,

fareja, descobre uma incomparavel infamia! O impertigado homem da

bigodeira negra, o Sr. André Cavalleiro, recomeçára com soberba

impudencia a cortejar Gracinha Ramires, de longe, mudamente, em

olhadellas fundas, carregadas de saudade e langor, procurando agora

apanhar como amante aquella grande fidalga, aquella Ramires, que

desdenhára como esposa!

\* \* \* \* \*

Tão levado ia Gonçalo pela branca estrada, no rolo amargo d'estes

pensamentos, que não reparou no portão da Torre, nem na portinha verde,

á esquina da casa, sobre tres degráos. E seguia, rente do muro da horta,

quando Videirinha, que estacára com os dedos mudos nos bordões do

violão, o avisou, rindo:

--Oh, Sr. Doutor, então larga assim, a estas horas de corrida para os

Bravaes?

Gonçalo virou, bruscamente despertado, procurando na algibeira, entre o

dinheiro solto, a chavinha do trinco:

--Nem reparava... Que lindamente você tem tocado, Videirinha! Com lua,

depois de ceia, não ha companheiro mais poetico... Realmente você é o

derradeiro trovador portuguez!

Para o ajudante de Pharmacia, filho d'um padeiro d'Oliveira, a

familiaridade d'aquelle tamanho Fidalgo, que lhe apertava a mão na

botica deante do Pires boticario e em Oliveira deante das Auctoridades,

constituia uma gloria, quasi uma coroação, e sempre nova, sempre

deliciosa. Logo sensibilisado, feriu os bordões rijamente:

--Então, para acabar, lá vae a grande trova, Sr. Doutor!

Era a sua famosa cantiga, o \_Fado dos Ramires\_, rosario de heroicas

Quadras celebrando as Lendas da Casa illustre--que elle desde mezes

apurava e completava, ajudado na terna tarefa pelo saber do velho Padre

Soeiro, capellão e archivista da Torre.

Gonçalo empurrou a portinha verde. No corredor espirrava uma lamparina

mortiça, já sem azeite, junto ao castiçal de prata. E Videirinha,

recuando ao meio da estrada, com um «dlindlon» ardente, fitára a Torre,

que, por cima dos telhados da vasta casa, mergulhava as ameias, o negro

miradoiro, no luminoso silencio do ceu de verão. Depois para ella e para

a lua atirou as endeixas glorificadoras, na dolente melodia d'um fado de

Coimbra, rico em \_ais\_:

Quem te v'rá sem que estremeça,

Torre de Santa Ireneia,

Assim tão negra e callada,

Por noites de lua cheia...

Ai! Assim callada, tão negra,

Torre de Santa Ireneia!

Ainda suspendeu para agradecer ao Fidalgo, que o convidava a subir e

enxugar um calice de genebra salvadora. Mas retomou logo o descante,

ditoso em descantar, como sempre arrebatado pelo sabor dos seus versos,

pelo prestigio das Lendas, emquanto Gonçalo desapparecia--com folgazãs

desculpas ao Trovador «por cerrar a portinha do Castello...»

Ai! ahi estás, forte e soberba,

Com uma historia em cada ameia,

Torre mais velha que o reino,

Torre de Santa Ireneia!...

E começára a quadra a Muncio Ramires, \_Dente de Lobo\_, quando em cima

uma sala, aberta á frescura da noite, se allumiou--e o Fidalgo da Torre,

com o charuto acceso, se debruçou da varanda para receber a serenada.

Mais ardente, quasi soluçante, vibrou o cantar do Videirinha. Agora era

a quadra de Gutierres Ramires, na Palestina, sobre o monte das

Oliveiras, á porta da sua tenda, deante dos Barões que o acclamavam com

as espadas nuas, recusando o Ducado de Galiléa e o senhorio das Terras

d'Além-Jordão.--Que não podia, em verdade, acceitar terra, mesmo Santa,

mesmo de Galiléa...

Quem já tinha em Portugal

Terras de Santa Ireneia!

--Boa piada! murmurou Gonçalo.

Videirinha, enthusiasmado, entoou logo outra nova, trabalhada n'essa

semana--a do sahimento de Aldonça Ramires, Santa Aldonça, trazida do

mosteiro d'Arouca ao solar de Treixedo, sobre o almadraque em que

morrera, aos hombros de quatro Reis!

--Bravo! gritou o Fidalgo pendurado da varanda. Essa é famosa, oh

Videirinha! Mas ahi ha Reis de mais... Quatro Reis!

Enlevado, empinando o braço do violão, o ajudante da Pharmacia lançou

outra, já antiga--a d'aquelle terrivel Lopo Ramires que, morto, se

erguera da sua campa no Mosteiro de Craquêde, montára um ginete morto, e

toda a noite galopára atravez da Hespanha para se bater nas Navas de

Tolosa! Pigarreou--e, mais chorosamente, atacou a do \_Descabeçado\_:

Lá passa a negra figura...

Mas Gonçalo, que abominava aquella lenda, a silenciosa figura degolada,

errando por noites de inverno entre as ameias da Torre com a cabeça nas

mãos--despegou da varanda, deteve a Chronica immensa:

--Toca a deitar, oh Videirinha, hein? Passa das tres horas, é um horror.

Olhe! O Titó e o Gouveia jantam cá na Torre, no Domingo. Appareça

tambem, com o violão e cantiga nova: mas menos sinistra... \_Bona sera\_!

Que linda noite!

Atirou o charuto, fechou a vidraça da sala--a «sala velha,» toda

revestida d'esses denegridos e tristonhos retratos de Ramires que elle

desde pequeno chamava as \_carantonhas dos vovós\_. E, atravessando o

corredor, ainda sentia rolarem ao longe, no silencio dos campos cobertos

de luar, façanhas rimadas dos seus:

Ai! lá na grande batalha...

El-Rei Dom Sebastião...

O mais moço dos Ramires

Que era pagem do guião...

Despido, soprada a vella, depois de um rapido signal da cruz, o Fidalgo

da Torre adormeceu. Mas no quarto, que se povoou de Sombras, começou

para elle uma noite revôlta e pavorosa. André Cavalleiro e João Gouveia

romperam pela parede, revestidos de cótas de malha, montados em

horrendas tainhas assadas! E lentamente, piscando o olho máo,

arremessavam contra o seu pobre estomago pontoadas de lança, que o

faziam gemer e estorcer sobre o leito de pau preto. Depois era, na

Calçadinha de Villa-Clara, o medonho Ramires morto, com a ossada a

ranger dentro da armadura, e El-rei Dom Affonso II, arreganhando afiados

dentes de lobo, que o arrastavam furiosamente para a batalha das Navas.

Elle resistia, fincado nas lages, gritando pela Rosa, por Gracinha, pelo

Titó! Mas D. Affonso tão rijo murro lhe despedia aos rins, com o guante

de ferro, que o arremessava desde a Hospedaria do Gago até á Serra

Morena, ao campo da lide, luzente e fremente de pendões e d'armas. E

immediatamente seu primo d'Hespanha, Gomes Ramires, Mestre de Calatrava,

debruçado do negro ginete, lhe arrancava os derradeiros cabellos, entre

a retumbante galhofa de toda a hoste sarracena e os prantos da tia

Louredo trazida como um andor aos hombros de quatro Reis!...--Por fim,

moido, sem socêgo, já com a madrugada clareando nas fendas das janellas

e as andorinhas piando no beiral dos telhados, o Fidalgo da Torre atirou

um derradeiro repellão aos lençoes, saltou ao soalho, abrio a vidraça--e

respirou deliciosamente o silencio, a frescura, a verdura, o repouso da

quinta. Mas que sêde! uma sêde desesperada que lhe encortiçava os

labios! Recordou então o famoso \_fruit salt\_ que lhe recommendára o Dr.

Mattos,--arrebatou o frasco, correu á sala de jantar, em camisa. E, a

arquejar, deitou duas fartas colheradas n'um copo d'agua da Bica-Velha,

que esvasiou d'um trago, na fervura picante.

--Ah! que consolo, que rico consolo!...

Voltou derreadamente á cama: e readormeceu logo, muito longe, sobre as

relvas profundas d'um prado d'Africa, debaixo de coqueiros susurrantes,

entre o apimentado aroma de radiosas flores que brotavam atravez de

pedregulhos d'oiro. D'essa perfeita beatitude o arrancou o Bento, ao

meio dia, inquieto com «aquelle tardar do Sr. Doutor.»

--É que passei uma noite horrenda, Bento! Pesadelos, pavores, bulhas,

esqueletos... Foram os malditos ovos com chouriço; e o pepino...

Sobretudo o pepino! Uma idéa d'aquelle animal do Titó... Depois, de

madrugada, tomei o tal \_fruit salt\_, e estou optimo, homem!... Estou

optimissimo! Até me sinto capaz de trabalhar. Leva para a livraria uma

chavena de chá verde, muito forte... Leva tambem torradas.

E momentos depois, na livraria, com um roupão de flanella sobre a camisa

de dormir, sorvendo lentos goles de chá, Gonçalo relia junto da varanda

essa derradeira linha da Novella, tão rabiscada e molle, em que «os

largos raios da lua se estiravam pela larga sala d'armas...» De repente,

n'uma rasgada impressão de claridade, entreviu detalhes expressivos para

aquella noite de Castello e de verão--as pontas das lanças dos esculcas

faiscando silenciosamente pelos adarves da muralha, e o coaxar triste

das rans nas bordas lodosas dos fossos...

--Bons traços!

Achegou de vagar a cadeira, consultou ainda no volume do \*Bardo\* o

Poemeto do tio Duarte. E, desannuviado, sentindo as Imagens e os Dizeres

surgirem como bolhas d'uma agua represa que rebenta, atacou esse lance

do Capitulo I em que o velho Tructesindo Ramires, na sala d'armas de

Santa Ireneia, conversava com seu filho Lourenço e seu primo D. Garcia

Viegas, o \_Sabedor\_, de aprestos de guerra... Guerra! Porque? Acaso

pelos cerros arraianos corriam, ligeiros entre o arvoredo, almogavares

mouros? Não! Mas desgraçadamente, «n'aquella terra já remida e christã,

em breve se crusariam, umas contra outras, nobre lanças portuguezas!...»

Louvado Deus! a penna desemperrára! E, attento ás paginas marcadas n'um

tomo da \_Historia\_ d'Herculano, esboçou com segurança a Epocha da sua

Novella--que abria entre as discordias de Affonso II e de seus irmãos

por causa do testamento d'El-Rei seu pae, D. Sancho I. N'esse começo do

Capitulo já os Infantes D. Pedro e D. Fernando, esbulhados, andavam por

França e Leão. Já com elles abandonára o Reino o forte primo dos

Ramires, Gonçalo Mendes de Souza, chefe magnifico da casa dos Souzas. E

agora, encerradas nos castellos de Monte-Mór e de Esgueira, as senhoras

Infantas, D. Thereza e D. Sancha, negavam a D. Affonso o senhorio real

sobre as villas, fortalezas, herdades e mosteiros, que tão copiosamente

lhes doára El-Rei seu pae. Ora, antes de morrer no Alcaçar de Coimbra, o

senhor D. Sancho supplicára a Tructesindo Mendes Ramires, seu collaço e

Alferes-Mór, por elle armado cavalleiro em Lorvão, que sempre lhe

servisse e defendesse a filha amada entre todas, a infanta D. Sancha,

senhora de Aveyras. Assim o jurára o leal Rico-Homem junto do leito

onde, nos braços do Bispo de Coimbra e do Prior do Hospital sustentando

a candeia, agonisava, vestido de burel como um penitente, o vencedor de

Silves... Mas eis que rompe a féra contenda entre Affonso II,

asperamente cioso da sua auctoridade de Rei--e as Infantas, orgulhosas,

impellidas á resistencia pelos freires do Templo e pelos Prelados a quem

D. Sancho legára tão vastos pedaços do Reino! Immediatamente Alemquer e

os arredores d'outros castellos são devastados pela hoste real que

recolhia das Navas de Tolosa. Então D. Sancha e D. Thereza appellam para

El-rei de Leão, que entra com seu filho D. Fernando por terras de

Portugal a soccorrer as «Donas opprimidas.»--E n'este lance o tio

Duarte, no seu \_Castello de Santa Ireneia\_, interpellava com soberbo

garbo o Alferes-Mór de Sancho I:

Que farás tu, mais velho dos Ramires?

Se ao pendão leonez juntas o teu

Trahes o preito que deves ao rei vivo!

Mas se as Infantas deixas indefezas

Trahes a jura que déstes ao rei morto!...

Esta duvida, porém, não angustiára a alma d'esse Tructesindo rude e leal

que o Fidalgo da Torre rijamente modelava. N'essa noite, apenas recebera

pelo irmão do Alcaide d'Aveyras, disfarçado em beguino, um afflicto

recado da senhora D. Sancha--ordenava a seu filho Lourenço que, ao

primeiro arreból, com quinze lanças, cincoenta homens de pé da sua mercê

e quarenta besteiros, corresse sobre Monte-mór. Elle no emtanto daria

alarido--e em dous dias entraria a campo com os parentes de solar, um

troço mais rijo de cavalleiros acontiados e de frecheiros, para se

juntar a seu primo, o \_Souzão\_, que na vanguarda dos leonezes descia

d'Alva-do-Douro.

Depois logo de madrugada o pendão dos Ramires, o Açor negro em campo

escarlate, se plantára deante das barreiras gateadas: e ao lado, no

chão, amarrado á haste por uma tira de couro, reluzia o velho emblema

senhorial, o sonoro e fundo caldeirão polido. Por todo o Castello se

apressavam os serviçaes, despendurando as cervilheiras, arrastando com

fragor pelas lages os pesados saios de malhas de ferro. Nos pateos os

armeiros aguçavam ascumas, amaciavam a dureza das grevas e coxotes com

camadas d'estopa. Já o adail, na ucharia, arrolára as rações de vianda

para os dous quentes dias da arrancada. E por todas as cercanias de

Santa Ireneia, na doçura da tarde, os atambores mouriscos, abafados no

arvoredo, tararam! tararam! ou mais vivos nos cabeços, ratatam! ratatam!

convocavam os cavalleiros de soldo e a peonagem da mesnada dos Ramires.

No emtanto o irmão do Alcaide, sempre disfarçado em beguino, de volta ao

castello d'Aveyras com a boa nova de prestes soccorros, transpunha

ligeiramente a levadiça da carcova... E aqui, para alegrar tão sombrias

vesperas de guerra, o tio Duarte, no seu Poemeto, engastára uma sorte

galante:

Á moça, que na fonte enchia a bilha,

O frade rouba um beijo e diz \_Amen\_!

Mas Gonçalo hesitava em desmanchar com um beijo de clerigo a pompa

d'aquella formosa sortida d'armas... E mordia pensativamente a rama da

penna--quando a porta da livraria rangeu.

--O correio...

Era o Bento com os Jornaes e duas cartas. O Fidalgo apenas abriu uma,

lacrada com o enorme sinete d'armas do Barrôlo--repellindo a outra em

que reconhecera a lettra detestada do seu alfaiate de Lisboa. E

immediatamente, com uma palmada na mesa:

--Oh diabo! quantos do mez, hoje? quatorze, hein?

O Bento esperava com a mão no fecho da porta.

--É que não tardam os annos da mana Graça! De todo esqueci, esqueço

sempre. E sem ter um presentinho engraçado... Que secca, hein?

Mas na véspera o Manoel Duarte, na Assembléa, á mesa do voltarete,

annunciára uma fuga a Lisboa por tres dias, para tratar do emprego do

sobrinho nas Obras Publicas. Pois corria a Villa-Clara pedir ao snr.

Manoel Duarte que lhe comprasse em Lisboa um bonito guarda-solinho de

sêda branca com rendas...

--O snr. Manoel Duarte tem gosto; tem muito gosto! E então o Joaquim que

não selle a egoa; já não vou ao Sanches Lucena. Oh, senhores, quando

pagarei eu esta infame visita? Ha tres mezes!... Emfim, por dous dias

mais a bella D. Anna não envelhece; e o velho Lucena tambem não morre.

E o Fidalgo da Torre, que decidira arriscar o beijo folgazão, retomou a

penna, arredondou o seu final com elegante harmonia:

«A moça, furiosa, gritou: \_Fu! Fu! villão!\_ E o beguino, assobiando,

aligeirou as sandalias pelo corrego, na sombra das altas faias, emquanto

que por todo o fresco valle, até Santa Maria de Craquêde, os atambores

mouriscos, tararam! ratamtam! convocavam á mesnada dos Ramires, na

doçura da tarde...»

III

Durante a longa semana, nas horas da calma, o Fidalgo da Torre trabalhou

com afferro e proveito. E n'essa manhã, depois de repicar a sineta no

corredor, duas vezes o Bento empurrára a porta da livraria, avisando o

snr. Doutor «que o almocinho, assim á espera, certamente se estragava.»

Mas de sobre a tira d'almaço Gonçalo rosnava «já vou!»--sem despegar a

penna, que corria como quilha leve em agua mansa, na pressa amorosa de

terminar, antes do almoço, o seu Capitulo I.

Ah! e que canceira lhe custára, durante esses dias, esse copioso

Capitulo, tão difficil, com o immenso Castello de Santa Ireneia a

erguer; e toda uma edade esfumada da Historia de Portugal a condensar em

contornos robustos; e a mesnada dos Ramires a apetrechar, sem que

faltasse uma ração nos alforges, ou uma garruncha nos caixotes, sobre o

dorso das mulas! Mas felizmente, na vespera, já movera para fóra do

Castello o troço de Lourenço Ramires, em soccorro de Monte-mór, com um

vistoso coriscar de capellos e lanças em torno ao pendão tendido.

E agora, n'esse remate do Capitulo, era noite, e o sino de recolher

tangera, e a almenára luzira na Torre albarran, e Tructesindo Ramires

descera á sala terrea da Alcaçova para ceiar--quando fóra, deante da

carcova, com tres toques fortes annunciando filho-d'algo, uma bozina

apressada soou. E, sem que o villico tomasse permissão do Senhor, o

alçapão da levadiça rangeu nas correntes de ferro, rebombou cavamente

nos apoios de pedra. Quem assim chegava em dura pressa era Mendo Paes,

amigo de Affonso II e mordomo da sua Curia, casado com a filha mais

velha de Tructesindo, D. Theresa--aquella que, pelo ondeante e alvo

pescoço, pelo pisar mais leve que um vôo, os Ramires chamavam a \_Garça

Real\_. O Senhor de Santa Ireneia correra ao patim para acolher, n'um

abraço, o genro amado--«membrudo cavalleiro, com os cabellos ruivos, a

alvissima pelle da raça germanica dos visigodos...» E, de mãos

enlaçadas, ambos penetraram n'essa sala de abobada, allumiada por tochas

que toscos anneis de ferro seguravam, chumbados aos muros.

Ao meio pousava a massiça meza de carvalho, rodeada de escanhos até ao

topo, onde se erguia, deante d'um aspero mantel de linho coberto de

pratos de estanho e de picheis luzidios, a cadeira senhorial com o Açor

grossamente lavrado nas altas espaldas, e d'ellas suspensa, pelo

cinturão tauxeado de prata, a espada de Tructesindo. Por traz negrejava

a funda lareira apagada, toda entulhada de ramos de pinheiro, com a

prateleira guarnecida de conchas, entre bocaes de sanguesugas, sob dois

molhos de palmas trazidas da Palestina por Gutierres Ramires, o

\_d'Ultramar\_. Rente a um esteio da chaminé, um falcão, ainda emplumado,

dormitava na sua alcondora: e ao lado, sobre as lages, n'uma camada de

juncos, dois alões enormes dormiam tambem, com o focinho nas patas, as

orelhas rojando. Toros de castanheiro sustentavam a um canto um pipo de

vinho. Entre duas frestas engradadas de ferro, um monge, com a face

sumida no capuz, sentado na borda de uma arca, lia, á claridade do

candil que por cima fumegava, um pergaminho desenrolado... Assim Gonçalo

adornára a soturna sala Affonsina com alfaias tiradas do Tio Duarte, de

Walter Scott, de narrativas do \_Panorama\_. Mas que esforço!... E mesmo,

depois de collocar sobre os joelhos do monge um folio impresso em

Moguncia por Ulrick Zell, desmanchára toda essa linha tão erudita, ao

recordar, com um murro na mesa, que ainda a Imprensa se não inventára em

tempos de seu avô Tructesindo, e que ao monge lettrado apenas competia

«um pergaminho de amarellada escripta...»

E caminhando nos ladrilhos sonoros, desde a lareira até ao arco da porta

cerrado por uma cortina de couro, Tructesindo, com a branca barba

espalhada sobre os braços cruzados, escutava Mendo Paes, que, na

confiança de parente e amigo, jornadeára sem homens da sua mercê,

cingindo apenas por cima do brial de lã cinzenta uma espada curta e um

punhal sarraceno. Açodado e coberto de pó correra Mendo Paes desde

Coimbra para supplicar ao sogro, em nome do Rei e dos preitos jurados,

que se não bandeasse com os de Leão e com as senhoras Infantas. E já

desenrolára ante o velho todos os fundamentos invocados contra ellas

pelos doutos Notarios da Curia--as resoluções do Concilio de Toledo! a

bulla do Apostolo de Roma, Alexandre! o velho fóro dos Visigodos!... De

resto, que injuria fizera ás senhoras Infantas seu real irmão para assim

chamarem hostes Leonezas a terras de Portugal? Nenhuma! Nem regedoria

nem renda dos castellos e villas da doação de D. Sancho lhes negava o

senhor D. Affonso. O Rei de Portugal só queria que nenhum palmo de chão

portuguez, baldio ou murado, jazesse fóra de seu senhorio real. Escasso

e avido El-Rei D. Affonso?... Mas não entregára elle á senhora D. Sancha

oito mil morabitinos d'oiro? E a gratidão da irmã fôra o Leonez passando

a raia e logo cahidos os castellos formosos d'Ulgoso, de Contrasta,

d'Urros e de Lanhosello! O mais velho da casa dos Souzas, Gonçalo

Mendes, não se encontrára ao lado dos cavalleiros da Cruz na jornada das

Navas, mas lá andava em recado das Infantas, como moiro, talando terra

portugueza desde Aguiar até Miranda! E já pelos cerros d'Além-Douro

apparecera o pendão renegado das treze arruellas--e por traz, farejando,

a alcateia dos Castros! Carregada ameaça, e de armas christãs,

opprimindo o Reino--quando ainda Moabitas e Agarenos corriam á redea

solta pelos campos do Sul!... E o honrado Senhor de Santa Ireneia, que

tão rijamente ajudára a fazer o Reino, não o deveria decerto desfazer

arrancando d'elle os pedaços melhores para monges e para donas

rebeldes!--Assim, com arremessados passos, exclamára Mendo Paes, tão

acalorado do esforço e da emoção, que duas vezes encheu de vinho uma

conca de pau e d'um trago a despejou. Depois, limpando a bocca ás costas

da mão tremula:

--Ide por certo a Monte-mór, senhor Tructesindo Ramires! Mas em recado

de paz e boa avença, persuadir vossa senhora D. Sancha e as senhoras

Infantas que voltem honradamente a quem hoje contam por seu pae e seu

Rei!

O enorme senhor de Santa Ireneia parára, pousando no genro os olhos

duros, sob a ruga das sobrancelhas, hirsutas e brancas como sarças em

manhã de geada:

--Irei a Monte-mór, Mendo Paes, mas levar o meu sangue e o dos meus para

que justiça logre quem justiça tem.

Então Mendo Paes, amargurado, ante a heroica teima:

--Maior dó, maior dó! Será bom sangue de Ricos-homens vertido por más

desfórras... Senhor Tructesindo Ramires, sabei que em Canta-Pedra vos

espera Lopo de Baião, o Bastardo, para vos tolher a passagem com cem

lanças!

Tructesindo ergueu a vasta face--com um riso tão soberbo e claro que os

alões rosnaram torvamente, e, acordando, o falcão esticou a aza lenta:

--Boa nova e de boa esperança! E, dizei, senhor Mordomo-mór da Curia,

tão de feição e certa assim m'a trazeis para me intimidar?

--Para vos intimidar?... Nem o Senhor Archanjo S. Miguel vos intimidaria

descendo do céo com toda a sua hoste e a sua espada de lume! De sobra o

sei, senhor Tructesindo Ramires. Mas casei na vossa casa. E já que

n'esta lide não sereis por mim bem ajudado, quero, ao menos, que sejaes

bem avisado.

O velho Tructesindo bateu as palmas para chamar os sergentes:

--Bem, bem, a cear, pois! Á ceia, Frei Munio!... E vós, Mendo Paes,

deixai receios.

--Se deixo! Não vos póde vir damno que me anceie de cem lanças, de

duzentas, que vos surjam a caminho.

E, emquanto o monge enrolava o seu pergaminho, se acercava da

mesa--Mendo Paes ajuntou com tristeza, desafivelando vagarosamente o

cinturão da espada:

--Só um cuidado me pesa. E é que, n'esta jornada, senhor meu sogro, ides

ficar de mal com o Reino e com o Rei.

--Filho e amigo! De mal ficarei com o Reino e com o Rei, mas de bem com

a honra e commigo!

Este grito de fidelidade, tão altivo, não resoava no poemeto do tio

Duarte. E quando o achou, com inesperada inspiração, o Fidalgo da Torre,

atirando a penna, esfregou as mãos, exclamou, enlevado:

--Caramba! Aqui ha talento!

Rematou logo o Capitulo. Estava esfalfado, á banca do trabalho desde as

nove horas, a reviver intensamente, e em jejum, as energias magnificas

dos seus fortes avós! Numerou as tiras--fechou na gaveta á chave o

volume do \*Bardo\*. Depois á janella, com o collete desabotoado, ainda

lançou o brado genial n'um grave e rouco tom, como o lançaria

Tructesindo:--...«de mal com o Reino e com o Rei, mas de bem com a honra

e commigo!...» E sentia n'elle realmente toda a alma de um Ramires, como

elles eram no seculo XII, de sublime lealdade, mais presos á sua palavra

que um santo ao seu voto, e alegremente desbaratando, para a manter,

bens, contentamento e vida!

O Bento, que espalhára outro repique desesperado, escancarou a porta da

livraria:

--É o Pereira... Está lá em baixo no pateo o Pereira que quer fallar ao

Sr. Doutor.

Gonçalo Mendes franziu a testa, com impaciencia, assim repuxado

d'aquellas alturas onde respirava os nobres espiritos da sua raça:

--Que massada!... O Pereira... Que Pereira?

--O Pereira; o Manoel Pereira, da Riosa; o Pereira Brazileiro.

Era um lavrador, com casal na Riosa, chamado \_Brazileiro\_ por ter

herdado vinte contos de um tio, regatão no Pará. Comprára então terras,

trazia arrendada a \_Cortiga\_, a fallada propriedade dos condes de

Monte-Agra, envergava aos domingos uma sobrecasaca de panno fino, e

dispunha de sessenta votos na Freguezia.

--Ah! Dize ao Pereira que suba, que conversamos emquanto almóço... E põe

outro talher.

A sala de jantar da Torre, que abria por trez portas envidraçadas para

uma funda varanda alpendrada, conservava, do tempo do avô Damião, (o

traductor de Valerius Flaccus) dous formosos pannos d'Arraz

representando a \_Expedição dos Argonautas\_. Louças da India e do Japão,

desirmanadas e preciosas, recheiavam um immenso armario de mogno. E

sobre o marmore dos aparadores rebrilhavam os restos, ainda ricos, das

pratas famosas dos Ramires que o Bento constantemente areava e polia com

amor. Mas Gonçalo, sobretudo de verão, sempre almoçava e jantava na

varanda luminosa e fresca, bem esteirada, revestida até meio-muro por

finos azulejos do seculo XVIII, e offerecendo a um canto, para as

preguiças do charuto, um profundo canapé de palhinha com almofadas de

damasco.

Quando lá entrou, com os jornaes da manhã que não abrira, o Pereira

esperava, encostado a um grosso guarda-sol de panninho escarlate,

considerando pensativamente a quinta que, d'alli, se abrangia até aos

álamos da ribeira do Coice e aos outeiros suaves de Valverde. Era um

velho esgalgado e rijo, todo ossos, com um carão moreno, de olhos

miudinhos e azulados, e uma barbicha rala, já branca, entre dous enormes

collarinhos presos por botões de ouro. Homem de propriedade, acostumado

á Cidade e ao trato das Auctoridades, estendeu largamente a mão ao

Fidalgo da Torre, e acceitou, sem embaraço, a cadeira que elle lhe

empurrára para a mesa--onde dominavam, com os seus ricos lavores duas

altas enfusas de crystal antigo, uma cheia d'açucenas e a outra de vinho

verde.

--Então, que bom vento o traz pela Torre, Pereira amigo? Não o vejo

desde Abril!

--É verdade, meu Fidalgo, desde o sabbado em que cahiu a grande

trovoada, na vespera da eleição! confirmou o Pereira affagando o cabo do

guarda-sol que conservára entre os joelhos.

Gonçalo, n'uma esfaimada pressa do almoço, repicou a campainha de prata.

Depois rindo:

--E os seus votos, Pereira amigo, segundo o costume, lá foram para o

eterno Sanches Lucena, direitinhos, como os rios vão para o mar!

O Pereira tambem riu, com um riso agradado que lhe descobria os máos

dentes. Pois o circulo era uma propriedade do Sr. Sanches Lucena!

Cavalheiro de fortuna, homem de bem, conhecedor, serviçal... E então,

quando lhe calhava como em Abril o apoio do Governo, nem Nosso Senhor

Jesus Christo que voltasse á terra e se propuzesse por Villa-Clara

desalojava o patrão da \_Feitosa\_!

O Bento, vagaroso, de jaqueta de lustrina preta sobre o avental

resplandecente, entrava com um prato d'ovos estrellados, quando o

Fidalgo, que desdobrára o guardanapo, o amarrotou, arremessou com nojo:

--Este guardanapo já serviu! Eu estou farto de gritar. Não me importa

guardanapo rôto, ou com passagens, ou com remendos... Mas branquinho,

fresquinho cada manhã, a cheirar a alfazema!

E reparando no Pereira, que discretamente arredava a cadeira:

--O quê! Você não almoça, Pereira?...

Não, agradecia muito ao Fidalgo, mas n'essa tarde comia as sopas com o

genro nos Bravaes, que era festa pelos annos do netinho.

--Bravo! Parabens, Pereira amigo! Dê lá um beijo meu ao netinho... Mas

então ao menos um copo de vinho verde.

--Entre as comidas, meu Fidalgo, nem agua nem vinho.

Gonçalo farejára, arredára os ovos. E reclamou o «jantar da familia»,

sempre muito farto e saboroso na Torre, e começando por essas pesadas

sopas de pão, presunto e legumes, que elle desde creança adorava e

chamava as \_palanganas\_. Depois, barrando de manteiga uma bolacha:

--Pois francamente, Pereira, esse seu Sanches Lucena não faz honra ao

circulo! Homem excellente, decerto, respeitavel, obsequiador... Mas

mudo, Pereira! Inteiramente mudo!

O lavrador roçou vagarosamente pelas ventas cabelludas o lenço vermelho,

enrolado em bóla:

--Sabe as cousas, pensa com acêrto...

--Sim! mas pensamento e acêrto não lhe sahem de dentro do craneo! Depois

está muito velho, Pereira! Que edade terá elle? Sessenta?

--Sessenta e cinco. Mas de gente muito rija, meu Fidalgo. O avô durou

até aos cem annos. E ainda o conheci na loja...

--Como, na loja?

Então o Pereira, enrolando mais o lenço, estranhou que o Fidalgo não

soubesse a historia do Sanches Lucena. Pois o avô, o Manoel Sanches, era

um linheiro do Porto, da rua das Hortas. E casado tambem com uma moça

muito vistosa, muito farfalhuda...

--Bem! atalhou o Fidalgo. Isso é honroso para o Sanches Lucena. Gente

que engordou, que trepou... E eu concordo, Pereira, o circulo deve

mandar a Lisboa um homem como o Sanches Lucena, que tenha n'elle terra,

raizes, interesses, nome... Mas é preciso que seja tambem homem com

talento, com arrojo. Um deputado, que, nas grandes questões, nas crises,

se erga, transporte a Camara!... E depois, Pereira amigo, em Politica

quem mais grita mais arranja. Olhe a estrada da Riosa! Ainda em papel, a

lapis vermelho... E, se o Sanches Lucena fosse homem de berrar em S.

Bento, já o Pereira trazia por lá os seus carros a chiar.

O Pereira abanou a cabeça, com tristeza:

--Ahi talvez o Fidalgo acerte... Para essa estradinha da Riosa sempre

faltou quem gritasse. Ahi talvez o Fidalgo acerte!

Mas o Fidalgo emmudecera, embebido na cheirosa sopa, dentro d'uma

caçoila nova, com raminhos de hortelã. E então o Pereira, acercando mais

a cadeira, cruzou no rebordo da mesa as mãos, que meio seculo de

trabalho na terra tornára negras e duras como raizes--e declarou que se

atrevera a incommodar o Fidalgo, áquellas horas do almocinho, porque

n'essa semana começava um córte de madeiras para os lados de Sandim, e

desejava, antes que surdissem outros arranjos, conversar com S. Ex.^a

sobre o arrendamento da Torre...

Gonçalo reteve a colhér, num pasmo risonho:

--Você queria arrendar a Torre, Pereira?

--Queria conversar com V. Ex.^a. Como o Relho está despedido...

--Mas eu já tratei com o Casco, o José Casco dos Bravaes! Ficamos meio

apalavrados, ha dias... Ha mais de uma semana.

O Pereira coçou arrastadamente a barba rala. Pois era pena, grande

pena... Elle só no sabbado s'inteirára da desavença com o Relho. E, se o

Fidalgo não resalvava o segredo, por quanto ficára o arrendamento?

--Não resalvo, não, homem! Novecentos e cincoenta mil réis.

O Pereira tirou da algibeira do collete a caixa de tartaruga, e sorveu

detidamente uma pitada, com o carão pendido para a esteira. Pois maior

pena, mesmo para o Fidalgo. Emfim! depois de palavra trocada... Mas era

pena, porque elle gostava da propriedade; já pelo S. João pensára em

abeirar o Fidalgo; e, apezar dos tempos correrem escassos, não andaria

longe de offerecer um conto e cincoenta, mesmo um conto cento e

cincoenta!

Gonçalo esqueceu a sopa, n'uma emoção que lhe afogueou a face fina, ante

um tal accrescimo de renda--e a excellencia de tal rendeiro, homem

abastado, com metal no banco, e o mais fino amanhador de terras de todas

as cercanias!

--Isso é sério, oh Pereira?

O velho lavrador pousou a caixa de rapé sobre a toalha, com decisão:

--Meu Fidalgo, eu não era homem que entrasse na Torre para caçoar com V.

Ex.^a! Proposta a valer, escriptura a fazer... Mas se o arrendamento

está tratado...

Recolheu a caixa, apoiava a mão larga na meza para se erguer, quando

Gonçalo acudiu, nervoso, empurrando o prato:

--Escute, homem!... Eu, não contei por miudo o caso do Casco. Você

comprehende, sabe como essas cousas passam... O Casco veiu, conversamos;

eu pedi novecentos e cincoenta mil reis e porco pelo Natal.

Primeiramente concordou, que sim; logo adiante emendou, que não...

Voltou com o compadre; depois, com a mulher e o compadre, e o afilhado,

e o cão! Depois só. Andou ahi pela quinta, a medir, a cheirar a terra;

acho até que a provou. Aquellas rabulices do Casco!... Por fim, uma

tarde, lá gemeu, lá acceitou os novecentos e cincoenta mil reis, sem

porco. Cedi do porco. Aperto de mão, copo de vinho. Ficou de apparecer

para combinar, tratar da escriptura. Não o avistei mais, ha quasi duas

semanas! Naturalmente já virou, já se arrependeu... Para resumir, não

tenho com o Casco contracto firme. Foi uma conversa em que apenas

estabelecemos, como base, a renda de novecentos e cincoenta. E eu, que

detesto cousas vagas, já andava pensando em encontrar melhor homem!

Mas o Pereira coçava o queixo, desconfiado. Elle, em negocios, gostava

de lisura. Sempre se entendêra bem com o Casco. Nem por um condado se

atravessaria nos arranjos do Casco, homem violento, assomado. De modo

que desejava as cousas claras, para não surdir desgosto rijo. Não se

lavrára escriptura, bem! Mas ficára, ou não, palavra dada entre o

Fidalgo e o Casco?

Gonçalo Mendes Ramires, que findára apressadamente a sopa e enchia um

copo de vinho verde para se calmar, fitou o lavrador, quasi severamente:

--Homem, essa pergunta!... Pois se eu tivesse confirmado ao Casco

decisivamente a palavra de Gonçalo Ramires, estava agora aqui a tratar,

ou sequer a conversar comsigo, Pereira, sobre o arrendamento da Torre?

O Pereira baixou a cabeça. Tambem era verdade!... Pois, n'esse caso,

elle abria a sua tenção, claramente. E, como conhecia a propriedade, e

apurára o seu calculo--offerecia ao Fidalgo um conto cento e cincoenta

mil réis, sem porco. Mas não dava para a familia nem leite, nem

hortaliça, nem fructa. O Fidalgo, homem só, pouco se aproveitava. A

Torre, porém, casa antiga, enxameava de gentes e d'adherentes. Todos

apanhavam, todos abusavam... Emfim, esse era o seu principio. E de

resto, para a meza do Fidalgo e mesmo dos creados, bastava o pomar e a

horta de regalo... Que horta e pomar necessitavam trato mais geitoso:

mas elle, por amor do Fidalgo, e gosto seu, por lá passaria e tudo

luziria... Emquanto ás outras condições, acceitava as do antigo

arrendamento. E escriptura assignada para a outra semana, no sabbado...

Estava feito?

Gonçalo, depois de um momento em que pestanejou nervosa e tremulamente,

estendeu a mão aberta ao Pereira:

--Toque! Agora sim! Agora fica palavra dada!

--E nosso Senhor lhe ponha virtude, concluiu o Pereira, firmado no

immenso guarda-sol para se erguer. Então no sabbado, em Oliveira, para a

escriptura... Assigna V. Ex.^a ou o Sr. padre Soeiro?

Mas o fidalgo calculava:

--Não, homem, não póde ser! No sabbado, com effeito, estou em Oliveira,

mas são os annos da mana Maria da Graça...

O Pereira destapou de novo os maus dentes, n'um riso de estima:

--Ah! e como vae a snr.^a D. Maria da Graça? Ha que edades a não vejo!

Desde o anno passado, na procissão de Passos, em Oliveira... Muito boa

senhora! Muito dada! E o Sr. José Barrôlo? Pessoa excellente tambem, a

valer, o Sr. José Barrôlo... E que terra a d'elle, a \_Ribeirinha\_! A

melhor propriedade d'estas vinte leguas em redor. Linda propriedade! A

do André Cavalleiro que lhe está pegada, a \_Biscaia\_, não se lhe

compára--é como cardo ao pé de couve.

O Fidalgo da Torre descascava um pecego, sorrindo:

--Do André Cavalleiro nada presta, Pereira! Nem terra, nem alma!

O lavrador pareceu surprehendido. Elle imaginava que o Fidalgo e o

Cavalleiro continuavam chegados e amigos... Não em Politica! Mas

particularmente, como cavalheiros...

--O que? Eu e o Cavalleiro? Nem como cavalheiro nem como politico. Que

elle nem é cavalheiro nem politico. É apenas cavallo, e resabiado.

O Pereira ficou silencioso, com os olhos na toalha. Depois, resumindo:

--Então está entendido, no sabbado, na cidade. E, se não faz transtorno

ao Fidalgo, passamos pelo tabellião Guedes, e fica o feito arrumado. O

Fidalgo, naturalmente, vae para a casa da senhora sua mana...

--Sempre. Appareça você ás trez horas. Lá conversamos com o padre

Soeiro.

--Tambem ha que edades não encontro o Sr. padre Soeiro!

--Oh! esse ingrato, agora, raramente apparece na Torre. Sempre em

Oliveira, com a mana Graça, que é a menina dos seus encantos... Então

nem um calice de vinho do Porto, Pereira?... Bem, até sabbado. Não

esqueça o beijinho para o neto.

--Cá me vae no coração, meu Fidalgo... Ora essa! Pois consentia eu que

V. Ex.^a se levantasse? Sei perfeitamente a escada, e ainda passo pela

cozinha para debicar com a tia Rosa. Já desde o tempo do paesinho de V.

Ex.^a, que Deus haja, conheço bem a Torre!... E sempre m'esperancei de

trazer n'esta quinta uma lavoura a meu gosto, de consolar!

Durante o café, esquecido dos jornaes, Gonçalo gozou a excellencia

d'aquelle negocio. Duzentos mil réis mais de renda. E a Torre tratada

pelo Pereira, com aquelle amor da terra e saber de lavra que

transformára o chavascal do Monte-Agra n'uma maravilha de seára, vinha e

horta!... Além d'isso, homem abastado, capaz de um adeantamento. E eis

ahi mais uma evidencia do valor da Torre, esse affinco do Pereira em a

arrendar, elle tão apertado, tão seguro... Quasi se arrependia de lhe

não ter arrancado um conto e duzentos. Emfim, a manhã fôra fecunda! E,

realmente, nenhum accordo firmado o collava ao Casco. Entre elles apenas

s'esboçára uma conversa, sobre um arrendamento possivel da Torre, a

debater depois miudamente, n'uma base nova de novecentos e cincoenta mil

reis... E que insensatez se elle, por escrupuloso respeito d'essa

conversa esboçada, recusasse o Pereira, retivesse o Casco, lavrador de

rotina--dos que raspam a terra para comer, e a deixam cada anno

deperecendo, mais cançada e chupada!...

--Bento, traze charutos! E o Joaquim que tenha a egua sellada das cinco

para as cinco e meia. Sempre vou á \_Feitosa\_... Hoje é o dia!

Accendeu um charuto, voltou á livraria. E, immediatamente releu o final

magnifico: «De mal com o Reino e com o Rei, mas de bem com a honra e

commigo!»--Ah! como alli gritava a alma inteira do velho portuguez, no

seu amor religioso da palavra e da honra! E, com a tira d'almasso entre

os dedos, junto da varanda, considerou um momento a Torre, as poeirentas

frestas engradadas de ferro, as resistentes ameias, ainda inteiras, onde

agora adejava um bando de pombas... Quantas manhãs, ás frescas horas

d'alva, o velho Tructesindo se encostára áquellas ameias, então novas e

brancas! Toda a terra em redor, semeada ou bravia, decerto pertencia ao

poderoso Rico-Homem. E o Pereira, n'esse tempo colono ou servo, só

abordava o seu Senhor de joelhos e tremendo! Mas não lhe pagava um conto

cento e cincoenta mil réis de sonora moeda do Reino. Tambem, que diabo,

o vôvô Tructesindo não precisava... Quando os saccos rareavam nas arcas,

e os acostados rosnavam por tardança de soldo, o leal Rico-Homem, para

se prover, tinha as tulhas e as adégas dos Concelhos mal defendidos--ou

então, n'uma volta de estrada, o ovençal voltando de recolher as rendas

reaes, o bufarinheiro genovez com os machos ajoujados de trouxas. Por

baixo da Torre (como lhe contára o papá) ainda negrejava a masmorra

feudal, meio atulhada, mas com restos de correntes chumbadas aos

pilares, e na abobada a argola d'onde pendia a polé, e no lagedo os

buracos em que se escorava o potro. E, n'essa surda e humida cova,

ovençal, bufarinheiro, clerigos e mesmo burguezes de fôro uivavam sob o

açoite ou no torniquete, até largarem agonizando o derradeiro

morabitino. Ah! a ramantica Torre, cantada tão meigamente ao luar pelo

Videirinha, quantos tormentos abafára!...

E de repente, com um berro, Gonçalo agarrou de sobre a mesa um volume de

Walter Scott, que atirou sem piedade, como uma pedra, contra o tronco de

uma faia. É que descortinára o gato da Rosa cozinheira, trepado, d'unhas

fincadas n'um ramo, arqueando a espinha, para assaltar um ninho de

melros.

\* \* \* \* \*

Quando n'essa tarde o Fidalgo da Torre, airoso no seu fato novo de

montar, polainas de couro polido, luvas de camurça branca, parou a egua

ao portão da \_Feitosa\_--um velho todo esfarrapado, com longos cabellos

cahidos pelos hombros e immensas barbas espalhadas pelo peito,

immediatamente se ergueu do banco de pedra onde comia rodellas de

chouriço, bebendo d'uma cabaça, para o avisar que o Sr. Sanches Lucena e

a Sr.^a D. Anna andavam por fóra, de carruagem. Gonçalo pediu ao velho

que puchasse o ferro da sineta. E entregando um cartão ao moço, que

entreabrira a rica grade dourada, com um \_S\_ e um \_L\_ entrelaçados, sob

uma corôa de conde:

--O Sr. Sanches Lucena, bem?

O Sr. Conselheiro, agora, um pouquinho melhor...

--O que? Esteve doente?

--Pois o Sr. Conselheiro, aqui ha tres ou quatro semanas, andou muito

agoniado...

--Oh! Sinto muito... Diga ao Sr. Conselheiro que sinto muitissimo!

Chamou o velho que repicára a sineta para o recompensar com um tostão.

E, interessado por aquellas barbaças e melenas de mendigo de Melodrama:

--Vocemecê pede esmola por estes sitios?

O homem ergueu para elle os olhos sujos, avermelhados da poeira e do

sol, mas risonhos, quasi contentes:

--Tambem me chego pela Torre, meu Fidalgo. E, graças a Deus, lá me fazem

muito bem.

--Então quando lá voltar diga ao Bento... Você conhece o Bento?

Se conhecia! E a Snr.^a Rosa...

--Pois diga ao Bento que lhe dê umas calças, homem! Você assim, com

essas calças, não anda decente.

O velho riu, n'um riso lento e desdentado, mirando com gosto os sordidos

farrapos que lhe trapejavam nas canellas, mais denegridas e seccas que

galhos de inverno:

--Rôtinhas, rôtinhas... Mas o Sr. dr. Julio diz que me ficam assim bem.

O Sr. dr. Julio, quando lá passo, sempre me tira o retrato na machina.

Ainda na semana passada... Até com uns pedaços de grilhões dependurados

do pulso, e uma espada erguida na mão... Parece que para mostrar ao

Governo.

Gonçalo, rindo, picou a egua. Pensava agora em alongar por Valverde:

depois recolheria por Villa-Clara, e tentaria o Gouvêa a partilhar na

Torre um cabrito assado no espeto de cerejeira, para que elle na

vespera, na Assembléa, convidára o Manoel Duarte e o Titó. Mas ao

atravessar a «Cruz das Almas», onde a estrada de Corinde, tão linda, com

as suas filas d'alamos, crusa a ladeira de Valverde, parou--notando ao

fundo, para o lado de Corinde, como o confuso esbarro d'uma carrada de

lenha, e uma carriola d'açougue, e uma mulher de lenço escarlate

bracejando sobre a albarda d'um burro, e dous lavradores de enxada ás

costas. E, de repente, todo o encalhe se despegou--a mulher trotando no

seu burrinho, logo sumida n'uma volta de arvoredo; a carriola

solavancando n'um rolo leve de poeira; o carro avançando para a «Cruz

das Almas» a chiar tardamente; os cavadores descendo para uma chã

atravez das leiras de feno... Na estrada só restou, como desamparado, um

homem de jaqueta ao hombro, que se arrastava penosamente, coxeando.

Gonçalo trotou, com curiosidade:

--Que foi?... Vocemecê que tem?

O homem, com a perna encolhida, levantou para Gonçalo uma face

arrepanhada, quasi desmaiada, que reluzia sob as camarinhas de suor:

--Nosso Senhor lhe dê muito boas tardes, meu Fidalgo! Ora o que hade

ser? Desgraças d'esta vida!

E, gemendo, contou a sua historia.--Desde mezes padecia d'uma chaga n'um

tornozello, que não seccára, nem com emplastos, nem com pó de murtinhos,

nem com benzeduras... E agora andava arriba, na fazenda do Sr. dr.

Julio, a concertar um socalco, para ajudar um compadre tambem doente com

maleitas--e, zás, desaba um pedregulho, que tópa na ferida, leva a

carne, lasca o osso, o deixa n'aquella lastima!... Até rasgára a fralda

para ensopar o sangue e amarrar por cima o lenço.

--Mas assim não póde andar, homem! D'onde é vocemecê?

--De Corinde, meu Fidalgo. Manoel Sôlha, do logar da Finta. Até lá,

sempre me hei-de arrastar.

--E então, d'essa gente toda, que ahi estava ha bocado, ninguem o poude

ajudar?... Uma carriola, dous latagões...

Uma rija guinada, no teimoso esforço de firmar a perna, arrancou um

grito ao Sôlha. Mas sorriu, arquejando... Que queria o Fidalgo? Cada um,

n'este mundo, tem a sua pressa... Emfim, a rapariga do burro promettêra

passar pela Finta, para avisar. E talvez um dos seus rapazes apparecesse

na estrada com uma eguasita que elle comprára pela Paschoa--e que, por

desgraça, tambem mancava!...

Immediatamente, com um salto leve, o Fidalgo da Torre desmontou:

--Bem! Então, egua por egua, já vocemecê tem aqui esta...

O Sôlha embasbacou para Gonçalo:

--Ora essa! Santo nome de Deus!... Pois eu havia de ir a cavallo, e V.

Ex.^a a pé?

Gonçalo ria:

--Homem, com essas discussões de «eu a pé» e «você a cavallo», e «faz

favôr» e «não senhor», é que perdemos um tempo precioso. Monte, esteja

quieto, e trote para a Finta!

O outro recuava para a valleta da estrada, sacudindo a cabeça,

esgazeado, como no espanto de um sacrilegio:

--Isso é que não, meu senhor, isso é que não! Antes eu acabasse aqui á

mingoa, com a chaga em bolor!

Gonçalo bateu o pé, com auctoridade:

--Monte, que mando eu! Vocemecê é um lavrador de enxada, eu sou um

Doutor formado em Coimbra, sou eu que sei, sou eu que mando!

E o Sôlha, logo submisso ante aquella força deslumbrante do Saber

superior, agarrou em silencio a crina da egua, enfiou respeitosamente o

estribo, ajudado pelo Fidalgo, que, sem tirar as luvas brancas, lhe

amparava o pé entrapado e manchado de sangue.

Depois, quando elle repousou no sellim com um \_ah!\_ consolado:

--Então que tal?

O homem só murmurava o nome de Nosso Senhor, na gratidão e no assombro

d'aquella caridade:

--Mas isto é a volta do mundo... Eu aqui, na egua do Fidalgo! E o

Fidalgo, o Sr. Gonçalo Ramires, da Torre, a pé pela estrada!

Gonçalo gracejou. E, para entreter a caminhada, perguntou pela quinta do

Dr. Julio, que agora se arrojára a obras e plantações de vinha. Depois,

como o Manoel Sôlha conhecia o Pereira Brasileiro (que pensára em

arrendar as terras do Dr. Julio), conversaram sobre esse esperto homem,

sobre as grandezas da \_Cortiga\_. Já sem embaraço, direito no sellim, no

gosto d'aquella intimidade com o Fidalgo da Torre, o Sôlha esquecia a

chaga, a dôr que adormentára. E á estribeira do Sôlha, attento e

sorrindo, o Fidalgo estugava o passo na poeira branca.

Assim se avizinhavam da \_Bica-Santa\_, um dos sitios decantados

d'aquellas cercanias formosas. Ahi a estrada, cortada na encosta d'um

monte, alarga e fórma um arejado terraço, d'onde se abrange todo o valle

de Corinde, tão rico em casaes, em arvoredos, em seáras, em aguas. No

pendor do monte, coberto de carvalhos e de fragas musgosas, bróta a

fonte nomeada, que já em tempos d'El-Rei D. João V curava males

d'entranhas--e que uma devota senhora de Corinde, D. Rosa Miranda

Carneiro, mandou encanar desde o alto até a um tanque de marmore, onde

agora corre beneficamente, por uma bica de bronze, sob a imagem e

patrocinio de Santa Rosa de Lima. De cada lado do tanque se encurvam

dous compridos bancos de pedra, que a espalhada ramaria das carvalheiras

tolda de sombra e frescura. É um suave retiro onde se apanham violetas,

se comem merendas, e senhoras dos arredores se sentam em rancho, nas

tardinhas de domingo, escutando os melros, gozando a povoada, luminosa e

verdejante largueza do valle.

Antes porém de desembocar na \_Bica-Santa\_, e perto do logar do Serdal, a

estrada de Corinde quebra n'uma volta:--e, ahi, de repente, a egua

pulou, n'um reparo, que obrigou o Fidalgo da Torre, desconfiado da

pericia do Sôlha, a deitar a mão á caimba do freio. Fôra o encontro

inesperado d'uma carruagem--uma caleche forrada d'azul, com a parelha

coberta de rêdes brancas contra a môsca, e na almofada, têzo, um

cocheiro de bigode, farda de golla escarlate e chapéo de tópe amarello.

E Gonçalo mantinha ainda a egua pelo freio, como arrieiro serviçal em

trilho perigoso--quando avistou, sentado n'um dos bancos de pedra, junto

da Bica, com um chale-manta por cima dos joelhos, o velho Sanches

Lucena. Ao lado o trintanario, agachado, esfregava com um mólho d'herva

a botina que a bella D. Anna lhe estendia, apanhando o vestido de linho

crú, apoiando a outra mão, sem luva, na cinta vergada e fina.

A desconcertada apparição do Fidalgo da Torre, puxando pela rédea a sua

egua onde se escarranchava regaladamente um cavador em mangas de camisa,

alvorotou aquelle repousado e dormente recanto da \_Bica\_. Sanches Lucena

esbugalhava os olhos, esbugalhava os oculos, n'um arremesso de

curiosidade que o levantára, com o pescoço esticado, o chale-manta

escorregado para a relva. D. Anna recolheu bruscamente a botina, logo

empertigada, na gravidade condigna da senhora da \_Feitosa\_, retomando

como uma insignia o cabo d'ouro da luneta d'ouro, suspensa por um cordão

d'ouro. E até o trintanario ria pasmadamente para o Sôlha.

Mas já, com o seu desembaraço elegante, Gonçalo, n'um relance, saudára

D. Anna, apertava com fervor a mão espantada do Sanches Lucena, e,

alegremente se congratulava por aquelle encontro ditoso! Pois vinha

justamente da \_Feitosa\_! E ahi soubera com desgosto, por um moço da

quinta decerto exagerado, que o Sr. Conselheiro nas ultimas semanas

andára doente... E, então como estava? como estava?--Oh! a physionomia

era excellente!

--Pois não é verdade, Sr.^a D. Anna? O aspecto é excellente!

Com um leve requebro da cabeça, um fofo ondear do mólho de plumas

brancas sobre o chapéo de palha vermelha, ella volveu n'uma voz rolada,

lenta e gorda, que arripiou Gonçalo:

--O Sanches agora, graças a Deus, desfructa melhor saude...

--Um pouco melhor, sim, com effeito, muito agradecido a V. Ex.^a, Sr.

Gonçalo Ramires! murmurou o descarnado e corcovado homem, repuxando para

os joelhos o chale-manta.

E, com os oculos a luzir, cravados em Gonçalo, na curiosidade que o

abrazava, quasi lhe rosára a face afilada, mais amarella que um cirio:

--Mas, com perdão de V. Ex.^a! como é que V. Ex.^a anda por aqui, pela

estrada de Corinde, n'este estado, a pé, trazendo á rédea um lavrador de

enxada?...

Rindo, sobretudo para D. Anna, cujos olhos formosamente negros, d'uma

funda refulgencia liquida, tambem esperavam, serios e reservados,

Gonçalo contou o desastre do bom homem, que encontrára no caminho

gemendo, arrastando a perna escalavrada...

--De sorte que lhe offereci a minha egua... E até, se V. Ex.^a me

permitte, minha senhora, é necessario que eu combine com elle o resto da

jornada...

Rapidamente, voltou ao Sôlha, que, de novo acanhado ante os senhores da

\_Feitosa\_, com o chapeu na mão, encolhido sobre o sellim, como

attenuando a sua grandeza, logo se desestribou para desmontar. Mas já

Gonçalo lhe ordenava que trotasse para a Finta--e lhe mandasse a egua

por um dos seus rapazes, alli á Bica-Santa, onde elle se demorava com o

Snr. Conselheiro. E quando o Sôlha largou, saudando desabaladamente,

torcido, como impellido a seu pezar pelos acenos risonhos com que o

Fidalgo o despedia, o assombro do Sanches Lucena recomeçou:

--Ora uma cousa d'estas! Eu tudo esperaria, tudo, menos o Sr. Gonçalo

Mendes Ramires a trazer á rédea, pela estrada de Corinde, um cavador

d'enxada! É a repetição do Bom Samaritano... Mas para melhor!

Gonçalo gracejou, sentado no banco, junto de Sanches Lucena.--Oh! o Bom

Samaritano não merecera uma pagina tão amavel no Evangelho sómente por

offerecer o burro a um Levita doente: decerto mostrára virtudes mais

bellas...--E sorrindo para D. Anna, que, do outro lado de Sanches

Lucena, espalhava a luneta, com lentidão magestosa, pelas arvores e pela

Fonte que tão bem conhecia:

--Ha dous annos, minha senhora, que eu não tenho a honra...

Mas Sanches Lucena despediu um grito:

--Oh! Sr. Gonçalo Ramires! V. Ex.^a traz sangue na mão!

O Fidalgo reparou, espantado. Sobre a luva de camurça branca resaltavam

duas manchas arroxeadas:

--Não é sangue meu! foi naturalmente quando o Sôlha montou, e eu lhe

segurei o pé escalavrado...

Arrancou a luva, que arremessou para as hervas bravas, por traz do banco

de pedra. E continuando o sorriso:

--Com effeito, não tenho a honra de encontrar a V. Ex.^a, minha senhora,

desde o baile do barão das Marges, em Oliveira, o famoso baile de

Entrudo... Ha mais de dois annos, era eu estudante. E ainda me recordo

que V. Ex.^a estava vestida esplendidamente de Catharina da Russia...

E, emquanto a envolvia no sorrir dos olhos finos e meigos,

pensava:--«Formosa creatura! mas ordinaria! e que voz!...» D. Anna

tambem se recordava do baile dos Marges:

--O cavalheiro, porém, está equivocado. Eu não fui de Russa, fui de

Imperatriz...

--Sim, d'Imperatriz da Russia, de Grande Catharina... E com um gosto!

com um luxo!

Sanches Lucena voltou vagarosamente para Gonçalo os oculos d'ouro,

apontou um dedo alongado e livido:

--Pois tambem eu me lembro que sua mana, e minha senhora, a Sr.^a D.

Graça, trazia um trage de lavradeira de Vianna... Foi uma luzidissima

festa; nem admira; o nosso Marges é sempre primoroso... E desde essa

noite não tornei a encontrar a mana de V. Ex.^a em intimidade. Apenas de

longe, na missa...

De resto pouco residia agora em Oliveira, apesar de conservar a casa

montada, creadagem e cocheira--porque, ou culpa do ar ou culpa da agua,

não se dava bem na Cidade.

Gonçalo acalorou mais o seu interesse:

--Mas então, realmente, V. Ex.^a o que tem tido?

Sanches Lucena sorriu, com amargura. Os medicos, em Lisboa, não se

entendiam. Uns attribuiam ao estomago--outros attribuiam ao coração.

Portanto, aqui ou alli, viscera essencial atacada. E soffria crises--más

crises... Emfim, com a graça de Deus, e regimen, e leite, e descanço,

ainda esperava arrastar uns annos.

--Oh! com certeza! exclamou Gonçalo alegremente. E V. Ex.^a não pensa

que a estada em Lisboa, e as Camaras, e a Politica, a terrivel Politica,

o fatiguem, o agitem?...

Não, pelo contrario, Sanches Lucena passava toleravelmente em Lisboa.

Melhor mesmo que na \_Feitosa\_! Depois, gostava d'aquella distracção das

Camaras. E como conservava amigos na Capital, uma roda escolhida, uma

roda fina...

--Um d'esses nossos excellentes amigos, V. Ex.^a decerto conhece. Elle é

parente de V. Ex.^a... O D. João da Pedrosa.

Gonçalo, alheio ao homem, mesmo ao nome, murmurou polidamente:

--Sim, o D. João, decerto...

E Sanches Lucena, passando pelas suissas brancas a mão magrissima, quasi

transparente, onde reluzia um enorme annel d'armas de saphira:

--E não sómente o D. João... Outro dos nossos amigos é egualmente

parente de V. Ex.^a, e chegado. Muitas vezes temos fallado de V. Ex.^a,

e da sua casa. Que elle pertence tambem á primeira nobreza... É o

Arronches Manrique.

--Cavalheiro muito dado, muito divertido! accrescentou D. Anna, com uma

convicção que lhe alteou o peito, a que o corpete justo marcava a força

viçosa e a perfeição.

A Gonçalo tambem nunca chegára esse nome sonóro. Mas não hesitou:

--Sim, perfeitamente, o Manrique... De resto, eu tenho tantos parentes

em Lisboa, e vou tão pouco a Lisboa!... E V. Ex.^a, Sr.^a D. Anna...

Mas o Sanches Lucena insistia, deliciado n'aquella conversa de

parentescos fidalgos:

--V. Ex.^a, naturalmente, tem em Lisboa toda a sua parentella historica.

Assim eu creio que V. Ex.^a é primo do Duque de Lourençal... O Duarte

Lourençal! Elle não usa o titulo, por Miguelismo, ou antes por habito:

mas emfim é o legitimo Duque de Lourençal. É quem representa a casa de

Lourençal.

Gonçalo, sorrindo attentamente, desabotoára o fraque, procurava a sua

velha charuteira de couro.

--Sim, com effeito, o Duarte... Somos primos. Diz elle que somos primos.

E eu acredito. Entendo tão pouco d'arvores de costado!... De facto as

casas em Portugal andam muito cruzadas; todos somos parentes, não só

pelo lado d'Adão, mas pelos Godos... E V. Ex.^a, Sr.^a D. Anna, prefere

a estada em Lisboa?

Mas, reparando que escolhera um charuto, distrahidamente o trincára:

--Oh! perdão minha senhora... Ia fumar sem saber se V. Ex.^a...

Ella saudou, descendo as longas pestanas:

--O cavalheiro póde fumar; o Sanches não fuma, mas eu até aprecio o

cheiro.

Gonçalo agradeceu, enjoado com aquella voz redonda e gorda, aquelles

horrendos «\_cavalheiro, o cavalheiro\_!...» Mas pensava:--«que linda

pelle! que bella creatura!...» E Sanches Lucena, inexoravel, estendera o

dedo agudo:

--Pois eu conheço muito, não o Sr. D. Duarte Lourençal, não tenho essa

subida honra por ora, mas seu irmão, o Sr. D. Philippe. Cavalheiro

estimabilissimo, como V. Ex.^a decerto sabe... E depois, que talento...

Que talento, no cornetim!

--Ah!

--O quê! V. Ex.^a não ouviu seu primo, o Sr. D. Philippe Lourençal,

tocar cornetim?

E até a bella D. Anna se animou, com um sorriso languido dos beiços

cheios, mais vermelhos que cerejas maduras sobre o fresco rebrilho dos

dentes pequeninos:

--Oh! tóca ricamente! O Sanches gosta muito de musica; eu tambem... Mas,

como V. Ex.^a comprehende, qui na aldéa, com a falta de recursos...

Gonçalo, arremessando o phosphoro, exclamára logo, n'um sincero

interesse:

--Então, queria que V. Ex.^a ouvisse um amigo meu, que é verdadeiramente

sublime no violão, o Videirinha!...

Sanches Lucena estranhou o nome, a sua vulgaridade. E o Fidalgo,

singelamente:

--É um rapaz muito meu amigo, de Villa-Clara... O José Videira, ajudante

da Pharmacia...

Os oculos de Sanches Lucena cresceram de puro espanto:

--Ajudante da Pharmacia e amigo do Sr. Gonçalo Mendes Ramires!

Sim, desde estudante, dos exames do Lyceu. Até o Videirinha passava as

ferias na Torre, com a mãe, antiga costureira da casa. Tão bom rapaz,

tão simples... E na realidade, no violão, um genio!

--Agora tem elle uma cantiga admiravel que chamou o \_Fado dos Ramires\_.

A musica é com effeito um fado de Coimbra, um fado conhecido. Mas os

versos são d'elle, umas quadras engraçadas sobre cousas da minha Casa,

lendas, patranhas... Pois ficou sublime! Ainda ha dias na Torre, comigo

e com o Titó...

E a este nome, familiar e menineiro, Sanches Lucena mostrou outro

reparo:

--O Titó?

O Fidalgo ria:

--É uma velha alcunha d'amizade que nós damos ao Antonio Villalobos.

Então Sanches Lucena atirou ambos os braços, como se alguem muito

querido apparecesse na estrada:

--O Antonio Villalobos! Mas esse é um dos nossos fieis e bons amigos!

Cavalheiro estimabilissimo! Quasi todas as semanas nos faz o favor de

apparecer pela \_Feitosa\_...

E agora era o Fidalgo que pasmava ante essa intimidade a que nunca o

Titó alludira, quando no Gago, na Torre, na Assembléa, se berrava,

politicando, o nome do Sanches Lucena!

--Ah V. Ex.^a conhece...

Mas D. Anna, que se erguera bruscamente do banco, e, debruçada, recolhia

a luva e a sombrinha--lembrou ao marido o estriar lento da tarde, a

neblina subindo sempre áquella hora do valle aquecido:

--Sabes que nunca te faz bem... E tambem não faz bem á parelha, assim

parada, ha tanto tempo.

Immediatamente Sanches Lucena, receioso, puxára da algibeira um espesso

lenço de sêda branca para abafar o pescoço. E, receioso tambem pela

parelha, logo se arrancou pesadamente do banco de pedra, com um aceno

cançado ao trintanario para apanhar o chale, avisar o cocheiro. Mas

ainda atravessou, vergado e arrimado á bengala, para o parapeito que

resguarda a estrada sobre o despenhado pendor do monte, dominando o

valle. E confessava a Gonçalo que aquelle era, nos arredores da

\_Feitosa\_, o seu passeio preferido. Não só pela belleza do sitio, já

cantado pelo «nosso mavioso Cunha Torres»;--mas porque do terraço da

Bica, sem esforço, sentado no banco, avistava n'uma largueza terras

suas:

--Olhe V. Ex.^a... Para além d'aquelle souto, até á chã e ao comoro onde

está a casota amarella e por traz o pinhal, tudo é meu... O pinhal ainda

é meu... Acolá, do renque d'álamos para deante, depois do lameiro, é

tambem meu... Alli, do lado da ermida, pertence ao Monte-Agra... Mas,

mais para lá, passado o azinhal, pelo monte acima, é tudo meu!

O livido dedo, o braço escanifrado na manga de casimira preta, cresciam

por sobre o valle.--Além os pastos... Adeante os centeios... Depois o

bravio...--Tudo d'elle! E, por traz da magra figura alquebrada, de

chapéo enterrado na nuca, o abafo de seda subido até ás pallidas orelhas

quasi despegadas, D. Anna, esvelta, clara e sã como um marmore, com um

sorriso esquecido nos labios gulosos, o formoso peito mais cheio,

acompanhava a enumeração copiosa, affincava a luneta sobre os pastos, e

os pinhaes, e os centeios, sentindo já--tudo d'ella!

--E agora acolá, detraz do olival, concluiu Sanches Lucena com respeito,

é sitio seu, Sr. Gonçalo Mendes Ramires...

--Meu?...

--De V. Ex.^a, quero dizer, ligado á casa de V. Ex.^a. Pois não

reconhece?... Além, por traz do moinho, passa a estrada de Santa Maria

de Craquêde. São os tumulos dos seus antepassados... Passeio que eu

tambem ás vezes faço, e com gosto. Ainda ha um mez visitamos detidamente

as ruinas. E acredite que fiquei impressionado! Aquelle bocado de

claustro tão antigo, os grandes esquifes de pedra, a espada chumbada á

abobada por cima do tumulo do meio... É de commover! E achei muito

bonito, muito filial, da parte de V. Ex.^a, o ter sempre aquela lampada

de bronze accêsa de noite e de dia...

Gonçalo engrolou um murmurio risonho--porque não se recordava da espada,

nunca recommendára a lampada. Mas Sanches Lucena, agora, supplicava um

precioso favor ao snr. Gonçalo Mendes Ramires. E era que S. Ex.^a lhe

concedesse a honra de o conduzir na carruagem á Torre... Alvoroçadamente

Gonçalo recusou. Nem podia! combinára com o homem da perna dorida

esperar alli, na Bica, pela sua egoa.

--Mas fica aqui o meu trintanario, que leva a egoa de V. Ex.^a á Torre.

--Não, não, se V. Ex.^a me permitte, eu espero... Depois metto pelo

atalho da Crassa, porque tenho ás oito horas na Torre, á minha espera

para jantar, o Titó.

D. Anna, do meio da estrada, apressou logo o marido sacudidamente, com a

ameaça renovada da friagem, do relento... Mas, junto da caleche, Sanches

Lucena ainda emperrou para affirmar a Gonçalo, com a descarnada mão

sobre o encovado peito, que aquella tarde lhe ficava celebre...

--Porque vi uma cousa que poucas vezes se terá visto: o maior fidalgo de

Portugal, a pé pela estrada de Corinde, levando á rédea no seu proprio

cavallo um cavador de enxada!

Ajudado por Gonçalo, trepou emfim pesadamente ao estribo. D. Anna já se

enterrára nas almofadas, alçando entre as mãos, como uma insignia, o

cabo rebrilhante da luneta d'ouro. O trintanario tambem se entezou,

cruzou os braços: e a caleche apparatosa, com as manchas brancas das

rêdes dos cavallos, mergulhou no silencio e na penumbra da estrada, sob

a espalhada ramaria das faias.

«Que massada!» exclamou Gonçalo. E não se consolava de tarde tão linda

assim desperdiçada... Intoleravel, esse Sanches Lucena, com o Snr. D.

Fulano e o Snr. D. Sicrano, e a sua gula de «róda fina», e «tudo d'elle»

por collina e valle! A mulher, explendida péça de carne, como filha de

carniceiro,--mas sem migalha de graça ou alma. E que voz, Jesus, que

voz! Gente pedante e sabuja...--E agora só desejava recuperar a sua

egoa, galopar para a Torre, e desabafar com o Titó, familiar da

\_Feitosa\_! o seu ásco por toda aquella Sancharia.

A egoa não tardou, a tróte largo, montada pelo filho do Sôlha, que, ao

avistar o Fidalgo, saltou á estrada, de chapeu na mão, encouchado e

encarnado, balbuciando que o pae chegára bem, pedia a Nosso Senhor lhe

pagasse a caridade...

--Bem, bem! Recados a teu pae. Que estimo as melhoras. Lá mandarei

saber.

N'um pulo montára--galopava pelo facil atalho da Crassa. Mas, deante do

portão da Torre, encontrou um moço do Gago, com um bilhete do Titó,

annunciando que não podia jantar na Torre porque partia n'essa semana

para Oliveira!

--Que disparate! Para Oliveira tambem eu parto; mas janto hoje! Até

combinavamos, o levava na carruagem... Elle que ficou a fazer, o Snr. D.

Antonio?

O rapaz coçou pensativamente a cabeça:

--O Snr. D. Antonio passou lá por casa para eu trazer o bilhete ao

Fidalgo... Depois, creio que tem festa, porque entrou defronte no tio

Cosme fogueteiro, a comprar bichas de rabear...

Aquellas inesperadas bichas de rabear causaram logo ao Fidalgo uma

immensa inveja:

--E onde é a festa, sabes?

--Eu não sei, meu Fidalgo... Mas parece que é cousa rija, porque o Snr.

João Gouvêa encommendou lá ao patrão dous grandes pratos de bolos de

bacalhau.

Bolos de bacalhau! Gonçalo sentio como a amargura de uma traição:

--Oh! que animaes!

E de repente ideou uma vingança alegre:

--Pois se vires hoje o Snr. D. Antonio ou o Snr. João Gouvêa não te

esqueças de lhes dizer que sinto muito... Que eu tambem cá tinha á noite

na Torre uma festa. E havia senhoras. Vinha a Snr.^a D. Anna Lucena...

Não te esqueças, hein?

Gonçalo galgou as escadas rindo da sua invenção. Mas, n'essa noite, ás

nove horas, depois do arrastado e atochado jantar com o Manoel Duarte,

entrou na sala grande dos retratos, apenas allumiada pelo lampeão

dourado do corredor, para buscar uma caixa de charutos. E casualmente,

atravez da janella aberta, reparou n'um homem que, em baixo, rente da

sombra dos alamos, rondava, espreitava... Mais attento, imaginou

reconhecer os poderosos hombros, o andar bovino do Titó. Mas não, com

certesa! o homem trasia jaqueta e carapuço de lã. Curioso, abafando os

passos, ainda se abeirou da varanda. O vulto porém descera da estrada,

logo sumido sob as arvores d'uma quelha que contorna o Casal do Miranda,

e desemboca adiante, na Portella, junto das primeiras casas de

Villa-Clara.

IV

O palacete dos Barrôlos em Oliveira (conhecido desde o começo do seculo

pela Casa dos \_Cunhaes\_) erguia a sua fidalga fachada de doze varandas

no Largo d'El-Rei, entre uma solitaria viella que conduz ao Quartel e a

rua das Tecedeiras, velha rua mal empedrada, ladeirenta, opprimida pelo

comprido terraço do jardim, e pelo muro fronteiro da antiga cerca das

Monicas. E n'essa manhã, justamente quando Gonçalo, na caleche da Torre

puxada pela parelha do Torto, desembocava no Largo d'El-Rei, subia pela

Tecedeiras, dobrando a esquina dos Cunhaes, n'um cavallo negro de fartas

clinas, que feria as lages com soberba e garbo, o Governador Civil, o

André Cavalleiro, de collete branco e chapeu de palha. N'um relance, do

fundo da caleche, o Fidalgo ainda o surprehendeu levantando os

pestanudos olhos negros para as varandas de ferro do palacete. E pulou,

com um murro no joelho, rugindo surdamente--«que biltre!» Ao apear no

portão (um portão baixo, como esmagado pelo immenso escudo de armas dos

Sás) tão suffocada indignação o impellia que não reparou nas effusões do

porteiro, o velho Joaquim da Porta, e esqueceu dentro da caleche os

presentes para Gracinha, a caixa com o guardasolinho e um cesto de

flores da Torre coberto de papel de sêda. Depois em cima, na sala

d'espera, onde José Barrôlo correra, ao sentir nas lages do Largo

silencioso o estrepito do calhambeque, desabafou logo, arrebatadamente,

atirando o guarda pó para uma cadeira de couro:

--Oh senhores! Que eu não possa vir á cidade sem encontrar de cara este

animal do Cavalleiro! E sempre no Largo, defronte da casa! É sorte!...

Esse bigodeira não achará outro logar para onde vá caracolar com a

pileca?

José Barrôlo, um moço gordo, de cabello ruivo e crespo, com um buço

claro n'uma face mais redonda e córada que uma bella maçã, accudiu,

ingenuamente:

--Pileca?!... Oh, menino, tem agora um cavallo lindo! Um cavallo lindo,

que comprou ao Marges!

--Pois bem! É um burro feio em cima d'um cavallo bonito. Que fiquem

ambos na cavallariça. Ou que vão ambos pastar para as Devezas!

O Barrôlo escancarou a bôca larga e fresca, de soberbos dentes, n'um

lento pasmo. E de repente, com uma patada no soalho, vergado pela cinta,

rompeu n'uma risada que o suffocava, lhe inchava as veias:

--Essa é d'arromba! Não, essa é para contar no Club... Um burro feio em

cima d'um cavallo bonito! E ambos a pastarem!... Tu vens hoje rico,

menino! Olha que essa! Ambos a pastarem, com os focinhos na herva, o

Governador civil e o cavallo... É d'arromba!

Rebolava pela sala, com palmadas radiantes sobre a coxa obesa. E

Gonçalo, adoçado por aquella ovação que celebrava a sua facecia:

--Bem. Dá cá esses ossos, ou antes esses untos. E como vae a familia? A

Gracinha?... Oh! viva a linda flôr!

Era ella, com a sua ligeiresa airosa e menineira, os magnificos cabellos

soltos sobre um penteador de rendas, correndo alvoroçada para o irmão,

que a envolveu n'um abraço e em dous beijos sonoros. E immediatamente,

recuando, a declarou mais bonita, mais gorda:

--Positivamente estás mais gorda, até mais alta... É sobrinho?... Não?

nada, por ora?

Gracinha córou, com aquelle seu languido sorriso que mais lhe humedecia

e lhe enternecia a doçura dos olhos esverdeados.

--Se ella não quer, ella não quer! gritava o José Barrôlo, gingando, com

as mãos enterradas nos bolsos do jaquetão que lhe desenhava as ancas

roliças. A culpa não é cá do patrão... Mas ella não se decide!

O fidalgo da Torre reprehendeu a irmã:

--Pois é necessário um menino. Eu por mim não caso, não tenho geito: e

lá se vão d'esta feita Barrôlos e Ramires! A extincção dos Barrôlos é

uma limpeza. Mas, acabados os Ramires, acaba Portugal. Portanto, Snr.^a

D. Graça Ramires, depressa, em nome da nação, um morgado! Um morgado

muito gordo, que eu pretendo que se chame Tructesindo!

Barrôlo protestou, aterrado:

--O que? Turtesinho? Não! para tal sorte não o fabríco eu!

Mas Gracinha deteve aquelles gracejos picantes, desejosa de saber da

Torre, e do Bento, e da Rosa cosinheira, e da horta, e dos pavões...

Conversando, penetraram na outra sala, guarnecida de contadores da

India, de pesados cadeirões dourados de damasco azul, com tres varandas

sobre o Largo d'El-Rei. Barrôlo enrolou um cigarro, reclamou a historia

do Relho, da grande desordem. Tambem elle arranjára uma «pega» com o

rendeiro da \_Ribeirinha\_, por causa d'um córte de pinhal. Essa do Relho

porém fôra tremenda...

E Gonçalo, enterrado ao canto do fundo camapé azul, desabotoando

preguiçosamente o jaquetão de chaviote claro:

--Não! foi muito simples. Já ha mezes esse Relho andava bebedo, sem

despegar... Uma noite berrou, ameaçou a Rosa, agarrou n'uma espingarda.

Eu desci, e n'um instante a Torre ficou desembaraçada de Relhos e de

barulhos.

--Mas veio o Regedor, com cabos! accudio o Barrôlo.

Gonçalo saccudiu os hombros, impaciente:

--Veio o regedor? Veio depois, para legalisar! Já o homem abalára,

corrido. E como resultado arrendei a Torre ao Pereira, ao Pereira da

Riosa...

Contou esse negocio excellente, tratado na varanda, ao almoço, entre

dous copos de vinho verde. Barrôlo admirou a renda--gabou o rendeiro.

Assim Gonçalo descortinasse outro Pereira para a quinta de Treixedo,

terra tão generosa, tão mal amanhada!

Á borda do camapé, coberta pelos bellos cabellos que lavára n'essa manhã

e que cheiravam a alecrim, Gracinha comtemplava o irmão com ternura:

--E do estomago, andas melhor? Continuam as ceias com o Titó?

--Oh! esse animal! exclamou Gonçalo. Ha dias prometteu jantar na Torre,

até a Rosa assou um cabrito no espeto, magnifico... Depois falhou: creio

que teve uma orgia infame, com bichas de rabear. Elle vem esta semana a

Oliveira... E é verdade! vocês sabiam da intimidade do Titó com o

Sanches Lucena?

Historiou então, com exagero alegre, o encontro da Bica-Santa, o horror

que lhe causára a bella D. Anna, a descoberta inesperada d'essa

familiaridade do Titó na \_Feitosa\_.

Barrôlo recordou que uma tarde, antes do S. João, avistára o Titó,

deante do portão da \_Feitosa\_, a passear pela trela um cãosinho branco

de regaço...

--Mas o que eu não comprehendo, menino, é esse teu «horror» pela D.

Anna... Caramba! Mulher soberba! Um quebrado de quadris, uns olhões, um

peitoril...

--Calle essa bôca impura, devasso! gritou Gonçalo. Pois aqui ao lado da

sua mulher, que é a flôr das Graças, ousa louvar semelhante peça de

carne!

Gracinha rindo, sem ciumes, comprehendia «a admiração do José.»

Realmente, a Anna Lucena, que vistosa, que bella!...

--Sim, concedeu Gonçalo, bella como uma bella egoa... Mas aquella voz

gorda, papuda... E a luneta, os modos... E «o cavalheiro póde fumar, o

cavalheiro está enganado...» Oh! senhores, pavorosa!

Barrôlo gingava, deante do sophá, com as mãos nos bolsos da rabona:

--Uvas verdes, Snr. D. Gonçalo, uvas verdes!

O Fidalgo dardejou sobre o cunhado uns olhos ferozes:

--Nem que ella se me offerecesse, de joelhos, em camisa, com os duzentos

contos do Sanches n'uma salva d'ouro!

Sorrindo, vermelha como uma pionia, com um «oh» escandalisado, Gracinha

bateu no hombro de Gonçalo--que puxou por ella, galhofeiramente:

--Venha lá essa bochecha, e outra beijoca, para purificar! Com effeito,

só pensar na D. Anna arrasta a gente ás imagens brutaes... Dizias então

do estomago... Sim, filha, combalido. E ha dias mais pesado, desde o tal

cabrito no espeto e da companhia beberrona do Manoel Duarte. Tu tens cá

agua de Vidago?... Então, Barrôlinho, sê angelico. Manda trazer já uma

garrafinha bem fresca. E olha! pergunta se subiram um açafate e uma

caixa de papelão que eu deixei na caleche? Que ponham no meu quarto. E

não desembrulhes, que é surpreza... Escuta! Que me levem agua bem

quente. Preciso mudar toda a roupa... Estava uma poeirada por esse

caminho!

E quando o Barrôlo abalou, a rebolar e a assobiar, Gonçalo, esfregando

as mãos:

--Pois vocês ambos estão explendidos! E na harmonia que convem. Tu

positivamente mais fórte, mais cheia. Até pensei que fosse sobrinho. E o

Barrôlo mais delgado, mais leve...

--Oh, agora o José passeia, monta a cavallo, já não adormece tanto

depois de jantar...

--E a outra familia? A tia Arminda, o rancho Mendonça? Bem?... Padre

Sueiro, que é feito d'esse santo?

--Teve um ataquesito de rheumatismo, muito ligeiro. Agora bom, sempre no

Paço do Bispo, na Bibliotheca... Parece que se entretem a fazer um livro

sobre os Bispos.

--Bem sei, a Historia da Sé d'Oliveira... Pois eu tambem tenho

trabalhado muito, Gracinha! Ando a escrever um Romance.

--Ah!

--Um Romance pequeno, uma Novella, para os \_Annaes de Litteratura e de

Historia\_, uma Revista que fundou um rapaz meu amigo, o Castanheiro... É

sobre um facto historico da nossa gente... Sobre um avô nosso, muito

antigo, Tructesindo.

--Tem graça, que fez elle?

--Horrores. Mas é pittoresco... E depois o Paço de Santa Ireneia, no

século XII, em todo o seu explendor! Emfim uma bella reconstrucção do

velho Portugal e sobre tudo dos velhos Ramires. Has-de gostar... Não ha

amores, tudo guerras. Apenas, muito remotamente, uma das nossas

antepassadas, uma D. Menda, que eu nem sei se realmente existiu. Tem seu

chic, hein?... E tu comprehendes, como eu desejo tentar a Politica,

preciso primeiramente apparecer, espalhar o meu nome...

Gracinha sorria docemente para o irmão, no costumado enlevo:

--E agora tens alguma idéa? A tia Arminda lá continua sempre com a teima

que devias entrar na Diplomacia. Ainda ha dias... «Ai, o Gonçalinho,

assim galante, e com aquelle nome, só n'uma grande embaixada!»

Gonçalo despegára lentamente do vasto camapé, reabotoando o jaquetão

claro:

--Com effeito ando com uma idéa, ha dias... Talvez me viesse d'um

romance inglez, muito interessante, e que te recommendo, sobre as

antigas Minas de Ophir, \_King Salomon's Mines\_... Ando com idéas de ir

para a Africa.

--Oh Gonçalo, credo! Para a Africa?

O escudeiro entrára com duas garrafas de agua de Vidago, ambas

desarrolhadas, n'uma salva. Precipitadamente, para aproveitar o

«piquesinho», Gonçalo encheu um copo enorme de crystal lavrado. Ah! que

delicia d'agua!--E como o Barrôlo voltava, annunciando que cumprira as

ordens de S. Ex.^a:

--Bem! então logo conversamos ao almoço, Gracinha! Agora lavar, mudar de

roupa, que não paro com estas infames comichões...

Barrôlo acompanhou o cunhado ao quarto, um dos mais espaçosos e alegres

do Palacete, forrado de cretones côr de canario com uma varanda para o

jardim, e duas janellas de peitoril sobre a rua das Tecedeiras e os

velhos arvoredos do convento das Monicas. Gonçalo impaciente despiu logo

o casaco, saccudiu para longe o collete:

--Pois tu estás explendido, Barrôlo! Deves ter perdido tres ou quatro

kilos. São naturalmente os kilos que Gracinha ganhou... Vocês, se assim

se equilibram, ficam perfeitos.

Deante do espelho Barrôlo acariciava a cinta, com um risinho deleitado:

--Realmente, parece que adelgacei... Até sinto nas calças...

Gonçalo abrira o gavetão da rica commoda de ferragens douradas, onde

conservava sempre roupa (até duas casacas), para evitar o transporte de

malas entre os Cunhaes e a Torre. E ria, aconselhava o bom Barrôlo a

«adelgaçar» sem descanço, para belleza da futura raça Barrolica--quando

em baixo, na silenciosa rua das Tecedeiras as patas de um cavallo de

luxo feriram as lages em cadencia lenta.

Logo desconfiado, Gonçalo correu á janella, ainda com a camisa que

desdobrava. E era \_elle\_! Era o André Cavalleiro, que descia ladeando,

sopeando a rédea, para escarvar com garbo e fragor a rampa mal

empedrada. Gonçalo virou para o Barrôlo a face chammejante de furôr:

--Isto é uma provocação! Se este descarado d'este Cavalleiro passa outra

vez na maldita pileca, por debaixo das janellas, apanha com um balde

d'agua suja!...

Barrôlo, inquieto, espreitou:

--Naturalmente vae para casa das Louzadas... Anda agora muito intimo das

Louzadas... Sempre por aqui o vejo... E é para as Louzadas.

--Que seja para o inferno! Pois, em toda a cidade, não ha outro caminho

para casa das Louzadas? Duas vezes em meia hora! Grande insolente! Tem

uma chapada d'agua de sabão, pela grenha e pela bigodeira, tão certo

como eu ser Ramires, filho de meu pae Ramires!

Barrôlo beliscava a pelle do pescoço, constrangido ante aquelles

rancores ruidosos que desmanchavam o seu socego. Já, por imposição de

Gonçalo, rompera desconsoladamente com o Cavalleiro. E agora antevia

sempre uma bulha, um escandalo que o indisporia com os amigos do

Cavalleiro, lhe vedaria o Club e as doçuras da Arcada, lhe tornaria

Oliveira mais enfadonha que a sua quinta da \_Ribeirinha\_ ou da

\_Murtosa\_, solidões detestadas. Não se conteve, arriscou o costumado

reparo:

--Ó Gonçalinho, olha que tambem todo esse espalhafato só por causa da

Politica...

Gonçalo quasi quebrou o jarro, na furia com que o pousou sobre o marmore

do lavatorio:

--Politica! Ahi vens tu com a Politica! Por Politica não se atira agua

suja aos Governadores Civis. Que elle não é Politico, é só malandro!

Além d'isso...

Mas terminou por encolher os hombros, emmudecer, diante do pobre bacôco

de bochechas pasmadas, que, n'aquellas rondas do Cavalleiro pelos

Cunhaes, só notava o «lindo cavallo» ou «o caminho mais curto para as

Louzadas!...»

--Bem! resumiu. Agora larga, que me quero vestir... Do bigodeira me

encarrego eu.

--Então, até logo... Mas se elle passar nada d'asneiras, hein?

--Só justiça, aos baldes!

E bateu com a porta nas costas resignadas do bom Barrôlo, que, pelo

corredor, suspirando, lamentava o assomado genio do Gonçalinho, as

coleras desproporcionadas em que o lançava «a Politica.»

Em quanto se ensaboava com vehemencia, depois se vestia n'uma pressa

irada, Gonçalo ruminou aquelle intoleravel escandalo. Fatalmente, apenas

se apeava em Oliveira, encontrava o homem da grande guedelha,

caracolando por sob as janellas do palacete, na pileca de grandes

clinas! E o que o desolava era perceber no coração de Gracinha, pobre

coração meigo e sem fortaleza, uma teimosa raiz de ternura pelo

Cavalleiro, bem enterrada, ainda vivaz, facil de reflorir... E nenhum

outro sentimento forte que a defendesse, n'aquella ociosidade

d'Oliveira--nem superioridade do marido, nem encanto d'um filho no seu

berço. Só a amparava o orgulho, certo respeito religioso pelo nome de

Ramires, o medo da pequena terra espreitadeira e mexeriqueira. A sua

salvação seria o abandono da cidade, o encerrado retiro n'uma das

quintas do Barrôlo, a \_Ribeirinha\_, sobretudo a \_Murtosa\_, com a linda

matta, os musgosos muros de convento, a aldêa em redor para ella se

occupar como castellã benefica. Mas quê! Nunca o Barrôlo, consentiria em

perder o seu voltarete no Club, e a cavaqueira da tabacaria «Elegante»,

e as chalaças do Major Ribas!

Afogueado pelo calor, pela emoção, Gonçalo abriu a varanda. Em baixo, no

curto terraço ladrilhado, orlado de vasos de louça, precedendo o jardim,

Gracinha, ainda soltos os cabellos por cima do penteador, conversava com

outra senhora, muito alta, muito magra, de chapeu marujo enfeitado de

papoulas, que segurava entre os braços um repolhudo mólho de rosas.

Era a «prima» Maria Mendonça, mulher de José Mendonça, condiscipulo do

Barrôlo em Amarante, agora capitão do Regimento de Cavallaria

estacionado em Oliveira. Filha d'um certo D. Antonio, senhor (hoje

Visconde) dos Paços de Severim, devorada pela preoccupação de

parentescos fidalgos, de origens fidalgas, ligava sempre surrateiramente

o vago solar de Severim a todas as casas nobres de Portugal--sobre tudo,

mais gulosamente, á grande casa de Ramires: e, desde que o regimento se

aquartellára em Oliveira, tratára logo Gracinha por «tu» e Gonçalo por

«primo», com a intimidade especial, que convem a sangues superiores.

Todavia mantinha amisades muito seguidas e activas com brazileiras ricas

d'Oliveira--até com a viuva Pinho, dona da loja de pannos, que (segundo

se murmurava) lhe fornecia os dous filhos ainda pequenos de calções e de

jalecas. Tambem convivia intimamente, já na cidade, já na \_Feitosa\_, com

D. Anna Lucena. Gonçalo gostava da sua graça, da sua agudeza, da

vivacidade maliciosa que a agitava n'uma linda crepitação de galho,

ardendo com alegria. E quando, ao rumor da janella perra, ella levantou

os olhos lusidios e espertos, foi em ambos uma surpresa carinhosa:

--Oh prima Maria! Que felicidade, logo que chego e que abro a janella...

--E para mim, primo Gonçalo, que o não via desde a sua volta de

Lisboa!... Pois está mais lindo, assim de bigode...

--Dizem que estou lindissimo, absolutamente irresistivel! Até aconselho

á prima Maria que se não approxime muito de mim, para se não incendiar.

Ella deixou pender desoladamente nos braços o seu pesado molho de rosas:

--Ai Jesus, então estou perdida, que ainda agora prometti á prima Graça

jantar cá esta tarde!... Oh Gracinha, por quem és, põe um biombo entre

os dois!

Gonçalo gritou, pendurado da varanda, já deliciado com os chistes da

prima Maria:

--Não! enfio eu um \_abat-jour\_ pela cabeça para attenuar o meu

brilho!... E o maridinho, os pequenos? Como vae o nobre rancho?

--Vivendo, com algum pão e muita graça de Deus... Então até logo, primo

Gonçalo! E seja misericordioso!

E ainda elle ria, encantado--já a prima Maria depois de cochichar e

d'estalar dois beijos apressados na face de Gracinha, desapparecêra pela

porta envidraçada da sala com a sua elegancia esgalgada. Gracinha,

lentamente, subiu os tres degraus de marmore do jardim. Da varanda,

Gonçalo ainda avistou atravez da ramaria leve, entre as sebes de buxo, o

penteador branco, os fartos cabellos cabidos, relusindo no sol como uma

cascata de azeviche. Depois o negro brilho, as claras rendas,

desappareceram sob os loureiros da rua que conduzia ao Mirante.

Mas Gonçalo não se arredou d'entre as janellas, limando vagamente as

unhas, espreitando pelas cortinas, n'uma desconfiança, quasi n'um terror

que o Cavalleiro de novo surgisse na pileca--agora que Gracinha se

embrenhára para os lados d'esse commodo Mirante, construcção do seculo

XVIII, imitando um Templosinho do Amor, que rematava o longo terraço do

jardim e dominava a rua das Tecedeiras. Mas a calçada permanecia

silenciosa, sob as derramadas sombras de arvoredo do Palacete e do

Convento. E por fim decidiu descer, envergonhado da espionagem--certo

que a irmã não se mostraria ao Cavalleiro na varandinha do Mirante,

assim com os cabellos em desalinho, por cima d'um penteador.

E cerrava a porta, quando se encontrou deante dos braços do Padre

Sueiro, que o prenderam pela cinta com affago e respeito.

--Oh! meu ingratissimo Padre Sueiro! exclamava Gonçalo, batendo

ternamente nas gordas costas do Capellão. Então que feia acção foi esta?

Mais de um mez sem apparecer na Torre! Agora para o Sr. Padre Sueiro já

não ha Gonçalinho, ha só Gracinha...

Enternecido, quasi com uma lagrima a bailar nos mansos olhos miudos, que

mais negrejavam entre a frescura rozea da face roliça e a cabecinha

branca como algodão--Padre Sueiro sorria, fechando as mãos sobre o peito

da batina d'alpaca, d'onde surdia a ponta de um lenço de quadrados

vermelhos. E não lhe escasseára certamente o desejo d'ir á Torre. Mas

aquelle trabalhinho na Bibliotheca do Paço do Bispo... Depois o seu

rheumatismosito... Emfim a Sr.^a D. Graça sempre esperando S. Ex.^a, um

dia, outro dia...

--Bem, bem! acudiu alegremente Gonçalo, comtanto que o coração não se

esquecesse da Torre...

--Ah! esse! murmurou Padre Sueiro com commovida gravidade.

E pelo corredor de paredes azues, adornadas com gravuras coloridas das

batalhas de Napoleão, Gonçalo resumiu as novidades da Torre:

--Como o Padre Sueiro sabe, rebentou aquelle escandalo do Relho... E

ainda bem, porque conclui um negocio explendido. Imagine! Arrendei ha

dias a quinta ao Pereira Brazileiro, ao Pereira da Riosa, por um conto

cento e cincoenta mil réis...

O capellão suspendeu a pitada, que colhera n'uma caixa de prata dourada,

pasmado para o Fidalgo:

--Ora ahi está como as cousas se inventam! Pois por cá constou que V.

Ex.^a tratára com o José Casco, o José Casco dos Bravaes. Até no

Domingo, ao almoço, a Sr.^a D. Graça...

--Sim, interrompeu o Fidalgo com uma fugidia côr na face fina.

Effectivamente o Casco veio á Torre, conversámos. Primeiramente quiz,

depois não quiz. Aquellas cousas do Casco! Einfim, uma massada... Não

ficou nada decidido. E quando o Pereira, uma bella manhã, me appareceu

com a proposta, eu, inteiramente desligado, acceitei, e com que

alvoroço!... Imagine! Um augmento soberbo de renda, o Pereira como

rendeiro... O Padre Sueiro conhece bem o Pereira...

--Homem entendido, concordou o Capellão coçando embaraçadamente o

queixo. Não ha duvida. E homem de bem... Depois não havendo palavra dada

ao Cas...

---Pois o Pereira para a semana vem á cidade, atalhou apressadamente

Gonçalo. O Padre Sueiro previne o tabellião Guedes, e assignamos essa

bella escriptura. São as condições costumadas. Creio que ha uma reserva

a respeito da hortaliça e do porco... Emfim o Padre Sueiro deve receber

carta do Pereira.

E immediatamente, descendo a escada, passando o lenço perfumado pelo

bigode, gracejou com o capellão sobre o famoso \_Fado dos Ramires\_ em que

elle collaborava com o Videirinha. Oh! Padre Sueiro fornecera lendas

sublimes! Mas aquella de Santa Aldonça, realmente, fôra ataviada com

exageração... Quatro Reis a levarem a Santa aos hombros!

--São Reis de mais, Padre Sueiro!

O bom capellão protestou, logo interessado e serio, no amor d'aquella

obra que glorificava a Casa:

--Ora essa! Com perdão de V. Ex.^a... Perfeitissimamente exacto. Lá o

conta o Padre Guedes do Amaral, nas suas \_Damas da Côrte do Ceu\_, livro

precioso, livro rarissimo, que o Sr. José Barrôlo tem na Livraria. Não

especifica os Reis, mas diz quatro... «Aos hombros de quatro Reis e com

acompanhamento de muitos Condes.» Mas o nosso José Videira declarou que

não podia metter os Condes por causa da rima.

O Fidalgo ria, dependurando n'um cabide, ao fundo da escada, o chapeu de

palha com que descêra:

--Por causa da rima, pobres Condes... Mas o fado está lindo. Eu trago

uma copia para a Gracinha cantar ao piano... E agora outra cousa, Padre

Sueiro. O que se conta por ahi do Governador Civil, d'esse Sr. André

Cavalleiro?...

O capellão encolheu os hombros, desdobrando cautelosamente o seu vasto

lenço de quadrados vermelhos:

--Eu, como V. Ex.^a sabe, não entendo de Politica. Depois tambem não

frequento os cafés, os sitios onde se questiona Politica... Mas parece

que gostam.

No corredor um escudeiro gordo, de opulentas suissas ruivas, que Gonçalo

não conhecia, badalou a sineta do almoço. Gonçalo reparou, avisou o

homem que a Snr.^a D. Maria da Graça andava para o fundo do jardim...

--Entrou agora, Snr. D. Gonçalo! accudiu o escudeiro. E até manda

perguntar se V. Ex.^a deseja para o almoço vinho verde de Amarante, de

\_Vidainhos\_.

Sim, com certeza, vinho de \_Vidainhos\_. Depois sorrindo:

--Oh Padre Sueiro, previna este escudeiro novo que eu não tenho \_Dom\_.

Sou simplesmente Gonçalo, graças a Deus!

O capellão murmurou que todavia, em documentos da Primeira Dynastia,

appareciam Ramires com \_Dom\_. E, como Gonçalo parara deante do

reposteiro corrido da sala, logo o bom velho se curvou, com as suas

escrupulosas, reverentes ceremonias, para o Fidalgo passar.

--Então, Padre Sueiro, por quem é!

Mas elle, com apegado respeito:

--Depois de V. Ex.^a, meu senhor...

Gonçalo afastou o reposteiro, empurrou docemente o capellão:

--Padre Sueiro, já nos documentos da Primeira Dynastia se estabeleceu

que os Santos nunca andam atraz dos Peccadores!

--V. Ex.^a manda, e sempre com que graça!

Depois dos annos de Gracinha, uma tarde, pelas tres horas, Gonçalo,

recolhendo com Padre Sueiro d'uma visita á Bibliotheca do Paço do Bispo,

sentiu logo da antecamara o vozeirão do Titó, que rolava na sala azul em

trovão lento. Franziu vivamente o reposteiro--e sacudiu o punho para o

immenso homem que enchia um dos cadeirões dourados, estirando por sobre

as flôres do tapete umas botas novas de grossas tachas reluzentes:

--Oh infame!... Então n'outro dia assim me larga, sem escrupulo, depois

de eu lhe preparar um cabrito estupendo, assado n'um espeto de

cerejeira? E para quê?... Para uma orgia reles, com bolinhos de bacalhau

e bichinhas de rabear!

Titó não desmanchou a sua conchegada beatitude:

--Impossibilissimo. De tarde encontrei o João Gouveia no Chafariz. E só

então nos lembrámos de que eram os annos da D. Casimira. Dia sagrado!

Aquellas ceias de Villa-Clara, as tresnoutadas «pandegas» com violão,

impressionavam sempre Barrôlo, que as appetecia. E com o olho aguçado,

do canto da mesa onde esfarelava cuidadosamente pacotes de tabaco dentro

de uma terrina do Japão:

--Quem é a D. Casimira? Vocês em Villa-Clara descobrem uns typos...

Conta lá!

--Um monstro! declarou Gonçalo. Uma matronaça bojuda como uma pipa, com

um pêllo nojento no queixo. Vive ao pé do Cemiterio, n'um cacifro que

tresanda a petroleo, onde este senhor e as auctoridades vão jogar o

quino, e derriçar com umas serigaitas de cazabeque vermelho e de

farripas... Nem se póde decentemente contar deante do Snr. Padre Sueiro!

O capellão, que sem rumor se esbatera n'uma sombra discreta, entre os

franjados setins d'uma cortina e um pesado contador da India, moveu os

hombros n'um consentimento risonho, como acostumado a todas as fealdades

do Peccado. E, com pachorra, o Titó emendava o esboço burlesco do

Fidalgo:

--A D. Casimira é gorda, mas muito aceada. Até me pediu para eu lhe

comprar hoje, na cidade, uma bacia nova d'assento. A casa não cheira a

petroleo e fica por traz do convento de Santa Theresa. As serigaitas são

simplesmente as sobrinhas, duas raparigas alegres que gostam de rir e de

troçar... E o Snr. Padre Sueiro podia, sem medo...

--Bem, bem! atalhou Gonçalo. Gente deliciosa! Deixemos a D. Casimira,

que tem bacia nova para os seus semicupios... Vamos á outra infamia do

Sr. Antonio Villalobos!

Mas Barrôlo insistia, curioso:

--Não, não, conta lá, Titó... Noite d'annos, patuscada rija, hein?

--Ceia pacata, contou o Titó com a seriedade que lhe merecia a festa das

suas amigas. A D. Casimira tinha uma bella frangalhada com ervilhas. O

João Gouveia trouxe do Gago uma travessa de bôlos de bacalhau que

calharam... Depois, fogo de vistas na horta. O Videirinha tocou, as

pequenas cantaram... Não se passou mal.

Gonçalo esperava--irresistivelmente interessado pela ceia das Casimiras:

--Acabou, hein?... Agora a outra infamia, mais grave! Então o Snr.

Antonio Villalobos é intimo do Sanches Lucena, frequenta todas as

semanas a \_Feitosa\_, toma chá e torradas com a bella D. Anna, e esconde

tenebrosamente dos seus amigos estes privilegios gloriosos?...

--Sem contar, gritou o Barrôlo deliciosamente divertido, que lhe passeia

á trela os cãesinhos felpudos!

--Sem contar que lhe passeia á trela os cãesinhos felpudos! echoou

cavamente Gonçalo. Responda, meu illustre amigo!

O Titó remecheu o vasto corpo dentro do cadeirão, recolheu as botas de

tachas luzentes, afagou lentamente a face barbuda, que uma vermelhidão

aquecêra. E depois de encarar Gonçalo, intensamente, com um esforço de

sagacidade que mais o afogueou:

--Tu já alguma vez, por curiosidade, me perguntaste se eu conhecia o

Sanches Lucena? Nunca me perguntaste...

O Fidalgo protestou. Não! Mas constantemente na Assembleia, no Gago, na

Torre, elles berravam, em questões de Politica, o nome do Sanches

Lucena! Nada mais natural, até mais prudente, do que alludir o Snr. Titó

á sua intimidade illustre! Ao menos para evitar que elle, ou os amigos,

deante do Snr. Titó que comia as torradas da \_Feitosa\_, tratassem o

Sanches Lucena como um trapo!

O Titó despegou do cadeirão. E afundando as mãos nos bolsos da quinzena

d'alpaca, sacudindo desinteressadamente os hombros:

--Cada um tem sobre o Sanches a sua opinião... Eu apenas o conheço ha

quatro ou cinco mezes, mas acho que é serio, que sabe as cousas...

Agora, lá nas Camaras...

Gonçalo, indignado, bradava que se não discutiam os meritos do Snr.

Sanches Lucena--mas os segredos do Snr. Titó Villalobos! E o escudeiro

novo, avançando as suissas ruivas por uma fenda do reposteiro, annunciou

que o Snr. Administrador de Villa-Clara procurava Suas Ex.^{as}...

Barrôlo largou logo a terrina de tabaco:

--O Snr. João Gouveia! Que entre! Bravo! temos cá toda a rapaziada de

Villa-Clara!

E Titó, da janella onde se refugiara, lançou o vozeirão, mais troante,

abafando a importuna conversa do Sanches e da \_Feitosa\_:

--Viemos ambos! Por signal n'uma traquitana infame... Até se nos

desferrou uma das pilecas e tivemos de parar na Vendinha. Não se perdeu

tempo, que ha agora lá um vinhinho branco que é d'aqui da ponta fina!...

Beliscava a orelha. Aconselhava ruidosamente Barrôlo e Gonçalo a

passarem na Vendinha, para provar a pinga celeste.

--Até aqui o Snr. Padre Sueiro lhe atiçava uma caneca valente, apesar do

Peccado!

Mas João Gouveia entrou, encalmado, empoeirado, com um vinco vermelho na

testa, do chapeu e do calor--e abotoado na sobrecasaca preta, de calças

pretas, de luvas pretas. Sem folego, apertou silenciosamente pela sala

as mãos amigas que o acolhiam. E desabou sobre o camapé, implorando ao

amigo Barrôlo a caridade d'uma bebidinha fresca!

--Estive para entrar no café Monaco. Mas reflecti que n'esta grandiosa

casa dos Barrôlos as bebidas são de mais confiança.

--Ainda bem! Você que quer? Orchata? Sangria? Limonada?

--Sangria.

E, limpando o pescoço e a testa, amaldiçoou o indecente calor

d'Oliveira:

--Mas ha gente que gosta! Lá o meu chefe, o Snr. Governador Civil,

escolhe sempre a hora do calor para passear a cavallo. Ainda hoje... Na

repartição até ao meio dia; depois, cavallo á porta; e larga até á

estrada de Ramilde, que é uma Africa... Não sei como lhe não fervem os

miolos!

--Oh! acudiu Gonçalo, é muito simples. Se elle os não tem!

O administrador saudou gravemente:

--Já cá faltava com a sua ferroadasinha o Snr. Gonçalo Mendes Ramires!

Não comecemos, não comecemos... Este seu cunhado, Barrôlo, é bicho

indomesticavel! Sempre reponta!

O bom Barrôlo gaguejou, constrangido, que Gonçalinho em Politica não

dispensava a piada...

--Pois olhe! declarou o administrador, sacudindo o dedo para Gonçalo.

Esse Snr. André Cavalleiro, que não tem miolos, ainda esta manhã na

Repartição gabou com immensa sympathia os miolos do Snr. Gonçalo Mendes

Ramires!...

E Gonçalo, muito serio:

--Tambem não faltava mais nada! Para esse Governador Civil ser

perfeitamente absurdo só lhe restava que me considerasse um asno!

--Perdão! gritou o Administrador, que se erguera, desabotoando logo a

sobrecasaca, para commodidade da contenda.

Barrôlo acudio, afflicto, carregando nos hombros do Gouveia--para o

socegar e o repôr no camapé:

--Não, meninos, não! Politica, não! E então essa massada do

Cavalleiro... Vamos ao que importa. Você janta comnosco, João Gouveia?

--Não, obrigado. Já prometti jantar com o Cavalleiro. Temos lá o Ignacio

Vilhena. Vae lêr um artigo que escreveu para o \_Boletim de Guimarães\_

sobre umas fôrmas de fabricar ossos de martyres, descobertas nas obras

do convento de S. Bento. Estou com curiosidade... E a Snr.^a D. Graça,

bem? Quem eu não avistava havia mezes era o Snr. Padre Sueiro. Nunca

apparece agora pela Torre!... Mas sempre rijo, sempre viçoso. Oh, Snr.

Padre Sueiro, qual é o seu segredo para toda essa meninice?

Do seu canto, o capellão sorriu timidamente. O segredo? Poupar a

Vida--não a consumindo nem com ambições nem com decepções. Ora para

elle, louvado Deus, a vida corria muito simples e muito pequenina. E

fóra o seu rheumatismo...

Depois, córando d'acanhamento, atravez das sentenças evangelicas que lhe

escapavam:

--Mas mesmo o rheumatismo não é mal perdido. Deus, que o manda, sabe

porque o manda... Soffrer edifica. Por que enfim o que nós soffremos nos

leva a pensar no que os outros soffrem...

--Pois olhe, volveu com alegre incredulidade o Administrador, eu, quando

tenho os meus ataques de garganta, não penso na garganta dos outros!

Penso só na minha que me dá bastante cuidado. E agora a vou regalar

n'aquella bella sangria...

O escudeiro vergava, com a luzente bandeja de prata, carregada de copos

de sangria onde boiavam rodellinhas de limão. E todos se tentaram, todos

beberam, até Padre Sueiro, para mostrar ao Snr. Antonio Villalobos que

não desdenhava o vinho, dadiva amavel de Deus--pois como ensina Tibulo

com verdade, apezar de gentilico, \_vinus facit dites animos, mollia

corda dat\_, enrija a alma e adoça o coração.

João Gouveia, depois d'um suspiro consolado, pousou na bandeja o copo

que esvasiára d'um trago e interpellou Gonçalo:

--Vamos a saber! Então n'outro dia que historia phantastica foi essa

d'uma festa na Torre, com senhoras, com a D. Anna Lucena?... Eu não

acreditei quando o pequeno do Gago me encontrou, me deu o recado.

Depois...

Mas d'entre as cortinas da janella, onde acabava a sangria, Titó

novamente rebombou, interpellando tambem o Fidalgo:

--Oh sô Gonçalo! E o que me contou ha pouco o Barrôlo?... Que andavas

com idéas de abalar para a Africa?

Ao espanto de João Gouveia quasi se misturou terror. Para a Africa?... O

quê? Com um emprego para a Africa?...

--Não! plantar côcos! plantar cacau! plantar café! exclamava o Barrôlo,

com divertidas palmadas na côxa.

Pois Titó approvava a idéa! Tambem elle, se arranjasse um capital, dez

ou quinze contos, tentava a Africa, a traficar com o preto... E tambem

se fôsse mais pequeno, mais secco. Que homens do seu corpanzil,

necessitando muita comezaina e muita vinhaça, não aguentam a Africa,

rebentam!

--O Gonçalo sim! É chupado, é rijo; não carrega na agua-ardente; está na

conta para Africanista... E sempre te digo! Carreira bem mais decente

que essa outra por que tens mania, de deputado! Para que? Para palmilhar

na Arcada, para bajular Conselheiros.

Barrôlo concordou, com alarido. Tambem não comprehendia a teima de

Gonçalo em ser deputado! Que massada! Eram logo as intrigas, e as

desandas nos jornaes, e os enxovalhos. E sobretudo aturar os eleitores.

--Eu, nem que me nomeassem depois Governador Civil, com um titulo e uma

gran-cruz a tiracollo, como o Freixomil!

Gonçalo escutára, n'um silencio risonho e superior, enrolando

laboriosamente um cigarro com o tabaco do Barrôlo:

--Vocês não comprehendem... Vocês não conhecem a organisação de

Portugal. Perguntem ahi ao Gouveia... Portugal é uma fazenda, uma bella

fazenda, possuida por uma parceria. Como vocês sabem ha parcerias

commerciaes e parcerias ruraes. Esta de Lisboa é uma \_parceria

politica\_, que governa a herdade chamada Portugal... Nós os Portuguezes

pertencemos todos a duas classes: uns cinco a seis milhões que trabalham

na fazenda, ou vivem n'ella a olhar, como o Barrôlo, e que pagam; e uns

trinta sujeitos em cima, em Lisboa, que formam a \_parceria\_, que recebem

e que governam. Ora eu, por gosto, por necessidade, por habito de

familia, desejo mandar na fazenda. Mas, para entrar na \_parceria

politica\_, o cidadão portuguez precisa uma habilitação--ser deputado.

Exactamente como, quando pretende entrar na Magistratura, necessita uma

habilitação--ser bacharel. Por isso procuro começar como deputado para

acabar como parceiro e governar... Não é verdade, João Gouveia?

O Administrador voltára á bandeja das sangrias, de que saboreava outro

copo, agora lentamente, aos goles:

--Sim, com effeito, essa é a carreira... Candidato, Deputado, Politico,

Conselheiro, Ministro, Mandarim. É a carreira... E melhor que a

d'Africa. Por fim na Arcada, em Lisboa, tambem cresce cacau e ha mais

sombra!

Barrôlo no emtanto abraçára o hombro possante do Titó, com quem

mergulhou no vão da janella, n'uma confraternidade d'ideias, gracejando:

--Pois eu, sem ser dos taes \_parceiros\_, tambem mando nos bocados de

Portugal que mais me interessam por que me pertencem!... E sempre queria

vêr que esse S. Fulgencio, ou o Braz Victorino, ou lá os politicos do

Terreiro do Paço, se mettessem a dispôr nas minhas terras, na

\_Ribeirinha\_ ou na \_Murtosa\_... Era a tiro!

Encostado á vidraça, Titó coçava a barba, impressionado:

--Pois sim, Barrôlo! Mas você na \_Ribeirinha\_ e na \_Murtosa\_ tem de

pagar as contribuições que elles mandarem. E n'esses concelhos tem

d'aguentar as auctoridades que elles nomearem. E goza para lá d'estradas

se elles lh'as fizerem. E vende o carro de pão e a pipa de vinho com

mais ou menos proveito, segundo as leis que elles votarem... E assim

tudo. O Gonçalo não deixa de acertar. É o diabo! Quem manda é quem

lucra... Olhe! o maroto do meu senhorio em Villa-Clara, agora para o S.

Miguel, augmenta a renda da casa em que eu moro, um cochicho que ninguem

quer, por que mataram lá o carrasco, que ainda lá apparece... E o

Cavalleiro, esse, como \_parceiro\_, vive de graça n'este bello palacio de

S. Domingos, com cocheira, com jardim, com horta...

Barrôlo atirou um \_chut\_, de mão espalmada, abafando o vozeirão do Titó,

com medo que as regalias do Cavalleiro, assim proclamadas, renovassem as

furias de Gonçalo. Mas o Fidalgo não percebera, attento ao João Gouveia,

que, enterrado no camapé depois da sangria, novamente contava o seu

assombro, ao encontrar no chafariz, em Villa-Clara, o rapasola do Gago

com o recado da grande festa na Torre:

--E cheguei a desconfiar que realmente você désse festa, quando bateram

as nove, depois as nove e meia, e o Titó sem chegar para a ceia da D.

Casimira!... Bem, pensei, tambem recebeu recado e abalou para a Torre!

Por fim, apenas elle appareceu, de carapuço e de jaqueta, percebi que

fôra troça do Snr. D. Gonçalo...

Então o Fidalgo pasmou com uma inesperada, estranha suspeita:

--De carapuço e jaqueta? O Titó andava n'essa noite de carapuço e de

jaqueta?...

Mas bruscamente Barrôlo, da funda janella, lançou para dentro, para a

sala, um brado de pavor:

--Oh! rapazes! Santo Deus! Ahi veem as Louzadas!

João Gouveia saltou do camapé, como n'um perigo, reabotoando

arrebatadamente a sobrecasaca; Gonçalo, atarantado, esbarrou com o Titó

e o Barrôlo que recuavam, no terror de serem apercebidos atravez dos

vidros largos; até Padre Sueiro, prudente, abandonou o seu recanto onde

corria os oculos pela \_Gazeta do Porto\_. E todos, d'entre a fenda das

cortinas, como soldados na fresta de uma cidadella, espreitavam o Largo,

que o sol das quatro horas dourava por sobre os telhados musgosos da

Cordoaria. Do lado da rua das Pêgas, as duas Louzadas, muito esgalgadas,

muito sacudidas, ambas com manteletes curtos de seda preta e vidrilhos,

ambas com guardasoes de xadresinbo desbotado, avançavam, estirando pelo

largo empedrado duas sombras agudas.

As duas manas Louzadas! Seccas, escuras e garrulas como cigarras, desde

longos annos, em Oliveira, eram ellas as esquadrinhadoras de todas as

vidas, as espalhadoras de todas as maledicencias, as tecedeiras de todas

as intrigas. E na desditosa Cidade não existia nodoa, pécha, bule

rachado, coração dorido, algibeira arrasada, janella entreaberta, poeira

a um canto, vulto a uma esquina, chapeu estreado na missa, bolo

encommendado nas Mathildes, que os seus quatro olhinhos furantes

d'azeviche sujo não descortinassem--e que a sua solta lingoa, entre os

dentes ralos, não commentasse com malicia estridente! D'ellas surdiam

todas as cartas anonymas que infestavam o Districto: as pessoas devotas

consideravam como penitencias essas visitas em que ellas durante horas

galravam, abanando os braços escanifrados: e sempre por onde ellas

passassem ficava latejando um sulco de desconfiança e receio. Mas quem

ousaria rechaçar as duas manas Louzadas? Eram filhas do decrepito e

venerando General Louzada; eram parentas do Bispo; eram poderosas na

poderosa confraria do Senhor dos Passos da Penha. E depois d'uma

castidade tão rigida, tão antiga e tão resequida, e por ellas tão

espaventosamente alardeada--que o Marcolino do Independente as alcunhára

de \_Duas Mil Virgens\_.

--Não veem para cá! trovejou o Titó, com immenso allivio.

Com effeito no meio do Largo, rente á grade que circumda o antigo

Relogio-de-Sol, as duas manas paradas, erguiam o bico escuro, farejando

e espiando a Egrejinha de S. Matheus onde o sino lançára um repique de

baptisado.

--Oh, c'os diabos, que é para cá!

As Louzadas, decididas, investiam contra o portão dos Cunhaes! Então foi

um panico! As gordas pernas do Barrôlo, fugindo, abalaram, quasi

derrubaram sobre os contadores, os potes bojudos da India. Gonçalo

bradava que se escondessem no pomar. Desconcertado, o Gouveia rebuscava

com desespero o seu chapeu côco. Só o Titó, que as abominava e a quem

ellas chamavam o \_Polyphemo\_, retirou com serenidade, abrigando o Padre

Sueiro sob o seu braço forte. E já o bando espavorido se arremessára

sobre o reposteiro--quando Gracinha appareceu, com um fresco vestido de

sedinha côr de morango, sorrindo, pasmada, para o tropel que rolava:

--Que foi? Que foi?...

Um clamor abafado envolveu a dôce senhora ameaçada:

--As Louzadas!

--Oh!

Fugidiamente o Titó e João Gouveia apertaram a mão que ella lhes

abandonou, esmorecida. A sineta do portão tilintára, temerosa! E a fila

acavallada, onde Padre Sueiro rebolava a reboque, enfiou para a livraria

que o Barrôlo aferrolhou, gritando ainda a Gracinha, com uma inspiração:

--Esconde as sangrias!

Pobre Gracinha! Atarantada, sem tempo de chamar o escudeiro, carregou

ella para uma banqueta do corredor, n'um esforço desesperado, a pesada

salva--com que as Louzadas, se a descortinassem, edificariam por sobre a

cidade, e mais alta que a Torre de S. Matheus, uma historia pavorosa de

«vinhaça e bebedeira». Depois, offegando, relanceou no espelho o

penteado. E direita como n'uma arena, com a temeridade simples e risonha

dos antigos Ramires, esperou a arremettida das manas terriveis.

\* \* \* \* \*

No outro domingo, depois do almoço, Gonçalo acompanhou a irmã a casa da

tia Arminda Villegas, que na vespera, ao tomar (como costumava todos os

sabbados) o seu banho aos pés, se escaldára e recolhera á cama,

apavorada, reclamando uma junta dos cinco cirurgiões d'Oliveira. Depois

acabou o charuto sob as acacias do Terreiro da Louça, pensando na sua

Novella abandonada na Torre durante essas semanas, e no lance famoso do

Capitulo II que o tentava e que o assustava--o encontro de Lourenço

Ramires com Lopo de Bayão, \_o Bastardo\_, no valle fatal de Cantapedra. E

recolhia aos Cunhaes (porque promettera ao Barrôlo uma trotada a

cavallo, até ao Pinhal de Estevinha, para aproveitar a doçura do domingo

ennevoado) quando, na rua das Vellas, avistou o tabellião Guedes, que

sahia da confeitaria das Mathildes com um grosso embrulho de pasteis.

Ligeiramente, o Fidalgo atravessou logo a rua--emquanto o Guedes, da

borda do passeio, pesado e barrigudo, na ponta dos botins miudinhos

gaspeados de verniz, descobria, n'uma cortezia immensa, a calva,

emplumada ao meio pelo famoso tufo de cabello grisalho que lhe valera a

alcunha de «Guedes Pôpa»:

--Por quem é, meu caro Guedes, ponha o chapeu! Como está? Sempre féro e

moço. Ainda bem!... Fallou com o meu Padre Sueiro? O Pereira da Riosa,

por fim, só vem á cidade na quarta feira...

Sim! Sim! O Snr. Padre Sueiro passára pelo cartorio, para avisar--e elle

apresentava os parabens a S. Ex.^a pelo seu novo rendeiro...

--Homem muito competente, o Pereira! Já ha vinte annos que o conheço...

E olhe V. Ex.^a a propriedade do Conde de Monte-Agra! Ainda me lembro

d'ella, um chavascal; hoje que primor! Só a vinha que elle tem plantado!

Homem muito competente... E V. Ex.^a com demora?

--Dois ou tres dias... Não se atura este calor de Oliveira. Hoje,

felizmente, refrescou. E que ha de novo? Como vae a politica? O amigo

Guedes sempre bom Regenerador, leal e ardente, hein?

Subitamente o Tabellião, com o seu embrulho de doces conchegado ao

collete de seda preta, agitou o braço gordo e curto, n'uma indignação

que lhe esbraseou de sangue o pescoço, as orelhas cabelludas, a face

rapada, toda a testa até ás abas do chapeu branco orlado de fumo negro:

--E quem o não ha-de ser, Snr. Gonçalo Mendes Ramires? Quem o não ha-de

ser?... Pois este ultimo escandalo!

Os risonhos olhos de Gonçalo logo se alargaram, serios:

--Que escandalo?

O Tabellião recuou. Pois S. Ex.^a não sabia da ultima prepotencia do

Governador Civil, do Snr. André Cavalleiro?

--O quê, caro amigo?...

O Guedes cresceu todo sobre o bico dos botins pequeninos, e bojou, e

inchou, para exclamar:

--A transferencia do Noronha!... A transferencia do desgraçado Noronha!

Mas uma senhora, tambem obesa, de buço carregado, toda a estalar em

ricas e rugidoras sêdas de missa, arrastando severamente pela mão um

menino que rabujava, parou, fitou o Guedes--porque o digno homem com o

seu ventre, o seu embrulho, a sua indignação, atravancava a entrada das

Mathildes. Apressadamente, o Fidalgo levantou, para ella entrar, o fecho

da porta envidraçada. Depois, n'um alvoroço:

--O amigo Guedes naturalmente vae para casa. É o meu caminho. Andamos e

conversamos... Ora essa! Mas o Noronha... Que Noronha?

--O Ricardo Noronha... V. Ex.^a conhece. O pagador das Obras-Publicas!

--Ah! sim, sim... Então transferido? Transferido arbitrariamente?

Na rua das Brocas por onde desciam, no silencio, a solidão das lojas

cerradas, a colera do Guedes resoou, mais solta:

--Infamemente, Snr. Gonçalo Mendes Ramires, infamissimamente! E para

Almodovar, para os confins do Alemtejo!... Para uma terra sem recursos,

sem distracções, sem familias!...

Parára, com os doces contra o coração, os olhinhos esbugalhados para o

Fidalgo, coriscando. O Noronha! Um empregado trabalhador, honradissimo!

E sem Politica, absolutamente sem Politica. Nem dos Historicos, nem dos

Regeneradores. Só da familia, das tres irmãs que sustentava, tres

flôres... E homem estimadissimo na cidade, cheio de prendas! Um talento

immenso para a musica!... Ah! o Snr. Gonçalo Ramires não sabia? Pois

compunha ao piano cousas lindas! Depois precioso para reuniões, para

annos. Era elle quem organisava sempre em Oliveira as representações de

curiosos...

--Porque, como ensaiador, creia V. Ex.^a que não ha outro, mesmo na

capital... Não ha outro! E, zás, de repente, para Almodovar, para o

Inferno, com as irmãs, com os tarecos! Só o piano!... Veja V. Ex.^a só o

transporte do piano!

Gonçalo resplandecia:

--É um bello escandalo. Ora que felicidade esta de o ter encontrado, meu

caro Guedes!... E não se sabe o motivo?

De novo caminhavam demoradamente pelo passeio estreito. E o tabellião

encolhia os hombros, com amargura. O motivo! Publicamente, como sempre

n'estas prepotencias, o motivo era a conveniencia do Serviço...

--Mas todos os amigos do Noronha, por toda a cidade, conhecem o

verdadeiro motivo... O intimo, o secreto, o medonho!

--Então?

Guedes relanceou a rua, com prudencia. Uma velha atravessava, coxeando,

segurando uma bilha. E o tabellião segredou cavamente, junto á face

deslumbrada do fidalgo.--É que o Snr. André Cavalleiro, esse infame, se

encantára com a mais velha das irmãs Noronhas, a D. Adelina,

formosissima rapariga, alta e morena, uma estatua!... E repellido

(porque a menina, cheia de juizo, uma perola, percebera a intenção

villissima) em quem se vinga, por despeito, o Snr. Governador Civil? No

pagador! Para Almodovar com as meninas, com os tarecos!... Era o pagador

quem pagava!

--É uma bella maroteira! murmurou Gonçalo, banhado de gosto e riso.

--E note V. Ex.^a! exclamava o Guedes, com a mão gorda a tremer por cima

do chapeu. Note V. Ex.^a que o pobre Noronha, na sua innocencia, tão bom

homem, gostando sempre d'agradar aos seus chefes, ainda ha semanas

dedicára ao Cavalleiro uma valsa linda!... A \_Mariposa\_, uma valsa

linda!

Gonçalo não se conteve, esfregou as mãos n'um triumpho:

--Mas que preciosa maroteira!... E não se tem fallado? Esse jornal

d'opposição, o \_Clarim d'Oliveira\_, nem uma denuncia, nem uma

allusão?...

O Guedes pendeu a cabeça, descorçoado. O Snr. Gonçalo Ramires conhecia

bem essa gente do \_Clarim\_... Estylo--e estylo brincado, opulento... Mas

para assoalhar, assim n'um caso gravissimo como o do Noronha, a verdade

bem nua--pouco nervo, nenhuma valentia. E depois o Biscainho, o redactor

principal, andava a passar surrateiramente para os Historicos. Ah! O

Snr. Gonçalo Mendes Ramires não se inteirára? Pois esse torpissimo

Biscainho bolinava. De certo o Cavalleiro lhe acenára com posta... Além

d'isso, como provar a infamia? Cousas intimas, cousas de familia. Não se

podia apresentar a declaração da D. Adelina, menina virtuosissima--e com

uns olhos!... Ah! se fosse no tempo do Manoel Justino e da \_Aurora de

Oliveira\_!... Esse era homem para estampar logo na primeira pagina, em

letra graúda: «Alerta! que a Auctoridade superior do Districto tentou

levar a deshonra ao seio da familia Noronha!...»

--Esse era um homem! Coitado, lá está no cemiterio de S. Miguel... E

agora, Snr. Gonçalo Ramires, o despotismo campeia, desenfreado!

Bufava, arfava, esfalfado d'aquelle fogoso desabafo. Dobraram calados a

esquina das Brocas para a bella rua, novamente calçada, da Princeza D.

Amelia. E logo na segunda porta, parando, tirando da algibeira o trinco,

o Guedes, que ainda resfolgava, offereceu a S. Ex.^a para descançar.

--Não, não, obrigado, meu caro amigo. Tive immenso, immenso prazer, em o

encontrar... Essa historia do Noronha é tremenda!... Mas nada me espanta

do Snr. Governador Civil. Só me espanta que o não tenham corrido

d'Oliveira, como elle merece, com pancada e assuada... Emfim, nem toda a

gente boa jaz no cemiterio de S. Miguel... Até ámanhã, meu Guedes. E

obrigado!

Da rua da Princeza D. Amelia até o Largo de El-Rei, Gonçalo correu com o

deslumbramento de quem descobrisse um thesouro e o levasse debaixo da

capa! E ahi levava com effeito o «escandalo, o rico escandalo», que

tanto farejára, por que tanto almejára, para desmantelar o Snr.

Governador Civil na sua fiel cidade de Oliveira que lhe levantava arcos

de buxo! E, por uma mercê de Deus, o «rico escandalo» demoliria tambem o

homem no coração de Gracinha, onde, apezar do antigo ultraje, elle

permanecia como um bicho n'um fructo, esfuracando e estragando... E não

duvidava da efficacia do escandalo! Toda a cidade se revoltaria contra a

Authoridade femieira, que opprime, desterra um funccionario

admiravel--por que a irmã do pobre senhor se recusou á baba dos seus

beijos. E Gracinha?... Como resistiria Gracinha áquelle desengano--o seu

antigo André abrazado pela menina Noronha e por ella repellido com nôjo

e com mófa? Oh! o escandalo era soberbo! Só restava que estalasse, bem

ruidoso, sobre os telhados d'Oliveira e sobre o peito de Gracinha como

trovão benefico que limpa ares corrompidos. E d'esse trovão, rolando por

todo o Norte, se encarregava elle com delicia. Libertava a cidade d'um

Governador detestavel, Gracinha d'um sonho errado. E assim, com uma

certeira pennada, trabalhava \_pro patria et pro domo\_!

Nos Cunhaes correu ao quarto do Barrôlo, que se vestia trauteando o

\_Fado dos Ramires\_, e gritou atravez da porta com uma decisão

flammejante:

--Não te posso acompanhar á Estevinha. Tenho que escrever urgentemente.

E não subas, não me perturbes. Necessito socego!

Nem attendeu aos protestos desolados com que o Barrôlo accudira ao

corredor, em ceroulas. Galgou a escada. No seu quarto, depois de despir

rapidamente o casaco, de excitar a testa com um borrifo d'agua de

Colonia, abancou á mesa--onde Gracinha collocava sempre entre flores,

para elle trabalhar, o monumental tinteiro de prata que pertencera ao

tio Melchior. E sem emperrar, sem rascunhar, n'um d'esses soltos fluxos

de Prosa que brotam da paixão, improvisou uma Correspondencia rancorosa

para a \*Gazeta do Porto\* contra o Snr. Governador Civil. Logo o titulo

fulminava--\_Monstruoso attentado\_! Sem desvendar o nome da familia

Noronha, contava miudamente, como um acto certo e por elle testemunhado,

«a tentativa villôa e baixa da primeira Auctoridade do Districto contra

a pudicicia, a paz de coração, a honra de uma doce rapariga de dezeseis

primaveras!» Depois era a resistencia desdenhosa--«que a nobre creança

oppuzera ao Don Juan administrativo, cujos bellos bigodes são o espanto

dos povos!» Por fim vinha--«a desforra torpe e sem nome que S. Ex.^a

tomára sobre o zeloso empresado (que é tambem um talentoso artista),

obtendo d'este nefasto Governo que fosse transferido, ou antes arrojado,

cruelmente exilado, com a familia de tres delicadas senhoras, para os

confins do Reino, para a mais arida e escassa das nossas Provincias, por

o não poder empacotar para a Africa no porão sordido d'uma fragata!»

Lançava ainda alguns rugidos sobre «a agonia politica de Portugal». Com

pavor triste, recordava os peiores tempos do Absolutismo, a innocencia

soterrada nas masmorras, o prazer desordenado do Principe sendo a

expressão unica da Lei! E terminava perguntando ao Governo se cobriria

este seu agente--«este grotesco Nero, que como outr'ora o outro, o

grande, em Roma, tentava levar a seducção ao seio das familias melhores,

e commettia esses abusos de poder, motivados por lascivias de

temperamento, que foram sempre, em todos os seculos e todas as

civilisações, a execração do justo!»--E assignava \_Juvenal\_.

Eram quasi seis horas quando desceu á sala, ligeiro e resplandecente.

Gracinha martellava o piano, estudando o \_Fado dos Ramires\_. E Barrôlo

(que não se arriscára a um passeio solitario) folheava, estendido no

camapé, uma famosa \_Historia dos Crimes da Inquizição\_ que começára

ainda em solteiro.

--Estou a trabalhar desde as duas horas! exclamou logo Gonçalo,

escancarando a janella. Fiquei derreado. Mas, louvado seja Deus, fiz

obra de Justiça... D'esta vez o Snr. André Cavalleiro vae abaixo do seu

cavallo!

Barrôlo fechou immediatamente o livro, com o cotovello nas almofadas,

inquieto:

--Houve alguma coisa?

E Gonçalo, plantado deante d'elle, com um risinho suave, um risinho

feroz, remexendo na algibeira o dinheiro e as chaves:

--Oh! quasi nada. Uma bagatella. Apenas uma infamia... Mas para o nosso

Governador Civil infamias são bagatellas.

Sob os dedos de Gracinha o \_Fado dos Ramires\_ esmoreceu, apenas roçado,

n'um murmurio incerto.

O Barrôlo esperava, esgaseado:

--Desembucha!

E Gonçalo desabafou, com estrondo:

--Pois uma maroteira immensa, homem! O Noronha, o pobre Noronha,

perseguido, espesinhado, expulso! Com a familia... Para o inferno, para

o Algarve!

--O Noronha pagador?

--O Noronha pagador. Foi o infeliz pagador que pagou!

E, regaladamente, desenrolou a historia lamentavel. O Snr. André

Cavalleiro namoradissimo, todo em chammas pela irmã mais velha do

Noronha. E atacando a rapariga com ramos, cartas, versos, estropidos

cada manhã por deante da janella, a ladear na pileca! Até lhe soltára,

ao que parece, uma velha marafona, uma alcoviteira... E a rapariga, um

anjo cheio de dignidade, impassivel. Nem se revoltava, apenas se ria.

Era uma troça em casa das Noronhas, ao chá, com a leitura da versalhada

ardente em que elle a tratava de «Nympha, d'estrella da tarde...» Emfim

uma sordidez funambulesca!

O pobre \_Fado dos Ramires\_ debandou pelo teclado, n'um tumulto de

gemidos desconcertados e asperos.

--E eu não ter ouvido nada! murmurava o Barrôlo, assombrado. Nem no

Club, nem na Arcada...

--Pois, meu amiguinho, quem ouviu, e um famoso estampido, foi o pobre

Noronha. Arremessado para o fundo do Alemtejo, para um sitio doentio,

coalhado de pantanos. É a morte... É uma condemnação á morte!

A esta apparicão da Morte, surdindo dos pantanos, Barrôlo atirou uma

palmada ao joelho, desconfiado:

--Mas quem diabo te contou tudo isso?

O Fidalgo da Torre encarou o cunhado com desdem, com piedade:

--Quem me contou!? E quem me contou que D. Sebastião morreu em

Alcacer-Kebir?... São os factos. É a Historia. Toda Oliveira sabe. Por

acaso ainda esta manhã o Guedes e eu conversamos sobre o caso. Mas eu já

sabia!... E tenho tido pena. Que diabo! Não ha crime em se estar

apaixonado como o pobre André. Louco, perdido! Até a chorar na

Repartição, deante do Secretario Geral. E a rapariga ás gargalhadas!...

Agora onde ha crime, e horrendo, é na perseguição ao irmão, ao pagador,

empregado excellente, d'um talento raro... E o dever de todo o homem de

bem, que prese a dignidade da Administração e a dignidade dos costumes,

é denunciar a infamia... Eu, pela minha parte, cumpri esse bom dever. E

com certo brilho, louvado Deus!

--Que fizeste?

--Enterrei na ilharga do Snr. Governador Civil a minha bôa penna de

Toledo, até á rama!

O Barrôlo, impressionado, beliscava a pelle do pescoço. O piano

emmudecera: mas Gracinha não se movia do môcho, com os dedos

entorpecidos nas teclas, como esquecida deante da larga folha onde se

enfileiravam, na lettra apurada do Videirinha, as quadras triumphaes dos

Ramires. E subitamente Gonçalo sentiu n'aquella immobilidade suffocada o

despeito que a trespassava. Sensibilisado, para a libertar, lhe poupar

algum soluço escapando irresistivelmente, correu ao piano, bateu com

carinho nos pobres hombros vergados que estremeceram:

--Tu não dás conta d'esse lindo fado, rapariga! Deixa, que eu te

cantarolo uma quadra, á bôa moda do Videirinha... Mas primeiramente sê

um anjo... Grita ahi no corredor que me tragam um copo d'agua bem fresca

do Poço Velho.

Ensaiou as teclas, entoou versos, ao accaso, n'um esforço esganiçado:

Ora na grande batalha,

Quatro Ramires valentes...

Gracinha desapparecera por uma fenda do reposteiro, sem rumor. Então o

bom Barrôlo, que deante da sua terrina da India enrolava um cigarro com

pensativo cuidado, correu, desafogou, debruçado sobre Gonçalo, da

certeza que lentamente o invadira:

--Pois, menino, sempre te digo... Essa irmã do Noronha é um mulherão

soberbo! Mas o que eu não acredito é que ella se fizesse arisca. Com o

Cavalleiro, bonito rapaz, Governador civil?... Não acredito. O

Cavalleiro saboreou!

E com as bochechas lusidias d'admiração:

--Aquelle velhaco! Para cavallos e para mulheres não ha outro, em

Oliveira!

V

A \*Gazeta do Porto\*, com a Correspondencia vingadora, devia desabar

sobre Oliveira na quarta-feira de manhã, dia dos annos da prima Maria

Mendonça. Mas Gonçalo, ainda que não temesse (resalvado pelo seu

pseudonymo de \_Juvenal\_) uma briga grosseira com o Cavalleiro nas ruas

da Cidade, nem mesmo com algum dos seus partidarios servis e façanhudos

como o Marcolino do \*Independente\*--recolheu discretamente a Santa

Ireneia na terça-feira, a cavallo, acompanhado pelo Barrôlo até á

Vendinha, onde ambos provaram o vinho branco celebrado pelo Titó.

Depois, para recordar os logares memoraveis em que na sua Novella se

encontravam, com desastrado choque d'armas, Lourenço Ramires e o

Bastardo de Bayão--tomou o caminho que, atravessando os pomares da

espalhada aldêa de Canta-Pedra, entronca na estrada dos Bravaes.

N'um trote folgado passára á Fabrica de Vidros, depois o Cruzeiro sempre

coberto pelas pombas que esvoaçam do pombal da Fabrica. E entrava no

logar de Nacejas--quando, á janella d'uma casinha muito limpa, rodeada

de parreiras, appareceu uma linda rapariga, morena e fina, com jaqué de

panno azul e lenço de cambraieta bordada sobre fartos bandós ondeados.

Gonçalo, sopeando a egua, saudou, sorriu suavemente:

--Perdão, minha menina... Vou bem por aqui, para Canta-Pedra?

--Vae, sim senhor. Em baixo, á ponte, mette para a direita, para os

alamos. E é sempre a seguir...

Gonçalo suspirou, gracejando:

--Antes desejava ficar!

A moça corou. E o Fidalgo ainda se torceu no selim para gosar a fina

face morena, entre os dous craveiros da janellinha, na casa tão bem

caiada.

N'esse momento, ao lado, d'uma quelha enramada, desembocava um caçador

do campo, de jaleca e barrete vermelho, com a espingarda atravessada nas

costas, seguido por dois perdigueiros. Era um latagão airoso, que todo

elle, no bater dos sapatões brancos, no menear da cinta enfaixada em

seda, no levantar da face clara de suissas louras, transbordava de

presumpção e pimponice. N'um relance surprehendeu o sorriso, a attenção

galante do Fidalgo. E estacou, pregando sobre elle, com lenta

arrogancia, os bellos olhos pestanudos. Depois passou desdenhosamente,

sem se arredar da egua na ladeira estreita, quasi raspando pela perna do

Fidalgo o cano da caçadeira. Mas adiante ainda atirou uma tossidela

secca e de chasco--com um bater mais petulante dos tacões.

Gonçalo picou a egoa, colhido logo por aquelle desgraçado temor, aquelle

desmaiado arrepio da carne, que sempre, ante qualquer risco, qualquer

ameaça, o forçava irresistivelmente a encolher, a recuar, a abalar. Em

baixo, na ponte, desesperado contra a sua timidez, deteve o trote,

espreitou para traz, para a branca casa florida. O mocetão parára,

encostado á espingarda, sob a janella onde a rapariga morena se

debruçava entre os dous vasos de cravos. E assim encostado, depois de

rir para a moça, acenou ao Fidalgo, n'um desafio largo, com a cabeça

alta, a borla do barrete toda espetada como uma crista flammante.

Gonçalo Mendes Ramires metteu a galope pelo copado caminho d'alamos que

acompanha o riacho das Donas. Em Canta-Pedra nem se demorou a estudar

(como tencionava para proveito da sua Novella) o valle, a ribeira

espraiada, as ruinas do Mosteiro de Recadães sobre a collina, e no

cabeço fronteiro o moinho que assenta sobre as denegridas pedras da

antiga e tão fallada Honra d'Avellans. De resto o ceu, cinzento e

abafado desde manhã, entenebrecia para os lados de Craquede e de

Villa-Clara. Um bafo môrno remexeu a folhagem sedenta. E já gotas

pesadas se esmagavam na poeira--quando elle, sempre galopando, entrou na

estrada dos Bravaes.

Na Torre encontrou uma carta do Castanheiro. O patriota andava por saber

«se essa \_Torre de D. Ramires\_ se erguia emfim para honra das letras,

como a outra, a genuina, se erguera outr'ora, em seculos mais ditosos,

para orgulho das armas...» E accrescentava n'um

\_Post-Scriptum\_--«Planeio immensos cartazes, pregados a cada esquina de

cada cidade de Portugal, annunciando em letras de covado a apparição

salvadora dos \*Annaes\*! E, como tenciono prometter n'elles aos povos a

sua preciosa Novellasinha, desejo que o amigo Gonçalo me informe se ella

tem, á moda de 1830, um saboroso sub-titulo, como \_Episodios do seculo

XII\_, ou \_Chronica do Reinado de Affonso II\_, ou \_Scenas da Meia-Idade

Portugueza\_... Eu voto pelo sub-titulo. Como o sub-solo n'um edificio, o

sub-titulo n'um livro alteia e dá solidez. Á obra, pois, meu Ramires,

com essa sua imaginação feracissima!...»

Esta invenção de immensos cartazes, com o seu nome e o titulo da sua

Novella em letras de côres estridentes, enchendo cada esquina de

Portugal, deleitou o Fidalgo. E logo n'essa noite, ao rumor da chuva

densa que estalava na folhagem dos limoeiros, retomou o seu manuscripto,

parado nas primeiras linhas, amplas e sonoras, do Cap. II...

Atravez d'ellas, e na frescura da madrugada, Lourenço Mendes Ramires,

com o troço de cavalleiros e peonagem da sua mercê, corria sobre

Monte-Mór em soccorro das senhoras Infantas. Mas, ao penetrar no valle

de Canta-Pedra, eis que o esforçado filho de Tructesindo avista a

mesnada do Bastardo de Bayão, esperando desde alva (como annunciára

Mendo Paes) para tolher a passagem.--E então, n'esta sombria Novella de

sangue e homizios, brotava inesperadamente, como uma rosa na fenda d'um

bastião, um lance de amor, que o tio Duarte cantára no \*Bardo\* com

dolente elegancia.

Lopo de Bayão, cuja belleza loura de fidalgo godo era tão celebrada por

toda a terra d'Entre Minho-e-Douro que lhe chamavam o \_Claro-Sol\_, amára

arrebatadamente D. Violante, a filha mais nova de Tructesindo Ramires.

Em dia de S. João, no solar de Lanhoso, onde se celebravam lides de

toiros e jogos de tavolagem, conhecera elle a donzella explendida, que o

tio Duarte no seu Poemeto louvava com deslumbrado encanto:

Que liquido fulgor dos negros olhos!

Que fartas tranças de lustroso ebano!

E ella, certamente, rendera tambem o coração áquelle moço resplandecente

e côr d'ouro, que, n'essa tarde de festa, arremessando o rojão contra os

toiros, ganhára duas fachas bordadas pela nobre Dona de Lanhoso--e á

noite, no sarau, se requebrára com tão repicado garbo na dança dos

Marchatins... Mas Lopo era bastardo, d'essa raça de Bayão, inimiga dos

Ramires por velhissimas brigas de terras e precedencias desde o conde D.

Henrique--ainda assanhadas depois, durante as contendas de D. Tareja e

de Affonso Henriques, quando na curia dos Barões, em Guimarães, Mendo de

Bayão, bandeado com o Conde de Trava, e Ramires o \_Cortador\_, collaço do

moço Infante, se arrojaram ás faces os guantes ferrados. E, fiel ao odio

secular, Tructesindo Ramires recusára com áspera arrogancia a mão de

Violante ao mais velho dos de Bayão, um dos valentes de Silves, que pelo

Natal, na Alcaçova de S.^{ta} Ireneia, lh'a pedira para Lopo, seu

sobrinho, o \_Claro-Sol\_, offerecendo avenças quasi submissas d'alliança

e doce paz. Este ultraje revoltára o solar de Bayão--que se honrava em

Lopo, apezar de bastardo, pelo lustre da sua bravura e graça galante. E

então Lopo ferido doridamente no seu coração, mais furiosamente no seu

orgulho, para fartar o esfaimado desejo, para infamar o claro nome dos

Ramires--tentou raptar D. Violante. Era na primavera, com todas as

veigas do Mondego já verdes. A donosa senhora, entre alguns escudeiros

da Honra e parentes, jornadeava de Treixedo ao mosteiro de Lorvão, onde

sua tia D. Branca era abbadeça... Languidamente, no \*Bardo\*, descantára

o tio Duarte o romantico lance:

Junto á fonte mourisca, entre os ulmeiros,

A cavalgadura pára...

E junto aos ulmeiros da fonte surgira o \_Claro-Sol\_--que, com os seus,

espreitava d'um cabeço! Mas, logo no começo da curta briga, um primo de

D. Violante, o agigantado Senhor dos Paços d'Avellim, o desarmou, o

manteve um momento ajoelhado sob o lampejo e gume da sua adaga. E com

vida perdoada, rugindo de surda raiva, o Bastardo abalou entre os poucos

solarengos que o acompanhavam n'esta affouta arremettida. Desde então

mais fero ardera o rancor entre os de Bayão e os Ramires. E eis agora,

n'esse começo da Guerra das Infantas, os dois inimigos rosto a rosto no

valle estreito de Canta-Pedra! Lopo com um bando de trinta lanças e mais

de cem besteiros da Hoste Real. Lourenço Mendes Ramires com quinze

cavalleiros e noventa homens de pé do seu pendão.

Agosto findava: e o demorado estio amarellecera toda a relva, as

pastagens famosas do valle, até a folhagem de amieiros e freixos pela

beira do riacho das Donas que s'arrastava entre as pedras lustrosas, em

fios escassos, com dormido murmurio. Sobre um outeiro, dos lados de

Ramilde, avultava, entre possantes ruinas erriçadas de sarças, a

denegrida \_Torre Redonda\_, resto da velha Honra de Avellans, incendiada

durante as cruas rixas dos de Salzedas e dos de Landim, e agora habitada

pela alma gemente de Guiomar de Landim, a \_Mal-casada\_. No cabeço

fronteiro e mais alto, dominando o valle, o mosteiro de Recadães

estendia as suas cantarias novas, com o forte torreão, asseteado como o

d'uma fortaleza--d'onde os monges se debruçavam, espreitando, inquietos

com aquelle coriscar d'armas que desde alva enchia o valle. E o mesmo

temor acossára as aldeias chegadas--porque, sobre a crista das collinas,

se apressavam para o santo e murado refugio do convento gentes com

trouxas, carros toldados, magras filas de gados.

Ao avistar tão rijo troço de cavalleiros e peões, espalhado até á beira

do riacho por entre a sombra dos freixos, Lourenço Ramires soffreou,

susteve a leva, junto d'um montão de pedras onde apodrecia, encravada,

uma tosca cruz de pau. E o seu esculca que largára redeas soltas,

estirado sob o escudo de couro, para reconhecer a mesnada--logo voltou,

sem que frecha ou pedra de funda o colhessem, gritando:

--São homens de Bayão e da Hoste Real!

Tolhida pois a passagem! E em que desigualado recontro! Mas o denodado

Ramires não duvidou avançar, travar peleja. Sósinho que assomasse ao

valle, com uma quebradiça lança de monte, arremetteria contra todo o

arraial do Bastardo...--No emtanto já o adail de Bayão se adeantára,

curveteando no rosilho magro, com a espada atravessada por cima do

morrião que pennas de garça emplumavam. E pregoava, atroava o valle com

o rouco pregão:

--Deter, deter! que não ha passagem! E o nobre senhor de Bayão, em

recado d'El-Rey e por mercê de Sua Senhoria, vos guarda vidas salvas se

volverdes costas sem rumor e tardança!

Lourenço Ramires gritou:

--A elle, besteiros!

Os virotes assobiaram. Toda a curta ala dos cavalleiros de Santa-Ireneia

tropeou para dentro do valle, de lanças ristadas. E o filho de

Tructesindo, erguido nos estribões de ferro, debaixo do panno solto do

seu pendão que apressadamente o alferes saccára da funda, descerrou a

vizeira do casco para que lhe mirassem bem a face destemida, e lançou ao

Bastardo injurias de furioso orgulho:

--Chama outros tantos dos villões que te seguem que, por sobre elles e

por sobre ti, chegarei esta noite a Monte-Mór!

E o Bastardo, no seu fouveiro, que uma rêde de malha cobria, toda

acairelada d'ouro, atirava a mão calçada de ferro, clamava:

--Para traz, d'onde vieste, voltarás, bulrão traidor, se eu por mercê

mandar a teu pae o teu corpo n'umas andas!

Estes feros desafios rolavam em versos serenamente compassados no

Poemeto do Tio Duarte. E depois de os reforçar, Gonçalo Mendes Ramires,

(sentindo a alma enfunada pelo heroismo da sua raça como por um vento

que sopra de funda compina) arrojou um contra o outro os dous bandos

valorosos. Grande briga, grande grita...

--Ala! Ala!

--Rompe! Rompe!

--Cerra por Bayão!

--Casca pelos Ramires!

Através da grossa poeirada e do alevanto zunem os garruchões, as rudes

balas de barro despedidas das fundas. Almogavres de Santa-Ireneia,

almogavres da Hoste Real, em turmas ligeiras, carregam, topam, com

baralhado arremesso d'ascumas que se partem, de dardos que se cravam: e

ambas logo refogem, refluem--em quanto, no chão revolto, algum

mal-ferido estrebucha aos urros, e os atordoados cambaleando buscam, sob

o abrigo do arvoredo, a fresquidão do riacho. Ao meio, no embate mais

nobre da peleja, por cima dos corceis que se empinam, arfando ao peso

das coberturas de malha, as lisas pranchas dos montantes lampejam,

retinem, embebidas nas chapas dos broqueis:--e já, dos altos arções de

couro vermelho, desaba algum hirto e chapeado senhor, com um baque de

ferragens sobre a terra molle. Cavalleiros e infanções, porém, como n'um

torneio, apenas terçam lanças para se derribarem, abolados os arnezes,

com clamores de excitada ufania: e sobre a villanagem contraria, em quem

cevam o furor da matança, se abatem os seus espadões, se despenham as

suas achas, esmigalhando os cascos de ferro como bilhas de grêda.

Por entre a pionagem de Bayão e da Hoste Real Lourenço Ramires avança

mais levemente que ceifeiro apressado entre herva tenra. A cada arranque

do seu rijo murzello, alagado d'espuma, que sacode furiosamente a

testeira rostrada--sempre, entre pragas ou gritos por \_Jesus!\_ um peito

verga trespassado, braços se retorcem em agonia. Todo o seu afan era

chocar armas com Lopo. Mas o Bastardo, tão arremessado e affrontador em

combate, não se arredára n'essa manhã da lomba do outeiro onde uma fila

de lanças o guardava, como uma estacada: e com brados, não com golpes,

aquentava a lide! No ardor desesperado de romper a viva cerca Lourenço

gastava as forças, berrando roucamente pelo Bastardo com os duros

ultrajes de \_churdo!\_ e \_marrano!\_ Já d'entre a trama falseada do

camalho lhe borbulhavam do hombro, pela loriga, fios lentos de sangue.

Um lanço de virotão, que lhe partira as charneiras da greva esquerda,

fendera a perna d'onde mais sangue brotava, ensopando o forro d'estopa.

Depois, varado por uma frecha na anca, o seu grande ginete abateu,

rolou, estalando no escoucear as cilhas pregueadas. E, desembrulhado dos

loros com um salto, Lourenço Ramires encontrou em roda uma sebe erriçada

de espadas e chuços, que o cerraram--em quanto do outeiro, debruçado na

sella, o Bastardo bramava:

--Tende! tende! para que o colhaes ás mãos!

Trepando por cima de corpos, que se estorcem sob os seus sapatos de

ferro, o valente moço arremette, a golpes arquejados, contra as pontas

luzentes que recuam, se furtam... E, triumphantes, redobram os gritos de

Lopo de Bayão:

--Vivo, vivo! tomadel-o vivo!

--Não, se me restar alma, villão! rugia Lourenço.

E mais raivosamente investia, quando um calhau agudo lhe acertou no

braço--que logo amorteceu, pendeu, com a espada arrastando, presa ainda

ao punho pelo grilhão, mas sem mais servir que uma roca. N'um relance

ficou agarrado por peões que lhe filavam a gorja, emquanto outros com

varadas de ascuma lhe vergavam as pernas retesadas. Tombou por fim

direito como um madeiro;--e nas cordas com que logo o amarraram, jazeu

hirto, sem elmo, sem cervilheira, os olhos duramente cerrados, os

cabellos presos n'uma pasta de poeira e de sangue.

Eis pois captivo Lourenço Ramires! E, deante das andas feitas de ramos e

franças de faias em que o estenderam, depois de o borrifarem á pressa

com a agua fresca do riacho,--o Bastardo, limpando ás costas da mão o

suor que lhe escorria pela face formosa, pelas barbas douradas,

murmurava, commovido:

--Ah! Lourenço, Lourenço, grande dôr, que bem poderamos ser irmãos e

amigos!

Assim, ajudado pelo tio Duarte, por Walter Scott por noticias do

\_Panorama\_, compozera Gonçalo a mal-venturada lide de Canta-Pedra. E com

este desabafo de Lopo, onde perpassava a magua do amor vedado, fechou o

Cap. II, sobre que labutára tres dias--tão embrenhadamente que em torno

o Mundo como que se calára e se fundira em penumbra.

\* \* \* \* \*

Uma girandola de foguetes estoirou ao longe, para o lado dos Bravaes,

onde no Domingo se fazia a romaria celebrada da Senhora das Candeias.

Depois da chuva d'aquelles tres dias, uma frescura descia do ceu

amaciado e lavado sobre os campos mais verdes. E como ainda restava meia

hora farta antes de jantar, o Fidalgo agarrou o chapeu, e mesmo na sua

velha quinzena de trabalho, com uma bengalinha de canna, desceu á

estrada, tomou pelo caminho que s'estreita entre o muro da Torre e as

terras de centeio onde assentavam no seculo XII as barbacans da Honra de

Santa Ireneia.

Pela silenciosa vereda, ainda humida, Gonçalo pensava nos seus avós

formidaveis. Como elles resurgiam, na sua Novella, solidos e resoantes!

E realmente uma comprehensão tão segura d'aquellas almas Affonsinas

mostrava que a sua alma conservava o mesmo quilate e sahira do mesmo

rico bloco d'ouro. Porque um coração molle, ou degenerado, não saberia

narrar corações tão fortes, d'eras tão fortes:--e nunca o bom Manoel

Duarte ou o Barrôlo excellente entenderiam, bastante para lhes

reconstruir os altos espiritos, Martim de Freitas ou Affonso de

Albuquerque... N'esta fina verdade desejaria elle que os Criticos

insistissem ao estudar depois a \_Torre de D. Ramires\_--pois que o

Castanheiro lhe assegurára artigos consideraveis nas \*Novidades\* e na

\*Manhã\*. Sim! eis o que convinha marcar com relevo (e elle o lembraria

ao Castanheiro!)--que os Ricos Homens de Santa-Ireneia reviviam no seu

neto, senão pela continuação heroica das mesmas façanhas, pela mesma

alevantada comprehensão do heroismo... Que diabo! sob o reinado do

horrendo S. Fulgencio elle não podia desmantelar o solar de Bayão,

desmantelado ha seiscentos annos por seu avô Lionel Ramires--nem retomar

aos Mouros essa torreada Monforte onde o Antoninho Moreno era o languido

Governador Civil! Mas sentia a grandeza e o prestimo historico d'esse

arrojo que outr'ora impellia os seus a arrasar Solares rivaes, a escalar

Villas mouriscas: resuscitava pelo Saber e pela Arte, arrojava para a

vida ambiente, esses varões temerosos, com os seus corações, os seus

trajes, as suas immensas cutiladas, as suas bravatas sublimes: dentro do

espirito e das expressões do seu Seculo era pois um bom Ramires--um

Ramires de nobres energias, não façanhudas, mas intellectuaes, como

competia n'uma Edade d'intellectual descanço. E os jornaes, que tanto

motejam a decadencia dos Fidalgos de Portugal, deveriam em justiça

affirmar (e elle o lembraria ao Castanheiro!):--«Eis ahi um, e o maior,

que, com as fórmas e os modos do seu tempo, continua e honra a sua

raça!»

Através d'estes pensamentos, que mais lhe enrijavam as passadas sobre

chão tão calcado pelos seus--o Fidalgo da Torre chegára á esquina do

muro da quinta, onde uma ladeirenta e apertada azinhaga a divide do

pinheiral e da matta. Do portão nobre, que outr'ora se erguera n'esse

recanto com lavores e brazão d'armas, restam apenas os dois humbraes de

granito, amarellados de musgo, cerrados contra o gado por uma cancella

de taboas mal pregadas, carcomidas da chuva e dos annos. E n'esse

momento, da azinhaga funda, apagada em sombra, subia chiando, carregado

de matto, um carro de bois, que uma linda boeirinha guiava.

--Nosso Senhor lhe dê muito boas tardes!

--Boas tardes, flôrzinha!

O carro lento passou. E logo atraz surdio um homem, esgrouviado e

escuro, trazendo ao hombro o cajado, d'onde pendia um mólho de cordas.

O Fidalgo da Torre reconheceu o José Casco dos Bravaes. E seguia, como

desattento, pela orla do pinheiral, assobiando, raspando com a

bengalinha as silvas floridas do vallado. O outro porém estugou o passo

esgalgado, lançou duramente, no silencio do arvoredo e da tarde, o nome

do Fidalgo. Então, com um pulo do coração, Gonçalo Mendes Ramires parou,

forçando um sorriso affavel:

--Olá! É vossê, José! Então que temos?

O Casco engasgára, com as costellas a arfar sob a encardida camisa de

trabalho. Por fim, desenfiando das cordas o marmelleiro que cravou no

chão pela choupa:

--Temos que eu fallei sempre claro com o Fidalgo, e não era para que

depois me faltasse á palavra!

Gonçalo Ramires levantou a cabeça com uma dignidade lenta e

custosa--como se levantasse uma massa de ferro:

--Que está vossê a dizer, Casco? Faltar á palavra! em que lhe faltei eu

á palavra?... Por causa do arrendamento da Torre? Essa é nova! Então

houve por acaso escriptura assignada entre nós? Você não voltou, não

appareceu...

O Casco emmudecera, assombrado. Depois, com uma colera em que lhe

tremiam os beiços brancos, lhe tremiam as seccas mãos cabelludas,

fincadas ao cabo do varapau:

--Se houvesse papel assignado o Fidalgo não podia recuar!... Mas era

como se houvesse, para gente de bem!... Até V. S.^a disse, quando eu

acceitei: «viva! está tratado!...» O fidalgo deu a sua palavra!

Gonçalo, enfiado, apparentou a paciencia d'um senhor benevolo:

--Escute, José Casco. Aqui não é logar, na estrada. Se quer conversar

commigo appareça na Torre. Eu lá estou sempre, como vossê sabe, de

manhã... Vá ámanhã, não me encommóda.

E endireitava para o pinhal, com as pernas molles, um suor arripiado na

espinha--quando o Casco, n'um rodeio, n'um salto leve, atrevidamente se

lhe plantou diante, atravessando o cajado:

--O Fidalgo ha-de dizer aqui mesmo! O Fidalgo deu a sua palavra!... A

mim não se me fazem d'essas desfeitas... O Fidalgo deu a sua palavra!

Gonçalo relanceou esgaseadamente em redor, na ancia d'um soccorro. Só o

cercava solidão, arvoredo cerrado. Na estrada, apenas clara sob um resto

de tarde, o carro de lenha, ao longe, chiava, mais vago. As ramas altas

dos pinheiros gemiam com um gemer dormente e remoto. Entre os troncos já

se adensava sombra e nevoa. Então, estarrecido, Gonçalo tentou um

refúgio na ideia de Justiça e de Lei, que aterra os homens do campo. E

como amigo que aconselha um amigo, com brandura, os beiços resequidos e

tremulos:

--Escute, Casco, escute, homem! As coisas não se arranjam assim, a

gritar. Póde haver desgosto, apparecer o regedor. Depois é o tribunal, é

a cadeia. E você tem mulher, tem filhos pequenos... Escute! Se descobriu

motivo para se queixar, vá á Torre, conversamos. Pacatamente tudo se

esclarece, homem... Com berros, não! Vem o cabo, vem a enxovia...

Então de repente o Casco cresceu todo, no solitario caminho, negro e

alto como um pinheiro, n'um furor que lhe esbugalhava os olhos

esbraseados, quasi sangrentos:

--Pois o Fidalgo ainda me ameaça com a justiça!... Pois ainda por cima

de me fazer a maroteira me ameaça com a cadeia!... Então, com os diabos!

primeiro que entre na cadeia lhe hei-de eu esmigalhar esses ossos!...

Erguera o cajado...--Mas, n'um lampejo de razão e respeito, ainda

gritou, com a cabeça a tremer para traz, atravez dos dentes cerrados:

--Fuja, fidalgo, que me perco!... Fuja que o mato e me perco!

Gonçalo Mendes Ramires correu á cancella entalada nos velhos humbraes de

granito, pulou por sobre as taboas mal pregadas, enfiou pela latada que

orla o muro, n'uma carreira furiosa de lebre acossada! Ao fim da vinha,

junto aos milheiraes, uma figueira brava, densa em folha, alastrára

dentro d'um espigueiro de granito destelhado e desusado. N'esse

esconderijo de rama e pedra se alapou o Fidalgo da Torre, arquejando. O

crepusculo descera sobre os campos--e com elle uma serenidade em que

adormeciam frondes e relvas. Affoutado pelo silencio, pelo socego,

Gonçalo abandonou o cerrado abrigo, recomeçou a correr, n'um correr

manso, na ponta das botas brancas, sobre o chão molle das chuvadas, até

ao muro da Mãe d'Agua. De novo estacou, esfalfado. E julgando entrever,

longe, á orla do arvoredo, uma mancha clara, algum jornaleiro em mangas

de camisa, atirou um berro ancioso:--«Oh! Ricardo! Oh! Manoel! Eh lá!

alguem! Vai ahi alguem?...»--A mancha indecisa fundira na indecisa

folhagem. Uma rã pinchou n'um regueiro. Estremecendo, Gonçalo retomou a

carreira até ao canto do pomar--onde encontrou fechada uma porta, velha

porta mal segura, que abanava nos gonzos ferrugentos. Furioso, atirou

contra ella os hombros que o terror enrijára como trancas. Duas taboas

cederam, elle furou atravez, esgaçando a quinzena n'um prégo.--E

respirou emfim no agazalho do pomar murado, deante das varandas da casa

abertas á frescura da tarde, junto da Torre, da sua Torre, negra e de

mil annos, mais negra e como mais carregada d'annos contra a macia

claridade da lua-nova que subia.

Com o chapeu na mão, enxugando o suor, entrou na horta, costeou o

feijoal. E agora subitamente sentia uma colera amarga pelo desamparo em

que se encontrára, n'uma quinta tão povoada, exameando de gentes e

dependentes! Nem um caseiro, nem um jornaleiro, quando elle gritára, tão

afflicto, da borda da Mãe d'Agua! De cinco creados nenhum acudira,--e

elle perdido, alli, a uma pedrada da eira e da abegoaria! Pois que dois

homens corressem com paus ou enxadas--e ainda colhiam o Casco na

estrada, o malhavam como uma espiga.

Ao pé do gallinheiro, sentindo uma risada fina de rapariga, atravessou o

pateo para a porta alumiada da cosinha. Dois moços da horta, a filha da

Crispola, a Rosa, tagarellavam, regaladamente sentados n'um banco de

pedra, sob a fresca escuridão da latada. Dentro o lume estrallejava--e a

panella do caldo, fervendo, rescendia. Toda a colera do Fidalgo rompeu:

--Então, que sarau é este? Vocês não me ouviram chamar?... Pois

encontrei lá em baixo, ao pé do pinheiral, um bebedo, que me não

conheceu, veiu para mim \_com uma foice\_!... Felizmente levava a bengala.

E chamo, grito... Qual! Tudo aqui de palestra, e a ceia a cozer! Que

desaforo! Outra vez que succeda, todos para a rua... E quem resmungar, a

cacete!

A sua face chammejava, alta e valente. A pequena da Crispola logo se

escapulira, encolhida, para o recanto da cosinha, para traz da maceira.

Os dois moços, erguidos, vergavam como duas espigas sob um grande vento.

E emquanto a Rosa, aterrada, se benzia, se derretia em lamentações sobre

«desgraças que assim s'armam!»--Gonçalo, deleitado pela submissão dos

dois homens, ambos tão rijos, com tão grossos varapaus encostados á

parede, amansava:

--Realmente! sois todos surdos, n'esta pobre casa!... Além d'isso a

porta do pomar fechada! Tive de lhe atirar um empurrão. Ficou em

pedaços.

Então um dos moços, o mais alentado, ruivo, com um queixo de cavallo,

pensando que o Fidalgo censurava a frouxidão da porta pouco cuidada,

coçou a cabeça, n'uma desculpa:

--Pois, com perdão do fidalgo!... Mas já depois da saída do Relho se lhe

pôz uma travessa e fechadura nova... E valente!

--Qual fechadura! gritou, o Fidalgo soberbamente. Despedacei a

fechadura, despedacei a travessa... Tudo em estilhas!

O outro moço, mais desembaraçado e esperto, riu, para agradar:

--Santo nome de Deus!... Então, é que o fidalgo lhe atirou com força!

E o companheiro, convencido, espetando o queixo enorme:

--Mas que força! a matar! Que a porta era rija... E fechadura nova, já

depois do Relho!

A certeza da sua força, louvada por aquelles fortes, reconfortou

inteiramente o fidalgo da Torre, já brando, quasi paternal:

--Graças a Deus, para arrombar uma porta, mesmo nova, não me falta

força. O que eu não podia, por decencia, era arrastar ahi por essas

estradas um bebedo com uma foice até casa do Regedor... Foi para isso

que chamei, que gritei. Para que vossês o agarrassem, o levassem ao

Regedor!... Bem, acabou. Oh! Rosa, dê a estes rapazes, para a ceia, mais

uma caneca de vinho... A vêr se para outra vez se affoutam, se

apparecem...

Era agora como um antigo senhor, um Ramires d'outros seculos, justo e

avisado, que reprehende uma fraqueza dos seus solarengos--e logo perdôa

por conta e amor das façanhas proximas. Depois com a bengala ao hombro,

como uma lança, subio pela lobrega escada da cozinha. E em cima no

quarto, apenas o Bento entrára para o vestir, recomeçou a sua epopeia,

mais carregada, mais terrifica--assombrando o sensivel homem, estacado

rente da commoda, sem mesmo pousar a enfusa d'agoa quente, as botas

envernisadas, a braçada de toalhas que o ajoujavam... O Casco! O José

Casco dos Bravaes, bebedo, rompendo para elle, sem o conhecer, com uma

foice enorme, a berrar--«Morra, que é marrão!...» E elle na estrada,

deante do bruto, de bengalinha! Mas atira um salto, a foiçada resvala

sobre um tronco de pinheiro... Então arremette desabaladamente,

brandindo a bengala, gritando pelo Ricardo e pelo Manoel como se ambos o

escoltassem--e ataranta o Casco, que recua, se some pela azinhaga, a

cambalear, a grunhir...

--Hein, que te parece? Se não é a minha audacia, o homem positivamente

me ferra um \_tiro de espingarda\_!

O Bento, que quasi se babava, com o jarro esquecido a pingar no tapete,

pestanejou, confuso, mais attonito:

--Mas o Snr. Dr. disse que era uma foice!

Gonçalo bateu o pé, impaciente:

--Correu para mim com uma foice. Mas vinha atraz do carro... E no carro

trazia uma espingarda. O Casco é caçador, anda sempre d'espingarda...

Emfim estou aqui vivo, na Torre, por mercê de Deus. E tambem porque

felizmente, n'estes casos, não me falta decisão!

E apressou o Bento--porque com o abalo, o esforço, positivamente lhe

tremiam as pernas de cançasso e de fome... Além da sêde!

--Sobretudo sêde! Esse vinho que venha bem fresco... Do Verde e do

Alvaralhão, para misturar.

O Bento, com um tremulo suspiro da emoção atravessada, enchera a bacia,

estendia as toalhas. Depois, gravemente:

--Pois, Snr. Dr., temos esse andaço nos sitios! Foi o mesmo que succedeu

ao Snr. Sanches Lucena, na \_Feitosa\_...

--Como, ao Snr. Sanches Lucena?

O Bento desenrolou então uma tremenda historia trazida á Torre, durante

a estada do Snr. Doutor em Oliveira, pelo cunhado da Crispola, o Ruy

carpinteiro, que trabalhava nas obras da \_Feitosa\_. O Snr. Sanches

Lucena descêra uma tarde, ao lusco fusco, á porta do Mirante, quando

passam na estrada dous jornaleiros, bebedos ou facinoras, que implicam

com o excellente senhor. E chufas, risinhos, momices... O Snr. Sanches,

com paciencia, aconselhou os homens que seguissem, não se desmandassem.

De repente um d'elles, um rapazola, sacode a jaqueta do hombro, ergue o

cajado! Felizmente o companheiro, que se affirmára, ainda gritou:--«Ai!

rapaz, que elle é o nosso deputado!» O rapazola abalou, espavorido. O

outro até se atirou de joelhos deante do Snr. Sanches Lucena... Mas o

pobre senhor, com o abalo, recolheu á cama!

Gonçalo acompanhára a historia, seccando vagarosamente as mãos á toalha,

impressionado:

--Quando foi isso?

--Pois disse ao Snr. Dr.... Quando o Snr. Dr. estava em Oliveira. Um dia

antes ou um dia depois dos annos da Snr.^a D. Graça.

O Fidalgo arremessou a toalha, limpou pensativamente as unhas. Depois

com um risinho incerto e leve:

--Emfim, sempre serviu d'alguma coisa ao Sanches Lucena ser deputado por

Villa-Clara...

E já vestido, abastecendo a charuteira (porque resolvera passar a noite

na Villa, a desabafar com o Gouveia)--de novo se voltou para Bento, que

arrumava a roupa:

--Então o bebedo, quando o outro lhe gritou «Ai, que é o nosso

deputado,» cahiu em si, fugiu, hein?... Ora vê tu! Ainda vale ser

deputado! Ainda inspira respeito, homem! Pelo menos inspira mais

respeito que descender dos reis de Leão!... Paciencia, toca a jantar.

\* \* \* \* \*

Durante o jantar, misturando copiosamente o Verde e o Alvaralhão,

Gonçalo não cessou de ruminar a ousadia do Casco. Pela vez primeira, na

historia de Santa Ireneia, um lavrador d'aquellas aldêas, crescidas á

sombra da Casa illustre, por tantos seculos senhora em monte e valle,

ultrajava um Ramires! E brutamente, alçando o cajado, deante dos muros

da quinta historica!... Contava seu pae que, em vida do bisavô Ignacio,

ainda desde Ramilde até Corinde os homens dobravam o joelho nos caminhos

quando passava o Senhor da Torre. E agora levantavam a foice!... E

porque? Por que elle não se desfalcára submissamente das suas rendas em

proveito d'um façanhudo!--Em tempos do avô Tructesindo, villão de tal

attentado assaria, como porco montez, n'uma ruidosa fogueira, deante das

barbacans da Honra. Ainda em dias do bisavô Ignacio apodreceria n'uma

masmorra. E o Casco não podia escapar sem castigo. A impunidade só lhe

incharia a audacia: e assomado, rancoroso, n'outro encontro, sem mais

fallas, desfechava a caçadeira. Oh! não lhe desejava um mal duravel,

coitado, com dois filhos pequeninos--um que mamava. Mas que o

arrastassem á Administração, algemado, entre dois cabos de policia--e

que na triste saleta, d'onde se avistam as grades da cadeia, apanhasse

uma reprehensão tremenda do Gouveia, do Gouveia muito secco, muito

esticado na sobrecasaca negra... Assim se devia resguardar, por meios

tortuosos--pois que não era deputado, e que, com o seu talento, o seu

nome, essa espantosa linhagem d'avós que edificára o Reino, carecia o

prestigio d'um Sanches Lucena, o precioso prestigio que suspende no ar

os varapáus atrevidos!

Apenas findou o café, mandou pelo Bento avisar os dous moços da horta, o

Ricardo e o outro de queixo de cavallo, que o esperassem no pateo,

armados. Porque na Torre ainda sobrevivia uma «Sala d'armas»--cacifro

tenebroso, junto ao Archivo, onde se amontoavam peças aboladas

d'armaduras, um lorigão de malha, um broquel mourisco, alabardas,

espadões, polvarinhos, bacamartes de 1820, e entre esta poeirenta

ferralhagem negra tres espingardas limpas com que os moços da quinta, na

romaria de S. Gonçalo, atiravam descargas em louvor do Santo.

Depois, elle, encafuou o revólver na algibeira, desenterrou do armario

do corredor um velho bengalão de cabo de chumbo entrançado, agarrou um

apito. E assim precavido, aquecido pelo Verde e pelo Alvaralhão, com os

dous creados de caçadeira ao hombro, importantes e tesos, partiu para

Villa-Clara, procurar o Snr. Administrador do Concelho. A noite envolvia

os campos em socego e frescura. A lua nova, que alimpára o tempo, roçava

a crista dos outeiros de Valverde como a roda lustrosa d'um carro de

ouro. No silencio os rijos sapatões pregueados dos dous jornaleiros

resoavam em cadencia. E Gonçalo adiante, de charuto flammante, gosava

aquella marcha, em que de novo um Ramires trilhava os caminhos de Santa

Ireneia com homens da sua mercê e solarengos armados.

Ao começo da villa, porém, recolheu discretamente a escolta na taverna

da Serena: e elle cortou para o Mercado da Herva, para a Tabacaria do

Simões, onde o Gouveia, áquella hora, antes da partida da Assembléa,

costumava pousar, comprar uma caixa de phosphoros, considerar

pensativamente na vidraça as cautelas da Loteria. Mas n'essa noite o

Snr. Administrador faltára ao Simões costumado. Largou então para a

Assembléa: e logo em baixo, no bilhar, um sujeito calvo, que contemplava

as carambolas solitarias do marcador, espapado na bancada, de collete

desabotoado, mascando um palito--informou o Fidalgo da doença do amigo

Gouveia:

--Cousa leve, inflammação de garganta... V. Ex.^a de certo o encontra em

casa. Não arreda do quarto desde Domingo.

Outro cavalheiro porém, que remexia o seu café á esquina d'uma mesa

atulhada de garrafas de licôr, affiançou que o Snr. Administrador já

espairecera n'essa tarde. Ainda pelas cinco horas elle o encontrára na

Amoreira, com o pescoço atabafado n'uma manta de lã.

Gonçalo, impaciente, abalou para a Calçadinha. E atravessava o Largo do

Chafariz quando descortinou o desejado Gouveia, á porta muito alumiada

da loja de pannos do Ramos, conversando com um homemzarrão de forte

barba retinta e de guarda-pó alvadio.

E foi o Gouveia, que, de dedo espetado, investiu para Gonçalo:

--Então, já sabe?

--O quê?

--Pois não sabe, homem?... O Sanches Lucena!

--O quê?

--Morreu!

O fidalgo embasbacou para o Administrador, depois para o outro

cavalheiro, que repuxava na mão enorme, com um esforço inchado, uma luva

preta apertada e curta.

--Santo Deus!... Quando?

--Esta madrugada. De repente. «Angina pectoris,» não sei quê no

coração... De repente, na cama.

E ambos se consideraram, em silencio, no espanto renovado d'aquella

morte que impressionava Villa-Clara. Por fim Gonçalo:

--E eu ainda ha bocado, na Torre, a fallar d'elle! E, coitado, como

sempre, com pouca admiração...

--E eu! exclamou o Gouveia. Eu, que ainda hontem lhe escrevi!... E uma

carta comprida, por causa d'um empenho do Manoel Duarte... Foi o cadaver

que recebeu a carta.

--Boa piada! rosnou o sujeito obeso, que se debatia ferrenhamente contra

a luva. O cadaver recebeu a carta... Boa piada!

O Fidalgo torcia o bigode, pensativo:

--Ora, ora... E que edade tinha elle?

O Gouveia sempre o imaginára um completo velho, de setenta invernos.

Pois não! apenas sessenta, em Dezembro. Mas consumido, arrasado. Casára

tarde, com fêmea forte...

--E ahi temos a bella D. Anna, viuva aos vinte e oito annos, sem filhos,

naturalmente herdeira, com o seu mealheiro de duzentos contos... Talvez

mais!

--Boa maquia! roncou de novo o oupado homem que enfiára a luva, e agora

gemia, com as veias tumidas, para lhe apertar o colchete.

Aquelle cavalheiro constrangia o Fidalgo--ancioso por desafogar com o

Gouveia sobre «a vacatura politica,» assim inesperadamente aberta, no

circulo de Villa-Clara, pela brusca desapparição do Chefe tradicional. E

não se conteve, puchou o Administrador pelo botão da sobrecasaca para a

sombra favoravel da parede:

--Oh! Gouveia! então agora, hein?... Temos eleição supplementar... Quem

virá pelo circulo?

E o Administrador, muito simplesmente, sem se resguardar do homemzarrão

de guarda-pó, que, emfim enluvado, accendera o charuto, se acercava com

familiaridade--deduziu os factos:

--Agora, meu amigo, com o tio do Cavalleiro ministro da Justiça e o José

Ernesto ministro do Reino, vae deputado pelo circulo quem o André

Cavalleiro mandar. É claro... O Sanches Lucena manteve sempre o seu

logar em S. Bento por uma indicação natural do partido. Era aqui o

primeiro homem, o grande homem dos Historicos... Bem! Hoje, para decidir

o Governo, como falta a indicação natural do partido, que resta? O

desejo pessoal do Cavalleiro. Você sabe como o Cavalleiro é

regionalista. Pelo circulo pois, logicamente, sahe quem se apresente ao

Cavalleiro como um bom continuador do Lucena, pela influencia e pela

estabilidade territorial... N'outro circulo ainda se podia encaixar á

pressa um deputado fabricado em Lisboa, nas Secretarias. Aqui não! O

deputado tem de ser local e Cavalleirista. E o proprio Cavalleiro,

acredite você, está a esta hora embaraçado.

O gordalhufo murmurou com importancia, atravez do immenso charuto que

mamava:

--Amanhã já estou com elle, já sei...

Mas o Administrador emmudecera, coçava o queixo, cravando em Gonçalo os

olhos espertos, que rebrilhavam, como se uma ditosa idéa, quasi uma

inspiração, o illuminasse. E de repente, para o outro, que cofiava a

barba retinta:

--Pois, meu caro senhor, até além d'ámanha. Ficamos entendidos. Eu

remetto o cestinho dos queijos directamente ao Snr. Conselheiro.

Tomou o braço de Gonçalo, que apertou com impaciencia. E sem attender

mais ao homemzarrão, que saudava rasgadamente, arrastou o Fidalgo para a

Calçadinha silenciosa:

--Oh, Gonçalo, ouça lá... Vossê agora tinha uma occasião soberba! Você,

se quizesse, dentro de poucos dias, estava deputado por Villa-Clara!

O Fidalgo da Torre estacára--como se uma estrella de repente se

despenhasse na rua mal allumiada.

--Ora escute! exclamou o Administrador, largando o braço de Gonçalo,

para desenrolar mais livremente a sua idéa. Você não tem compromissos

serios com os Regeneradores. Você deixou Coimbra ha um anno, tenta agora

a vida publica, nunca fez acto definitivo de partidario. Lá uma ou outra

correspondencia para os jornaes, historias!...

--Mas...

--Escute, homem! Você quer entrar na Politica? Quer. Então, pelos

Historicos ou pelos Regeneradores, pouco importa. Ambos são

constitucionaes, ambos são christãos... A questão é entrar, é furar. Ora

você, agora, inesperadamente, encontra uma porta aberta. O que o póde

embaraçar? As suas inimisades particulares com o Cavalleiro? Tolices!

Atirou um gesto, largo e secco, como se varresse essas puerilidades:

--Tolices! Entre vocês não ha morte d'homem. Nem vocês, no fundo, são

inimigos. O Cavalleiro é rapaz de talento, rapaz de gosto... Não vejo

outro, aqui no districto, com quem você tenha mais conformidade de

espirito, de educação, de maneiras, de tradições... N'uma terra pequena,

mais dia menos dia, fatalmente, se impunha a reconciliação. Então seja

agora, quando a reconciliação o leva ás Camaras!... E repito. Pelo

circulo de Villa-Clara sahe deputado quem o Cavalleiro mandar!

O Fidalgo da Torre respirou, com esforço, na emoção que o suffocava. E

depois d'um silencio em que tirára o chapéo, abanára com elle,

pensativamente, a face descahida:

--Mas o Cavalleiro, como você disse, é todo local todo regional... Não

quererá impôr senão um homem como o Lucena, com fortuna, com

influencia...

O outro parou, alargou os braços:

--E então, você?... Que diabo! Você tem aqui propriedade. Tem a Torre,

tem Treixedo. Sua irmã hoje é rica, mais rica que o Lucena. E depois o

nome, a familia... Vocês, os Ramires, estão estabelecidos, com solar em

Santa Ireneia, ha mais de duzentos annos.

O fidalgo da Torre ergueu com viveza a cabeça:

--Duzentos?... Ha mil, ha quasi mil!

--Ora ahi tem! Ha mil annos. Uma casa anterior á monarchia. Pelo menos

coeva! Você é portanto mais fidalgo que o Rei! E então, isso não é uma

situação muito superior á do Lucena? Sem contar a intelligencia... Oh!

diabo!

--Que foi?

--A garganta... Uma picadita na garganta. Ainda não estou consolidado.

E decidiu logo recolher, gargarejar, porque o Dr. Macedo prohibira as

noitadas festivas. Mas Gonçalo acompanhava até á porta o amigo Gouveia.

E, conchegando o abafo de lã, o Administrador resumiu a sua idéa:

--Pelo circulo de Villa-Clara, Gonçalinho, sahe quem o Cavalleiro

mandar. Ora o Cavalleiro, creia você, tem immenso empenho de o eleger,

de o lançar na Politica. Se você portanto estender a mão ao Cavaleiro, o

circulo é seu. O Cavalleiro tem o maior, o maiorissimo empenho,

Gonçalinho!

--Isso é que eu não sei, João Gouveia...

--Sei eu!

E em confidencia, na solidão da Calçadinha, João Gouveia revelou ao

Fidalgo que o Cavalleiro anciava pela occasião de reatar a velha

fraternidade com o seu velho Gonçalo! Ainda na semana passada o

Cavalleiro lhe affirmára (palavras textuaes):--«Entre os rapazes d'esta

geração nenhum com mais seguro e mais largo futuro na Politica que o

Gonçalo. Tem tudo! grande nome, grande talento, a seducção, a

eloquencia... Tem tudo! E eu, que conservo pelo Gonçalo todo o carinho

antigo, gostava ardentemente, ardentissimamente, de o levar ás Camaras.»

--Palavras textuaes, meu amigo!... Ainda ha seis ou sete dias, em

Oliveira, depois do jantar, a tomarmos ambos café no quintal.

A face de Gonçalo ardia na sombra, devorando as revelações do

Administrador. Depois, com lentidão, como descobrindo candidamente todos

os recantos da sua alma:

--Eu, na realidade, tambem conservo a antiga sympathia pelo Cavalleiro.

E certas questões intimas adeus!... Envelheceram, caducaram, tão

obsoletas hoje como os aggravos dos Horacios e dos Curiacios... Como

você lembrou ha pouco, com razão, nunca se ergueu entre nós morte de

homem. Que diabo! Eu fui educado com o Cavalleiro, eramos como irmãos...

E acredite você, Gouveia! Sempre que o vejo, sinto um appetite doido,

mas doido, de correr para elle, de lhe gritar: «Oh! André! nuvens

passadas não voltam, atira para cá esses ossos!» Creia você, não o faço

por timidez... É timidez... Oh! não, lá por mim, estou prompto á

reconciliação, todo o coração m'a pede! Mas elle?... Porque, emfim,

Gouveia, eu, nas minhas Correspondencias para a \_Gazeta do Porto\_, tenho

sido feroz com o Cavalleiro!

João Gouveia parou, de bengala ao hombro, considerando o fidalgo com um

sorriso divertido:

--Nas Correspondencias? Que lhe tem você dito nas Correspondencias? Que

o Snr. Governador Civil é um despota, e um D. Juan?... Meu caro amigo,

todo o homem gosta que, por opposição politica, lhe chamem despota e D.

Juan. Você imagina que elle se affligiu? Ficou simplesmente babádo!

O fidalgo murmurou, inquieto:

--Sim! Mas as allusões á bigodeira, á guedelha...

--Oh! Gonçalinho! Bellos cabellos annellados, bellos bigodes torcidos,

não são defeitos de que um macho se envergonhe... Pelo contrario! Todas

as mulheres admiram. Você pensa que ridicularisou o Cavalleiro? Não!

annunciou simplesmente ás madamas e meninas, que lêem a \_Gazeta do

Porto\_, a existencia d'um mocetão esplendido que é Governador Civil

d'Oliveira.

E parando de novo (por que defronte, na esquina, luziam as duas janellas

abertas da sua casa), o Administrador estendeu o dedo firme para um

conselho supremo:

--Gonçalo Mendes Ramires, você ámanhã manda buscar a parelha do Torto,

salta para a sua caleche, corre á cidade, entra pelo Governo Civil de

braços abertos, e grita sem outro prologo:--«André, o que lá vae, lá

vae, venham essas costellas! E como o circulo está vago, venha tambem

esse circulo!»--E você, dentro de cinco ou seis semanas, é o Snr.

Deputado por Villa-Clara, com todos os sinos a repicar... Quer tomar

chá?

--Não, obrigado.

--Bem, então viva! Tipoia ámanhã e Governo Civil. Está claro, é

necessario arranjar um pretexto...

O fidalgo acudiu, com alvoroço:

--Eu tenho um pretexto! Não!... Quero dizer, tenho necessidade real,

absoluta, de fallar com o Cavalleiro ou com o Secretario Geral. É uma

questão de caseiro... Até por causa d'essa infeliz trapalhada o

procurava eu hoje a você, Gouveia!

E aldravou a aventura do Casco, com traços mais pesados que a

ennegreciam. Durante semanas, afferradamente, esse fatal Casco o

torturára para lhe arrendar a Torre. Mas elle tratára com o Pereira, o

Pereira Brazileiro, por uma renda explendidamente superior á que o Casco

offerecia a gemer. Desde então o Casco rugia, ameaçava, por todas as

tabernas da Freguezia. E, n'essa tarde, surde d'uma azinhaga, rompe para

elle, de varapau erguido! Mercê de Deus, lá se defendera, lá sacudira o

bruto, com a bengala. Mas agora, sobre o seu socego, sobre a sua vida,

pairava a affronta d'aquelle cajado. E, se o assalto se renovasse, elle

varava o Casco com uma bala, como um bicho montez... Urgia pois que o

amigo Gouveia chamasse o homem, o reprehendesse rijamente, o entaipasse

mesmo por algumas horas na cadeia...

O Administrador, que escutára palpando a garganta, atalhou logo, com a

mão espalmada:

--Governo Civil, caro amigo, Governo Civil! Esses casos de prisão

preventiva pertencem ao Governo Civil. Reprehensão não basta, com tal

féra!... Só cadeia, um dia de cadeia, a meia ração... O Governo Civil

que me mande um officio ou telegramma. Você realmente corre perigo. Nem

um instante a perder!... Amanhã tipoia e Governo Civil. Mesmo por amor

da Ordem Publica!

E Gonçalo, compenetrado, com os hombros vergados, cedeu ante esta

soberana razão da Ordem Publica:

--Bem, João Gouveia, bem!... Com effeito é uma questão de Ordem Publica.

Vou ámanhã ao Governo Civil.

--Perfeitamente, concluiu o Administrador puxando o cordão da campainha.

Dê recados meus ao Cavalleiro. E só lhe digo que havemos de arranjar uma

votação tremenda, e foguetorio, e vivas, e ceia magna no Gago... Você

não quer tomar chá, não? Então, boas noites... E olhe! D'aqui a dous

annos, quando você fôr ministro, Gonçalo Mendes Ramires, recorde esta

nossa conversa, á noite, na Calçadinha de Villa-Clara!

Gonçalo seguiu pensativamente por defronte do Correio; torneou a branca

escadaria da Egreja de S. Bento; metteu, alheado e sem reparar, pela

estrada plantada de acacias que conduz ao Cemiterio. E, n'aquelle alto

da Villa, d'onde, ao desembocar da Calçadinha, se abrange a largueza

rica dos campos desde Valverde a Craquêde--sentiu que tambem na sua

vida, apertada e solitaria como a Calçadinha, se alargára um arejado

espaço cheio d'interessante bulicio e de abundancia. Era o muro, em que

sempre se imaginára irreparavelmente cerrado, que de repente rachava.

Eis a fenda facilitadora! Para além reluziam todas as bellas realidades

que desde Coimbra appetecera! Mas...--Mas no atravessar da fenda fragosa

de certo se rasgaria a sua dignidade ou se rasgaria o seu orgulho. Que

fazer?...

Sim! seguramente! Estendendo os braços ao animal do Cavalleiro

conquistava a sua Eleição. O circulo, infeudado aos Historicos, elegeria

submissamente o Deputado que o chefe Historico ordenasse com indolente

aceno. Mas essa reconciliação importava a entrada triumphal do

Cavalleiro na quieta casa do Barrôlo... Elle vendia pois o socego da

irmã por uma cadeira em S. Bento! Não! não podia por amor de

Gracinha!--E Gonçalo suspirou, com ruidoso suspiro, no luminoso silencio

da estrada.

Agora porém, durante tres, quatro annos, os Regeneradores não trepavam

ao Governo. E elle, alli, atravez d'esses annos, no buraco rural,

jogando voltaretes somnolentos na Assembléa da Villa, fumando cigarros

calaceiros nas varandas dos Cunhaes, sem carreira, parado e mudo na

vida, a ganhar musgo, como a sua caduca, inutil Torre! Caramba! era

faltar cobardemente a deveres muito santos para comsigo e para com o seu

nome!... Em breve os seus camaradas de Coimbra penetrariam nos altos

Empregos, nas ricas Companhias; muitos nas Camaras por vacaturas

abençoadas como a do Sanches; um ou outro mesmo, mais audaz ou servil,

no Ministerio. Só elle, com talentos superiores, um tal brilho

historico, jazeria esquecido e resmungando como um côxo n'uma estrada

quando passa a romaria. E por quê? Pelo receio pueril de pôr a bigodeira

atrevida do Cavalleiro muito perto dos fracos labios de Gracinha... E

por fim esse receio constituia uma injuria, uma nojenta injuria, á

seriedade da irmã. Porque Portugal não se honrava com mulher mais

rigidamente seria, de mais grave e puro pensar! Aquelle corpinho

ligeiro, que o vento levava, continha uma alma heroica. O Cavalleiro?...

Podia sua exc.^a sacudir a guedelha com graça fatal, jorrar dos olhos

pestanudos a languidez ás ondas--que Gracinha permaneceria tão

inaccessivel e solida na sua virtude como se fosse insexual e de

marmore. Oh, realmente, por Gracinha, elle abriria ao Cavalleiro todas

as portas dos Cunhaes--mesmo a porta do quarto d'ella, e bem larga, com

uma solidão bem preparada!... E depois não se cuidava de uma donzella,

nem d'uma viuva. Na casa do Largo d'El-Rei governava, mercê de Deus,

marido brioso, marido rijo. A esse, só a esse, competia escolher as

intimidades do seu lar--e n'elle manter quietação e recato. Não! esse

receio de uma imaginavel fragilidade de Gracinha, da sua honrada, altiva

Gracinha--esse receio, perverso e louco, certamente o devia varrer, com

o coração desafogado e sorrindo.--E, na clara solidão da estrada,

Gonçalo Mendes Ramires atirou um gesto decidido e terminante que varria.

Restava porém a sua propria humilhação. Desde annos, ruidosamente,

conversando e escrevendo, em Coimbra, em Villa-Clara, em Oliveira, na

\*Gazeta do Porto\*--elle demolira o Cavalleiro! E subiria agora, de

espinhaço vergado, as escadarias do Governo Civil, murmurando o

seu--\_peccavi, mea culpa, mea maxima culpa\_?... Que escandalo na

cidade!--«O Fidalgo da Torre lá precisou e lá veio...» Era o

transbordante triumpho do Cavalleiro. O unico homem que no Districto se

conservava erguido, pelejando, trovejando as verdades--desarmava,

emmudecia, e encolhidamente se enfileirava no sequito louvaminheiro de

Sua Exc.^a! Bem duro!... Mas, que diabo, havia superiormente o interesse

do paiz!--E, tão admiravel lhe appareceu esta razão, que a bradou com

ardôr na mudez da estrada:--«Ha o paiz!...»

Sim, o paiz! Quantas reformas a proclamar, a realisar! Em Coimbra, no

quinto anno, já se occupára da Instrucção Publica--d'uma remodelação do

Ensino, todo industrial, todo colonial, sem latim, sem ociosas

bellas-lettras, creando um povo formigueiro de Productores e

d'Exploradores... E os camaradas, nos sonhos ondeantes de Futuro, quando

repartiam os Ministerios, concordavam sempre:--«O Gonçalo para a

Instrucção Publica!» Por essas ideas poderosas, pelo saber accumulado,

todo elle se devia á Nação--como outr'ora, pela força, os grandes

Ramires armados. E pela Nação cumpria que o seu orgulho de homem cedesse

ante a sua tarefa de cidadão...

Depois, quem sabe? Entre o Cavalleiro e elle afogadamente se enroscava

todo um passado de camaradagem, apenas entorpecido--que talvez revivesse

n'esse encontro, os enlaçasse logo n'um abraço penetrante, onde os

antigos aggravos se sumiriam como um pó sacudido... Mas para que

imaginar, remoer? Uma necessidade se sobrepunha, inilludivel--a de

comparecer logo de manhã em Oliveira, no Governo Civil, requerendo a

suppressão do Casco. D'essa pressa dependia o seu socego de vida e

d'intelligencia. Nunca elle lograria trabalhar na Novella, trilhar

folgadamente a estrada de Villa-Clara, sabendo que em torno o outro,

pelas quélhas e sombras, rondava com a espingarda. E para não regressar

aos costumes bravios dos seus avós, circulando atravez do Concelho entre

as carabinas dos creados, necessitava o Casco domado, immobilisado. Era

pois inadiavel correr ao Governo Civil, para bem da Ordem. E depois,

quando elle se encontrasse no gabinete do Cavalleiro, deante da mesa do

Cavalleiro--a Providencia decidiria...--«A Providencia decidirá!»

E ancorado n'esta resolução, o Fidalgo da Torre parou, olhou. Levado

pela quente rajada de pensamentos, chegára á grade do cemiterio da Villa

que o luar branqueava como um lençol estendido. Ao fundo da alameda que

o divide, clara na claridade triste, o escarnado Christo chagado e

livido, sobre a sua alta cruz negra, pendia, mais dolorido e livido no

silencio e na solidão, com uma tristissima lampada aos pés esmorecendo.

Em torno eram cyprestes, sombras de cyprestes, brancuras de lapides, as

cruzes rasteiras das campas pobres, uma paz morta pesando sobre os

mortos: e no alto a lua amarella e parada. Então o Fidalgo sentiu um

arripiado mêdo do Christo, das lousas, dos defuntos, da lua, da solidão.

E despedio n'uma carreira até avistar as casas da Calçadinha, por onde

descambou como uma pedra solta. Quando se deteve no Largo do Chafariz,

um môcho piava na torre da Camara, melancolisando o repouso de

Villa-Clara apagada e adormecida. Mais impressionado, Gonçalo correu á

taberna da Serena, recolheu os creados que esperavam jogando a bisca

lambida. E com elles atravessou de novo a Villa até á cocheira do

Torto--para recommendar que lhe mandassem á Torre, ás nove horas da

manhã, a parelha russa.

Atravez do postigo, que se abrira com cautella no portão chapeado, a

mulher do Torto gemeu, indecisa:

--Ai, meu Deus, não sei se poderá... Elle ás nove tem um serviço... Pois

não faria mais conta ao Fidalgo ahi pela volta das onze?

--Ás nove! berrou Gonçalo.

Desejava apear cêdo ao portão do Governo Civil para evitar a curiosidade

d'aquelles cavalheiros de Oliveira--que, depois do meio dia, se juntavam

na Praça, vadiando por debaixo da Arcada.

\* \* \* \* \*

Mas ás nove e meia Gonçalo, que até ao luzir da madrugada se agitára

pelo quarto n'um tumulto d'esperanças e receios--ainda se barbeava, em

camisa, deante do vasto espelho de coluninas douradas. Depois aproveitou

a caleche para deixar na \_Feitosa\_ os seus bilhetes de pezames á bella

viuva, á D. Anna. Ao meio dia, esfaimado, almoçou na Vendinha emquanto a

parelha resfolgava. E batia a meia depois das duas quando emfim se apeou

em Oliveira deante do portão do antigo convento de S. Domingos, ao fundo

da Praça, onde seu pae, quando Chefe do Districto, installára

faustosamente as repartições do Governo Civil.

Áquella hora, já na frescura e sombra da Arcada que orla um lado da

Praça (outr'ora \_Praça da Prataria\_, hoje \_Praça da Liberdade\_) os

cavalheiros d'Oliveira mais desoccupados, os «rapazes», preguiçavam, em

cadeiras de verga, á porta da Tabacaria Elegante e da loja do Leão.

Gonçalo, cautelosamente, baixára as cortinas verdes da caleche. Mas no

pateo do Governo Civil, ainda guarnecido de bancos monumentaes do tempo

dos frades, esbarrou com o primo José Mendonça, que descia a escadaria,

fardado. Foi um assombro para o alegre capitão, moço esvelto, de bigode

curto, picado levemente de bexigas.

--Tu por aqui, Gonçalinho! E de chapeu alto! Caramba, deve ser coisa

gorda!

O Fidalgo da Torre confessou, corajosamente. Chegava n'esse instante de

Santa Ireneia para fallar ao André Cavalleiro...

--Está elle cá, esse illustre senhor?

O outro recuou, quasi aterrado:

--Ao Cavalleiro?! É ao Cavalleiro que vens fallar?!... Santissima

Virgem! Então desabou Troia!

Gonçalo gracejou, corando. Não! não se passára desgraça epica como a de

Troia... De resto podia revelar ao amigo Mendonça o caso que o arrastava

á presença augusta de Sua Exc.^a o Snr. Governador Civil. Era um homem

dos Bravaes, um Casco, que, furioso por não conseguir o arrendamento da

Torre, o ameaçára, rondava agora a estrada de Villa-Clara de noite, á

espreita, com uma espingarda. E elle, não ousando «fazer alta e boa

justiça» pelas mãos dos seus creados, como os Ramires feudaes--reclamava

modestamente da Auctoridade Superior uma ordem para que o Gouveia

mantivesse dentro da legalidade e dos Mandamentos de Deus o façanhudo

dos Bravaes...

--Só isto, uma pequenina questão de paz publica... E então o grande

homem está lá em cima? Bem, até logo, Zézinho... A prima, de saude? Eu

naturalmente janto nos Cunhaes. Apparece!

Mas o capitão não despegava do degrau de pedra, abrindo pachorrentamente

a cigarreira de couro:

--E que me dizes tu á novidade? O pobre Sanches Lucena?...

Sim, Gonçalo soubera na Assembleia. Um ataque, hein?--Mendonça accendeu,

chupou o cigarro:

--De repente, com um aneurisma, a ler o \_Noticias\_!... Pois ainda ha

tres dias a Maricas e eu jantamos na \_Feitosa\_. Até eu toquei a duas

mãos, com a D. Anna, o quarteto do Rigoleto. E elle bem, conversando,

tomando a sua aguardentesinha de canna...

Gonçalo esboçou um gesto de piedade e tristeza:

--Coitado... Tambem ha semanas o encontrei na Bica-Santa. Bom homem, bem

educado... E ahi temos agora a bella D. Anna vaga.

--E o circulo!

--Oh, o circulo! murmurou o Fidalgo da Torre com risonho desdem. A mim

antes me convinha a viuva. É Venus com duzentos contos! Infelizmente tem

uma voz medonha...

O primo Mendonça accudiu, com interesse, uma convicção dedicada:

--Não! não! na intimidade, perde aquelle tom empapado... Não imaginas!

até um timbre natural, agradavel... E depois, menino, que corpo! que

pelle!

--Deve ficar explendida agora com o luto! concluiu Gonçalo. Bem,

adeusinho! Apparece nos Cunhaes... Eu corro ao Cavalleiro para gue Sua

Exc.^a me salve com o seu braço forte!

Sacudiu a mão do Mendonça, galgou a escadaria de pedra.

Mas o capitão, que mettera para a travessa de S. Domingos, desconfiou

d'aquella historia d'ameaças, d'espingardas... «Qual! Aqui anda

Politica!» E quando, passada uma hora lenta, repenetrou na Praça e

avistou a caleche da Torre ainda encalhada á porta do Governo

Civil--correu á Arcada, desabafou logo com os dois Villa-Velhas, ambos

pensativamente encostados aos dois humbraes da Tabacaria Elegante:

--Vocês sabem quem está no Governo Civil?... O Gonçalo Ramires!... Com o

Cavalleiro!

Todos em roda se mexeram, como acordando, nas gastas cadeiras de

verga--onde os estendera somnolentamente o silencio e a ociosidade da

arrastada tarde de verão. E o Mendonça, excitado, contou que desde as

duas horas e meia Gonçalo Mendes Ramires, «em carne e osso», se

conservava fechado com o Cavalleiro, no Governo Civil, n'uma conferencia

magna! O espanto e a curiosidade foram tão ardentes que todos se

ergueram, se arremessaram para fóra dos Arcos, a espiar a bojuda varanda

do convento, sobre o portão--que era a do gabinete de Sua Excellencia.

Precisamente, n'esse momento, José Barrôlo, a cavallo, de calça branca,

de rosa branca na quinzena d'alpaca, dobrava a esquina da rua das

Vendas. E o interesse todo d'aquelles cavalheiros se precipitou para

elle, na esperança d'uma revelação:

--Oh Barrôlo!

--Oh Barrolinho, chega cá!

--Depressa, homem, que é caso rijo!

Barrôlo, ladeando, abeirou da Arcada: e os amigos immediatamente lhe

atiraram a nova formidavel, apertados em volta da egoa. O Gonçalo e o

Cavalleiro cochichando secretamente toda a manhã! A caleche da Torre á

espera, com a parelha adormecida! E já começavam a repicar os sinos da

Sé!

Barrôlo, n'um pulo, desmontou. E emquanto um garoto lhe passeava a

egoa--estacou entre os amigos, com o chicote detraz das costas, pasmando

tambem para a varanda de pedra do Governo Civil.

--Pois eu não sei nada! O Gonçalo a mim não me disse nada! affirmava

elle, assombrado. Tambem já ha dias não vem á cidade... Mas não me disse

nada! E da ultima vez que cá esteve, nos annos da Graça, ainda

destemperou contra o Cavalleiro!

A todos o caso parecia «d'estrondo!» E subitamente um silencio esmagou a

Arcada, trespassada d'emoção. Na varanda, entre as vidraças abertas

vagarosamente, apparecera o Cavalleiro com o Fidalgo da Torre,

conversando, risonhos, de charutos accesos. Os largos olhos do

Cavalleiro pousaram logo, com malicia, sobre os «rapazes» apinhados em

pasmo á borda dos Arcos. Mas foi um lampejar de visão. S. Ex.^a

remergulhára no gabinete--o Fidalgo tambem, depois de se debruçar da

varanda, espreitar a caleche da Torre. Entre os amigos rompeu um clamor:

--Viva! Reconciliação!

--Acabou a guerra das Rosas!

--E as correspondencias da \_Gazeta do Porto\_?...

--É que houve peripecia tremenda!

--Temos o Gonçalinho administrador d'Oliveira!

--Upa, Ex.^{mo} Snr., upa!

Mas de novo emmudeceram. O Cavalleiro e o Fidalgo reappareciam, n'uma

enfronhada conversa, que os deteve um momento esquecidos, na evidencia

da varanda escancarada. Depois o Cavalleiro, com uma familiaridade

carinhosa, bateu nas costas do Gonçalo--como se publicasse a sua

reconciliação diante da Praça maravilhada. E outra vez se sumiram,

n'esse passear conversado e intimo, que os trazia da sombra do gabinete

para a claridade da janella, roçando as mangas, misturando o fumo leve

dos charutos. Em baixo o bando crescia, mais excitado. Passára o Mello

Alboim, o Barão das Marges, o Dr. Delegado: e, chamados com ancia, cada

um correra, devorára esgazeadamente a novidade, embasbacára para o velho

balcão de pedra que o sol dourava. Os grossos ponteiros do relogio do

Governo Civil já se acercavam das quatro horas. Os dous Villa-Velhas,

outros «rapazes», estafados, retrocederam ás cadeiras de verga da

Tabacaria. O Dr. Delegado, que jantava ás quatro e soffria do estomago,

despegou desconsoladamente dos Arcos, supplicando ao Pestana seu visinho

«que apparecesse ao café, para contar o resto...» Mello Alboim, esse,

enfiára para casa, defronte do Governo Civil, na esquina do Largo: e da

janella, disfarçado por traz da mulher e da cunhada, ambas de chambres

brancos e de papelotes, sondava o gabinete de S. Ex.^a com um binoculo.

Por fim bateram, com estendida pancada, as quatro horas. Então o Barão

das Marges, na sua impaciencia borbulhante, decidiu subir ao Governo

Civil, «para farejar!...»

Mas n'esse momento André Cavalleiro assomava de novo á varanda--sózinho,

com as mãos enterradas no jaquetão de flanella azul. E quasi

immediatamente a caleche da Torre largou da porta do Governo Civil,

atravessou a Praça, com os stores verdes meio corridos, descobrindo

apenas, áquelles cavalheiros avidos, as calças claras do Fidalgo.

--Vae para os Cunhaes!

Lá o apanhava pois o Barrôlo! E todos apressaram o bom Barrôlo a que

montasse, recolhesse, para ouvir do cunhado os motivos e os lances

d'aquella paz historica! O Barão das Marges até lhe segurou o estribo.

Barrôlo, alvoroçadamente, trotou para o Largo d'El-Rei.

Mas Gonçalo Mendes Ramires, sem parar nos Cunhaes, seguia para a

Vendinha, onde decidira jantar, dando um descanço á parelha esfalfada. E

logo depois das ultimas casas da cidade subiu as stores, respirou

deliciosamente, com o chapeo sobre os joelhos, a luminosa frescura da

tarde--mais fresca e de uma claridade mais consoladora que todas as

tardes da sua vida... Voltava d'Oliveira vencedor! Furára emfim atravez

da fenda, atravez do muro! E sem que a sua honra ou o seu orgulho se

esgaçassem nas asperezas estreitas da fenda!... Abençoado Gouveia,

esperto Gouveia! E abençoada a esperta conversa, na vespera, pela

calçadinha de Villa-Clara!...

Sim, de certo, fôra custoso aquelle mudo momento em que se sentára

seccamente, hirtamente, á borda da poltrona, junto da pesada meza

administrativa de S. Ex.^a. Mas mantivera muita dignidade e muita

simplicidade...--«Sou forçado (dissera) a dirigir-me ao Governador

Civil, á Auctoridade, por um motivo de ordem publica...» E a primeira

avença partira logo do Cavalleiro, que torcia a bigodeira, pallido:--«

Sinto profundamente que não seja ao homem, ao velho amigo, que Gonçalo

Mendes Ramires se dirija...» Elle ainda se conservára retrahido,

resistente, murmurando com uma frieza triste:--«As culpas não são

decerto minhas...» E então o Cavalleiro, depois de um silencio em que

lhe tremera o beiço:--«Ao cabo de tantos annos, Gonçalo, seria mais

caridoso não alludir a culpas, lembrar somente a antiga amizade, que,

pelo menos em mim, se conservou a mesma, leal e séria.» A esta

sensibilisada invocação, elle volvera, com doçura, com indulgencia:--«Se

o meu antigo amigo André recorda a nossa antiga amizade, eu não posso

negar que em mim tambem ella nunca inteiramente se apagou...» Ambos

balbuciaram ainda alguns confusos lamentos sobre os desaccordos da vida.

E quasi insensivelmente se trataram por \_tu\_! Elle contou ao Cavalleiro

a torpe ousadia do Casco. E o Cavalleiro, indignado como amigo, mais

como Auctoridade, telegraphára logo ao Gouveia um mandado forte para

inutilisar o valentão dos Bravaes... Depois conversaram da morte do

Sanches Lucena, que impressionava o Districto. Ambos louvaram a belleza

da viuva, os seus duzentos contos. O Cavalleiro recordou a manhã, na

\_Feitosa\_, em que entrando pela porta pequena do jardim, a

surprehendera, dentro d'um caramanchão de rosas, a apertar a liga. Uma

perna divina! Ambos se recusaram, rindo, a casar com a D. Anna, apezar

dos duzentos contos e da divina perna...--Já entre elles se

restabelecera a antiga familiaridade de Coimbra. Era «tu Gonçalo, tu

André, oh menino, oh filho!»

E fôra André, naturalmente, que alludira á desapparição do Deputado do

Governo, á surpreza do circulo vago... Elle então, com indifferença,

estirado na poltrona, rufando com os dedos na borda da mesa, murmurára:

--Sim, com effeito... Vocês agora devem estar embaraçados, assim de

repente...

Mais nada! apenas estas indolentes palavras, murmuradas através do rufo.

E o Cavalleiro, logo, sem preparação, apressadamente, empenhadamente,

lhe offerecera o Circulo!--Pousára os olhos n'elle com lentidão, como

para o penetrar, o escutar... Depois, insinuante e grave:

--Se tu quizesses, Gonçalo, não estavamos embaraçados...

Elle ainda exclamára, com surpreza e riso:

--Como, se eu quizesse?

E o André, sempre com os olhos n'elle cravados, os largos olhos

lustrosos, tão persuasivos:

--Se tu quizesses servir o Paiz, ser deputado por Villa-Clara, já não

estavamos embaraçados, Gonçalo!

\_Se tu quisesses\_... E perante esta insistencia que rogava, tão sincera

e commovida, em nome do Paiz, elle consentira, vergára os hombros:

--Se te posso ser util, e ao Paiz, estou ás vossas ordens.

E eis a fenda transposta, a aspera fenda, sem rasgão no seu orgulho ou

na sua dignidade! Depois conversaram desafogadamente, passeando pelo

gabinete, desde a estante carregada de papeis até á varanda--que André

abrira, por causa d'um cheiro persistente de petroleo entornado na

vespera. André tencionava partir n'essa noite para Lisboa--para

conferenciar com o Governo, depois d'aquella inesperada desapparição do

Lucena. E, agora em Lisboa, imporia o querido Gonçalo como o unico

Deputado, depois do Sanches de Lucena, seguro e substancial--pelo nome,

pelo talento, pela influencia, pela lealdade. E eis a eleição

consummada! De resto (declarára o Cavalleiro, rindo) aquelle Circulo de

Villa-Clara constituia uma propriedade sua--tão sua como Corinde.

Livremente, poderia eleger o servente da Repartição que era gago e

bebado. Prestava pois um serviço esplendido ao Governo, á Nação,

apresentando um môço de tão alta origem e de tão fina intelligencia...

Depois accrescentára:

--Não tens a pensar mais na eleição. Vaes para a Torre. Não contas a

ninguem, a não ser ao Gouveia. Esperas lá, muito quietinho, telegramma

meu de Lisboa. E, recebido elle, estás Deputado por Villa-Clara,

annuncias a teu cunhado, aos amigos... Depois, no domingo, vens almoçar

comigo a Corinde, ás onze.

Então ambos se apertaram n'um abraço que fundiu de novo, e para sempre,

as duas almas apartadas. Depois, ao cimo da escadaria de pedra onde o

acompanhára, André, repenetrando timidamente no Passado, murmurou com um

riso pensativo:--«Que tens tu feito ultimamente, n'essa querida Torre?»

E, ao saber da Novella para os \*Annaes\*, suspirou com saudade dos tempos

de Imaginação e d'Arte em Coimbra, quando elle amorosamente lapidava o

primeiro canto d'um poema heroico, o \_Fronteiro de Ceuta\_. Emfim outro

abraço--e alli voltava deputado por Villa-Clara.

Todos esses campos, esses povoados que avistava da portinhola da

caleche, era elle que os representava em Côrtes, elle, Gonçalo Mendes

Ramires... E superiormente os representaria, mercê de Deus! Porque já as

idéas o invadiam, viçosas e ferteis. Na Vendinha, emquanto esperava que

lhe frigissem um chouriço com ovos e duas postas de savel, meditou, para

a Resposta ao Discurso da Corôa, um esboço sombrio e áspero da nossa

Administração na Africa. E lançaria então um brado á Nação, que a

despertasse, lhe arrastasse as energias para essa Africa portentosa,

onde cumpria, como gloria suprema e suprema riqueza, edificar de costa a

costa um Portugal maior!... A noite cerrára, ainda outras idéas o

revolviam, vastas e vagas--quando o trote esfalfado da parelha estacou

no portão da Torre.

Ao outro dia (terça feira) ás dez horas, o Bento entrou no quarto do

Fidalgo com um telegramma, que chegara á Villa de madrugada. Gonçalo

pensou com um deslumbrado pulo do coração:--«É do Governo!»--Era do

Pinheiro, gritando pela Novella. Gonçalo amarrotou o telegramma. A

Novella! Como poderia labutar na Novella, agora, todo na impaciencia e

no esforço da sua Eleição?... Nem almoçou socegadamente--retendo,

atravez dos pratos que arredava, um desejo desesperado de «contar ao

Bento.» E, sorvido o café n'um sorvo impaciente, atirou para

Villa-Clara, a desafogar com o Gouveia. O pobre administrador jazia de

novo no camapé de palhinha, com papas na garganta. E toda a tarde, na

estreita sala forrada de papel verde-gaio, Gonçalo exaltou os talentos

do André, «homem de governo e de idéas, Gouveia!»--celebrou o Ministerio

Historico, «o unico capaz de salvar esta choldra, Gouveia!»---desenrolou

vistosos Projectos de Lei que meditava sobre a Africa, «a nossa

esperança magnifica, Gouveia!»--Emquanto o Gouveia, estirado, só rompia

a mudez e a immobilidade, para murmurar chôchamente, apalpando o calor

das papas:

--E a quem deve vossê tudo isso, Gonçalinho?... Cá ao meco!»

Na quarta-feira, ao accordar, tarde, o seu pensamento saltou logo

soffregamente para o André Cavalleiro, que a essa hora, em Lisboa,

almoçava no Hotel Central (sempre, desde rapaz, André se conservára fiel

ao Hotel Central). E todo o dia, fumando cigarros insaciavelmente

atravez do silencio da casa e da quinta, seguiu o Cavalleiro nos seus

giros de Chefe de Districto, pela Baixa, pela Arcada, pelos

Ministerios... Naturalmente jantaria com o tio Reis Gomes, Ministro da

Justiça. Outro convidado certamente seria o José Ernesto, Ministro do

Reino, condiscipulo do Cavalleiro, seu confidente politico... N'essa

noite, pois, tudo se decidia!

--Ámanhã, pelas dez horas, tenho cá telegramma do André.

Nenhuma noticia chegou á Torre:--e o Fidalgo passou a lenta quinta feira

á janella, vigiando a estrada poeirenta por onde surdiria o moço do

telegrapho, um rapaz gordo que elle conhecia pelo bonné d'oleado e pela

perna manca. Á noitinha, intoleravelmente inquieto, mandou um moço a

Villa-Clara. Talvez o telegramma arrastasse, esquecido, pela mesa

d'aquella «besta do Nunes do Telegrapho!» Não havia telegramma para o

Fidalgo. Então ficou certo de surgirem em Lisboa difficuldades! E toda a

noite, sem socego, n'uma indignação que rolava e crescia, imaginou o

Cavalleiro cedendo mollemente a outras exigencias do

Ministro--acceitando com servilismo para Villa-Clara a candidatura

d'algum imbecil da Arcada, d'algum chulo escrevinhador do Partido!

Pela manhã injuriou o Bento por lhe trazer tão tarde os jornaes e o chá:

--E não ha telegramma, nem carta?

--Não ha nada.

Bem, fôra trahido! Pois nunca, nunca, aquelle infame Cavalleiro

transporia a porta dos Cunhaes! De resto, que lhe importava a burlesca

Eleição? Mercê de Deus que lhe sobravam outros meios de provar

soberbamente o seu valor--e bem superiores a uma ensebada cadeira em S.

Bento! Que miseria, na verdade, curvar o seu espirito e o seu nome ao

rasteiro serviço do S. Fulgencio, o obeso e horrendo careca! E resolveu

logo regressar aos cimos puros da Arte, occupar altivamente todo o dia

no nobre e elegante trabalho da sua Novella.

Depois de almoço ainda abancou, com esforço, remexeu nervosamente as

tiras de papel. E de repente agarrou o chapéo, abalou para Villa-Clara,

para o telegrapho. O Nunes não recebera nada para sua exc.^a!--Correu,

coberto de suor e pó, á Administração do Concelho. O snr. Aministrador

partira para Oliveira!... Positivamente vencera outra combinação--eis a

sua confiança burlada! E recolheu á Torre, decidido a tomar um desforço

tremendo do Cavalleiro por tanta injuria amontoada sobre o seu nome,

sobre a sua dignidade! Toda a abafada e enevoada Sexta-feira a consumio

amargamente meditando esta vingança, que queria bem publica e bem

sangrenta. A mais saborosa, mais simples, seria rasgar a bigodeira do

infame com chicotadas, na escadaria da Sé, um domingo, á sahida da

missa! Ao escurecer, depois do jantar que mal debicára, n'aquelle

despeito e humilhação que o pungiam, envergou o casaco para voltar a

Villa-Clara. Não entraria no Telegrapho--já com vergonha do Nunes. Mas

gastaria a noite na Assembléa, jogando o bilhar, tomando um alegre chá,

lendo risonhamente os Jornaes Regeneradores, para que todos recordassem

a sua indifferença--se por acaso, mais tarde, conhecessem a trama em que

resvalára.

Desceu ao páteo, onde as arvores adensavam a sombra do crepusculo

carregado de fuscas nuvens. E abria o portão, quando esbarrou com um

rapaz que s'esbaforia sobre a perna manca e gritava:--«É um telegramma!»

Com que voracidade lh'o arrancou das mãos! Correu á cozinha, ralhou

desabridamente á Rosa pela falta da luz tardia! E, com um phosphoro a

arder nos dedos, devorou, n'um lampejo, as linhas bemditas:--«\_Ministro

acceita, tudo arranjado\_...» O resto era o Cavalleiro lembrando que no

domingo o esperava em Corinde, ás onze, para almoçarem e conversarem...

Gonçalo Mendes Ramires deu cinco tostões ao moço do telegrapho--galgou

as escadas. Na livraria, á claridade mais segura do candieiro, releu o

telegramma delicioso. \_Ministro acceita, tudo arranjado!\_... Na sua

transbordante gratidão pelo Cavalleiro, ideou logo um jantar soberbo,

offerecido nos Cunhaes pelo Barrôlo, cimentando para sempre a

reconciliação das duas Casas. E recommendaria a Gracinha que, para mais

honrar a doce festa, se decotasse, pozesse o seu collar magnifico de

brilhantes, a derradeira joia historica dos Ramires.

--Aquelle André! que flôr, que rapaz!

\* \* \* \* \*

O relogio de charão, no corredor, rouquejou as nove horas. E só então

Gonçalo percebeu a densa chuva que alagava a quinta, e a que elle,

embebido na sua gloria, passeando pela livraria n'um luminoso rolo de

imaginações, não sentira o rumor sobre a pedra da varanda, nem sobre a

folhagem dos limoeiros.

Para se calmar, occupar a noite encerrada, deliberou trabalhar na

Novella. E realmente agora convinha que terminasse essa \_Torre de D.

Ramires\_ antes do afan da Eleição--para que em Janeiro, ao abrir das

Côrtes, surgisse na Politica com o seu velho nome aureolado pela

Erudição e pela Arte. Envergou o roupão de flanella. E á banca, com o

costumado bule de chá inspirador, repassou lentamente o começo do

Capitulo II--que o não contentava.

Era no castello de Santa Ireneia, n'aquelle dia de Agosto em que

Lourenço Ramires cahira no valle de Canta-Pedra, mal ferido e captivo do

Bastardo de Bayão. Pelo Almocadem dos peões, que, com o braço varado por

uma chuçada, voltára em desesperada carreira ao Castello, já Tructezindo

Ramires conhecia o desventuroso desfecho da lide.--E n'este lance o tio

Duarte, no seu poemeto do Bardo, com um lyrismo molle, mostrava o enorme

Rico-Homem gemendo derramadamente atravez da sala-d'armas, na saudade

d'esse filho, flôr dos Cavalleiros de Riba-Cavado, derrubado, amarrado

n'umas andas, á mercê da gente de Bayão...

Lagrimas irrepresas lhe rebentam,

Arfa o arnez c'o soluçar ardente!...

Ora, levado no harmonioso sulco do tio Duarte, tambem elle, nas linhas

primeiras do Capitulo, esboçára o velho abatido sobre um escanho, com

lagrimas relusentes sobre as barbas brancas, as duras mãos descahidas

como as de languida Dona--em quanto que nas lages, batendo a cauda, os

seus dois lebreus o contemplam n'uma sympathia anciada e quasi humana.

Mas, agora, este choroso desalento não lhe parecia coherente com a alma

tão indomavelmente violenta do avô Tructezindo. O tio Duarte, da casa

das Balsas, não era um Ramires, não sentia hereditariamente a fortaleza

da raça:--e, romantico plangente de 1848, inundára logo de prantos

romanticos a face ferrea de um lidador do seculo XII, d'um companheiro

de Sancho I! Elle porém devia restabelecer os espiritos do Senhor de

Santa Ireneia dentro da realidade epica. E, riscando logo esse descorado

e falso começo de Capitulo, retomou o lance mais vigorosamente, enchendo

todo o castello de Santa-Ireneia d'uma irada e rija alarma. Na sua

lealdade sublime e simples Tructezindo não cuida do filho--adia a

desforra do amargo ultraje. E o seu esforço todo se commette a apressar

os aprestos da mesnada, para correr elle sobre Montemor, e levar ás

Senhoras Infantas os soccorros de que as privára a embuscada de

Canta-Pedra! Mas quando o impetuoso Rico-Homem com o Adail, na

sala-d'armas, regia a ordem da arrancada--eis que os esculcas, abrigados

do calor d'Agosto nos miradouros, enxergam ao longe, para além do

arvoredo da Ribeira, coriscos d'armas, uma cavalgada subindo para

Santa-Ireneia. O Villico, o gordo e azafamado Ordonho, galga arquejando

aos eirados da torre albarrã--e reconhece o pendão de Lopo de Bayão, o

seu toque de trompas á mourisca, arrastado e triste no silencio dos

campos. Então arqueia as cabelludas mãos na bôca, atira o alarido:

--Armas, armas! que é gente de Bayão!... Besteiros, ás quadrellas!

Homens em chusma ás lavadiças da carcova!

E Gonçalo, coçando a testa com a rama da penna, rebuscava ainda outros

veridicos brados, de bravo som Affonsino--quando a porta da livraria

abriu cautellosamente, atravez d'aquelle perro rangido que o

desesperava. Era o Bento, em mangas de camisa:

--O Snr. Dr. não poderia descer cá baixo á cozinha?

Gonçalo embasbacou para o Bento, pestanejando, sem comprehender:

--Á cozinha?...

--É que está lá a mulher do Casco a levantar uma celeuma. Parece que lhe

prenderam o homem esta tarde... Appareceu ahi por baixo de agoa, com os

pequenos, até um de mama. Quer por força fallar com o Snr. Dr. E não se

calla, lavada em lagrimas, de joelhos com os filhos, que é mesmo uma

Ignez de Castro!

Gonçalo murmurou--«que massada!» E que contrariedade! A mulher, n'uma

agonia, entre gritos, arrastando os filhos supplicantes até ao portão da

Torre! E elle, nas vesperas da sua Eleição, apparecendo a todas as

freguezias enternecidas como um fidalgo deshumano!...--Atirou a penna

furiosamente:

--Que massada! Dize á creatura que me deixe, que se não afflija... O

Snr. Aministrador ámanhã manda soltar o Casco. Eu mesmo vou a

Villa-Clara, antes d'almoço, para pedir. Que se não afflija, que não

aterre os pequenos... Corre, dize, homem!

Mas o Bento não despegava da porta:

--Pois a Rosa e eu já lhe dissemos... Mas a mulherzinha não acredita,

quer pedir ao Snr. Dr.! Veio por baixo d'agoa. Até um dos pequenitos

está bem doentinho, ainda não fez senão tremer...

Então Gonçalo, sensibilisado, atirou á meza um murro que tresmalhou as

tiras da Novella:

--Ora se uma cousa d'estas se atura! Um homem que me quiz matar! E

agora, por cima, é sobre mim que desabam as lagrimas, e as scenas, e a

creança doente! Não se pode viver n'esta terra! Um dia vendo casa e

quinta, emigro para Moçambique, para o Transvaal, para onde não haja

massadas... Bem, dize á mulher que já desço.

O Bento approvou, com effusão:

--Pois se o Snr. Dr. lhe não custa... E como é para dar uma boa nova...

Sempre consola a pobre mulherzinha!...

--Lá vou, homem, lá vou! Não me masses tambem... Impossivel trabalhar

n'esta casa! Outra noite perdida!

Enfiou violentamente para o quarto, atirando as portas--com a ideia de

metter na algibeira do roupão duas notas de dez tostões que consolariam

os pequenos. Mas, deante da gaveta, recuou, vexado. Que brutalidade,

compensar com dinheiro creancinhas--a quem elle arrancára o pae,

algemado, para o trancar n'uma enxovia! Agarrou simplesmente n'uma

boceta de alperces seccos--dos famosos alperces do Convento de

Santa-Brigida de Oliveira, que na vespera lhe mandára Gracinha. E,

cerrando lentamente o quarto, já se arrependia da sua severidade, tão

estouvada, que assim desmanchava a quietação de um casal. Depois no

corredor, ante a chuva clamorosa que dos telhados se despenhava nas

lages do pateo, ainda mais doridamente se impressionou, com a imagem da

pobre mulher, tresloucada pela negra estrada, puxando os filhinhos

encharcados, moídos, contra a tormenta solta. E ao penetrar no corredor

da cozinha--tremia como um culpado.

Atravez da porta envidraçada sentiu logo a Rosa e o Bento consolando a

mulher, com palradora confiança, quasi risonhos. Mas os «ais» d'ella, os

ruidosos lamentos pelo «seu rico homem», resoavam, mais agudos, como a

rebater e a abafar toda a consolação. E apenas Gonçalo empurrou

timidamente a porta--quasi acuou no espanto e medo d'aquella afflicção

estridente que se arremessava para elle e para a sua misericordia! De

rojos nas lages, torcendo as magras mãos sobre a cabeça, toda de negro,

parecendo mais negra e dolorosa contra a vermelhidão do lençol estendido

que seccava ao lume forte da lareira--a creatura estalára n'um tumulto

de supplicas e gritos:

--Ai, meu rico Senhor, tenha compaixão! Ai, que me prenderam o meu

homem, que m'o vão mandar para a Africa degredado! Jesus, meus filhinhos

da minha alma que ficam sem pae! Ai, pelas suas almas, meu senhor, e por

toda a sua felicidade!... Eu sei que elle teve culpa! Aquillo foi

perdição que lhe deu! Mas tenha piedade d'estas creancinhas! Ai, o meu

pobre homem que está a ferros! Ai, meu rico Senhor, por quem é!

Com as palpebras humedecidas, agarrando desesperadamente, a boceta

d'alperces, Gonçalo balbuciava, atravez da emoção que o estrangulára:

--Oh mulher, socegue, já o vão soltar! Socegue! Já dei ordem! Já o vão

soltar!

E d'um lado a Rosa, debruçada sobre a escura creatura que gemia,

recomeçava docemente:--«Pois foi o que lhe dissemos, tia Maria! Logo

pela manhã, o vão soltar!»--E do outro o Bento, batendo na coxa, com

impaciencia:--«Oh mulher, acabe com esse escarceu! Pois se o Snr. Dr.

prometteu! Logo pela manhã o vão soltar!»

Mas ella não se calmava, com o lenço da cabeça desmanchado, uma trança

desprendida, soluçando e clamando atravez dos soluços:

--Ai que eu morro, se o não vejo solto! Ai perdão, meu rico Senhor da

minha alma!...

Então Gonçalo, que aquelle infindavel e obtuso queixume torturava, como

um ferro cravado e recravado, bateu o chinello nas lages, berrou:

--Escute, mulher! E olhe para mim! Mas de pé, de pé!... E olhe bem, olhe

direita!

Hirtamente erguida, atirando as mãos para as costas como a escapar

d'algemas que tambem a ameaçassem--ella arregalou para o Fidalgo os

olhos espavoridos, fundos olhos pretos, de fundas olheiras tristes, que

lhe enchiam a face rechupada e morena.

--Bem, perfeitamente! exclamava Gonçalo. E agora diga! Acha que tenho

bojo de lhe mentir, quando vocemecê está n'essa afflicção? Pois então

socegue, acabe com os gritos, que, sob minha palavra, ámanhã cedo, o seu

homem está solto!

E a Rosa e o Bento, ambos triumphando:

--Pois que lhe dizia a gente, creatura de Deus? Se o Snr. Dr. tinha

promettido... Ámanhã lá tem o homem!

Lentamente ella limpava as lagrimas, já silenciosas, á ponta do avental

negro. Mas, ainda desconfiada, com os tenebrosos olhos mais arregalados,

devorando Gonçalo. E o Fidalgo mandava com certeza a ordem, cedinho, de

madrugada?...--Foi o Bento que a convenceu, com violencia:

--Oh mulher, vossê até parece atrevida! Ora essa! Pois duvida da palavra

do Snr. Dr.?

Ella soltou o avental, baixou a cabeça, suspirou simplesmente:

--Ai, então muito obrigada, seja pela felicidade de todos...

E agora a curiosidade de Gonçalo procurava os pequenos que ella

acarretára desde os Bravaes atravez da chuva cerrada. A pequenina de

mama dormia com beatitude sobre a tampa de uma arca, onde a boa Rosa a

aconchegára entre mantas e fronhas. Mas o pequeno, de sete annos,

encolhido n'uma cadeira deante do lume, rente ao lençol que seccava,

seccando tambem, com a carinha afogueada de febre, tossia

despedaçadamente, n'um cabecear de somno e cançasso, a arquejar, a gemer

contra a tosse que o esfalfava. Gonçalo pousou a boceta de alperces na

arca, palpou a mão com que elle, sem cessar, raspava pela abertura da

camisa encardida o peito ainda mais encardido.

--Mas esta creanca tem febre!... E vossê, com uma noite d'estas, traz o

pequeno assim desde os Bravaes, mulher?

Da cadeirinha baixa, onde se sentára prostrada, ella murmurou, sem

erguer a magra face, torcendo a ponta do avental:

--Ai! era para que elles tambem pedissem, que estavam sem pae,

coitadinhos!

--Vocemecê é doida, mulher! E pretende talvez voltar para os Bravaes,

debaixo d'agoa, com as creanças?

Ella suspirou:

--Ai! volto, volto... Não posso deixar sózinha a mãe do meu homem, que

tem oitenta annos e está entrevada.

Então o Fidalgo cruzou descorçoadamente os braços--no embaraço d'aquella

aventura, em que, por culpa da sua ferocidade, se arriscavam duas

creanças. Mas a Rosa entendia que a pequenina, a de mama, não soffreria

com a caminhada, bem achegadinha ao collo da mãe, debaixo de uma manta

grossa. Agora o outro, com a tosse, com a febre...

--Esse fica cá! exclamou logo Gonçalo, decidido. Como se chama elle?

Manoel... Bem! O Manoel fica cá. E vá descançada, que a Sr.^a Rosa toma

cuidado. Precisa uma boa gemada, depois um bom suadoiro. Um d'estes dias

lá lhe apparece nos Bravaes, curado e mais gordo... Vá socegada!

De novo a mulher suspirou, no cançasso immenso que a invadira, a

amollecia. E sem resistir, no seu longo e abatido habito de submissão:

--Pois sim senhor, se o Fidalgo manda, está muito bem...

O Bento, entreabrindo a porta do pateo, annunciava uma «aberta», o

negrume a levantar. Gonçalo immediatamente apressou a volta aos Bravaes:

--E não tenha medo, mulher. Vae um moço da quinta com uma lanterna, e um

guarda chuva para abrigar a pequena... Escute! Vocemecê até podia levar

uma capa de borracha!... Oh Bento, corre, desce a minha capa de

borracha. A nova, a que comprei em Lisboa...

E quando o Bento trouxe o «impermeavel» de longa romeira, o lançou por

sobre os hombros da mulher, que o estofo rico intimidava, com o seu

ruge-ruge de seda--foi na cozinha uma divertida risada. O pranto

passára, como a chuva. Agora era uma visita amoravel, findando n'um

arranjo alegre d'agasalhos. A Rosa apertava as mãos, banhada de gosto:

--Assim é que vocemecê fica uma bonita Madama, hein!... Se fosse de dia,

olhe que se juntava gente!

A mulher sorria emfim, descoradamente, sem interesse:

--Ai! nem sei que pareço... Que avantesma!

Atravez do pateo, onde as acacias gottejavam docemente, Gonçalo

acompanhou o rancho até á porta do pomar, gritando ainda--«Agasalhem bem

a pequena!»--quando já a lanterna do moço se fundia na humida espessura

da noite acalmada. Depois, na cozinha, batendo contra as lages as solas

dos chinellos molhados, apalpou novamente o Manoelsinho, que adormecera

n'um somno rouquejado, torcido sobre as costas da cadeira.

--Tem pouca febre... Mas precisa um suadoiro forte. E, antes de o

cobrirem bem, um leite quente, quasi a ferver, com cognac... O que elle

precisava tambem era esfregado a côco... Que porcaria de gente! Emfim

fica para mais tarde, quando se curar... E agora, oh Rosa, mande acima

alguma cousa para eu cear, cousa solida, que não jantei, e o sarau foi

tremendo!

Na livraria, depois de mudar os chinellos, descançar, Gonçalo escreveu

ao Gouveia uma carta reclamando com commovida urgencia a liberdade do

Casco. E accrescentava:--«É o primeiro pedido que lhe faz o deputado por

Villa-Clara (comprimente!), porque acabo de receber telegramma do nosso

André, annunciando que «\_tudo feito, ministro concorda, etc.\_» De sorte

que precisamos communicar! Queira pois vossa mercê vir jantar ámanhã a

esta sua Torre, á sombra do Titó e com acompanhamento de Videirinha.

Estes dous benemeritos são indispensaveis para que haja appetite e

harmonia. E rogo, Gouveia amigo, que os avise do festim, para me evitar

a remessa de circulares eloquentes...»

Lacrada a carta, retomou languidamente o manuscripto da Novella. E,

trincando a rama da penna, ainda procurou vozes, de bom sabor medieval,

para aquelle lance em que o Villico e as roldas enxergavam a cavalgada

do Bastardo, pela encosta da Ribeira, com refulgidos d'armas, sob o rijo

sol d'Agosto...

Mas a sua imaginação, desde a carta escripta ao Gouveia pelo «Deputado

de Villa-Clara» escapava desassocegadamente da velha Honra de Santa

Ireneia--esvoaçava teimosamente para os lados de Lisboa, da Lisboa do S.

Fulgencio. E o eirado da torre albarran, onde o gordo Ordonho gritava

esbaforido--incessantemente se desfazia como nevoa molle, para sobre

elle surgir, appetitoso e mais interessante, um quarto do Hotel Bragança

com varanda sobre o Tejo... Foi um allivio quando o Bento o apressou

para a ceia. E á mesa espalhou livremente a imaginação por Lisboa, pelos

corredores de S. Carlos, por sob as arvores da Avenida, atravez dos

antiquados palacios dos seus parentes em S. Vicente e na Graça, atravez

das salas mais modernas de cultos e alegres amigos--parando ás vezes

deante de visões que considerava com um riso deleitado e mudo. Alugaria

aos mezes, certamente, uma carruagem da Companhia. E para as sessões de

S. Bento sempre luvas côr de perola, uma flor no peito. Por commodidade

levava o Bento, bem apurado, com casaca nova...

O Bento entrou com a garrafa do cognac n'uma salva. Dera a carta ao

Joaquim da Horta com a recommendação de correr logo ás seis horas a casa

do Snr. Administrador, de se demorar na Villa por deante da Cadeia até

soltarem o Casco.

--E já deitamos o pequeno no quarto verde. Fica perto de mim, que tenho

o somno leve, se elle berrar... Mas já dorme regaladamente.

--Está socegado, hein? acudiu Goncalo, sorvendo á pressa o calice de

cognac. Vamos vêr esse cavalheiro!

E tomou um castiçal, subiu ao quarto verde com o Bento, sorrindo,

abafando os passos pela estreita escada. No corredor, junto da poria,

n'um desbotado camapé de damasco verde, a Rosa dobrára carinhosamente a

roupa trapalhona do pequeno, o collete esgaçado, as calças enormes, só

com um botão. Dentro o leito de pau preto, vasto leito de ceremonia,

atravancava a parede forrada d'um velho papel avelludado de ramagens

verdes. Ao lado dos dous postes torneados, á cabeceira, pendiam dous

paineis, retratos de antigos Ramires, um Bispo obeso folheando um folio,

um formoso Cavalleiro de Malta, de barba ruiva, appoiado á espada, com

um laçarote de rendas sobre a couraça polida. E nos altos colchões o

Manoelzinho resonava, sem tosse, quieto, abafado pela grossura dos

cobertores, humedecido por um suor fresco e sereno.

Gonçalo, caminhando sempre de leve, repuxou cuidadosamente a dobra do

lençol. Desconfiado das janellas decrepitas, experimentou que não

entrasse traiçoeiro ar pelas gretas. Mandou pelo Bento buscar uma

lamparina, que arranjou sobre o lavatorio, com a luz esbatida por traz

d'uma vazilha. Ainda attentamente relanceou os olhos lentos pelo quarto,

para se assegurar do socego, do silencio, da penumbra, do conforto. E

sahiu, sempre na ponta dos pés, sorrindo, deixando o filho do Casco

velado pelos dous nobres Ramires--o Bispo com o seu Tratado, o

Cavalleiro de Malta com a sua pura espada.

Recolhendo do Tanque-Velho, do fundo da quinta, onde passára a calma,

depois do almoço, na frescura do arvoredo, entre susurros de agoas

correntes, a folhear um volume do \_Panorama\_--Gonçalo encontrou obre a

mesa da livraria, com o correio de Oliveira, uma carta que o

surprehendeu, enorme, em papel almaço, fechada por uma obreia. E dentro

a assignatura, desenhada a tinta azul, era um coração chammejante.

N'um relance devorou as linhas, pautadas a lapis, d'uma lettra gorda,

arredondada com esmero:--«Caro e Ex.^{mo} Snr. Gonçalo Ramires. O

galante Governador civil do Districto, o nosso atiradiço André

Cavalleiro, passeiava agora coastantemente por deante dos Cunhaes,

olhando com ternura para as janellas e para o honrado brazão dos

Barrôlos. Como não era natural que andasse a estudar a architetura do

Palacete (que nada tem de notavel), concluiu a gente seria que o digno

Chefe do Districto esperava que V. Ex.^a apparecesse a alguma das

janellas do Largo, ou das que deitam para a rua das Tecedeiras, ou

sobretudo \_no mirante do Jardim\_, para reatar com V. Ex.^a a antiga e

quebrada amizade. Por isso muito acertadamente procedeu V. Ex.^a em

correr pessoalmente ao Governo Civil, e propor a reconciliação, e abrir

os braços generosos ao velho amigo, evitando assim que a primeira

Auctoridade do Districto continuasse a esbanjar um tempo precioso

n'aquelles passeios, de olhos pregados no Palacete dos fidalguissimos

Barrôlos. Enviamos portanto a V. Ex.^a os nossos sinceros parabens por

esse acertado passo que deve calmar as impaciencias do fogoso Cavalleiro

e redondar em beneficio dos serviços publicos!»

Revirando o papel nas mãos, Gonçalo pensou:

--É das Louzadas!

Ainda estudou a lettra, as expressões, descortinando que \_redundar\_ fora

escripto com um O, \_architectura\_ sem C. E rasgou furiosamente a grossa

folha, rosnando no silencio da livraria:

--Aquellas bebadas!

Sim, era d'ellas, das odiosas Louzadas! E essa origem mais o

aterrava--porque maledicencia, lançada por tão ardentes espalhadoras de

maledicencias, já certamente penetrára em todas as casas d'Oliveira,

mesmo na Cadeia, mesmo no'Hospital! E agora a cidade divertida, lambendo

o escandalo, relacionava perfidamente os rodeios do André pelos Cunhaes

com essa sua visita ao Governo Civil que assombrára a Arcada. Na ideia

pois d'Oliveira, e sob a inspiração das Louzadas--fôra elle, elle,

Gonçalo Mendes Ramires, que arrancára o Cavalleiro á sua Repartição, o

conduzira serviçalmente ao Largo d'El-Rei, lhe escancarára as portas do

Palacete até ahi rondadas e miradas sem proveito, e com sereno descaro

alcovitára os amores da irmã! Se taes desavergonhadas não mereciam que

lhes arregaçassem as sujas saias no meio da Praça, em manhã de Missa, e

lhes fustigassem as nadegas melladas, furiosamente, até que o sangue

ensopasse as lages!...

E, para maior damno, as apparencias todas se combinavam contra elle,

traidoramente! Essa insistencia de André, cocando Gracinha, estrondeando

a calçada em torno do Palacete, crescera, impressionava, justamente

agora, n'este Agosto, nas vesperas d'essa sua apparição á janella do

Governo Civil, que Oliveira commentava como um misterio historico. Que

inopportunamente morrera o animal do Sanches de Lucena! Mezes antes, nem

mesmo a malicia das Louzadas ligaria a sua reconciliação com André a um

cêrco amoroso que não começára, ou não andava tão murmurado. Tres ou

quatro mezes depois, André, sem esperança ante o Palacete inaccessivel,

certamente findaria os seus giros pelo Largo, de rosa ao peito! Mas não!

infelizmente quando esse André, com maior estrepito, ronda a porta

almejada--é que elle acode, e abraça o rondador, e lhe facilita a porta!

E assim a maledicencia das Louzadas encontrava uma base, a que todos na

cidade podiam palpar a substancia, e a solidez, e sobre ella se erigia

como Verdade Publica! Infames Louzadas!

Mas agora? O que? manter rigidamente as suas relações com o Cavalleiro

dentro da Politica, evitando escorregadias intimidades que o tornassem

logo nos Cunhaes, como outr'ora na Torre, o conviva desejado? Como

poderia? Desde que elle se reconciliava com André, logo e tão

naturalmente como a sombra segue a inclinação do ramo, se reconciliava

tambem o Barrôlo, seu cunhado e sua sombra... Mas como impôr ao Barrôlo

que a sua renovada familiaridade com o Cavalleiro se realisasse

unicamente dentro da Politica como dentro d'um Lazareto?--«Eu sou outra

vez o velho amigo do André, tu, Barrôlo, tambem--mas nunca o convides

para a tua mesa, nem lhe abras a tua porta!»--Imposição desconcertada,

de dura impertinencia--e que, na pequena Oliveira, logo os faceis

encontros, a simplicidade hospitaleira do Barrôlo, quebrariam como um

barbante poido... E depois que grotesca attitude a sua, hirto deante do

portão do Palacete, como um Archanjo S. Miguel, de bengala de fogo na

mão, para sustar a intrusão de Satanaz, Chefe do Districto! Mas tambem

que toda a cidade largasse a cochichar pelos cantos o nome de Gracinha

embrulhado ao nome de André, com o nome d'elle, Gonçalo, emmaranhado

atravez como o fio favoravel que os atára--era horrivel.

E na impaciencia d'esta difficuldade, de malhas tão asperas, que tanto o

feriam, terminou por esmurrar a meza, revoltado:

--Irra, que massada! São tudo massadas, n'estas terras pequenas e

coscovilheiras...

Em Lisboa quem se importaria que o Snr. Governador civil passeasse n'um

certo Largo--e que certo Fidalgo da Torre se reconciliasse com o Snr.

Governador Civil?... Pois acabou! Romperia soberbamente para diante,

como se habitasse Lisboa, desafogado de mexericos e de malignos olhinhos

a cocar. Era Gonçalo Mendes Ramires, da casa de Ramires! Mil annos de

nome e de solar! Dominava bem acima de Oliveira, de todas as suas

Louzadas. E não só pelo nome, louvado Deus, mas pelo espirito... O André

era seu amigo, entrava em casa de sua irmã--e Oliveira que estoirasse!

E nem consentiu que a suja carta das Louzadas desmanchasse a quieta

manhã de trabalho para que se preparára desde o almoço, relendo trechos

do Poemeto do Tio Duarte, folheando artigos do \_Panorama\_ sobre as

guerras de muralhas no seculo XII. Com um esforço d'attenção erudita

abancou, mergulhou a penna no tinteiro de latão que servira a trez

gerações de Ramires. E emquanto repassava as tiras trabalhadas, nunca o

Castello de Santa Ireneia lhe parecera tão heroico, de tão soberana

estatura, sobre tamanha collina d'Historia, sobranceando o Reino, que em

torno d'elle se alargava, se cobria de villas e messes, pelo esforço dos

seus castellões!

Temerosa, com effeito, se erguia a antiga Honra de Santa Ireneia, n'essa

Affonsina manhã d'Agosto e rijo sol, em que o pendão do Bastardo

surgira, entre fulgidos d'armas, para além dos arvoredos da Ribeira! Já

por todas as ameias se apinhavam os besteiros, espiando, encurvadas as

béstas. Das torres e adarves subia o fumo grosso do breu, fervendo nas

cubas, para despejar sobre os homens de Bayão que tentassem a escalada.

O Adail corria pelas quadrellas, relembrando as traças de defeza,

revistando os feixes de virotões, os pedregulhos d'arremesso. E no

immenso terreiro, por entre os alpendres colmados, surdiam velhos

solarengos, servos do forno, servos da abegoaria, que se benziam com

terror, puchavam pelo saião d'algum apressado homem de rolda, para

saberem da hoste que avançava. No emtanto a cavalgada passára a Ribeira

sobre a rude ponte de pau--já, por entre os alamos, serenamente se

acercava do Cruzeiro de granito, outr'ora erguido nos confins da Honra

por Gonçalo Ramires, o \_Cortador\_. E, no socego da manhã abrazada, mais

fundamente resoaram as buzinas do Bastardo, e o seu toque lento e triste

á mourisca...

Mas quando Gonçalo, enlevado no trabalho, tentava reproduzir, com termos

bem sonoros, avidamente rebuscados no \_Diccionario de Synonimos\_, o toar

arrastado das buzinas de Bayão--sentiu realmente, do lado da Torre, um

gemer de sons graves que crescia atravez dos limoeiros. Deteve a

penna--e eis que o \_Fado dos Ramires\_ s'eleva offertadamente da horta,

em serenada, para a varanda florida de madresilva:

Ora, quem te vê solitaria,

Torre de Santa Ireneia...

O Videirinha!--Correu alvoroçadamente á janella. Um chapeu côco tremulou

entre os ramos, um brado estrugio, acclamador:

--Viva o deputado por Villa-Clara! Viva o illustre deputado Gonçalo

Ramires!

No violão rompera triumphalmente o Hymno da Carta. Videirinha, alçado na

biqueira das botas gaspeadas de verniz, gritava--«Viva a illustre casa

de Ramires!» E por baixo do chapeu côco, sacudido com delirio, João

Gouveia, sem poupar a garganta, urrava--«Viva o illustre deputado por

Villa-Clara! Viva!»

Magestosamente, Gonçalo, alagado de riso, estendeu da varanda o braço

eloquente:

--Obrigado, meus queridos concidadãos! Obrigado!... A honra que me

fazeis, vindo assim, n'esse formoso grupo, o chefe glorioso da

Administração, o inspirado Pharmaceutico, o...

Mas reparou... E o Titó?

--O Titó não veio?... Oh João Gouveia, você não avisou o Titó?

Repondo sobre a orelha o chapeu côco, o Administrador, que arvorára uma

gravata de setim escarlate, declarou o Titó «um animal»:

--Estava combinado virmos todos trez. Até elle devia trazer uma duzia de

foguetes, para estalar aqui com o Hymno... A reunião era ao pé da

Ponte... Mas o animal não appareceu. Em todo o caso ficou avisado,

avisadissimo... E se não vier, é traidor.

--Bem, subam vocês! gritou Gonçalo. Eu n'um instante me visto. E, para

aguçar o appetite, proponho um vermouth, depois uma volta pela quinta

até ao pinhal!...

Immediatamente Videirinha, têso, empinando o violão, metteu pela rua

larga da horta, recoberta de parreira; e atraz João Gouveia atirava os

passos em cadencia nobre, alçando o guarda-sol como um pendão. Quando

Gonçalo entrou no quarto, berrando pelo Bento e por agoa quente--o \_Fado

dos Ramires\_ soava, em trinados heroicos, atravez do feijoal, por sob a

janella aberta onde seccava o lençol do banho. E eram as quadras

preferidas do Fidalgo, as quadras em que o grande avô Ruy Ramires,

sulcando os mares de Mascate n'uma urca, encontra trez fortes naus

inglezas, e, do alto do seu castello de prôa, vestido de gran-vermelha,

com a mão no cinto d'anta tauxeado d'ouro e pedras, soberbamente as

intima a que se rendam...

Todo alegre, e a mão no cinto.

Junto da Signa Real,

Gritando ás naus--«Amainae

Por El-Rei de Portugal!...»

Gonçalo abotoava á pressa os suspensorios, retomára o canto

glorificador--\_Todo alegre, a mão no cinto\_... \_Junto da Signa

Real\_...--E, atravez do esforço esganiçado, pensava que com tal linha

d'avós, bem podia desprezar Oliveira e as suas Louzadas horrendas. Mas o

trovão lento de Titó retumbou no corredor:

--Então esse deputado de Villa-Clara?... Já está a vestir a farda?

Gonçalo correu á porta do quarto, radiante:

--Entra, Titó! Os deputados já não usam farda, homem! Mas se a tivesse,

c'os diabos, ia hoje farda, e espadim e chapeu armado, para honrar

hospedes tão illustres!

O outro avançára vagarosamente, com as mãos nas algibeiras da rabona de

velludo côr d'azeitona, o vasto chapeu braguez atirado para a nuca,

desafogando a honesta face barbuda, vermelha de saude e sol:

--Eu, por farda, queria dizer libré... Libré de lacaio.

--Ora essa!?

E o outro mais retumbante:

--Pois o que vaes tu ser, homem, senão um sujeito ás ordens do S.

Fulgencio, \_do horrendo careca\_? Não lhe serves o chá, quando elle te

mandar; mas, quando elle te mandar votar, votas! Alli, direitinho, ás

ordens! «Oh Ramires, vote lá!» E Ramires, zás, vota... É de escudeiro,

homem, é de escudeiro de libré...

Gonçalo sacudiu os hombros, impaciente:

--Tu és uma creatura das selvas, lacustre, quasi prehistorica... Não

entendes nada das realidades sociaes!... Na sociedade não ha principios

absolutos!...

Mas o Titó, imperturbavel:

--E esse Cavalleiro? Tambem já é rapaz de talento? Tambem já governa bem

o Districto?

Então Gonçalo protestou, picado, com uma roseta forte na face. E quando

negára elle ao André talento ou geito de governar? Nunca! Só rira,

gracejando, da sua pompa, da bigodeira lustrosa... E de resto, o serviço

do Paiz exigia que por vezes se alliassem homens que nem partilhavam os

mesmos gostos, nem procuravam os mesmos interesses!

--E emfim o Snr. Antonio Villalobos vem hoje um moralista muito

terrivel, um Catão com quem se não pode jantar!... Ora foi sempre o

costume dos Philosophos muito rispidos fugir da sala do banquete onde

triumpha o devasso, e protestar comendo na cosinha!

Titó, serenamente, virou as costas magestosas.

--Onde vaes, ó Titó?

--Para a cosinha!

E, como Gonçalo ria, Titó, junto da porta, girando como uma torre que

gira, encarou o seu amigo:

--Sério, sério, Gonçalo! Eleição, reconciliação, submissão, e tu em

Lisboa ás cortezias ao S. Fulgencio, e em Oliveira de braço dado com o

André, tudo isso me parece que destoa... Mas emfim se a Rosa hoje se

apurou, não alludamos mais a cousas tristes!

E Gonçalo bracejava, de novo protestava--quando o violão resoou no

corredor, com as patadas bem marchadas do Gouveia, e o \_Fado\_ recomeçou,

mais meigo, mais glorificador:

--Velha casa de Ramires,

Honra e flor de Portugal!

VI

A casa do Cavalleiro em Corinde era uma edificação dos fins do seculo

XVIII, sem elegancia e sem arte, pintada d'amarello, lisa e vasta, com

quatorze janellas de frente, quasi ao meio d'uma quinta chã, toda de

terras lavradas. Mas uma avenida de castanheiros conduzia, com alinhada

nobreza, ao pateo da frente, ornado por dois tanques de marmore. Os

jardins conservavam a abundancia esplendida de rosas que os tornára

famosos--e lhes merecera em tempos do avô de André, o Desembargador

Martinho, uma visita da Snr.^a D. Maria II. E dentro todas as salas

reluziam d'asseio e ordem, pelos cuidados da velha governanta, uma

parenta pobre do Cavalleiro, a Snr.^a D. Jesuina Rollim.

Quando Gonçalo, que viera da Torre na egoa, atravessou a ante-sala,

ainda reconheceu um dos paineis da parede, fumarento combate de galiões,

que elle uma tarde rasgára jogando o espadão com André. Sob esse painel,

á borda do canapé de palhinha, esperava melancolicamente um amanuense do

Governo Civil, com a sua pasta vermelha sobre os joelhos. E d'uma porta

remota, ao fundo do corredor, André, avisado pelo creado, o fiel

Matheus, gritou alegremente:

--Oh Gonçalo, entra para cá, para o quarto! Sahi da tina... Ainda estou

em ceroulas!

E em ceroulas o abraçou, n'um generoso abraço de parabens. Depois, em

quanto se vestia, por entre as cadeiras atravancadas com o recheio das

malas--gravatas, peugas de sêda, garrafas de perfumes--conversaram do

calor, da jornada enfadonha, de Lisboa despovoada...

--Um horror! exclamava o Cavalleiro aquecendo um ferro de frisar á

lampada d'alcool. Todas as ruas da Baixa em obras, cobertas de caliça,

de poeirada. O Central enfestado de mosquitos. Muito mulato. Uma Tunis,

Lisboa!... Mas emfim, lá combatemos bravamente o bom combate!

Gonçalo sorria, do canto do divan onde se accommodára, entre uma pilha

de camisas de côr e outra de ceroulas com monogramma flammante:

--E então, Andrésinho, tudo arranjado, hein?

O Cavalleiro, deante do toucador, frisava com enlevado esmero as pontas

grossas do bigode. E só depois de o ensopar em brilhantina, d'acamar as

ondas da cabelleira rebelde, de se mirar, de se requebrar, assegurou a

Gonçalo, já inquieto, que a eleição ficára solida...

--Mas imagina tu! Quando appareci em Lisboa, no Ministerio do Reino,

encontrei o circulo promettido ao Pitta, ao Theotonio Pitta, o grande

homem da \_Verdade\_...

O Fidalgo pulou, despenhando a ruma de camisas:

--E então?...

E então elle mostrára muito asperamente ao José Ernesto a inconveniencia

de dispôr do Circulo como d'um charuto, sem o consultar, a elle,

Governador Civil--e dono do circulo... E como o José Ernesto se

arrebitava, alludia á conveniencia superior do Governo, elle logo,

estendendo o dedo firme:--«Pois Zésinho, flôr, ou trago o Ramires por

Villa-Clara, ou me demitto, e arde Troia!...» Espantos, escarceus,

berreiros--mas o José Ernesto cedêra, e tudo findou jantando ambos em

Algés com o tio Reis Gomes, onde á noite, ao «bluff», as senhoras lhe

arrancaram quatorze mil reis.

--Em resumo, Gonçalinho, precisamos conservar os olhos attentos. O José

Ernesto é rapaz leal, meu velho amigo. E depois conhece o meu genio...

Mas ha os compromissos, as pressões... E agora a novidade pittoresca.

Sabes quem se propõe contra ti, pelos Regeneradores?... Adivinha... O

Julinho!

--Que Julinho?... O Julio das photographias?

--O Julio das photographias.

--Diabo!

O Cavalleiro encolheu os hombros, com piedade:

--Arranja dez votos á porta da quinta, tira o retrato a todos os

taverneiros do circulo em mangas de camisa, e continua a ser o

Julinho... Não! só Lisboa me inquieta, a canalha politica de Lisboa!

Gonçalo torcia o bigode, desconsolado:

--Imaginei tudo mais solido, mais inabalavel... Assim com todas essas

intrigas, ainda surde trapalhada... Ainda lá não vou!

O Cavalleiro, ao espelho, esticava o fraque--que experimentára abotoado,

depois repuxadamente aberto sobre o collete de fustão côr de azeitona

onde, no trespasse largo, tufava a gravata de sedinha clara, prendida

por uma saphira. Por fim, encharcando o lenço com essencia de fêno:

--Nós estamos bem alliados, bem consagrados, não é verdade? Então, meu

caro Gonçalo, socega, e almocemos regaladamente!... Creio que este

fraque do nosso Amieiro assenta com certa graça, hein?

--Magnifico! affirmou Gonçalo.

--Bem. Então agora descemos ao jardim, para tu reveres os velhos poisos

e te florires com uma rosa de Corinde.

E logo no corredor, ornado de jarrões da India, de arcas de charão,

enlaçando o braço de Gonçalo, do seu recuperado Gonçalo:

--Pois, meu filho, aqui pisamos ambos de novo os nobres soalhos de

Corinde, como ha cinco annos... E nada mudou, nem um creado, nem uma

cortina! Agora, um d'estes dias, preciso visitar a Torre.

Gonçalo accudiu ingenuamente:

--Oh! a Torre está muito mudada... Muito mudada!

E um embaraçado silencio pesou--como se entre elles surgisse a imagem

entristecida da antiga quinta, no tempo dos amores e das esperanças,

quando André e Gracinha procuravam as ultimas violetas d'Abril, sob o

sorriso tutelar de Miss Rhodes, rente aos humidos muros da Mãe d'Agoa.

Ainda em silencio desceram a escada de caracol--por onde ambos outr'ora

se despenhavam cavalgando o corrimão. E em baixo, n'uma sala abobadada,

rodeada de bancos de madeira com as armas dos Cavalleiros nas espaldas,

André quedou deante da porta envidraçada do jardim, ondeou um gesto

desconsolado e languido:

--Eu tambem, agora, pouco appareço em Corinde. E, comprehendes bem que

não me reteem em Oliveira os cuidados da Administração... Mas este

casarão arrefeceu, alargou, desde a morte da mamã. Ando aqui como

perdido. E acredita, quando cá me demoro, são uns passeios tristonhos

por esses jardins, pela Rua Grande... Ainda te lembras da Rua Grande?...

Vou envelhecendo muito solitariamente, meu Gonçalo!

Gonçalo murmurou, por concordancia, sympathia renovada:

--Eu tambem m'aborreço na Torre...

--Mas tens outro genio!... E eu realmente sou um elegiaco.

Correu, com um esforço, o fecho perro da porta envidraçada. E limpando

os dedos ao lenço perfumado:

--Eu creio que Corinde, agora, só me encantava com grandes cerros

escalvados, grandes rochedos agrestes... Ás vezes, cá dentro d'alma,

necessito o ermo de S. Bruno...

Gonçalo sorria d'aquelle appetite ascetico, murmurado com preciosidade,

atravez da bigodeira torcida a ferro, resplandecente de brilhantina. E

no terraço, junto á balaustrada de pedra enramada d'hera, galhofou,

louvando o areado alinho, o relusente viço do jardim:

--Com effeito, para um discipulo de S. Bruno, que escandalo, todo este

asseio! Mas para um peccador como eu, que delicia!... O jardim da Torre

anda um chavascal.

--A prima Jesuina gosta de flôres. Ta não conheces a prima Jesuina? Uma

velha parenta da mamã, que governa agora a casa. Coitada! e com um

escrupulo, com um amor... Se não fosse a santa creatura, os porcos

fossavam nos canteiros... Meu filho, onde não ha saia, não ha ordem!

Desceram a escadaria redonda, por entre os vasos de louça azul que

trasbordavam de geranios, de secias, de canas da India. Gonçalo recordou

a vespera de S. João em que rolára por aquelles degraus, n'um trambulhão

tremendo, com os braços carregados de foguetes. E lentamente, atravez do

jardim, evocavam memorias da camaradagem antiga. Lá se conservava o

trapezio, dos tempos em que ambos cultivavam a religião heroica da

força, da gymnastica, do banho frio... N'aquelle banco, sob a magnolia,

lera uma tarde André o primeiro canto do seu Poema, o \_Fronteiro

d'Arzilla\_. E o alvo? O alvo onde se exerciam á pistola, para os futuros

duellos, inevitaveis na campanha que ambos meditavam contra o velho

Syndicato Constitucional?...--Oh! toda essa parte do muro, que pegava

com o lavadoiro, fôra derrubada depois da morte da mamã, para alargar a

estufa...

--De resto o alvo era inutil! accrescentou o Cavalleiro. Eu logo por

esse tempo entrei tambem no Syndicato... E agora entras tu, pela porta

que eu te abro!

Então Gonçalo, que colhêra e esmagava entre os dedos, para lhe sorver o

perfume, folhas de lucia-lima--acudiu com uma franqueza, que aquelle

desenterrar de recordações tornava mais penetrante e sentida:

--E eu desejo entrar, e ardentemente, bem sabes. Mas tu afianças a

eleição, com segurança? Não surgirá difficuldade, Andrésinho?... Esse

Pitta é um habil!

O Cavalleiro murmurou apenas, mergulhando os dedos nas cavas do collete:

--Da habilidade dos Pittas se ri a força dos Cavalleiros...

Por trez degraus de tijolo baixaram ao outro jardim, desafogado de

arvoredo e sombra, onde desabrochava desde Maio, com explendor, o tão

celebrado bosque de roseiras, orgulho da quinta de Corinde, que

deleitára uma Rainha. Aquelle facil desdem pelo Pitta confirmava a

segurança da Eleição. Gonçalo, caminhando respeitosamente como n'um

Museu, regou de louvores deslumbrados as rosas do Cavalleiro:

--Uma belleza, André, uma maravilha! Tens aqui rosas sublimes...

Aquellas repolhudas, além, que luxo! E estas amarellas? deliciosas!...

Olha este encanto! o ruborsinho a surdir, a raiar, do fundo das petalas

brancas... Oh, que escarlate! Oh, que divino escarlate!

O Cavalleiro cruzára os braços, com gracejadora melancolia:

--Pois vê tu! Tal é a minha solidão social e sentimental que, com todas

estas rosas abertas, não tenho a quem mandar um ramo!... Estou reduzido

a florir as Louzadas!

Um escarlate, mais vivo do que as rosas que gabava, cobriu as faces do

Fidalgo:

--As Louzadas! Oh que desavergonhadas!

André atirou ao seu amigo os lustrosos olhos, n'um inquieto reparo de

curiosidade:

--Por quê?... Desavergonhadas, por quê?

--Por quê? Por que o são! Pela sua natureza, e pela vontade de Deus!...

São desavergonhadas como estas rosas são vermelhas.

E o Cavalleiro, tranquillisado:

--Ah, genericamente... Com effeito têm immensa peçonha. Por isso eu as

cubro de rosas. E em Oliveira, todas as semanas, meu filho, tomo com

ellas um chá respeitoso!

--Pois não as amansas, rosnou o Fidalgo.

Mas o Matheus apparecêra nos degraus de tijolo com o guardanapo na mão,

a calva rebrilhando ao sol. Era o almoço. O Cavalleiro colheu para

Gonçalo uma «rosa triumphal»--e para si um «botão innocente...» E,

enflorados, subiam para o terraço entre o brilho e o perfume de outras

roseiras--quando o Cavalleiro parou com uma ideia:

--A que horas vaes tu para Oliveira, Gonçalinho?

O Fidalgo hesitou. Para Oliveira?... Não tencionava apparecer em

Oliveira, toda essa semana...

--Por quê? É urgente que vá a Oliveira?

--Pois certamente, filho! Ámanhã mesmo precisamos conversar com o

Barrôlo, combinarmos, por causa dos votos da Murtosa!... Meu querido

Gonçalo, não podemos adormecer. Não é pelo Julio, é pelo Pitta!

--Bem! bem! acudio logo Gonçalo, assustado. Parto para Oliveira.

--Por que então, continuava André, vamos ambos logo, a cavallo. É um

bonito passeio pelos Freixos, sempre com sombra... Tens talvez de mandar

á Torre, por causa de roupa...

Não! Gonçalo, para evitar a importunidade de malas, conservava nos

Cunhaes um bragal inteiro, desde a chinella até á casaca. E entrava em

Oliveira como o Philosopho Bias em Athenas--com uma simples bengala e

paciencia infinita...

--Delicioso! declarou André. Fazemos então logo a nossa entrada official

em Oliveira. É o começo da campanha.

O Fidalgo torcia o bigode, consternado, pensando nos risinhos perversos

das Louzadas, de toda a cidade, perante uma entrada tão apparatosamente

fraternal. E, quando o Cavalleiro recommendou ao Matheus que mandasse

apromptar o \_Rossilho\_ e a egoa do Fidalgo para as quatro horas e meia,

Gonçalo exagerou o seu receio do calor, da poeira. Antes partissem ás

sete, pela fresca! (Assim esperava penetrar em Oliveira

desapercebidamente, esbatido no crepusculo). Mas André protestou:

--Não, é uma secca, chegamos á noite. Precisamos entrar com solemnidade,

á hora da musica no Terreiro... Ás cinco, hein?

E Gonçalo, vergando os hombros sob a Fatalidade:

--Pois sim, ás cinco.

Na sala de jantar, esteirada, com denegridos paineis de flôres e fructas

sobre um papel vermelho imitando damasco, André occupou a veneranda

cadeira de braços do avô Martinho. O brilho das pratas, a frescura das

rosas n'uma floreira de Saxe, revelavam os desvelos da prima

Jesuina--que, com dôr d'entranhas n'essa manhã, não se vestira, almoçava

no quarto... Gonçalo louvou aquella elegante ordem, tão rara n'uma casa

de solteirão, lamentando a falta de uma prima Jesuina na Torre... E

André sorria deliciadamente, desdobrando o guardanapo, com a esperança

que Gonçalo contasse aos Barrôlos o confortavel luxo de Corinde. Depois,

picando com o garfo uma azeitona:

--Pois é verdade, meu querido Gonçalo, lá estive n'essa grande Capital,

depois um dia em Cintra...

O Matheus entre-abriu a porta para recordar a S. Ex.^a o amanuense do

Governo Civil, que esperava.

--Pois que espere! gritou S. Ex.^a.

Gonçalo lembrou que talvez o digno homem se impacientasse, com fome...

--Pois que almoce! gritou S. Ex.^a.

Aquelle secco desprezo de André pelo pobre empregado, esquecido no banco

d'entrada, com a sua pasta sobre os joelhos--constrangia o Fidalgo. E

espetando tambem uma azeitona:

--Dizias então, Cintra...

--Semsabor, resumiu André. Poeirada horrenda, femeaço mediocre... E já

me esquecia. Sabes quem lá encontrei, na estrada de Collares? O

Castanheiro, o nosso Castanheiro, o dos \_Annaes\_, de chapéo alto. Ergueu

logo os braços ao céo, desolado:--«E então esse Gonçalo Mendes Ramires

não me manda o romance?» Parece que o primeiro numero da Revista sae em

Dezembro, e elle precisa o original em começos d'Outubro... Lá me

supplicou que te saccudisse, que te recordasse a gloria dos Ramires. E

tu devias acabar a Novella... Até convem que, antes d'entrares na

Camara, appareça um trabalho teu, um trabalho serio, d'erudição forte,

bem portuguez...

--Pois convem! concordou vivamente Gonçalo. E á Novella só falta o

Capitulo quarto. Mas esse justamente demanda mais preparação, mais

pesquizas... Para o acabar precisava o espirito bem socegado, a certeza

d'esta infernal eleição... Não é o animal do Julio que me inquieta. Mas

a canalha intrigante de Lisboa... Que te parece?

Cavalleiro riu, estendendo de novo o garfo para as azeitonas:

--Que me parece, Gonçalinho? Que estás como uma creança pequena,

afflicta, com medo que te não chegue o prato de arroz doce. Socega,

menino, apanhas o teu arroz doce!... Mas com effeito, encontrei o José

Ernesto muito teimoso. Já existiam compromissos antigos com o Pitta. \_A

Verdade\_ tem sido furiosamente ministerial... E esse Pitta, agora quando

souber que lhe tapei Villa-Clara, arde em furor contra mim. O que me é

soberanamente indifferente; colerasinhas ou piadinhas do Pitta não me

tiram o appetite... Mas o José Ernesto admira o Pitta, necessita do

Pitta, está empenhado em pagar ao Pitta com um circulo... Ainda no

ultimo dia me disse na Secretaria, até lhe achei graça:--«Eu vejo que os

deputados por Villa-Clara morrem; ora se, por esse bom costume, o teu

Ramires morrer em breve, então entra o Pitta.»

Gonçalo recuou a cadeira:

--Se eu morrer!... Que animal!

--Oh, se morreres para o Circulo! atalhou o Cavalleiro rindo. Por

exemplo, se nos zangassemos, se ámanhã entre nós surgisse uma

dissidencia... Emfim o impossivel!

O Matheus entrava com a terrina de caldo de gallinha, que rescendia.

--A elle! exclamou André. E não se falle mais de Circulos, nem de

Pittas, nem de Julios, nem da negregada Politica!... Conta antes o

enredo da tua Novella... Historica, hein?... Meia-idade? D. João V?...

Eu, se tentasse agora um Romance, escolhia uma epocha deliciosa,

Portugal sob os Philippes...

\* \* \* \* \*

Os tres quartos, depois das seis, batiam no relogio sempre adeantado da

Egreja de S. Christovão, em Oliveira, quando André Cavalleiro e Gonçalo,

descendo da rua Velha, penetraram no Terreiro da Louça (agora \_Largo do

Conselheiro Costa Barroso\_).

Todos os Domingos, tocando n'um coreto que o Conselheiro, quando

Presidente da Camara, mandára construir sobre o velho Pelourinho

demolido, a charanga do Regimento ou a philarmonica \_Lealdade\_ tornavam

aquelle Largo o centro mais sociavel da quieta e caseira cidade. N'essa

tarde, porém, como começára no Convento de Santa Brigida o bazar

patrocinado pelo Bispo, as senhoras rareavam nos bancos de pedra e nas

cadeiras do Asylo espalhadas por sob as acacias. As Louzadas faltavam no

seu pouso reservado, superiormente escolhido para espiarem todo o

Terreiro, as casas que o cerram do lado de S. Christovão e do lado das

Trinas, a rua Velha e a rua das Vellas, a barraca da limonada, e até

outro retiro pudicamente disfarçado por uma canniçada de heras. E o

unico rancho conhecido, D. Maria Mendonça, a Baroneza das Marges, as

duas Alboins, conversavam com as costas para o Terreiro, junto da grade

de ferro que o limita sobre a antiga muralha--d'onde se dominam campos,

a cêrca do Seminario Novo, todo o pinhal da Estevinha e as voltas

lustrosas da ribeira de Crêde.

Mas entre os cavalheiros que trilhavam vagarosamente a alêa do Largo

denominada o «Picadeiro», gosando a \_Marcha do Propheta\_, o espanto

reviveu (apezar de todos conhecerem a reconciliação famosa do Governo

Civil) quando os dous amigos appareceram, ambos de chapéos de palha,

ambos de polainas altas, ao passo solemne das duas egoas--a de Gonçalo

airosa e baia de cauda curta á ingleza, a do Cavalleiro pesada e preta,

de pescoço arqueado, a cauda farta rojando as lages. Mello Alboim, o

Barão das Marges, o Dr. Delegado, pararam n'uma fila pasmada, a que se

juntou um dos Villa-Velhas, depois o morgado Pestana, depois o gordo

major Ribas com a farda desabotoada, rebolando e galhofando sobre

«aquella amigação...» O tabellião Guedes, o Guedes \_pôpa\_, derrubou a

cadeira no alvoroço com que se ergueu, indignado mas respeitoso,

descobrindo a calva n'uma cortesia immensa em que o chapeu branco lhe

tremia. E o velho Cerqueira, o advogado, que sahia do retiro encanniçado

d'hera e se abotoava, embasbacou, com os oculos na ponta do nariz

alçado, os dedos esquecidos nos botões das calças.

No emtanto os dous amigos, gravemente, seguiam pela correnteza de casas

que o palacete de D. Arminda Villegas domina, com o pesado brazão dos

Villegas na cimalha, as suas dez nobres varandas de ferro opulentadas

por cortinas de damasco amarello. Na varanda d'esquina, o Barrôlo e José

Mendonça fumavam, sentados em mochos de palhinha. E ao sentir as patas

lentas das egoas, ao avistar tão inesperadamente o cunhado--o bom

Barrôlo quasi se despenhou da varanda:

--Oh Gonçalo! Oh Gonçalo!... Vaes lá para casa?

E nem esperou uma certeza, berrou de novo, bracejando:

--Nós já vamos! Jantámos cá esta tarde... A Gracinha está lá em cima,

com a tia Arminda. Vamos já tambem! É um momento!

O Cavalleiro acenou risonhamente ao capitão Mendonça. Já Barrôlo

mergulhára com enthusiasmo para dentro dos damascos amarellos. E os dois

amigos, deixando pelo Terreiro aquelle sulco de espanto, penetraram na

rua das Vellas onde um Policia se perfilou com a mão no bonet--o que foi

agradavel ao Fidalgo da Torre.

O Cavalleiro acompanhou Gonçalo ao Largo d'El-Rei. Deante do Palacete um

homem de boina vermelha remoía no seu realejo o côro nupcial da \_Lucia\_,

espiando as janellas desertas. O Joaquim da Porta correu do pateo a

segurar a egoa do Fidalgo. Com um mudo sorriso o tocador estendera a

boina. E depois de lhe atirar um punhado de cobre--Gonçalo hesitou,

murmurou emfim, com embaraço e corando:

--Não queres entrar e descançar, André?...

--Não, obrigado... Então ámanhã ás duas, no Governo Civil, com o

Barrôlo, para combinarmos sobre os votos da Murtosa... Adeus, minha

flôr! Démos um bello passeio e espantamos os povos!

E S. Ex.^a, envolvendo o Palacete n'um demorado olhar, desceu pela rua

das Tecedeiras.

No seu quarto (sempre preparado, com a cama feita) Gonçalo acabava de se

lavar, de se escovar, quando Barrôlo se precipitou pelo corredor,

esbofado, soffrego--e atraz d'elle Gracinha, offegante tambem,

desapertando nervosamente as fitas escarlates do chapeu. Desde a tarde

em que Barrôlo «presenceára com os olhos bem acordados!» a palestra de

Gonçalo e de André na varanda do Governo Civil--fervera n'elle e em

Gracinha uma impaciencia desesperada por penetrar os motivos, a

encoberta historia d'aquella reconciliação surprehendente. Depois a fuga

de Gonçalo na caleche para a Torre, sem parar nos Cunhaes; a repentina

jornada do Cavalleiro a Lisboa; o silencio que sobre aquelle caso se

abatera mais pesado que uma tampa de ferro--quasi os aterrou. Gracinha á

noite, no Oratorio, murmurava atravez das resas distrahidas:--«Oh, minha

rica Nossa Senhora, que será?»--Barrôlo não ousára correr á Torre; mas

até sonhava com a varanda do Governo Civil, que lhe apparecia enorme,

crescendo, atravancando Oliveira, roçando já as janellas dos Cunhaes

d'onde elle a repellia com o cabo d'uma vassoura... E eis agora Gonçalo

e André que entram na cidade a cavallo, muito serenamente, ambos de

chapeus de palha, como companheiros constantes recolhendo d'um passeio!

Logo á porta do quarto, Barrôlo atirou os braços, rompeu aos brados:

--Então gue tem sido tudo isto?... Não se falla n'outra coisa!... Tu com

o André!

Gracinha, arfando, tão vermelha como as fitas do chapeu, só balbuciava:

--E nem vens, nem escreves... Nós com tanto cuidado...

E mesmo rente da porta aberta, sem se sentarem, o Fidalgo aclarou o

«Mysterio», com a toalha ainda nas mãos:

--Uma cousa muito inesperada, mas muito natural. O Sanches Lucena

morreu, como vocês sabem. Ficou vago o circulo de Villa-Clara. É um

circulo por onde só póde sahir um homem da terra, com propriedade, com

influencia. O governo immediatamente me mandou perguntar, pelo

telegrapho, se eu me desejava propôr... Ora eu, no fundo, estou de bem

com os Historicos, sou amigo do José Ernesto... Estimava entrar na

Camara... Acceitei.

O Barrôlo esmagou a coxa com uma palmada triumphal:

--Então era certo, caramba!

O Fidalgo continuava, enxugando interminavelmente as mãos:

--Acceitei, está claro, com condições; e muito fortes. Mas acceitei...

N'este caso, como vocês sabem, convem que o candidato se entenda com o

Governador Civil. Eu, ao principio, não queria renovar relações. Instado

porém, muito instado de Lisboa, e por considerações superiores de

Politica, consenti n'esse sacrificio. Nas difficuldades em que se

encontra o paiz todos devem fazer sacrificios. Eu fiz esse... O André,

de resto, foi muito amavel, muito affectuoso. De sorte que estamos outra

vez amigos. Amigos politicos: mas muito bem, muito lealmente... Almocei

hoje com elle em Corinde, viemos juntos pelos Freixos. Uma tarde

linda!... Emfim renasceu a antiga harmonia. E a eleição está segura.

--Venham de lá esses ossos! berrou o Barrôlo, transportado.

Gracinha terminára por se sentar á borda do leito, com o chapeu no

regaço, enlevada para o irmão, n'um silencioso enternecimento em que os

seus doces olhos se humedeciam e riam. O Fidalgo, que se desprendera do

abraço do Barrôlo, dobrava a toalha com um vagar distrahido:

--A eleição está segura, mas precisamos trabalhar. Tu, Barrôlo, tens de

conversar tambem com o Cavalleiro. Já combinei. Ámanhã no Governo Civil,

ás duas horas. É necessario que vocês se entendam por causa dos votos da

Murtosa...

--Prompto, menino! o que vocês quizerem! Votos, dinheiro...

E Gonçalo, borrifando vagamente o jaquetão com agua de Colonia que

pingava no soalho:

--Desde o momento em que eu me reconciliei com o André, tudo acabou. Tu,

Barrôlo, immediatamente te reconcilias tambem...

Barrôlo quasi pulou, no seu deslumbramento:

--Pois está claro! E ainda bem, que eu gosto immensamente do Cavalleiro!

Até sempre teimava com Gracinha... «Oh senhores, esta tolice, por causa

da Politica!...»

--Bem! concluiu o Fidalgo. A Politica nos separou, a Politica nos

reune... É o que se chama a inconstancia dos Tempos e dos Imperios.

E agarrou Gracinha pelos hombros, com um beijo brincalhão, estalado em

cada face:

--A tia Arminda? Boa, da escaldadella? Já voltou ás façanhas de \_Leandro

o Bello\_?

Gracinha resplandecia, com o lento sorriso que se não desfizera, a

envolvia toda em claridade e doçura:

--A tia Arminda está melhor, já anda. Perguntou por ti... Mas, oh

Gonçalo, tu de certo queres jantar!

--Não, almocei tremendamente em Corinde... Vocês, como jantaram á hora

antiga da tia Arminda, ceiam, hein? Então logo ceio... Agora apenas uma

chavena de chá, muito forte!

Gracinha correu, no alvoroço de servir o heroe querido. E pela escada,

descendo com Barrôlo que o contemplava, o Fidalgo da Torre lamentou os

seus sacrificios:

--É verdade, menino, é uma massada... Mas que diabo! todos devemos

concorrer para tirar o paiz do atoleiro!

Barrôlo, maravilhado, murmurava:

--E sem dizeres nada... Assim á capucha! Assim á capucha!...

--E agora outra cousa, Barrôlo. Ámanhã, no Governo Civil, deves convidar

o André a jantar...

--Com certeza! gritou o Barrôlo. Jantar d'estrondo?

---Não, homem! Jantar muito quieto, muito intimo. Unicamente o André e o

João Gouveia. Telegraphas ao João Gouveia. Tambem pódes convidar os

Mendonças... Mas jantar muito discreto, só para conversarmos, para

firmar a reconciliação d'um modo mais sociavel, mais elegante.

Ao outro dia, no Governo Civil, Barrôlo e o Cavalleiro apertaram as mãos

com tanta singelleza, como se ambos, ainda na vespera, andassem jogando

o bilhar e caturrando no club da rua das Pêgas. De resto conversaram

summariamente sobre a Eleição. Apenas o Cavalleiro alludira com

indolencia aos votos de Murtosa--o bom Barrôlo quasi se engasgou, na

ancia de os offerecer:

--E o que vocês quizerem... Votos, dinheiro, o que vocês quizerem!...

Vocês digam! Eu vou para a Murtosa, e é comezaina, e pipa de vinho

aberta, e a freguezia inteira a votar no meio de foguetorio...

O Cavalleiro, rindo, amansou aquelle fervor faustoso:

--Não, meu caro Barrôlo, não! Nós preparamos uma eleição muito sobria,

muito socegada. Villa Clara elege Gonçalo Mendes Ramires deputado,

naturalmente, como o seu melhor homem. Não ha combate, o Julinho é uma

sombra. Portanto...

O Barrôlo persistia, radiante, gingando:

--Perdão, André, perdão! Lá isso vinhaça, e vivorio, e foguetorio, e

festança magna...

Mas Gonçalo, embaraçado, ancioso por suster a garrulice do Barrôlo, as

palmadas carinhosas com que elle se atufava na intimidade do Cavalleiro,

apontou para a mesa de S. Ex.^a:

--Tu tens que fazer, André. Vejo ahi uma papelada pavorosa... Não

roubemos mais tempo ao chefe illustre do Districto! Ao trabalho!

Trabalhar, meu irmão, que o trabalho

É André, é virtude, é valor!...

Agarrára o chapeu, acenando ao cunhado. Então Barrôlo, com as bochechas

a estalar de gosto, balbuciou o convite que firmaria a reconciliação

d'um modo sociavel e elegante:

--Cavalleiro, para conversarmos melhor, se você nos quizer dar o gosto

de vir jantar... Quinta feira, ás seis e meia... Nós, quando cá está o

Gonçalo, jantámos sempre mais tarde.

O Cavalleiro, que corára, agradeceu com discreta ceremonia:

--É para mim um immenso prazer, uma immensa honra...

E á porta da antesala onde os acompanhára, segurando o pesado reposteiro

de baeta escarlate com as Armas Reaes bordadas--supplicou ao Barrôlo que

pozesse os seus respeitos aos pés da snr.^a D. Graça...

Barrôlo, descendo a larga escadaria de pedra, limpava a testa, o

pescoço, humedecidos pela emoção. E no páteo desabafou:

--Muito sympathico este André! Rapaz franco, de quem sempre gostei...

Realmente estava morto que acabassem estas historias... E mesmo lá para

os Cunhaes, para a companhia, para o cavaco, que bella acquisição!

Quinta feira de manhã depois do almoço, no terraço do jardim onde

tomavam café, Gonçalo recommendou ao Barrôlo que «para accentuar mais

completamente a intimidade simples do jantar não pozesse casaca...»

--E tu, Gracinha, vestido afogado. Mas vestidinho claro, alegre...

Gracinha sorriu, indecisamente, continuando a folhear um \_Almanach de

Lembranças\_ estendida n'uma cadeira de verga, com um gatinho branco no

regaço.

Depois do alvoroço e pasmo de Domingo, ella apparentava agora um

desinteresse silencioso pela reconciliação que ainda abalava Oliveira,

pela Eleição, pelo jantar. Mas n'esses dias não socegára--tão impaciente

e sensivel que o bom Barrôlo incessantemente lhe aconselhava o grande

remedio da Mamã contra os nervos, «flôres d'alecrim, cosidas em vinho

branco.»

Gonçalo percebia claramente a perturbação em que a lançava aquella

entrada triumphal de André, do antigo André, na sua casa de casada, nos

Cunhaes. E para se tranquillisar evocava (como na estrada do cemiterio

em Villa-Clara) a seriedade de Gracinha, o seu rigido e puro pensar, a

altivez da sua almasinha heroica. N'essa manhã mesmo, todo no fresco e

soffrego cuidado da sua Eleição, só receava que Gracinha, por embaraço

ou cautella, acolhesse seccamente o Cavalleiro, o esfriasse no seu

renovado fervor pela casa de Ramires, no seu patrocinato Politico. E

insistiu, gracejando:

--Ouviste, Gracinha? Um vestido branco. Um vestidinho alegre, que sorria

aos hospedes...

Ella murmurou, mergulhada no seu \_Almanach\_:

--Sim, realmente, com este calor...

Mas Barrôlo bateu uma palmada na côxa. Que pena! que pena não ter em

Oliveira, «para o brinde de reconciliação», um famoso vinho do Porto, da

garrafeira da Mamã, preciosissimo, velhissimo, do tempo de D. João II...

--D. João II? rosnou Gonçalo. Está estragado!

Barrôlo hesitou:

--D. João II ou D. João VI... Um d'esses Reis. Emfim um vinho unico, do

seculo passado! Só restam á mamã oito ou dez garrafas... E hoje, era dia

para uma, hein?

O Fidalgo deu um sorvo lento ao café:

--O André, antigamente, tambem gostava muito d'ovos queimados...

Bruscamente Gracinha fechou o \_Almanach\_--e, com uma fuga e um silencio

que emmudeceram Gonçalo, sacudiu do collo o gato dorminhoco, atravessou

o terraço, desappareceu entre os teixos altos do jardim.

Mas á tarde, quando o Fidalgo occupou o seu logar na mesa oval, junto da

prima Maria Mendonça--logo notou, entre duas compoteiras, uma travessa

d'ovos queimados. Apesar de jantar tão intimo serviam, com a louça da

China, os famosos talheres dourados da baixella do tio Melchior. E duas

jarras de Saxe transbordavam de cravos brancos e amarellos, côres

heraldicas dos Ramires.

D. Maria, que não encontrára o querido primo desde os annos de Gracinha,

murmurou com um sorriso, uma grave cortezia, n'aquelle cerimonioso

silencio em que se desdobravam os guardanapos:

--Ainda lhe não dei os parabens, primo Gonçalo...

Elle acudiu, mechendo nervosamente nos copos:

--Chut! prima, chut! Hoje aqui, já está decidido, não se allude sequer a

Politica... Está muito calor para Politica.

Ella suspirou de leve, como desfallecida: Ai, o calor... Que horrivel

calor! Desde que entrára nos Cunhaes com aquelle vestido preto que «era

o seu pallio rico»--ainda não cessára de invejar a frescura do vestido

branco de Gracinha...

--Que bem que lhe fica! Está hoje linda!

Era um vestido liso de crepon branco, que aclarava, remoçava a sua graça

quasi virginal. E nunca realmente tanto prendera, assim clara e fina,

com os verdes olhos refulgindo como esmeraldas lavadas, uma ondulação

mais lustrosa nos pesados cabellos, um macio rubor transparente, todo um

fresco brilho de flôr regada, de flôr revivida, apesar do acanhamento

que lhe immobilisava os dedos ao erguer a colhér de prata dourada. E ao

lado, superiormente robusto e largo, com o peitilho arqueado como uma

couraça e cravejado de duas saphiras, uma rosa branca desabrochada na

lapella, André Cavalleiro, que recusára a sopa (oh, no verão nunca comia

sopa!) dominava a mesa, levemente commovido tambem, passando sobre o

reluzente bigode um lenço tão perfumado que afogava o perfume dos

cravos. Mas foi elle que encadeou a animação com risonhos queixumes

sobre o calor--o escandaloso calor d'Oliveira... Ah! que Purgatorio

abrasado--depois dos seus dois dias de Paraiso, na frescura deliciosa de

Cintra!

D. Maria Mendonça adoçou os espertos olhos para o Snr. Governador

Civil.--E então Cintra? Animada? Muitos ranchos á tarde, em Setiaes?

Encontrára a Condessa de Chellas--a prima Chellas?...

Sim, na Pena, na sua visita á Rainha, Cavalleiro conversára durante um

momento com a Snr.^a Condessa de Chellas...

--Ah! e a Rainha?...

--Oh, sempre encantadora...

A Snr.^a Condessa de Chellas, essa, um pouco magra. Mas tão amavel, tão

intelligente, tão verdadeiramente \_grande dame\_--não é verdade? E, como

se inclinára para Gracinha, com uma doçura infinita no simples mover da

cabeça--ella, perturbada, mais vermelha, balbuciou que não conhecia a

Condessa de Chellas...--D. Maria Mendonça accusou logo a inercia dos

primos Barrôlos, sempre encafurnados nos Cunhaes, sem nunca se

aventurarem a Lisboa no inverno, para conviver, para conhecer os

parentes...

--E a culpa é do primo José, que detesta Lisboa...

Oh não! Barrôlo não detestava Lisboa! Se podesse acarretar para Lisboa

as suas commodidades, o seu quarto, a sua cocheira, a boa agua do pomar,

a rica varanda sobre o jardim--até se regalava!

--Mas entalado n'aquelles quartinhos do Bragança... E depois a má

comida, o barulho... A Gracinha em Lisboa nunca dorme... E a massada das

manhãs?... Não ha nada que fazer em Lisboa, de manhã!

O Cavalleiro sorria para o Barrôlo, como enlevado na sua graça e razão.

Depois confessou que elle, apesar de habitar tambem (mercê do Estado!)

um palacete confortavel, e gozar tambem uma agua excellente, a finissima

agua do Poço de S. Domingos, lamentava que os deveres de Politica, a

disciplina de Partido o amarrassem a Oliveira. E toda a sua esperança

era a queda do Ministerio, para se libertar, passar tres mezes divinos

em Italia...

Do outro lado de Gracinha, João Gouveia (sempre acanhado e mudo deante

de senhoras) exclamou, n'um impulso d'amisade, de convicção:

--Pois, Andrésinho, vae perdendo a esperança! O S. Fulgencio não arreia!

Ainda cá te apanhamos uns tres ou quatro annos!

E insistiu, debruçado sobre Gracinha, n'um esforço d'amabilidade que o

esbraseava:

--O S. Fulgencio não arreia. Ainda cá temos o nosso André mais tres ou

quatro annos.

André protestava, com um requebro, as espessas pestanas quasi cerradas:

--Oh meu João! não me queiras mal, não me queiras mal!...

E teimava. Ah, com certeza! ainda que desertasse o seu partido (e que

importa em hoste poderosa uma lança ferrugenta?) esses mezes d'Italia no

inverno já os sonhára, já os preparava...--E a Snr.^a D. Graça não

permittia que elle a servisse d'um pouco de vinho branco?

Barrôlo estendeu o braço, com effusão:

--Oh Cavalleiro! eu tenho empenho em que você prove esse vinho com

cuidado... É da minha propriedade do Corvello... Faço muito gosto

n'elle. Mas prove com attenção!

S. Ex.^a provou com devoção, como se commungasse. E com uma cortezia

compenetrada para Barrôlo que reluzia de gosto:

--Uma delicia! uma verdadeira delicia!

--Hein? Não é verdade? Eu, para mim, prefiro este vinho do Corvello a

todos os vinhos francezes, os mais finos... Até alli o nosso amigo Padre

Sueiro, que é um Santo, o aprecia!

Silencioso, esbatido por traz d'uma das altas jarras de cravos, Padre

Sueiro corou, sorriu:

--Com muita agua, infelizmente, Snr. José Barrôlo... O gosto pede, mas o

rheumatismo não consente.

Pois José Mendonça, que não temia rheumatismos, atacava sempre

bravamente aquelle bemdito Corvello...

--Que lhe parece a você, João Gouveia?

Oh! João Gouveia já o conhecia, louvado Deus! E certamente nunca

encontrára em Portugal, como vinho branco, nenhum comparavel pela

frescura, pelo aroma, pela seiva...

--E cá lhe vou atiçando com fervor, Barrôlo amigo! Esta bella garrafa de

crystal vae de vencida!

Barrôlo exultava. O seu desgosto era que Gonçalo nunca honrasse «aquelle

nectar.»--Não! Gonçalo não tolerava vinhos brancos...

--E então hoje estou com uma d'estas sêdes que só me satisfaz vinho

verde, assim um pouco espumante, e com gelo... Que este de Vidainhos

tambem é do Barrôlo. Oh, eu não desprezo os vinhos da familia... Este

Vidainhos sinceramente o considero sublime.

Então Cavalleiro desejou provar esse sublime vinho verde da quinta de

Vidainhos, em Amarante. O escudeiro, a um aceno enthusiasmado do

Barrôlo, apresentou a Sua Ex.^a um copo esguio, especial para aquelle

vinho que espumava. Mas o Cavalleiro, acariciando o fresco copo sem o

erguer, repisou a idéa de ferias, de viagens, como accentuando o seu

cançasso e fastio d'Oliveira.--E sabia a Snr.^a D. Graça para onde elle

seguiria, depois da Italia, n'esse Inverno, se por caridade de Deus o

Ministerio cahisse?... Para a Asia Menor.

--E era uma viagem para que eu, com certesa, tentava o nosso Gonçalo...

Tão facil, agora, com os caminhos de ferro!... De Veneza a

Constantinopla um mero passeio. Depois, de Constantinopla a Smyrna, um

dia, dous dias, n'um vapor excellente. E d'ahi n'uma bôa caravana, por

Tripoli, pela antiga Sidonia, penetravamos em Galiléa... Galiléa! Hein

Gonçalo? Que belleza!

Padre Sueiro, suspendendo o garfo, lembrou timidamente--que em Galiléa o

Snr. Gonçalo Ramires pisaria terra que outr'ora, por pouco, pertencera á

sua Casa:

--Um dos antepassados de V. Ex.^a, Gutierres Ramires, companheiro de

Tancredo na primeira Cruzada, recuzou o ducado de Galiléa e de

Além-Jordão...

--Fez pessimamente! gritou Gonçalo, rindo. Oh, esse avô Gutierres andou

pessimamente! Por que não existia agora, n'este mundo, disparate mais

divertido do que eu Duque de Galiléa! O Snr. Gonçalo Mendes Ramires,

Duque de Galiléa e d'Além-Jordão!... Era simplesmente de rebentar!

Cavalleiro protestou, com sympathia:

--Ora essa! Por que?

--Não acredite! acudiu, com os olhos coruscantes, D. Maria Mendonça. O

primo Gonçalo, com todas estas graças, no fundo, é muitissimo

aristocrata... Mas terrivelmente aristocrata!

O Fidalgo da Torre pousou o copo de Vidainhos, depois d'um trago

saboreado e fundo:

--Aristocrata... Está claro que sou aristocrata. Sentiria com effeito

certo desgosto em ter nascido, como uma herva, d'outras hervas vagas.

Gósto de saber que nasci de meu pae Vicente, que nasceu de seu pae

Damião, que nasceu de seu pae Ignacio, e assim sempre até não sei que

Rei Suevo...

--Recesvinto! informou respeitosamente Padre Sueiro.

--Pois até esse Recesvinto. O peor é que o sangue de todos esses paes

não differe realmente do sangue dos paes do Joaquim da Porta. E que

depois do Recesvinto, para traz, até Adão, não tenho mais paes!

E, emquanto todos riam, D. Maria Mendonça, debruçada para elle, por traz

do leque largamente aberto, murmurou:

--O Primo está com esses deprezos... Pois eu sei d'uma senhora que tem a

maior admiração pela casa de Ramires e pelo seu representante.

Gonçalo enchia de novo o copo, com amor, attento á espuma:

--Bravo! Mas «convém distinguir», como diz o Manoel Duarte. Por quem tem

ella a verdadeira admiração, por mim ou pelo Suevo, pelo Recesvinto?

--Por ambos.

--Diabo!

Depois, pousando a garrafa, mais sério:

--Quem é?

Oh! ella não podia confessar. Não era ainda bastante velha para andar

com recadinhos de sentimento. Mas Gonçalo dispensava o nome--só desejava

as qualidades... Nova? Bonita?

--Bonita? exclamou D. Maria. É uma das mulheres mais formosas de

Portugal!

Espantado, Gonçalo lançou o nome:

--A D. Anna Lucena!

--Por quê?

--Por que mulher assim tão formosa, e vivendo n'estes sitios, e tão

conhecida da prima que lhe faz confidencias, só a D. Anna.

D. Maria, ageitando as duas rosas que lhe alegravam o corpete de sêda

preta, sorria:

--Talvez seja, talvez seja...

--Pois estou immensamente lisongeado. Mas ainda distingo, como o Manoel

Duarte. Se, da parte d'ella, essa sympathia toda é para o bom fim, não!

Não, santo Deus, não!... Mas se é para o mau fim, então, prima,

cumprirei honradamente o meu dever dentro das minhas forças...

D. Maria escondeu a face no leque, escandalisada. Depois, espreitando,

com os agudos olhos a faiscar:

--Oh primo, mas o bom fim é que convinha, por que a cousa é a mesma e

são duzentos contos a mais!

Gonçalo gritou d'admiração:

--Oh! esta prima Maria! Não ha em toda a Europa ninguem mais esperto!

Todos curiosamente anciaram por saber a nova graça da Snr.^a D. Maria.

Mas Gonçalo deteve as curiosidades:

--Não se póde contar. É casamento.

Então José Mendonça recordou a novidade picante que desde a vespera

remexia Oliveira:

--Por casamento!... Que me dizem ao casamento da D. Rosa Alcoforado?

Barrôlo, depois o Gouveia, até Gracinha, todos o proclamaram «um

horror.» Aquella perfeita rapariga, de pelle tão côr de rosa, de cabello

tão côr d'ouro, amarrada ao Teixeira de Carredes, um patriarcha

carregado de netos... Que desastre!

Pois ao Cavalleiro o casamento não parecia assim «desastrado.» O

Teixeira de Carredes, além de muito fino, de muito intelligente, era um

velho verdejante, quasi sem rugas--até bonito com aquelle contraste do

bigode escuro e da grenha riçada e branca. E na Snr.^a D. Rosa, com

todas as rosas da sua pelle e todo o ouro dos seus cabellos, dominava

«um não sei quê» de amollentado e de sorvado... Depois pouco esperta. E

pouco cuidadosa--sempre mal penteada, sempre mal pregada...

--Emfim, V. Ex.^{as} perdoem... Mas quem faz um casamento muito

desenxabido é o pobre Teixeira de Carredes.

D. Maria Mendonça considerava o Governador Civil com um espanto amavel:

--Pois se o Snr. Cavalleiro não admira a Rosinha Alcoforado, não sei

então que rapariga admire dentro do seu Districto...

Elle, logo, com galante rasgo:

--Mas, além de V. Ex.^{as}, não admiro ninguem! Realmente eu governo, em

Portugal, o Districto mais daprovido de belleza...

Todos protestaram. E a Maria Marges? E a pequena Reriz, da Riosa? E a

Mellosinho Alboim, com aquelles olhos?... Mas o Cavalleiro não

consentia, a todas demolia com um sarcasmo leve, ou pela pelle sem

frescura, ou pelo pisar desairoso, ou pelo provincianismo de gosto e

modos, sempre pela carencia das bellezas e graças que ornavam

Gracinha--lançando assim disfarçadamente, aos pés de Gracinha, um rôlo

de senhoras vencidas e amarfanhadas. Ella percebera a subtil adulação,

os seus olhos allumiaram com um fulgor mais enternecido o rubor que a

afogueava. Desejou repartir incenso tão accumulado--lembrou timidamente

outra belleza de que se orgulhava o Districto:

--A filha do Visconde de Rio-Manso, a Rosinha Rio-Manso... É linda!

O Cavalleiro triumphou com facilidade:

--Mas tem doze annos, minha senhora! Nem é rosinha, é botãosinho de

rosa!...

Quasi humildemente, Gracinha recordou a Luiza Moreira, filha d'um

lojista, muito admirada aos domingos na missa da Sé e no Terreiro da

Louça:

--É uma bella rapariga... Sobretudo a figura...

Cavalleiro triumphou ainda, com requebrada segurança:

--Sim, mas os dentes tortos, Snr.^a D. Graça! Os dentes acavallados! V.

Ex.^a nunca reparou... Oh! uma bôca muito desagradavel! E, além dos

dentes, o irmão, o Evaristo, com aquella cara mais chata que a alma, e a

caspa, e a porcaria, e o jacobinismo... Não ha mulher bonita com irmão

tão feio!

Mendonça estendera o braço, com outra curiosidade que occupava Oliveira:

--E por Evaristo!... Elle sempre funda o novo jornal republicano, o

\_Rebate\_?

O Snr. Governador Civil encolheu os hombros com uma ignorancia superior

e risonha. Mas João Gouveia, vermelho e luzidio depois da sua garrafa de

Corvello e da sua garrafa de Douro, affiançou que o \_Rebate\_ apparecia

em Novembro. Até elle conhecia o patriota que esportulava a «massa.» E a

campanha do \_Rebate\_ começava com cinco artigos esmagadores sobre a

Tomada da Bastilha.

O espanto de Gonçalo era como o Republicanismo alastrára em

Portugal--até na velhota, na devota Oliveira...

--Quando eu andava em preparatorios existiam simplesmente dois

republicanos em Oliveira, o velho Salema, lente de Rhetorica, e eu.

Agora ha partido, ha comité, ha dous jornaes... E ha mesmo o Barão das

Marges com a \_Voz Publica\_ na mão, debaixo da Arcada...

Mendonça não receava a Republica, gracejava:

--Ainda vem longe, muito longe... Ainda nos dá tempo de comermos estes

bellos ovos queimados.

--Deliciosos, murmurou o Cavalleiro.

--Sim, concordou Gonçalo, ainda temos tempo para os ovos... Mas que

rebente uma revolução em Hespanha, ou que morra o Reisinho na sua

menoridade, que naturalmente morre...

--Credo! Coitadinho! Pobre mãe! murmurou Gracinha sensibilisada.

Immediatamente o Cavalleiro a tranquillisou. Porquê, morrer o Reisinho

d'Hespanha? Os republicanos espalhavam boatos sombrios sobre os males da

excellente creança. Mas elle conhecia a realidade--assegurava á Snr.^a

D. Graça que, felizmente para a Hespanha, ainda reinaria um Affonso XIII

e mesmo um Affonso XIV. Em quanto aos nossos republicanos, esses... Meu

Deus! mera questão de guarda municipal! Portugal, nas suas massas

profundas, permanecia monarchico, de raiz. Apenas ao de cima, na

burguezia e nas escolas, fluctuava uma escuma ligeira, e bastante suja,

que se limpava facilmente com um sabre...

--V. Ex.^a, Snr.^a D. Graça, que é uma dona de casa perfeita, conhece

esta operação que se faz á panella do caldo... Escumar a panella. É com

uma colher. Aqui é com um sabre. Pois assim, com toda a simplicidade, se

clarifica Portugal. E foi isto que ainda ultimamente eu declarei a

El-rei.

Alteára a cabeça--o seu peitilho resplandecia, mais largo, como couraça

bastante rija para defender toda a Monarchia. E, no compenetrado

silencio que se alargou, duas rolhas de Champagne estalaram, por traz do

biombo, na copa.

Apenas o escudeiro, apressado, enchêra as taças--o Fidalgo da Torre com

uma gravidade que o sorriso adoçava:

--André, á tua saude. Não é ao Governador Civil, é ao amigo!

Todos os copos se ergueram n'um susuro acariciador. João Gouveia agitou

o seu, com especial effusão, gritando:--«Andrésinho, meu velho!» S.

Ex.^a apenas tocou de leve no calice de Gracinha. Padre Sueiro murmurou

as «graças.» E Barrôlo, atirando o guardanapo:

--Café aqui ou na sala?... Na sala estamos mais frescos.

Na sala grande, a sala dos velludos vermelhos, o lustre rebrilhava

solitariamente; pelas tres janellas abertas penetrava a serenidade da

noite quente, o recolhido silencio d'Oliveira; e em baixo, no Largo,

alguns sujeitos, mesmo duas senhoras de manta de lã branca pela cabeça,

pasmavam para aquella claridade de festa que jorrava dos Cunhaes. O

Cavalleiro e Gonçalo accenderam os charutos na varanda, respirando a

frescura escassa. E o Cavalleiro, com beatitude:

--Pois sempre te digo, Gonçalinho, que se janta sublimemente em casa de

teu cunhado!...

Gonçalo desejou que, no domingo, elle jantasse na Torre. Ainda restavam

umas garrafas de Madeira do tempo do avô Damião--a que se daria, com

soccorro do Gouveia e do Titó, um assalto heroico.

O Cavalleiro prometteu, já deliciado--tomando da pesada bandeja de

prata, que derreava o escudeiro, a sua chavena de café, sem assucar.

--E tu, com effeito, Gonçalo, agora não deves arredar da Torre. O teu

papel é todo de presença na localidade. O Fidalgo da Torre está no meio

das suas terras, por onde vae ser eleito para as Côrtes. É o teu

papel...

O Barrôlo com um riso enlevado, surdiu entre os dous amigos que enlaçou

ternamente pela cinta:

--E nós cá ficamos, ambos a trabalhar, o Cavalleiro e eu!...

Mas D. Maria, do canapé onde se enterrára, reclamou o primo Gonçalo

«para negocios.» Junto d'uma console, João Gouveia e Padre Sueiro,

remexendo o seu café, concordavam na necessidade d'um Governo forte. E

Gracinha, com o primo Mendonça, revolvia as musicas sobre a tampa do

piano, procurando o \_Fado dos Ramires\_. Mendonça tocava com corredio

brilho, composera valsas, um hymno ao Coronel Trancoso, o heroe de

Machumba--e mesmo o primeiro acto d'uma opera, \_A Pegureira\_. E como não

descortinavam o \_Fado\_ com as quadras do Videirinha--foi justamente uma

das suas valsas, a \_Perola\_, d'uma cadencia amorosa e cançada lembrando

a valsa do Fausto, que elle atacou, sem largar o charuto.

Então André Cavalleiro, que repenetrára vagarosamente na sala, repuxou o

collete, afagou o bigode, e avançando para Gracinha, com um modo meio

grave, meio folgazão:

--Se V. Ex.^a me quer dar a grande honra?...

Offerecia, abria os braços. E Gracinha, toda escarlate, cedeu, levada

logo nos largos passos deslisados que o Cavalleiro lançou sobre o

tapete. Barrôlo e João Gouveia correram a afastar as poltronas,

clareando um espaço, onde a valsa se desenrolou com o suave sulco branco

do vestido de Gracinha. Pequenina e leve, toda ella se perdia, como se

fundia, na força mascula do Cavalleiro, que a arrebatava em giros

lentos, com a face pendida, respirando os seus cabellos magnificos.

Da borda do canapé, com os finos olhos a fusilar, D. Maria Mendonça

pasmava:

--Mas que bem que valsa, que bem que valsa o Snr. Governador Civil!...

Ao lado Gonçalo torcia nervosamente o bigode, na surpreza d'aquella

familiaridade, assim renovada pelo Cavalleiro com tão serena confiança,

por Gracinha com tanto abandono... Elles torneavam, enlaçados. Dos

labios do Cavalleiro escorregava um sorriso, um murmurio. Gracinha

arfava, os seus sapatos de verniz reluziam sob a saia que se enrolava

nas calças do Cavalleiro. E Barrôlo, em extasi, quando elles o roçavam,

atirava palmas carinhosas, bradava:

--Bravo! Bravo! Lindamente!... Bravissimo!

VII

Gonçalo recolhia para o almoço depois d'um passeio no pomar percorrendo

a \_Gazeta do Porto\_, quando avistou no banco de pedra, rente á porta da

cosinha, onde a Rosa mudava o painço na gaiola do seu canario, o Casco,

o José Casco dos Bravaes, que esperava, pensativo e abatido, com o

chapeu sobre os joelhos. Vivamente, para se esquivar, remergulhou no

jornal. Mas percebeu a esgalgada magreza do homem, que surdia da sombra

da latada, avançava na claridade faiscante do pateo, hesitando, como

assustada... E, animado pela visinhança da Rosa, parou, forçando um

sorriso--em quanto o Casco enrolava nas mãos tremulas a aba dura do

chapeu, balbuciava:

--Se o Fidalgo me fizesse a esmola de uma palavra...

--Ah! é vossê, Casco! Homem, não o conheci... E então?

Dobrou o jornal, tranquillisado--gozando mesmo a submissão d'aquelle

valente que tanto o apavorára, erguido e negro como um pinheiro, na

solidão do pinheiral. E o Casco, engasgado, repuchava, esticava o

pescoço de dentro dos grossos collarinhos bordados--até que atirou toda

a alma n'uma supplica soluçada, retendo as lagrimas que marejavam:

--Ai, meu Fidalgo, perdôe por quem é! Perdôe, que eu nem lhe sei pedir

perdão!...

Gonçalo atalhou o homem, com generosidade e doçura. Elle bem o avisára!

Nada se emenda, a gritar, com o pau alçado...

--E olhe, Casco! Quando vossê me sahiu ao pinhal eu levava um revólver

na algibeira... Trago sempre um revólver. Desde que uma noite em

Coimbra, no Choupal, dous bebados me assaltaram, ando sempre á cautella

com o revólver... Pense você agora que desgraça se tiro o revólver, se

desfecho!... Que desgraça, hein?... Felizmente, n'um relance, pensei que

me perdia, que o matava, e fugi. Foi por isso que fugi, para não

desfechar o revólver... Emfim tudo passou. E eu não sou homem de

rancores, já esqueci. Comtanto que vossê, agora socegado e no seu juizo,

esqueça tambem.

O Casco amassava as abas do chapeu, com a cabeça derrubada. E sem a

erguer, sem ousar, rouco dos soluços que o entalavam:

--Pois agora é que eu me lembro, meu Fidalgo! Agora é que me ralo por

aquella doidice! Agora! depois do que o Fidalgo fez pela mulher e pelo

pequeno!...

Gonçalo sorriu, encolheu os hombros:

--Que tolice, Casco!... Pois a sua mulher apparece ahi n'uma noite

d'agua... E o pequenito doente, coitadito, com febre... Como vae elle, o

Manelsinho?

O Casco murmurou do fundo da sua humildade:

--Louvado seja Deus, meu senhor, muito sãosinho, muito rijinho.

--Ainda bem... Ponha o chapeu. Ponha o chapeu, homem! E adeus!... Vossê

não tem que agradecer, Casco... E olhe! Traga cá um dia o pequeno. Eu

gostei do pequeno. É espertinho.

Mas o Casco não se arredava, pregado ás lages. Por fim, n'um soluço que

rebentou:

--É que eu não sei como hei-de dizer, meu Fidalgo... Lá o dia de cadeia,

acabou! Tenho genio, fiz a asneira, com o corpo a paguei. E pouco

paguei, graças ao Fidalgo... Mas depois quando sahi, quando soube que a

mulher viera de noite á Torre, e que o Fidalgo até a embrulhára n'uma

capa, e que não deixára sahir o pequeno...

Estacou, afogado pela emoção. E como Gonçalo, tambem commovido, lhe

batia risonhamente no hombro, «para acabar, não se fallar mais n'essas

bagatellas...»--o Casco rompeu, n'uma grande voz dolorosa e quebrada:

--Mas é que o Fidalgo não sabe o que é para mim aquelle pequeno!...

Desde que Deus m'o mandou tem sido uma paixão cá por dentro que até

parece mentira!... Olhe que na noite que passei na cadeia da villa não

dormi... E Deus me perdôe, não pensei na mulher, nem na pobre da velha,

nem na pouquita terra que amanho, tudo ao desamparo. Toda a noite se foi

a gemer:--«ai o meu querido filhinho! ai o meu querido filhinho!...»

Depois quando a mulher, logo pela estrada, me diz que o Fidalgo ficára

com elle na Torre, e o deitára na melhor cama, e mandára recado ao

medico... E depois quando soube pelo snr. Bento que o Fidalgo de noite

subia a vêr se elle estava bem coberto, e lhe entalava a roupa,

coitadinho...

E arrebatadamente, n'um choro solto, gritando:--«Ai meu Fidalgo! meu

Fidalgo!...»--o Casco agarrou as mãos de Gonçalo, que beijava,

rebeijava, alagava de grossas lagrimas.

--Então, Casco! Que tolice!... Deixe homem!

Pallido, Gonçalo saccudia aquella gratidão furiosa--até que ambos se

encararam, o Fidalgo com as pestanas molhadas e tremulas, o lavrador dos

Bravaes soluçando, n'uma confusão. E foi elle por fim que, recalcando um

derradeiro soluço, se recobrou, desafogou da idéa que o trouxera, que de

certo fundamente o trabalhára, e que agora lhe enrijava a face e o gesto

n'uma determinação que nunca vergaria:

--Meu Fidalgo, eu não sei fallar, não sei dizer... Mas se d'hoje em

deante, seja para que fôr, o Fidalgo necessitar da vida d'um homem, tem

aqui a minha!

Gonçalo estendeu a mão ao lavrador, muito simplesmente--como um Ramires

d'outr'ora recebendo a preitezia d'um vassallo:

--Obrigado, José Casco.

--Entendido, meu Fidalgo, e que Deus nosso Senhor o abençôe!

Gonçalo, perturbado, galgou pela escadinha da varanda--emquanto o Casco

atravessava o páteo vagarosamente, com a cabeça bem erguida, como homem

que devêra e que pagára.

E em cima, na livraria, Gonçalo pensava com espanto:--«Ahi está como

n'este mundo sentimental se ganham dedicações gratuitamente!...» Por que

emfim! quem não impediria que uma criancinha com febre affrontasse de

noite uma estrada negra, sob a chuva e o vendaval? Quem a não deitaria,

não lhe adoçaria um grog, não lhe entalaria os cobertores para a

conservar bem abafada? E por esse grog e por essa cama--corre o pae,

tremendo e chorando, a offerecer a sua vida! Ah! como era facil ser

Rei--e ser Rei popular!

E esta certeza mais o animava a obedecer ás recommendacões do

Cavalleiro--a começar immediatamente as suas visitas aos Influentes

eleitoraes, essas aduladoras visitas que assegurariam á Eleição uma

unanimidade arrogante. Logo ao fim do almoço, mesmo sobre a toalha,

arredando os pratos, copiou a lista d'esses Magnates--por um rascunho

annotado que lhe fornecera o João Gouveia. Era o Dr. Alexandrino; o

velho Gramilde, de Ramilde; o Padre José Vicente, da Finta; outros

menores:--e o Gouveia marcára com uma cruz, como o mais poderoso e mais

difficil, o Visconde de Rio-Manso, que dispunha da immensa freguezia de

Canta-Pedra. Gonçalo conhecia esses senhores, homens de propriedade e de

dinheiro (com todos outr'ora o papá andára endividado)--mas nunca

encontrára o Visconde de Rio-Manso, um velho brazileiro, dono da quinta

da \_Varandinha\_, onde vivia solitariamente com uma neta de onze annos,

essa linda Rosinha que chamavam «o botão de Rosa», a herdeira mais rica

de toda a Provincia. E logo n'essa tarde, em Villa-Clara, reclamou ao

João Gouveia uma carta d'apresentação para o Rio-Manso:

O Administrador hesitou:

--Vossê não precisa carta... Que diabo! Vossê é o Fidalgo da Torre!

Chega, entra, conversa... Além d'isso na Eleição passada o Rio-Manso

ajudou os Regeneradores; de modo que estamos um pouco sêccos. O

Rio-Manso é um casmurro... Mas com effeito, Gonçalinho, convem começar

essa caça á popularidade!

N'essa noite, na Assembleia, o Fidalgo, encetando a «caça á

popularidade», acceitou um convite do Commendador Romão Barros (do

massador, do burlesco Barros) para o brodio faustoso com que elle

celebrava, na sua quinta da \_Roqueira\_, a festa de S. Romão. E essa

semana inteira, depois outra, as gastou assim por Villa-Clara, amimando

eleitores--a ponto de comprar horrendas camisas de chita na loja do

Ramos, de encommendar um sacco de café na mercearia do Tello, de

offerecer o braço no largo do Chafariz á nojenta mulher do bebedissimo

Marques Rosendo, e de frequentar, de chapeu para a nuca, o bilhar da rua

das Pretas. João Gouveia não approvava estes excessos--aconselhando

antes «boas visitas, com todo o \_chic\_, aos influentes sérios.» Mas

Gonçalo bocejava, adiava, na insuperavel preguiça de affrontar a

maledicencia rabujenta do velho Gramilde ou a solemnidade forense do Dr.

Alexandrino.

Agosto findava:--e por vezes, na livraria, Gonçalo, coçando

desconsoladamente a cabeça, considerava as brancas tiras d'almaço, o

Capitulo III da \_Torre de D. Ramires\_ encalhado... Mas quê! não podia,

com aquelle calor, com o afan da Eleição, remergulhar nas eras

Affonsinas!

Quando refrescavam as tardes lentas montava, alongava o passeio pelas

freguezias, não se descuidando das recommendações do

Cavalleiro--enchendo sempre o bolso de rebuçados d'avenca para atirar ás

creanças. Mas, n'uma carta ao querido André, já confessára que «a sua

popularidade não crescia, não enfunava...»--«Não! positivamente, velho

amigo, não tenho o dom! Sei apenas palestrar familiarmente com os

homens, comprimentar pelo seu nome as velhas ás soleiras das portas,

gracejar com a pequenada, e se encontro uma boeirinha de saiasita rota

dar cinco tostões á boeirinha para uma saiasita nova... Ora todas estas

cousas tão naturaes sempre as fiz naturalmente, desde rapaz, sem que me

conquistassem influencia sensivel... Necessito portanto que essa querida

Authoridade m'empurre com o seu braço possante e destro...»

Todavia já uma tarde, encontrando junto da Torre o velho Cosme de

Nacejas, e depois, n'um domingo, crusando ás \_Ave-Marias\_ na Bica-Santa

o Adrião Pinto do logar da Levada, ambos lavradores considerados e

remexedores d'eleições--lhes pedira os votos, desprendidamente e rindo.

E quasi se assombrára da promptidão, do fervor, com que ambos se

offereceram.--«Para o Fidalgo? Pois isso está entendido! Ainda que se

votasse contra o Governo, que é pae!»--E em Villa-Clara, com o Gouveia,

Gonçalo deduzia d'estas offertas tão acaloradas «a intelligencia

politica da gente do campo»:

--Está claro que não é pelos meus lindos olhos! Mas sabem que eu sou

homem para fallar, para luctar pelos interesses da terra... O Sanches

Lucena não passava d'um Conselheiro muito rico e muito mudo! Esta gente

quer deputado que grite, que lide, que imponha... Votam por mim por que

sou uma intelligencia.

E o Gouveia volvia, contemplando pensativamente o Fidalgo:

--Homem! quem sabe? Vossê nunca experimentou, Gonçalo Mendes Ramires.

Talvez seja realmente pelos seus lindos olhos!

\* \* \* \* \*

N'um d'esses passeios, n'uma abrazada sexta-feira, com o sol ainda alto,

Gonçalo atravessava o logarejo da Velleda, no caminho de Canta-Pedra. Ao

fim dos casebres que se apertam á orla da estrada alveja, muito caiada,

n'um terreiro defronte da Egreja, a taverna famosa "do Pintainho", onde

os caramanchões do quintal e a nomeada do coelho guizado attrahem vasto

povo nos dias da feira da Velleda. N'essa manhã o Titó, depois d'uma

madrugada ás perdizes, em Valverde, apparecera na Torre para almoçar,

urrando, d'esfomeado. Era sexta-feira--a Rosa preparára uma pescada com

tomates, depois um bacalhau assado, formidaveis. E Gonçalo, toda a tarde

torturado com sêde, mais resequido pela poeira da estrada, parou

avidamente deante do portão da venda, gritou pelo Pintainho.

--Oh meu Fidalgo!...

--Oh Pintainho! depressa! Uma sangria! Uma grande sangria bem fresca,

que morro...

O Pintainho, velhote roliço de cabello amarello, não tardou com o copo

appetitoso e fundo onde boiava, na espumasinha do assucar, uma rodella

de limão. E Gonçalo saboreava a sangria com ineffavel delicia--quando da

janella terrea da venda partiu um assobio lento, fino e trinado, como os

dos arrieiros que animam as bestas a beber nos riachos. Gonçalo deteve o

copo, varado. Á janella assomára um latagão airoso, de face clara e

suissas louras, que, com os punhos sobre o peitoril e a cabeça

levantada, n'um descarado modo de pimponice e desafio, o fitava

atrevidamente. E n'um lampejo o Fidalgo reconheceu aquelle caçador que

já uma tarde, no logar de Nacejas, ao pé da Fabrica de vidros, o mirára

com arrogancia, lhe raspára a espingarda pela perna, e ainda depois,

parado sob a varanda d'uma rapariga de jaqué azul, lhe acenára

chasqueando emquanto elle descia a ladeira... Era esse! Como se não

percebesse o ultraje--Gonçalo bebeu apressadamente a sangria, atirou uma

placa ao pobre Pintainho enfiado, e picou a fina egoa. Mas então da

janella rolou uma risadinha, cacarejada e troçante, que o colheu pelas

costas como o estalo d'uma vergasta. Gonçalo soltou a galope. E adiante,

sopeando a egoa no refugio d'uma azinhaga, pensava, ainda

tremulo:--«Quem será o desavergonhado?... E que lhe fiz eu, Santo Deus?

que lhe fiz eu?...» Ao mesmo tempo todo o seu ser se desesperava contra

aquelle desgraçado \_mêdo\_, encolhimento da carne, arrepio da pelle, que

sempre, ante um perigo, uma ameaça, um vulto surdindo d'uma sombra, o

estonteava, o impellia furiosamente a abalar, a escapar! Por que á sua

alma, Deus louvado, não faltava arrojo! Mas era o corpo, o traiçoeiro

corpo, que n'um arrepio, n'um espanto, fugia, se safava, arrastando a

alma--emquanto dentro a alma bravejava!

Entrou na Torre, mortificado, invejando a afouteza dos seus moços da

quinta, remoendo um rancor soturno contra aquelle bruto de suissas

louras, que certamente denunciaria ao Cavalleiro e enterraria n'uma

enxovia!--Mas, logo no corredor, o Bento lhe debandou os pensamentos,

apparecendo com uma carta «que trouxera um moço da \_Feitosa\_...»

--Da \_Feitosa\_?

--Sim senhor, da quinta do snr. Sanches Lucena, que Deus haja. Diz que

vinha de mandado das senhoras...

--Das senhoras!... Que senhoras?

Sem tarja de luto, a carta não era da bella D. Anna... Mas era de D.

Maria Mendonça, que assignava--«prima muito amiga, Maria Severim.» N'um

relance a leu, colhido logo por esta surpreza nova, distrahido da venda

do Pintainho e da affronta:--«Meu querido Primo. Estou ha tres dias aqui

com a minha amiga Annica, e como passou o mez inteiro do nojo e ella já

póde sahir (e até precisa porque tem andado fraca) eu aproveito a

occasião para percorrer estes arredores que dizem tão bonitos, e pouco

conheço. Tencionamos no Domingo visitar Santa Maria de Craquêde, onde

estão os tumulos dos antigos tios Ramires. Que impressão me vae

fazer!... Mas, ao que parece, além dos tumulos do claustro, ha outros,

ainda mais antigos, que foram arrombados no tempo dos Francezes, e que

ficam n'um subterraneo, onde se não póde entrar sem licença e sem que

tragam a chave. Peço pois, querido Primo, que dê as suas ordens para que

no Domingo possamos descer ao subterraneo, que todos affiançam muito

interessante, por que ainda lá restam ossos e armas. Se na Torre

houvesse uma senhora, eu mesma iria, para lhe fazer este pedido... Mas

não se póde visitar um solteirão tão perigoso. Case depressa!...

D'Oliveira boas noticias. Creia-me sempre, etc.»

Gonçalo encarou o Bento--que esperava, interessado com aquelle assombro

do Snr. Doutor:

--Tu sabes se em Santa Maria de Craquêde ha outros tumulos, n'um

subterraneo?

O assombro então saltou para o Bento:

--N'um subterraneo?... Tumulos?

--Sim, homem! Além dos que estão no claustro parece que ha outros, mais

antigos, debaixo da terra... Eu nunca vi, não me lembro. Tambem ha que

annos não entro em Santa Maria de Craquêde! Desde pequeno!... Tu não

sabes?

O Bento encolheu os hombros.

--E a Rosa não saberá?

O Bento abanou a cabeça, duvidando.

--Tambem vossês nunca sabem nada! Bem! Amanhã cêdo corre a Santa Maria

de Craquêde e pergunta na Egreja, ao sachristão, se existe esse

subterraneo. Se existir que o mostre no Domingo a umas senhoras, á

snr.^a D. Anna Lucena, e á snr.^a D. Maria Mendonça, minha prima

Maria... E que tenha tudo varrido, tudo decente!

Mas, repassando a carta, reparou n'um \_Post-Scriptum\_ em lettra mais

miudinha, ao canto da folha:--«No Domingo, não se esqueça, a visita será

\_entre as cinco e cinco e meia da tarde\_!»

Gonçalo pensou:--«Será uma entrevista?» E na livraria, atirando para uma

cadeira o chapeu e o chicote, assentou que era uma entrevista, bem

clara, bem marcada! E talvez nem existisse esse subterraneo--e Maria

Mendonça, com a sua tortuosa esperteza, o inventasse, como natural

motivo de lhe escrever, de lhe annunciar que no Domingo, ás cinco e

meia, a bella D. Anna e os seus duzentos contos o esperavam em Santa

Maria de Craquêde. Mas então a prima Maria não gracejára, em Oliveira?

Gostava d'elle, realmente, essa D. Anna?... E uma emoção, uma

curiosidade voluptuosa atravessaram Gonçalo á idéa de que tão formosa

mulher o desejava.--Ah! mas certamente o desejava para marido, por que

se o appetecesse para amante não se soccorria dos serviços da D. Maria

Mendonça--nem a prima Maria, apesar de tão sabuja com as amigas ricas,

os prestaria assim descaradamente como uma alcoviteira de Comedia! E

caramba! casar com a D. Anna--não!

E subitamente anciou por conhecer a vida da D. Anna! Aturára ella tantos

annos, em severa fidelidade, o velho Sanches? Sim, talvez, na \_Feitosa\_,

na solidão dos grandes muros da \_Feitosa\_--por que nunca sobre ella

esvoaçára um rumor, em terriolas tão gulosas de rumores malignos. Mas em

Lisboa?... Esses «amigos estimabilissimos» de que se ufanava o pobre

Sanches, o D. João não sei quê, o pomposo Arronches Manrique, o Philippe

Lourençal com o seu cornetim?... Algum de certo a attacára--talvez o D.

João, por dever tradicional do nome. E ella?... Quem o informaria sobre

a historia sentimental da D. Anna?

Depois, ao jantar, de repente pensou no Gouveia. Uma irmã do Gouveia,

casada em Lisboa com certo Cerqueira (arranjador de Magicas e empregado

na Misericordia) costumava mandar ao mano Administrador relatorios

intimos sobre todas as pessoas conhecidas d'Oliveira, de Villa-Clara,

que se demoravam em Lisboa--e que interessavam o mano ou por Politica,

ou por mexeriquice. E de certo, pela irmã Cerqueira, o querido Gouveia

conhecia miudamente os annaes da D. Anna, durante os seus invernos de

Lisboa, nas delicias da sua «roda fina».

N'essa noite, porém, o Administrador não apparecera na Assembleia. E

Gonçalo, desconsolado, recolhia á Torre--quando no Largo do Chafariz o

encontrou com o Videirinha, ambos sentados n'um banco, sob as olaias

escuras.

--Chegou lindamente! exclamou o Gouveia. Estavamos mesmo a marchar para

minha casa, tomar chá. Quer vossê, tambem?... Vossê costuma gostar das

minhas torradinhas.

O Fidalgo acceitou--apezar de cançado. E logo pela Calçadinha, enlaçando

o braço do Administrador, contou que recebera uma carta de Lisboa, d'um

amigo, com uma nova estupenda... O que?--O casamento da D. Anna Lucena.

O Gouveia parou, assombrado, atirando o côco para a nuca:

--Com quem?!

Gonçalo que inventára a carta--inventou o noivo:

--Com um vago parente meu, ao que parece, um D. João Pedroso ou da

Pedrosa. Muitas vezes o Sanches Lucena me fallou n'elle... Conviviam

muito em Lisboa...

Gouveia bateu com a ponta da bengala nas pedras:

--Não póde ser!... Que disparate! A D. Anna não ajustava casamento sete

semanas depois de lhe morrer o marido... Olhe que o Lucena morreu no

meado de Julho, homem! Ainda nem teve tempo de se acostumar á sepultura!

--Sim, com effeito! murmurou Gonçalo.

E sorria, sob uma doce baforada de vaidade--pensando que, sete semanas

depois de viuva, ella, sem resistir, calcando decencia e luto, lhe

offerecia a elle uma entrevista nas ruinas de Craquêde.

A mentira de resto, apesar de disparatada, aproveitára--porque, depois

de subirem á saleta verde do Administrador, o espanto recomeçou.

Videirinha esfregava as mãos, divertido:

--Oh snr. Dr., olhe que tinha graça!... Se a snr.^a D. Anna, depois

d'apanhar os duzentos contos do velhote, logo passadas semanas, zás, se

engancha com um rapazote novo...

Não, não!... Gonçalo agora, reparando, tambem considerava despropositada

a noticia do casamento, assim com o pobre Sanches ainda môrno...

--Naturalmente entre ella e esse D. João havia namorico, olhadella...

Por isso imaginaram. Com effeito, alguem me contou, ha tempos, que o tal

D. João se atirava valentemente, como cumpre a um D. João, e que ella...

--Mentira! atalhou o Administrador, debruçado sobre a chaminé do

candieiro para accender o cigarro. Mentira! Sei perfeitamente, e por

excellente canal... Em fim, sei por minha irmã! Nunca, em Lisboa, a D.

Anna deu azo a que se rosnasse. Muito séria, muitissimo séria. Está

claro, não faltou por lá maganão que lhe arrastasse a aza languida...

Talvez esse D. João, ou outro amigo do marido, segundo a boa lei

natural. Mas ella, nada! Nem ôlho de lado! Esposa romana, meu amigo, e

dos bons tempos romanos!

Gonçalo, enterrado no camapé, torcia lentamente o bigode, regalado,

recolhendo as revelações. E o Gouveia, no meio da sala, com um gesto

convencido e superior:

--Nem admira! Estas mulheres muito formosas são insensiveis. Bellos

marmores, mas frios marmores... Não, Gonçalinho, lá para o sentimento, e

para a alma, e mesmo para o resto, venham as mulheres pequeninas,

magrinhas, escurinhas! Essas sim!... Mas os grandes mulherões brancos,

do genero Venus, só para vista, só para museo.

Videirinha arriscou uma duvida:

--Uma senhora tão bonita como a snr.^a D. Anna, e com aquelle sangue,

assim casada com um velhote...

--Ha mulheres que gostam de velhotes por que ellas mesmas teem

sentimentos velhotes!--declarou o Gouveia, de dedo erguido, com immensa

auctoridade e immensa philosophia.

Mas a curiosidade de Gonçalo não se contentava. E na \_Feitosa\_? Nunca se

rosnára d'alguma aventura escondida? Parece que com o Dr. Julio...

De novo o Fidalgo inventava. De novo Gouveia, repelliu a «mentira»:

--Nem na \_Feitosa\_, nem em Oliveira, nem em Lisboa... De resto, é o que

lhe digo, Gonçalo Mendes. Mulher de marmore!

Depois, saudando, em submissa admiração:

--Mas, como marmore... Vossês, meninos, não imaginam a belleza d'aquella

mulher decotada!

Gonçalo pasmou:

--E onde a viu vossê decotada?

--Onde a vi decotada? Em Lisboa, n'um baile do Paço... Até foi

justamente o Lucena que me arranjou o convite para o Paço. Lá me

espanejei, de calção... Uma semsaboria. E mesmo uma vergonha, toda

aquella turba acavallada por cima dos buffetes, aos berros, a agarrar

furiosamente pedaços de perú...

--Mas então, a D. Anna?

--Pois a D. Anna uma belleza! Vossês não imaginam!... Santo nome de

Deus! que hombros! que braços! que peito! E a brancura, a perfeição...

De endoidecer! Ao principio, como havia muita gente, e ella estava para

um canto, acanhadota, não fez sensação. Mas depois lá a descobriram. E

eram correrias, magotes embasbacados... E «quem será?» E «que encanto!»

Todo o mundo perdidinho, até o Rei!

E um momento os tres homens emmudeceram na impressão do formoso corpo

evocado, que entre elles surgia, quasi despido, inundando com o

explendor da sua brancura a modesta sala mal alumiada. Por fim

Videirinha acercou a cadeira, em confidencia, para fornecer tambem a sua

informação:

--Pois, por mim, o que posso affirmar é que a snr.^a D. Anna é uma

mulher muito aceada, muito lavada...

E como os outros s'espantavam, rindo, de uma certeza tão

intima--Videirinha contou que todas as semanas apparecia um moço da

\_Feitosa\_, na botica do Pires, a comprar tres e quatro garrafas de agua

de Colonia portugueza, da receita do Pires.

--Até o Pires dizia sempre, a esfregar as mãos, que na Feitosa regavam

as terras com agua de Colonia. Depois é que soubemos pela creada... A

snr.^a D. Anna toma todos os dias um grande banho, que não é só para

lavar, mas para prazer. Fica uma hora dentro da tina. Até lê o jornal

dentro da tina. E em cada banho, zás, meia garrafa d'agua de Colonia...

Já é luxo!

Então Gonçalo sentiu como um aborrecimento de todas aquellas revelações

do Administrador, do ajudante da Pharmacia, sobre os decotes e as

lavagens da linda mulher que o esperava entre os tumulos dos Ramires

seculares. Saccudiu o jornal com que se abanava, exclamou:

--Bem! E passando a cantiga mais séria... Oh Gouveia, vossê que tem

sabido do Dr. Julio? O homem trabalha na eleição?

A creada entrára com a bandeja do chá. E em torno da mesa, trincando as

torradas famosas, conversaram sobre a Eleição, sobre os informes dos

Regedores, sobre a reserva do Rio-Manso--e sobre o Dr. Julio, que

Videirinha encontrára nos Bravaes pedinchando votos pelas portas,

acompanhado por um môço com a machina photographica ás costas.

Depois do chá Gonçalo, cançado e já provido «de revelações», accendeu o

charuto para recolher á Torre.

--Vossê não acompanha, Videirinha?

--Hoje, Snr. Dr., não posso. Parto de madrugada para Oliveira, na

diligencia.

--Que diabo vae vossê fazer a Oliveira?

--Por causa d'uns sapatos de praia e d'um fato de banho lá da minha

patrôa, da D. Josepha Pires... Tenho de os trocar nos Emilios, levar as

medidas.

Gonçalo ergueu os braços, desolado:

--Ora vejam este paiz! Um grande artista, como o Videirinha, a carregar

para Oliveira com os sapatos de banho da patrôa Pires!... Oh Gouveia!

quando eu fôr deputado precisamos arranjar um bom logar para o

Videirinha, no Governo Civil. Um logar facil e com vagares, para elle

não esquecer o violão!

Videirinha córou de gôsto e de esperança--correndo a despendurar do

cabide o chapéo do Fidalgo.

Pela estrada da Torre, os pensamentos de Gonçalo esvoaçaram logo, com

irresistida tentação, para D. Anna--para os seus decotes, para os

languidos banhos em que se esquecia lendo o jornal. Por fim, que

diabo!... Essa D. Anna assim tão honesta, tão perfumada, tão

explendidamente bella, só apresentava, mesmo como esposa, um feio

\_senão\_--o papá carniceiro. E a voz tambem--a voz que tanto o arripiára

na Bica-Santa... Mas o Mendonça assegurava que aquelle timbre rolante e

gordo, na intimidade, se abatia, liso e quasi doce... Depois, mezes de

convivencia habituam ás vozes mais desagradaveis--e elle mesmo, agora,

nem percebia quanto o Manoel Duarte era fanhoso! Não! mancha teimosa,

realmente, só o pae carniceiro. Mas n'esta Humanidade nascida toda d'um

só homem, quem, entre os seus milhares d'avós até Adão, não tem algum

avô carniceiro? Elle, bom fidalgo, d'uma casa de Reis d'onde Dynastias

irradiavam, certamente, escarafunchando o Passado, toparia com o Ramires

carniceiro. E que o carniceiro avultasse logo na primeira geração, n'um

talho ainda afreguezado, ou que apenas s'esfumasse, atravez d'espessos

seculos, entre os trigesimos avós--lá estava, com a faca, e o cepo, e as

postas de carne, e as nodoas de sangue no braço suado!...

E este pensamento não o abandonou até á Torre--nem ainda depois, á

janella do quarto, acabando o charuto, escutando o cantar dos ralos. Já

mesmo se deitára, e as pestanas lhe adormeciam, e ainda sentia que os

seus passos impacientes se embrenhavam para traz, para o escuro passado

da sua Casa, por entre a emmaranhada Historia, procurando o

carniceiro... Era já para além dos confins do Imperio Visigodo, onde

reinava com um globo d'ouro na mão o seu barbudo avô Recesvinto.

Esfalfado, arquejando, transpozera as cidades cultas, povoadas de homens

cultos--penetrára nas florestas que o mastodonte ainda sulcava. Entre a

humida espessura já crusára vagos Ramires, que carregavam, grunhindo,

rezes mortas, molhos de lenha. Outros surdiam de tocas fumarentas,

arreganhando agudos dentes esverdeados para sorrir ao neto que passava.

Depois por tristes ermos, sob tristes silencios, chegára a uma lagôa

ennevoada. E á beira da agoa limosa, entre os canaviaes, um homem

monstruoso, pelludo como uma féra, agachado no lodo, partia a rijos

golpes, com um machado de pedra, postas de carne humana. Era um Ramires.

No ceu cinzento voava o Açor negro. E logo, d'entre a neblina da lagôa,

elle acenava para Santa Maria de Craquêde, para a formosa e perfumada D.

Anna, bradando por cima dos Imperios e dos Tempos:--«Achei o meu avô

carniceiro!»

\* \* \* \* \*

No Domingo, Gonçalo acordou com uma «esperta ideia!» Não correria a

Santa Maria de Craquêde com uma pontualidade sofrega, ás cinco horas (as

cinco horas marcadas no \_Post-Scriptum\_ da prima Maria)--mostrando o seu

alvoroço em encontrar a tão bella e tão rica D. Anna Lucena! Mas ás seis

horas, quando findasse a romaria das senhoras aos tumulos, appareceria

elle indolentemente, como se, recolhendo d'um passeio pelas frescas

cercanias, se recordasse, parasse nas ruinas para conversar com a prima

Maria.

Logo ás quatro horas porém se começou a vestir com tantos esmeros, que o

Bento, cançado das gravatas que o Snr. Dr. experimentava e arremessava

amarfanhadas para o divan, não se conteve:

--Ponha a de sedinha branca, Snr. Dr.! Ponha a branca, que lhe fica

melhor! E refresca mais, com este calor.

Na escolha d'um ramo para o casaco ainda requintou, juntando as côres

heraldicas dos Ramires, um cravo amarello com um cravo branco. Ao

portão, apenas montára na egoa, temeu que as senhoras (não o encontrando

no Claustro) encurtassem a visita, estugou o trote pelo atalho da

Portella. Depois adiante, ao desembocar na antiga estrada real, soltou

n'um galope impaciente que o branqueou de poeira.

Só retomou um passo indifferente, ao acercar da linha do Caminho de

Ferro, onde um carro de lenha e dois homens esperavam deante da

cancella, que se fechára para a lenta passagem d'um trem carregado de

pipas. Um d'esses homens, d'alforge aos hombros, era o Mendigo--o

vistoso Mendigo que passeava por aquellas aldeias a rendosa magestade

das suas barbaças de Deus fluvial. Erguendo gravemente o chapéo de

vastas abas, desejou ao Fidalgo a companhia de Nosso Senhor.

--Então hoje a ganhar a rica vida por Craquêde?...

--Cá me arrasto ás vezes para a passagem do comboio d'Oliveira, meu

Fidalgo. Os passageiros gostam de me vêr de pé no talude, correm sempre

ás janellas...

Gonçalo, rindo, recordou que o encontro d'aquelle ancião precedia sempre

um encontro seu com a bella D. Anna.--«Quem sabe? pensou. É talvez o

Destino! Os antigos pintavam assim o Destino, com longas barbas e longas

guedelhas, e o alforge ás costas contendo as sortes humanas...»--E com

effeito ao cabo do pinheiral silencioso, que estiradas resteas de sol

docemente douravam--avistou a caleche da \_Feitosa\_, parada sob uma

carvalha, com o cocheiro fardado de negro dormitando na almofada. A

estrada real de Oliveira costeia ahi o antigo adro do mosteiro de

Craquêde, queimado pelo fogo do céo, n'aquella irada tempestade que

chamam \_de S. Sebastião\_, e que aterrou Portugal em 1616. Uma herva

agora alfombra o chão, crescida e verde, entre os poderosos troncos dos

castanheiros velhissimos. A Egrejinha nova alveja, bem caiada, ao fundo

da ramaria: e, ligada a ella por um muro esbrechado que densa hera

veste, tomando todo o lado nascente do Terreiro--sobe, enche ainda

magnificamente o céo lustroso, a fachada da Egreja do vetusto Mosteiro,

suavemente amarellecida e brunida pelos tempos, com o seu immenso portal

sem portas, a rosacea desmantelada, e esvasiados os nichos

d'enterramento onde outr'ora se estiraçavam as imagens dos fundadores,

Froylas Ramires e sua mulher Estevaninha, condessa d'Orgaz, por alcunha

a \_Queixa-perra\_. Duas casas terreas povoam o lado fronteiro do

adro--uma limpa, com as hombreiras das janellas pintadas d'azul

estridente, a outra deserta, quasi sem telhado, afogada na verdura d'um

quinteiro bravo onde gira-soes resplandecem. Um pensativo silencio

envolvia o arvoredo, as altivas ruinas. E nem o quebrava, antes

serenamente o emballava, o susurro d'uma fonte, que a estiagem

adelgaçára em fio lento, e mal enchia o seu tanque de pedra, toldado

pela pallida e rala folhagem d'um chorão muito alto.

O trintanario da \_Feitosa\_, ao enxergar o Fidalgo, saltou risonhamente

da borda do tanque onde picava tabaco, para segurar a egoa. E Gonçalo,

que desde pequeno não penetrava nas ruinas de Craquêde, seguia por um

carreirinho cortado na relva, attentamente, encantado com aquella

romantica solidão de lenda e verso, quando, sob o arco do portal,

appareceram as duas senhoras voltando do velho Claustro. D. Maria

Mendonça, com a sua sacudida vivacidade, agitou logo o guarda-sol de

xadrezinho, semelhante ao vestido, cujas mangas, tufando desmedidamente

nos hombros, lhe vincavam mais a elegancia esgalgada. E ao lado, na

claridade, D. Anna era uma silenciosa e esvelta fórma negra, de lã negra

e d'escumilha negra, onde apenas transparecia, suavisada sob o véo

negro, a brancura explendida da sua face sensual e séria.

Gonçalo correra, erguendo o chapéo de palha, balbuciando o seu «prazer

por aquelle encontro...» Mas já D. Maria o reprehendia, sem lhe

consentir a fabula do «encontro»:

--O primo não é nada amavel, nada amavel...

--Oh prima!...

--Pois sabia que vinhamos, pela minha carta! E nem está á hora aprazada,

para fazer as honras, como devia...

Elle, rindo, com o seu desembaraço airoso, negou esse dever! Aquella

casa não era sua, mas do Bom Deus! Ao Bom Deus competia «fazer as

honras»--acolher tão doces romeiras com algum milagre amavel...

--E então, gostaram? V. Ex.^a, Snr.^a D. Anna, gostou das ruinas?...

Muito interessantes, não é verdade?

Através do véo, com uma lentidão que a espessa renda negra tornava mais

grave, ella murmurou:

--Eu já conhecia... Vim cá uma tarde, com o pobre Sanches que Deus haja.

--Ah...

Áquella evocação do pobre morto, Gonçalo sumira todo o sorriso, com

polida tristeza. Mas D. Maria Mendonça acudio, atirando um dos seus

magros gestos, como para arredar a sombra importuna:

--Ai! não imagina o que gostei, primo! É d'appetite todo o claustro...

Logo aquella espada enferrujada, chumbada por cima do tumulo... Não ha

nada que impressione como estas cousas antigas... Oh primo, e pensar que

estão alli antepassados nossos!

O sorriso de Gonçalo de novo lampejou, alegre e acolhedor, como sempre

que D. Maria se empurrava com desesperada gula para dentro da Casa de

Ramires. E gracejou, affavelmente. Oh, antepassados... Simples punhados

de cinsa vã!--Pois não era verdade, Snr.^a D. Anna?... Realmente! quem

conceberia que a prima Maria, tão viva, tão sociavel, tão engraçada,

descendesse d'uma poeira tristonha guardada dentro d'uma pia de pedra?

Não! não se podia ligar tanto \_ser\_ a tanto \_não-ser\_...--E como D. Anna

sorria, n'uma vaga concordancia, encostando as duas mãos fortes e muito

apertadas na pellica negra ao alto cabo d'aljofar da sombrinha, elle

atalhou com interesse:

--V. Ex.^a está talvez cançada, Snr.^a D. Anna?

--Não, não estou cançada... Ainda vamos mesmo entrar na capella, um

bocadinho... Eu nunca me canço.

E pareceu a Gonçalo que a voz da formosa creatura não rolava do papo,

tão grossa e gorda--mas que se afinára, adoçada e velada pelo luto

d'escomilha e lã, como esses grossos e rolantes rumores que a noite e o

arvoredo adelgaçam. Mas D. Maria confessou o seu immenso cançasso! Nada

a esfalfava como visitar curiosidades... E além d'isso a emoção, a ideia

de heroes tão antigos!

--Se nos sentassemos n'aquelle banco, hein? É muito cedo para

recolhermos, não é verdade, Annica? E está tão agradavel n'este socego,

n'esta frescura...

Era um banco de pedra, rente ao muro esbrechado que a hera afogava. Em

torno a relva crescia, mais silvestre e florida com os derradeiros

malmequeres e botões d'ouro que o sol d'Agosto poupára. Um aromasinho

fino, d'algum jasmineiro emmaranhado na hera, errava, adocicava a serena

tarde. E na rama d'um alamo, defronte do portão da Capella, duas vezes

um melro cantára. Gonçalo sacudiu todo o banco cuidadosamente, com o

lenço. E sentado na ponta, junto de D. Maria, louvou tambem a frescura,

o recolhimento d'aquelle cantinho de Craquêde... E elle que nunca se

aproveitára de refugio tão santo, e quasi seu, nem mesmo para um almoço

bucolico! Pois agora certamente voltaria fumar um charuto, revolver

ideias de paz sob a paz das carvalheiras, na visinhança dos vovós

mortos... Depois, com uma curiosidade:

--É verdade, prima! E o subterraneo?

Oh! não existia subterraneo!... Sim, existia--mas entulhado, sem

sepulturas, sem antiguidades. E o sachristão logo lhes affiançára que

«não valia a pena sujarem as saias...»

--É verdade, oh Annica, déste alguma cousa ao sachristão?

--Oh filha, dei cinco tostões... Não sei se foi bastante.

Gonçalo assegurou que se pagára sumptuosamente ao sachristão. E, se

prevesse tamanha generosidade da Snr.^a D. Anna, agarrava elle um mólho

de chaves, até enfiava uma opa preta, para mostrar--e para embolsar...

--Pois é o que devia ter feito! exclamou D. Maria, com um corisco nos

espertos olhos. E decerto se lhe davam os cinco tostões! Porque sempre

sería mais instructivo que o homemsinho, que mascava, não sabia nada!...

Semelhante morcão! E eu com tanta curiosidade por aquelle tumulo aberto,

com a tampa rachada... O môno só soube resmungar que «eram historias

muito antigas lá do Fidalgo da Torre...»

Gonçalo ria:

--Pois essa historia por acaso sei eu, prima Maria! Sei agora pelo \_Fado

dos Ramires\_, o fado do Videirinha...

D. Maria Mendonça levantou as compridas mãos aos céos, revoltada com

aquella indifferença pelas tradições heroicas da Casa. Conhecer sómente

os seus Annaes desde que elles andavam repicados n'um fado!... O primo

Gonçalo não se envergonhava?

--Mas por quê, prima, porquê? O fado do Videirinha está fundado em

documentos authenticos que o Padre Sueiro estudou. Todo o recheio

historico foi fornecido pelo Padre Sueiro. O Videirinha só poz as rimas.

Além d'isso antigamente, prima, a Historia era perpetuada em verso e

cantada ao som da lyra... Em fim quer saber esse caso do tumulo aberto,

segundo as quadras do Videirinha? Eu sempre conto! Mas só para a Snr.^a

D. Anna, que não soffre d'esses escrupulos...

--Não! acudiu D. Maria. Se o Videirinha tem essa auctoridade historica

então conte tambem para mim, que sou da Casa!

Gonçalo, por gracejo, tossio, passou o lenço pelos beiços:

--Pois eis o caso! N'esse tumulo habitava, naturalmente morto, um dos

meus avós... Não me lembro o nome, Gutierres ou Lopo. Creio que

Gutierres... Emfim, lá jazia quando foi da batalha das Navas de

Tolosa... A prima Maria conhece a batalha das Navas, os cinco reis

mouros, etc... Como o tal Gutierres soube da batalha não contam os

versos do Videirinha. Mas, apenas lá dentro lhe cheirou a carnificina,

arromba o tumulo, sahe por este pateo como um desesperado, desenterra o

seu cavallo que fôra enterrado no adro onde agora crescem estes

carvalhos, monta n'elle todo armado, e, Cavalleiro morto sobre cavallo

morto, larga a galope através da Hespanha, chega ás Navas, arranca a

espada, e destroça os mouros... Que lhe parece, Snr.^a D. Anna?

Dedicára a historia a D. Anna, procurando nos seus bellos olhos a

attenção e o interesse. E ella, que a furto, através do decôro

melancolico a que se esforçava, adoçára o sorriso, attrahida e levada,

murmurou apenas:--«Tem graça!»--D. Maria, porém, quasi esvoaçou sobre o

banco de pedra, n'um extasis:--«Lindo! Lindo! Que poesia!... Oh! uma

lenda de todo o appetite!»--E, para que Gonçalo desenrolasse ainda a

graça do seu dizer, outras maravilhas da sua Chronica:

--Conte, primo, conte... E voltou para Craquêde esse tio Ramires?

--Quem, prima, o Gutierres?... Ou fosse elle tolo! Apenas se apanhou

livre da massada da sepultura não appareceu mais em Santa Maria de

Craquêde. O tumulo vasio, como está, e elle por Hespanha n'uma pandega

heroica!... Imagine! um defunto que por milagre se safa do seu jazigo,

d'aquella postura eterna, tão apertada, tão esticada!...

Subitamente emmudeceu, lembrando o Sanches Lucena, tambem esticado no

seu caixote de chumbo, sob o seu vistoso jazigo d'Oliveira...--D. Anna

baixára a face, mais sumida no véo, esfuracando a herva com a ponta da

sombrinha. E a esperta D. Maria, para desfazer a sombra impertinente que

de novo os roçára, rompeu n'outra curiosidade, que ainda se encadeava na

nobreza dos Ramires:

--É verdade! Sempre me esquece de lhe perguntar. O primo ainda tem

muitos parentes em França... Talvez tambem não saiba?

Sim! Gonçalo, casualmente, conhecia essa historia dos seus parentes de

França--apezar de que o Videirinha os não cantára no Fado!

--Então conte! Mas que seja historia alegre!

Oh, não era prodigiosamente divertida! Um avô Ramires, Garcia Ramires,

acompanhára nas suas famosas jornadas o Infante D. Pedro, o filho

d'El-Rei D. João I... A Prima Maria sabia--o Infante D. Pedro, o que

correu as Sete Partidas do mundo... Pois o Infante D. Pedro e os seus

fidalgos, de volta da Palestina, pousaram um anno inteiro na Flandres,

com o Duque de Borgonha. Até se celebraram então festas maravilhosas,

com um banquete que durou sete dias, e que anda nos compendios da

Historia de França. Onde ha danças ha amores. A avô Ramires sobejava

imaginação e arrojo... Fôra elle que deante de Jerusalem, no Valle de

Josaphat, lembrára que se erguesse um \_signal\_ para que o Infante e os

seus companheiros de romagem se reconhecessem no grande Dia de Juizo.

Depois, naturalmente, bello mocetão, de barba negra e cerrada á

Portugueza... Emfim casára com uma irmã do Duque de Clèves, uma tremenda

Senhora, sobrinha do Duque de Borgonha e Brabante. Mais tarde, através

d'essas ligações, uma avó Ramires, já viuva, casou tambem em França com

o conde de Tancarville. Esses Tancarvilles, Gran-Mestres de França,

possuiam o mais formidavel castello da Europa, e...

D. Maria bateu as palmas, rindo:

--Bravo! lindamente! Sim, senhor!... Então o primo que se gaba de não

saber nada de fidalguias... Olhe como conhece pelo miudo a historia

d'esses grandes casamentos! Hein, Annica?... É uma Chronica viva!

Gonçalo vergou os hombros, confessou que se occupára de toda essa

heraldica historia por um motivo bem rasteiro--por miseria!...

--Por miseria?

--Sim, prima Maria, por penúria de moeda, de cobres...

--Conte! conte! Olhe, a Annica está anciosa...

--Quer saber, Snr.^a D. Anna?... Pois foi em Coimbra, no meu segundo

anno de Coimbra. Os companheiros e eu chegamos a não juntar entre todos

um vintem. Nem para cigarros! Nem para o sagrado decilitro de carrascão

e as tres azeitonas do dever... Um d'elles então, rapaz muito engraçado,

de Melgaço, surdiu com a idéa estupenda de que eu escrevesse aos meus

parentes de França, a esses Clèves, a esses Tancarvilles, senhores de

certo immensamente ricos, e sollicitasse, com desembaraço, um

emprestimosinho de trezentos francos.

D. Anna não conteve um riso, sinceramente divertido:

--Ai! tem muita graça!

--Mas não teve resultado, minha senhora... Já não existem Clèves, nem

Tancarvilles! Todas essas grandes familias feudaes findaram, se fundiram

n'outras casas, até na Casa de França. E o meu padre Sueiro, apezar de

todo o seu saber genealogico, nunca conseguiu descobrir quem as

representava com bastante affinidade para me emprestar, a mim parente

pobre de Portugal, esses trezentos francos.

Aquella penuria de Gonçalo, de tamanho fidalgo, quasi enternecera D.

Anna:

--Ora estarem assim sem vintem! Quem soubesse... Mas tem graça! Essas

historias de Coimbra teem sempre muita graça. O D. João de Pedrosa, em

Lisboa, tambem contava muitas...

D. Maria Mendonça, porém, através d'essa facecia d'estudantes,

descortinára outra prova inesperada da grandeza dos Ramires. E

immediatamente a estendeu deante de D. Anna com habilidade:

--Ora vejam!... Todas essas grandes casas de França, tão ricas, tão

poderosas, acabaram, desappareceram. E cá no nosso Portugalsinho ainda

dura a casa de Ramires!

Gonçalo acudiu:

--Acaba agora, prima!... Não olhe para mim assim espantada. Acaba

agora... Pois se eu não caso!

Então D. Maria recuou o magro peito--como se esse casamento do primo

dependesse de doces influencias, que convinha se trocassem bem

chegadamente, sem Marias Mendonças de permeio no estreito banco com

grandes mangas bufantes tolhendo as correntes de effluvio. E sorria,

quasi languidamente:

--Ora não casa... Mas por quê, primo, por quê?

--Por que não tenho geito, prima. O casamento é uma arte muito delicada

que necessita vocação, genio especial. As Fadas não me concederam esse

genio. E se me dedicasse a semelhante obra, ai de mim! com certeza a

estragava.

D. Anna, como se outra idéa a occupasse, puxára lentamente do cinto o

relogio preso por uma fita de cabello. E D. Maria insistia, recusava os

motivos do Fidalgo:

--São tolices. O primo que gosta tanto de creanças...

--Gosto, gosto muito de creancas, até de creancinhas de mama. As

creanças são os unicos seres divinos que a nossa pobre humanidade

conhece. Os outros anjos, os d'azas, nunca apparecem. Os santos, depois

de santos, ficam na Bemaventurança a preguiçar, ninguem mais os enxerga.

E, para concebermos uma ideia das cousas do céo, só temos realmente as

creancinhas... Sim, com effeito, prima, gosto muito de creanças. Mas

tambem gosto de flôres, e não sou jardineiro, nem tenho geito para a

jardinagem.

E D. Maria com uma faisca no olhar promettedor:

--Socegue, que ainda vem a aprender!

Depois, para D. Anna que se esquecera na contemplação do relogio:

--Achas que vão sendo horas? Então, se queres, entramos na Capella... Oh

primo, veja se está aberta.

Gonçalo correu, empurrou a porta da Capella. Depois acompanhou as duas

senhoras pela pequenina nave soalhada, entre delgados pilares recobertos

de uma cal aspera e crua--que recamava tambem as paredes lisas, apenas

guarnecidas, na sua rigida nudez, por lithographias de Santos dentro de

caixilhos de pinho. Deante do altar as senhoras ajoelharam--a prima

Maria enterrando a face nas mãos juntas como n'um vaso de Piedade.

Gonçalo dobrou o joelho de leve, engrolou uma Ave-Maria.

Depois voltou para o adro, accendeu um cigarro. E, pisando lentamente a

relva, considerava quanto a viuvez melhorára D. Anna. Sob o negrume do

luto, como n'uma penumbra que esfuma a grosseira deselegancia das

cousas, todos os seus defeitos se fundiam--os defeitos que tanto o

horripilavam na tarde da Bica Santa, o rolar gordo da voz, o peito

empinado, a ostentação de burgueza ricassa pinguemente repimpada na

vida. Até já nem dizia--«o cavalheiro!» E alli, no adro melancolico de

Craquêde, certamente parecia interessante e desejavel.

As senhoras desciam os dois degraus da Capella. Um melro esvoaçou na

ramagem dos alamos. E Gonçalo encontrou o lampejo dos olhos serios de D.

Anna que o procuravam.

--Peço perdão de não lhes ter offerecido agua benta á sahida, mas a

concha está secca...

--Jesus, primo, que Egreja tão feia!

D. Anna arriscou, com timidez:

--Depois das ruinas e dos tumulos, até parece pouco religiosa.

A observação impressionou Gonçalo, como muito fina. E junto d'ella,

demorando os passos com agrado, sentia, esparzido pelos seus movimentos,

pelo roçar do vestido, um aroma tambem fino, que não era o da horrenda

agua de Colonia da botica do Pires. Em silencio, sob a ramagem das

carvalhas, caminharam para a caleche, onde o cocheiro se aprumára, bem

estilado, tirando o chapeu. Gonçalo notou que elle rapára o bigode. E a

parelha reluzia, atrelada com esmero.

--E então, prima Maria, ainda se demora pelos nossos sitios?

--Sim, primo, mais uns quinze dias... A Annica é tão amavel, quiz que eu

trouxesse os pequenos. O que elles se têm divertido na quinta, não

imagina!

D. Anna murmurou, sempre séria:

--São muito engraçados, fazem muita companhia... Eu tambem gosto muito

de creanças.

--Ai, a Annica adora creanças! accudiu D. Maria com fervor. O que ella

atura os pequenos! Até joga com elles o mafarrico.

Perto da caleche, Gonçalo pensou que outra volta pelo adro, mais lenta,

com a D. Anna e o seu fino aroma, seria doce, n'aquelle socego da tarde

que findava, tingida de tão lindas côres de rosa sobre os pinheiraes

escurecidos. Mas já o trintanario se acercava segurando a sua egoa. E D.

Maria, depois de admirar e acariciar a egoa, chamou o primo

discretamente--para saber a distancia da \_Feitosa\_ a Treixedo, a outra

quinta historica dos Ramires.

--A Treixedo, prima?... Cinco legoas fartas, com maus caminhos.

E immediatamente se arrependeu, antevendo um passeio, um novo encontro:

--Mas na estrada ultimamente andaram obras. E é muito bonito sitio, n'um

alto, com um resto de muralhas... Treixedo era um castello enorme... Na

quinta ha uma lagôa entre arvoredo antigo... Oh! sitio delicioso para um

pic-nic!

D. Maria hesitou:

--É um pouco longe, veremos, talvez.

E como D. Anna esperava em silencio--Gonçalo abriu a portinhola, tomou

ao trintanario as rédeas da egoa. D. Maria Mendonça, no seu

contentamento por tão proveitosa tarde, sacudiu ardentemente a mão do

primo jurando «que ia apaixonada por Craquêde!» D. Anna mal roçou os

dedos de Goncalo, acanhada e córando.

Sózinho, com a rédea da egoa enfiada no braço, Gonçalo sorria. Na

verdade, n'essa tarde, D. Anna não lhe desagradára. Outros modos, outra

singeleza grave, outra doçura na sua possante belleza de Venus rural...

E aquella observação sobre a Capella, «pouco religiosa» depois das

ruinas seculares do claustro, era uma observação fina. Quem sabe? Talvez

sob carne tão sensual se escondesse uma natureza delicada. Talvez a

influencia d'outro homem, que não o estupidissimo Sanches, desenvolvesse

na filha explendida do carniceiro qualidades de muito encanto... Oh,

evidentemente, a observação sobre os tumulos e a sua religiosidade

emanando da Lenda e da Historia--era fina.

E então tambem o tomou a curiosidade de visitar esse claustro onde não

entrára desde pequeno--quando ainda a Torre conservava as suas

carruagens montadas e a romantica Miss Rhodes escolhia sempre o passeio

de Craquêde para as tardes pensativas d'outomno. Puxou a egoa, transpoz

o portal, atravessou o espaço descoberto que fôra a nave--atulhado de

caliça, de cacos, de pedras despegadas da abobada e afogadas nas hervas

bravas. E pela brecha d'um muro a que ainda se amparava um pedaço

d'altar--penetrou na silenciosa crasta Affonsina. Só d'ella restam duas

arcadas em angulo, atarracadas sobre rudes pilares, lageadas de

poderosas lages poidas que n'essa manhã o sachristão cuidadosamente

varrera. E contra o muro, onde rijas nervuras desenham outros arcos,

avultam os sete immensos tumulos dos antiquissimos Ramires, denegridos,

lisos, sem um lavor, como toscas arcas de granito, alguns pesadamente

encravados no lagedo, outros pousando sobre bolas que os seculos

lascaram. Gonçalo seguia um carreiro de tijolo, rente aos arcos,

recordando quando elle outr'ora e Gracinha pulavam ruidosamente por

sobre essas campas, em quanto no pateo do claustro, entre as pilastras

tombadas e a verdura das ruinas, a boa Miss Rhodes agachada procurava

florinhas silvestres. Na abobada, sobre o mais vasto tumulo, lá

negrejava chumbada a espada, a famosa espada, com a sua corrente de

ferro pendendo do punho, a folha roida pela ferrugem das longas idades.

Sobre outro lá ardia a lampada, a estranha lampada mourisca, que não se

apagára desde a tarde remota em que algum monge, com uma tocha de

sahimento, silenciosamente a accendera... Quando se accendera ella, a

eterna lampada? Que Ramires jazeriam n'esses cofres de granito, a que o

tempo raspára as inscripções e as datas, para que n'ellas toda a

Historia se sumisse, e mais escuramente se volvessem em leve pó sem nome

aquelles homens de orgulho e de força?... Depois na ponta do claustro

era o tumulo aberto, e ao lado, derrubada em dous pedaços, a tampa que o

esqueleto de Lopo Ramires arrombára para correr ás Navas de Tolosa e

bater os cinco Reis mouros. Gonçalo espreitou para dentro, curiosamente.

A um canto da funda arca alvejava um montão d'ossos, limpos e bem

arrumados! Esquecera o velho Lopo, na sua pressa heroica, esses poucos

ossos, já despegados do seu esqueleto?... O crepusculo cerrára, e com

elle uma melancolica sombra que se adensava sob as abobadas da crasta,

cobria de tristeza morta aquella jazida de mortos. Então Gonçalo sentiu

a desolada solidão que o envolvia, o separava da vida, alli desgarrado,

e sem soccorro entre a poeira e a alma errante dos seus avós temerosos!

E de repente estremeceu, no arripiado mêdo de que outra tampa estalasse

com fragor e atravez da fenda surdissem lividos dedos sem carne! Repuxou

desesperadamente a egoa pelo muro desmantelado, nas ruinas da nave pulou

para o selim, e varou n'um trote o portal, galgou o adro com ancia--só

socegou ao avistar, ao fim do pinhal, a cancella do Caminho de Ferro

aberta, e uma velha que a passava tangendo o seu burro carregado

d'herva.

VIII

Ao fim da semana Gonçalo, que desde a visita a Santa Maria de Craquêde

arrastava o remorso incommodo da sua preguiça, do tão longo abandono da

Novella--recebeu de manhã, ao sahir do banho, uma carta do Castanheiro.

Era curta:--e declarava ao amigo Gonçalo que, se em meado de Outubro não

chegassem a Lisboa tres Capitulos do original, elle, com pezar seu e da

Arte, publicaria no primeiro numero dos Annaes, em vez da \_Torre de D.

Ramires\_, um drama do Nuno Carreira n'um acto, intitulado \_Em Casa do

Temerario\_... «Apezar de drama e de phantasia (accrescentava) convem á

indole erudita dos Annaes por que este \_Temerario\_ é Carlos o Temerario,

e a acção toda, fortemente tecida, se passa no Castello de Peronne, onde

se encontram nada menos que Luiz XI de França, e o nosso pobre Affonso

V, e Pero da Covilhan que o acompanhava, e outros figurões de rija

estatura historica. Imagine!... Está claro, o \_chic\_ supremo seria

\_Tructezindo Mendes Ramires\_ contado pelo nosso Gonçalo Mendes Ramires!

Mas, pelo que vejo, esse \_chic\_ supremo está impedido por uma indolencia

suprema. \_Sunt Lacrymae Revistarum\_!»

Gonçalo atirou a carta, gritou pelo Bento:

--Leva para a livraria chá verde, forte, com torradas. Hoje só almoço

tarde, ás duas... Talvez nem almoce!

E, enfiando o roupão de trabalho, decidiu amarrar á banca, como um

captivo ao remo, até que rematasse esse difficil Capitulo III, onde

resaltava o barbaro e sublime rasgo do avô Tructezindo. Não, que diabo!

não lhe convinha perder a apparição da Novella em tão proveitoso

momento, nas vesperas da sua chegada a Lisboa, quando para a influencia

Politica e para o prestigio social necessitava d'esse brilho que,

segundo o velho Vigny, «uma penna de aço accrescenta a um elmo dourado

de Fidalgo...» Felizmente, n'essa luminosa manhã em que as agoas da

horta fartamente cantavam, elle sentia tambem a veia borbulhando,

contente em se soltar e correr. Depois da visita á crasta de Craquêde a

sua imaginação concebia menos ennevoadamente os seus avós Affonsinos:--e

como que os palpava emfim no seu viver e pensar desde que contemplára os

grandes tumulos onde se desfaziam as suas grandes ossadas.

Na Livraria retomou com appetite, depois de lhes sacudir a poeira, as

tiras da Novella sobre que emperrára, n'aquelle atarantado lance de

susto e alarme--quando o Villico, o velho Ordonho, reconhecia o pendão

do Bastardo surgindo á borda da Ribeira do Coice entre o coriscar de

lanças empinadas, passando a antiga ponte de madeira, e, um momento

sumido na verdura dos alamos, de novo avançando, alto e tendido, até ao

rude Cruzeiro de pedra de Gonçalo Ramires o \_Cortador\_... O gordo

Ordonho então, atirando o brado de--«Prestes, prestes! que é gente de

Bayão!»--descambava pelo escalão da muralha como um fardo que rola.

No emtanto Tructezindo Ramires, no empenho d'aprestar a sua mesnada e

abalar sobre Montemór, regera já com o Adail a ordem da arrancada,

mandando que as buzinas soassem mal o sol batesse na margella do Poço

grande. E agora, na sala alta da Alcaçova, conversava com o seu primo de

Riba-Cavado e costumado camarada d'armas, D. Garcia Viegas--ambos

sentados nos poiaes de pedra d'uma funda janella, onde uma bilha d'agoa

com o seu pucaro refrescava entre vasos de manjaricão. D. Garcia Viegas

era um velho esgalgado e agil, d'escuro carão rapado, com uns miudos

olhos coruscantes--que merecêra a alcunha de \_Sabedor\_ pela viveza e

succulencia do seu dizer, as suas infinitas manhas de guerra, e a prenda

de fallar latim mais doutamente que um Clerigo da Curia. Convocado por

Tructezindo, como os outros parentes de solar, para engrossar a mesnada

dos Ramires em serviço das infantas, corrêra logo a Santa Ireneia

fielmente com o seu pequeno poder de dez lanças--começando por saquear

no caminho a herdade de Palha-Cã, dos de Severosa, que andavam com

pendão alto na Hoste Real contra as Donas opprimidas. Tão rijamente se

apressára que, desde a madrugada, apenas comêra sobre a sella, em

Palha-Cã, duas rodelas dos chouriços roubados. E com a sêde da afogueada

correria, ainda na emoção de tão amarga nova, a derrota de Lourenço

Ramires seu afilhado, novamente enchia d'agoa o pucaro de barro--quando

pela porta da sala de armas, que tres cabeças de javali dominavam,

rompeu o velho Ordonho esbaforido:

--Snr. Tructezindo! Snr. Tructezindo Ramires! o Bastardo de Bayão passou

a Ribeira, vem sobre nós com grande troço de lanças!

O velho Rico-Homem saltou do poial. E arremessando a mão cabelluda,

cerrada com sanha, como se já pela gorja empolgasse o Bastardo:

--Pelo Sangue de Christo! em boa hora vem que nos poupa caminho! Hein,

Garcia Viegas? A cavallo e sobre elle...?

Mas, rente aos tropegos calcanhares de Ordonho, correra um Coudel de

Besteiros, que gritou dos humbraes, saccudindo o capello de couro:

--Senhor! Senhor! A gente de Bayão parou ao Cruzeiro! E um cavalleiro

moço, com um ramo verde, está deante das barbacans, como trazendo

mensagem...

Tructesindo bateu o sapato de ferro sobre as lages, indignado com tal

embaixada mandada por tal villão...--Mas Garcia Viegas, que d'um sorvo

enxugára o pucaro, recordou serenamente e lealmente os preceitos:

--Tende, tende, primo e amigo! Que, por uso e lei d'aquem e d'além

serras, sempre mensageiro com ramo se deve escutar...

--Seja pois! bradou Tructesindo. Ide vós fóra ás barreiras com duas

lanças, Ordonho, e sabei do recado!

O Villico rebolou pela denegrida escada de caracol até ao patim da

Alcaçova. Dous accostados, de lança ao hombro, recolhendo d'alguma

rolda, conversavam com o armeiro, que sarapintára de amarello e

escarlate cabos d'ascumas novas e as enfileirava contra o muro para

seccarem.

--Por ordem do Senhor! gritou Ordonho. Lança direita, e commigo ás

barbacans, a receber mensagem!...

Ladeado pelos dous homens que se aprumaram, atravessou as barreiras; e

pelo postigo da barbacan, que uma quadrilha de besteiros guardava, sahiu

ao terreiro da Honra, largueza de terra calcada, sem relva ou arvore,

onde se erguiam ainda as traves carcomidas d'uma antiga forca, e se

amontoavam agora, para os concertos da Alcaçova, ripas de madeira, e

grossas cantarias lavradas. Depois, sem arredar do humbral, empinando o

ventre entre os dous accostados, bradou ao moço Cavalleiro, que esperava

sob o rijo sol, sacudindo os moscardos com o seu ramo d'amoreira:

--Dizei de que gente sois! e a que vindes! e que credencia trazeis!...

E como arqueára logo a mão inquieta sobre a orelha--o Cavalleiro,

serenamente, entalando o ramo entre o coxote e o arção, arqueou tambem

os dous guantes relusentes d'escamas na abertura do casco, bradou:

--Cavalleiro do solar de Bayão!... Credencia não trago que não trago

embaixada... Mas o Snr. D. Lopo ficou além ao Cruzeiro, e deseja que o

nobre senhor da Honra, o Snr. Tructezindo Ramires, o escute do eirado da

barbacan...

O Villico saudou--recolheu pela poterna abobadada da torre albarran,

murmurando para os dous accostados:

--O Bastardo vem a tratar o resgate do Snr. Lourenço Ramires...

Ambos rosnaram:

--Feio feito.

Mas, quando Ordonho offegante se apressava para a Alcaçova, encontrou no

pateo Tructezindo Ramires--que, na irada impaciencia d'aquellas delongas

do Bastardo, descera, todo armado. Sobre o comprido brial de lã

verde-negra, que recobria a vestidura de malha, as suas barbas

rebrilhavam, mais brancas, atadas n'um grosso nó como a cauda d'um

corcel. Do cinturão tauxeado de prata pendia a um lado o punhal recurvo,

a bozina de marfim--ao outro uma espada gôda, de folha larga, com alto

punho dourado onde scintillava uma pedra rara trazida outr'ora da

Palestina por Gutierres Ramires, o \_d'Ultramar\_. Um sergente conduzia

sobre uma almofada de couro os seus guantes, o seu capello redondo, de

vizeira gradada, como usára El-Rei D. Sancho: outro carregava o immenso

broquel, da fórma d'um coração, revestido de couro escarlate, com o Açôr

negro rudemente pintado, esgalhando as garras furiosas. E o Alferes,

Affonso Gomes, seguia com o guião enrolado na funda de lona.

Com o velho Rico-Homem descêra D. Garcia Viegas, e os outros parentes do

Solar--o decrepito Ramiro Ramires, um veterano da tomada de Santarem,

torcido pelos rheumatismos como a raiz de um roble, e arrimando os

passos tremulos, não a um bastão, mas a um chusso; o formoso Leonel, o

mais moço dos Samoras de Cendufe, o que matára os dois ursos nos brejos

de Cachamúz e que tão bem trovava; Mendo de Briteiros, o das barbas

vermelhas, grande queimador de bruxas, lêdo arranjador de folgares e

danças; e o agigantado Senhor dos Paços de Avellim, todo coberto, como

um peixe fabuloso, de escamas que reluziam. Como o sol se acercava da

margella do Poço grande, marcando a hora da arrancada sobre

Monte-mór--já, dos fundos alpendres que escondiam os campos do tavolado,

os cavallariços puxavam os ginetes de guerra, com as suas altas sellas

pregueadas de prata, as ancas e os peitos resguardados por coberturas de

couro franjado que rojavam nas lagens. Por todo o Castello se espalhára

que o Bastardo, depois da lide fatal aos Ramires, correra de

Canta-Pedra, ameaçava a Honra:--e debruçados dos passadiços que ligavam

a muralha aos contrafortes da Alcaçova, ou mettidos por entre os

engenhos d'arremesso que atulhavam as corredoiras, os moços da ucharia,

os servos das hortas, os villões acolhidos para dentro das barbacans,

espreitavam o Senhor de Santa Ireneia e aquelles Cavalleiros fortes, com

anciedade, tremendo do assalto dos de Bayão e d'essas horrendas bolas de

ferro, cheias de fogo, que agora as mesnadas Christãs arrojavam tão

destramente como as hordas Sarracenas.--No emtanto com a sua gorra

esmagada contra o peito, Ordonho, arfando, apresentava a Tructesindo o

recado do Bastardo:

--É cavalleiro moço, não traz credencia... O Snr. Bastardo espera ao

Cruzeiro... E pede que o attendaes da quadrella das barbacans...

--Que se acerque pois! gritou o velho. E com quantos queira dos villões

que o seguem!

Mas Garcia Viegas, o \_Sabedor\_, sempre avisado, com a sua esperta

mansidão:

--Tende, primo e amigo, tende! Não subaes vós á tranqueira antes que eu

me assegure se Bayão nos vem com arteirice ou falsura.

E entregando a sua pesada lança de faia a um donzel, enfiou pela escada

soturna da Torre albarran. Em cima no eirado, sussurrando um \_chuta!

chuta!\_ á fila de besteiros que guarnecia as ameias, attenta e com a

bésta encurvada--penetrou no miradouro, espiou pela setteira. O arauto

de Bayão galopára para o Cruzeiro, que uma selva movediça de lanças

rodeava coriscando. E curto recado lançou--porque logo, no seu fouveiro

acobertado por uma rêde de malha acairellada d'ouro, Lopo de Bayão

despegou do denso troço de cavalleiros, com a viseira erguida, sem lança

ou ascuma de monte, e ociosas sobre o arção da sella mourisca as mãos

onde se enrodilhavam as bridas de couro escarlate. Depois, a um toque

arrastado de buzina, avançou para as barbacans da Honra, vagarosamente,

como se acompanhasse um sahimento. Não movera o seu pendão amarello e

negro. Apenas seis infanções o escoltavam, tambem sem lança ou broquel,

com sobrevestes de panno rôxo sobre os saios de malha. Atraz quatro

alentados besteiros carregavam aos hombros umas andas, toscamente

armadas com troncos de arvores, onde um homem jazia estirado, como

morto, coberto, contra o calor e os moscardos, por leves folhagens de

acacia. E um monge seguia n'uma mula branca, segurando misturadamente

com as rédeas um crucifixo de ferro, sobre que pendia a orla do seu

capuz e uma ponta de barba negra.

Da setteira, mesmo sem descortinar por entre a camada de ramagens a face

do homem estendido nas andas, o \_Sabedor\_ adivinhou Lourenço Ramires, o

doce afilhado que tanto amára, que tão bem ensinára a terçar lanças e a

treinar falcões. E cerrando os punhos, gritando surdamente--«Bem

prestos! bésteiros, bem prestos!»--desceu a escura escadaria, tão

arremessado pela colera e pela magoa que o seu elmo cavamente bateu

contra o arco da porta, onde o esperava Tructesindo com os Cavalleiros

parentes.

--Senhor primo! bradou. Vosso filho Lourenço está deante das barreiras

da Honra deitado sobre umas andas!

Com um rosnar d'espanto, um atropelo dos sapatos de ferro sobre as lages

sonoras, todos seguiram pela poterna da albarran o Rico Homem--até ao

escadão de madeira que se empurrava contra a quadrella das barbacans. E,

quando o enorme velho surdio no eirado, um silencio pesou, tão ancioso,

que se sentia para além do vergel o chiar triste e lento da nora e o

latir dos mastins.

No terreiro, em frente á cancella gateada, o Bastardo esperava, immovel

sobre o seu ginete, com a formosa face bem levantada, a face de

\_Claro-sol\_, onde as barbas anelladas, cahindo nas solhas do arnez,

rebrilhavam como ouro novo. Vergando o capello d'ouropel, saudou

Tructesindo com gravidade e preito. Depois alçou a mão, que descalçára

do guante. E n'um considerado e sereno fallar:

--Senhor Tructesindo Ramires, n'estas andas vos trago vosso filho

Lourenço, que em lide leal, no valle de Canta-Pedra, colhi prisioneiro e

me pertence pelo foro dos Ricos-Homens d'Hespanha. E de Canta-Pedra

caminhei com elle para vos pedir que entre nós findem estes homizios e

estas feias brigas que malbaratam sangue de bons Christãos... Senhor

Tructesindo Ramires, como vós venho de Reis. De D. Affonso de Portugal

recebi a pranchada de Cavalleiro. Toda a nobre raça de Bayão se honra em

mim... Consenti em me dar a mão de vossa filha D. Violante, que eu quero

e que me quer, e mandae erguer a levadiça para que Lourenço ferido entre

no seu solar e eu vos beije a mão de pae.

Das andas, que estremeceram sobre os hombros dos besteiros, um

desesperado brado partio:

--Não, meu pae!

E hirto na borda do eirado, sem descrusar os braços, o velho Tructesindo

retomou o brado--que por todo o terreiro da Honra rolou, mais arrogante

e mais cavo:

--Meu filho, antes de mim, te respondeu, villão!

Como se uma pontoada de lança lhe topasse o peito, o Bastardo vacillou

na alta sella: e, colhido pelo repuxão das rédeas, o seu fouveiro recuou

alteando a testeira dourada. Mas, a um novo arremesso, repulou contra a

cancella. E Lopo de Bayão erguido sobre os estribos, gritava com ancia,

com furor:

--Snr. Tructesindo Ramires, não me tenteis!...

--Arreda, villão e filho de villôa, arreda!--clamou soberbamente o

velho, sem desprender os braços de sobre o levantado peito, na sua rija

immobilidade e teima, como se todo o corpo e alma fossem de rijo ferro.

Então o Bastardo, arrojando o guante contra o muro da barbacan, rugio,

chammejante e rouco:

--Pois pelo sangue de Christo e pela alma de todos os meus te juro, que

se me não dás n'este instante essa mulher que eu quero e que me quer,

sem filho ficas, que por minhas mãos, deante de ti e nem que todo o Céo

accuda, lhe acabo o resto da vida!

Já na mão lhe lampejava um punhal. Mas n'um impeto de sublime orgulho,

um impeto sobrehumano, em que cresceu como outra escura torre entre as

torres da Honra, Tructesindo arrancára a espada:

--Com esta, covarde! com esta! Para que seja puro, não vil como o teu, o

ferro que atravessar o coração de meu filho!

Furiosamente, com as duas possantes mãos, arremessou a espada, que

rodopiou silvando e faiscando, se cravou no duro chão, onde tremia,

ainda faiscava, como se uma colera heroica tambem a animasse. E no mesmo

relance, com um urro, um salto do ginete, o Bastardo, debruçado do

arção, enterrára o punhal na garganta de Lourenço--em golpe tão cravado

que o esguicho do sangue lhe salpicou a clara face, as barbas d'ouro.

Depois foi uma bruta abalada. Os quatro besteiros sacudiram para o chão

as andas, o corpo morto enrodilhado nos ramos--e atiraram pelo terreiro,

como lebres em clareira, atraz do monge que se agachava agarrado ás

crinas da mula. N'uma curta desfilada o Bastardo, os seis cavalleiros,

gritando o alarme, mergulharam no arraial que estacára ao Cruzeiro. Um

tumulto remoinhou em torno ao devoto pilar. E em rodilhado tropel a

mesnada desenfreou para a Ribeira, varou a velha ponte, logo ennublada

em pó e sumida para além do arvoredo, n'um fugidio coriscar de

capellinas e de lanças apinhadas.

Uma alta grita, no emtanto, atroára as muralhas de Santa Ireneia!

Virotes, flechas, balas de fundas assobiavam, despedidas no mesmo

furioso repente, sobre o bando de Bayão:--mas apenas um dos besteiros

que carregára as andas tombou, estrebuchando, com uma flecha na ilharga.

Pela cancella das barreiras já Cavalleiros e donzeis d'armas se

empurravam desesperadamente para recolher o corpo de Lourenço Ramires. E

Garcia Viegas, os outros parentes, galgaram ao eirado da barbacan,

d'onde Tructesindo se não arredára, rigido e mudo, fitando as andas e

seu filho estatelado com ellas sobre o terreiro da sua Honra. Quando, ao

rumor, elle pesadamente se voltou--todos emmudeceram ante a serenidade

da sua face, mais branca que as brancas barbas, d'uma morta brancura de

lapide, com os olhos resequidos e côr de braza, a latejar, a refulgir,

como os dous buracos d'um forno. Com a mesma sinistra serenidade, tocou

no hombro do velho Ramiro, que tremia arrimado ao seu chusso. E n'uma

vagarosa e vasta voz:

--Amigo! cuida tu do corpo de meu filho, que a alma ainda hoje, por

Deus! lh'a vou eu socegar!...

Afastou aquelles senhores emmudecidos d'assombro e d'emoção--e baixou

pela gasta escada de madeira, que rangia sob o peso do enorme Rico-Homem

carregado de ira e dôr.

N'esse momento, entre besteiros e serviçaes que se atropellavam--o corpo

de Lourenço Ramires transpunha o portello das barbacans, segurado pelo

formoso Leonel e por Mendo de Briteiros, ambos affogueados de lagrimas e

rouquejando ameaças furiosas contra a raça de Bayão. Atraz o tropego

Ordonho gemia, abraçado á espada de Tructesindo, que apanhára no chão do

Terreiro e que beijava como para a consolar. Á borda do fosso uma

aveleira espalhava a sombra leve n'um bronco taboão pregado sobre

toros--d'onde, aos domingos, com o adanel dos besteiros, Lourenço

dirigia os jogos de bésta e frecha, distribuindo fartamente as

recompensas de bolos de mel e de vinho em picheis. Sobre essas taboas o

estiraram--recuando todos depois, em quanto aterradamente se benziam. Um

cavalleiro de Briteiros, temendo por aquella alma desamparada e sem

confissão, correra á capella da Alcaçova procurar Frei Muncio. Outros,

rodeando toda a muralha até ao Baluarte-Velho, gritavam, com

desesperados acenos, para o torreão escalavrado, onde, como um môcho,

habitava o Physico. Mas o certeiro punhal do Bastardo acabára o denodado

Lourenço, flor e regra de cavalleiros por toda a terra de Riba-Cavado...

E que lastimoso e desfeito--com suja terra na face, a garganta empastada

de sangue negro, as malhas do saio rotas sobre os hombros e embebidas

nas carnes retalhadas, e nua, sem grêva, toda inchada e rôxa, a perna

ferida em Canta-Pedra, onde mais sangue e lama se empastavam!

Tructesindo descia, lento e rigido. E as seccas brazas dos seus olhos

mais se incendiam, em quanto, atravez do dorido silencio, se acercava do

corpo de seu filho. Deante do banco ajoelhou, agarrou a arrefecida mão

que pendia; e, junto á face manchada de sangue e terra, segredou, de

alma para alma, n'um abafado murmurio, que não era de despedida mas

d'alguma suprema promessa, e que findou n'um beijo demorado sobre a

testa, onde uma restea de sol rebrilhou, dardejada d'entre as folhas da

aveleira. Depois erguido n'um arrebate, atirando o braço como para

n'elle recolher toda a força da sua raça, gritou:

--E agora, senhores, a cavallo, e vingança brava!

Já pelos páteos, em torno da Alcaçova, corria um precipitado fragor

d'armas. Aos asperos commandos dos almocadens as filas de besteiros,

d'archeiros, de fundibularios, rolavam dos adarves dos muros para cerrar

as quadrilhas. Rapidamente, os cavallariços da carga amarravam sobre o

dorso das mulas os caixotes do almazem, os alforges da trebalha. Pelas

portas baixas da cosinha, peões e sergentes, antes de largar, bebiam á

pressa uma conca de cerveja. E no campo das barreiras os cavalleiros,

chapeados de ferro, carregadamente se içavam, com a ajuda dos donzeis,

para as altas sellas dos ginetes--logo ladeados pelos seus infanções e

acostados, que aprumavam a lança sobre o coxote assobiando aos lebreus.

Emfim o Alferes, Affonso Gomes, saccou da funda e desfraldou o pendão

n'um embalanço largo em que as azas do Açor negrejaram, abertas, como

soltando o vôo enfurecido. O grito agudo do Adail resoára por toda a

cerca--\_ala! ala!\_ De cima de um marco de pedra, junto ao postigo do

barbacan, Frei Muncio estendia as magras mãos ainda tremulas, abençoava

a hoste. Então Tructesindo, sobre o seu murzello, recebeu do velho

Ordonho a espada, de que tão terrivelmente se apartára. E estendendo a

reluzente folha para as torres da sua Honra como para um altar, bradou:

--Muros de Santa Ireneia, não vos torne eu a vêr, se em tres dias, de

sol a sol, ainda restar sangue maldito nas veias do traidor de Bayão!

E, escancaradas as barreiras, a cavalgada tropeou em torno ao pendão

solto,--em quanto, na torre d'Almenara, sob o parado explendor da sésta

d'Agosto, o sino grande começava a tanger a finados.

\* \* \* \* \*

Quando Gonçalo á tarde, enterrado na poltrona á varanda, releu este

Capitulo de sangue e furor sobre que se esfalfára durante a semana,

pensou «que o lance impressionaria.»

Sentiu então o appetite de recolher sem demora os louvores merecidos--e

de mostrar a Gracinha e ao Padre Sueiro os tres Capitulos completos

antes de remetter o manuscripto para os \*Annaes\*. E mesmo lhe

convinha--porque a erudição archeologica do Padre Sueiro forneceria

talvez algum traço novo, bem Affonsino, que mais avivasse aquella

resurreição da Honra de Santa-Ireneia e dos seus senhores formidaveis.

Immediatamente resolveu partir de manhã para Oliveira com o seu

trabalho--que, depois de esmiuçado pelo Padre Sueiro, confiaria ao

procurador de D. Arminda Viegas para elle o copiar n'aquella sua formosa

lettra, tão celebrada em todo o Districto, e apenas egualada (nas

maiusculas) pela do Escrivão da Camara Ecclesiastica.

Sacudia já da poeira uma antiga pasta de marroquim para transportar a

Obra amada--quando o Bento empurrou a porta, ajoujado com uma cesta de

vime que uma toalha de rendas cobria.

--Um presente.

--Um presente... De quem?

--Da \_Feitosa\_, das senhoras.

--Bravo!

--E com uma carta, que vem pregada na toalha.

Com que curiosidade Gonçalo despedaçou o sobrescripto! Mas, apezar de

lacrado com um pomposo sello d'Armas, apenas continha linhas a lapis

n'um bilhete de visita da prima Maria Mendonça:--«Hontem ao jantar

contei quanto o primo Gonçalo gosta de pêcegos sobretudo aboborados em

vinho, e a Annica toma por isso a liberdade de lhe mandar esse cestinho

de pêcegos da \_Feitosa\_, que como sabe são fallados em todo o

Portugal... Mil saudades.»--Gonçalo imaginou logo no fundo da cesta,

debaixo dos pêcegos, docemente escondida, uma cartinha da D. Anna!

--Bem! São pêcegos... Deixa ahi sobre uma cadeira...

--Era melhor que os levasse já para a copa, Snr. Dr., para os arrumar na

prateleira...

--Deixa sobre a cadeira!

Apenas o Bento cerrára a porta, estendeu no chão a toalha, entornou

cuidadosamente por cima os pêcegos formosos que perfumavam a livraria.

No fundo da cesta encontrou apenas folhas de parra. Levemente

desconsolado, cheirou um pêcego. Depois considerou que os pêcegos,

arranjados por ella, com parra que ella apanhára na latada, sob toalha

que ella escolhera no armario, formavam na sua mudez cheirosa um

recadinho sentimental. Ainda agachado na esteira, comeu o pêcego:--e

recollocou os outros na cesta para os levar a Gracinha.

Mas, ao outro dia, ás duas horas, já com a parelha do Torto engatada á

caleche, já com as luvas calçadas para a jornada d'Oliveira, recebeu uma

inesperada visita--a visita do Snr. Visconde de Rio-Manso. Descalçando

as luvas o Fidalgo pensava:--«O Rio-Manso! Que me quererá esse

casmurro?»--Na sala, pousado á beira do canapé de velludo verde e

esfregando os joelhos, o Visconde contou que de volta de Villa Clara e

deante do portão da Torre vencera o seu teimoso acanhamento para

apresentar os seus respeitos ao Snr. Gonçalo Ramires. E não só para esse

gostoso dever--mas tambem (como soubera que S. Ex.^a se propunha

Deputado pelo Circulo) para lhe offerecer na freguezia de Canta-Pedra o

seu prestimo e os seus votos...

Gonçalo, risonho e pasmado, saudava, torcia embaraçadamente o bigode. E

o Visconde de Rio-Manso não estranhava aquelle pasmo por que de certo o

Snr. Gonçalo Ramires o conhecêra sempre como ferrenho Regenerador... Mas

então! Elle pertencia á geração, agora bem rareada, que antepunha aos

deveres da Politica os deveres da gratidão:--e além da sympathia que lhe

merecia o Snr. Gonçalo Ramires (pelo que constava em todo o Districto do

seu talento, da sua affabilidade, da sua caridade) tambem conservava

para com S. Ex.^a uma divida de gratidão, ainda aberta, não por

indifferença, mas por timidez...

--V. Ex.^a não adivinha, Snr. Gonçalo Mendes Ramires?... Não se lembra?

--Não, realmente, Snr. Visconde, não me...

Pois uma tarde o Snr. Gonçalo Mendes Ramires passava a cavallo pela

quinta da \_Varandinha\_, quando a sua neta, brincando no terraço (aquelle

terraço gradeado d'onde se curva uma magnolia), deixou escapar uma péla

para a estrada. O Snr. Gonçalo Mendes Ramires, rindo, apeou

immediatamente, apanhou a péla, e, para a restituir á menina debruçada

da grade, abeirou a egoa do muro depois de montar--e com que ligeiresa e

garbo!...

--V. Ex.^a não se lembrava?

--Sim, sim, agora...

Pois no ladrilho do terraço, rente da grade, pousava um jarro cheio de

cravos. O Snr. Gonçalo Mendes, depois de gracejar com a menina (que,

louvado Deus, não era acanhada!) pediu um cravo, que ella escolheu--e

que lhe deu, toda séria, como uma senhora. E elle, que observára da

janella do seu quarto, pensava:--«Ora ahi está! Este Fidalgo da Torre,

um tão grande Fidalgo, que amavel!»--Oh S. Ex.^a não tinha que rir e

corar... A gentileza fôra grande--e a elle, avô, parecêra immensa! Mas

não ficára sómente na péla apanhada...

--O Snr. Gonçalo Mendes Ramires não se recorda?...

--Sim, Snr. Visconde, com effeito, agora...

Pois, logo no outro dia, o Snr. Gonçalo Mendes Ramires mandára da Torre

um precioso cesto de rosas, com o seu bilhete, e n'uma linha este

gracejo:--«Em agradecimento d'um cravo, rosas á Snr.^a D. Rosa.»

Gonçalo quasi pulou na cadeira, divertido:

--Sim, sim, Snr. Visconde, perfeitamente!.. Agora me recordo!

Pois desde essa tarde elle sempre almejára por uma opportunidade de

mostrar ao Snr. Gonçalo Mendes Ramires o seu reconhecimento, a sua

sympathia. Mas que! era timido, vivia muito retirado... N'essa manhã

porém, em Villa Clara, soubera pelo Gouveia que S. Ex.^a se apresentava

deputado pelo Circulo. Apezar de ser eleição tão segura, já pela

influencia do Snr. Ramires, já pela influencia do Governo, logo

pensára--«Bem, ahi está a occasião!» E, agora offerecia a S. Ex.^a, na

freguezia de Canta-Pedra, o seu prestimo e os seus votos.

Gonçalo murmurou, enternecido:

--Realmente, Snr. Visconde, nada me podia sensibilisar mais do que uma

offerta tão espontanea, tão...

--Sou eu que me sensibiliso por V. Ex.^a acceitar. E agora não fallemos

mais n'esse meu pobre prestimo e n'esses meus pobres votos... Pois V.

Ex.^a tem aqui uma veneravel vivenda.

E como o Visconde alludia ao desejo, já n'elle antigo, de admirar de

perto a famosa torre, mais velha que Portugal--ambos desceram ao pomar.

O Visconde, com o guarda-sol ao hombro, pasmou em silencio para a torre;

reconheceu (apezar de liberal) o prestigio que resulta d'uma tão alta

linhagem como a dos Ramires; e gabou sinceramente o laranjal. Depois,

sabendo que o Pereira da Riosa arrendára a quinta, invejou ao Snr.

Ramires tão cuidadoso e honrado rendeiro...--Deante do portão, o

\_char-à-bancs\_ do Visconde esperava, atrelado de duas mulas lustrosas e

nedias. Gonçalo admirou as mulas. E, abrindo a portinhola, supplicou ao

Snr. Visconde que beijasse por elle a mãosinha da Snr.^a D. Rosa.

Commovido, o Visconde confessou uma ousadia, uma esperança--e era que S.

Ex.^a um dia, á sua escolha, parasse em Canta-Pedra, jantasse na quinta,

para conhecer mais intimamente a menina da péla e do cravo...

--Mas com immensa honra!... E desde já me proponho a ensinar á Snr.^a D.

Rosa, se ella o não sabe, o jogo da péla á antiga portugueza.

O Snr. Visconde saudou, banhado de gosto e riso, com a mão sobre o

coração.

Gonçalo, trepando as escadas, murmurava:--«Oh senhores, que sympathico

homem! E que generoso homem, que paga rosas com votos! Ora vejam como ás

vezes, por uma pequenina attenção, se ganha um amigo! Com certeza, para

a semana vou a Canta-Pedra jantar!... Homem encantador!»

E foi n'um ditoso estado d'alma que accommodou na caleche a pasta de

marroquim com o manuscripto, o cesto sentimental dos pêcegos da D.

Anna--e accendeu um charuto, e saltou á almofada, e tomou as redeas para

lançar, n'um trote alegre até Oliveira, a parelha branca do Russo.

No largo d'El-Rey, antes d'apear, perguntou logo ao Joaquim da Porta

noticias dos senhores. Os senhores todos muito bem, graças a Deus... O

Snr. José Barrôlo partira de manhã a cavallo para a quinta do Snr. Barão

das Marges, só recolhia á noite...

--E o Snr. Padre Sueiro?

--O Snr. Padre Sueiro, creio que está para casa da Snr.^a D. Arminda...

--E a Snr.^a D. Graça?

--A Snr.^a D. Graça desceu ha um bocadinho grande para o Mirante, de

chapeu... Naturalmente ia á Egreja das Monicas.

--Bem. Leva esse cesto de pêcegos e dize ao Joaquim da Copa que o ponha

na mesa, assim mesmo no cesto, com as folhas... E que me subam ao quarto

agoa quente.

O relogio de parede, na sala de espera, gemia preguiçosamente as cinco

horas. O palacete repousava n'um claro silencio. E depois da poeira e

dos solavancos da estrada, pareceu mais doce a Gonçalo a frescura do seu

quarto com as quatro janellas abertas sobre o jardim regado e sobre a

cerca das Monicas. Cuidadosamente, guardou logo n'uma gaveta da commoda

a pasta preciosa de marroquim. Uma creada de olhos repolhudos entrára

com o jarrão d'agua quente:--e o Fidalgo, como sempre, chasqueou a moça

sobre os lindos sargentos de Cavallaria, cujo quartel tentador dominava

o lavadouro da quinta, e retinha as raparigas da casa ensaboando todo o

dia com paixão. Depois ainda se demorou, mudando o fato empoeirado,

assobiando vagamente, encostado á varanda sobre a callada rua das

Tecedeiras. O sino das Monicas lançou um lindo repique... E Gonçalo,

enfastiado da sua solidão, decidiu descer pelo terraço do jardim, e

surprehender Gracinha nas suas devoções, na Egrejinha.

Em baixo, no corredor, crusou o Joaquim da Copa:

--Então o Snr. Barrôlo hoje não janta?

--O Snr. Barrôlo foi jantar com o Snr. Barão das Marges, na quinta...

São os annos da menina. Naturalmente só recolhe á noite.

Gonçalo, no jardim, ainda tardou por entre os alegretes, compondo para o

casaco um ramo de flôres ligeiras. Depois rodeou a estufa, sorrindo da

porta com que o Barrôlo a enriquecera, uma porta envidraçada, arqueada

em ferradura, com um monogramma de côres rutilantes: e metteu pela rua

que conduzia ao repuxo, coberta de silencio e penumbra pela rama

enlaçada dos seus altos loureiros. Adiante, circumdado de bancos de

pedra, d'arvores de aroma e flôr, cantava dormentemente o fino repuxo

n'um tanque redondo, de borda larga, onde s'espaçavam grossos vasos de

louça branca com o brazão ramalhudo dos Sás. Certamente na véspera ou de

manhã se lavára o tanque, por que na agoa muito transparente, sobre as

lages muito claras, nadavam com redobrada vivacidade, em lampejos

rosados, os peixes que Gonçalo assustou mergulhando e agitando a

bengala. E d'aquella borda do tanque já elle avistava ao fundo de outra

rua, debruada de dhalias abertas, o Mirante--uma construcção do seculo

XVIII, simulando um Templosinho grego, côr de rosa desbotada, com um

gordo Cupido sobre a cupula, e janellinhas de rocalha entre o meio

relevo das columnas canelladas por onde trepavam jasmineiros.

Gonçalo arrancou, como costumava, folhas d'um ramo de lucia-lima, para

esmagar e perfumar as mãos: e continuou para o Mirante, vagarosamente,

por entre as dhalias apinhadas. Na allea, novamente ensaibrada, os

sapatos finos de verniz que calçára pousavam sem rumor no saibro molle.

E assim, n'um silencio de sombra indolente, se acercou do Mirante--e

d'uma das janellinhas que, mal cerrada, conservava corrida por dentro a

persiana de taboinhas verdes. Rente d'essa janella era a escada de

pedra, que, do elevado e comprido terraço sobre que se estendia o

jardim, communicava com a encovada rua das Tecedeiras, quasi em frente á

Capella das Monicas. E Gonçalo, sem pressa, descia--quando, atravez da

persiana rala, sentiu dentro do Mirante um susurro, um cochichar

perturbado. Sorrindo, pensou que alguma das creadas da casa se refugiára

n'esse Templosinho de Amor com um dos sargentos terriveis de

Cavallaria... Mas, não! impossivel! Pois se, momentos antes, Gracinha

roçára aquella janella e pisára aquella escada, no seu caminho para as

Monicas! E então outra idéa o varou como uma espada--e tão dolorosa que

recuou com terror da beira do Mirante d'onde ella perversamente o

assaltára. Já porém uma desesperada curiosidade a agarrára, o

empurrava--e collou a face á persiana com a cautella d'um espião. O

Mirante recahira em silencio--Gonçalo temia que o trahissem as pancadas

do seu coração... Santo Deus! De novo o murmurio recomeçára, mais

apressado, mais turbado. Alguem supplicava, balbuciava:--«Não, não, que

loucura!»--Alguem urgia, impaciente e ardente:--«Sim, meu amor! sim, meu

amor!» E a ambos os reconheceu--tão claramente como se a persiana se

erguesse e por ella entrasse toda a vasta claridade do jardim. Era

Gracinha! Era o Cavalleiro!

Colhido por uma immensa vergonha, no atarantado pavor de que o

surprehendessem junto do Mirante e da torpeza escondida--enfiou pela rua

das dhalias, encolhido, com os sapatos leves no saibro molle, costeou o

repuxo por sob a ramaria dos arbustos, remergulhou na escuridão dos

loureiros, deslisou surrateiramente por traz da estufa--penetrou no

socego do Palacete. Mas o murmurio do Mirante ainda o envolvia, mais

desfallecido, mais rendido--«Não, não, que loucura!... Sim, sim, meu

amor!...»

Abalou atravez das salas desertas como uma sombra acossada; escorregou

abafadamente pela escadaria de pedra, varou o portão n'uma carreira,

espreitando, com medo do Joaquim da Porta. No Largo parou, deante da

grade do relogio do sol. Mas o susuro do Mirante errava por todo o Largo

como um vento enroscado, raspando as lages, batendo as barbas dos Santos

sobre o portal da Egreja de S. Matheus, redemoinhando nos telhados

musgosos da Cordoaria...--«Não, não, que loucura! Sim, sim! meu amor!»

Então Gonçalo sentiu a anciedade desesperada d'escapar para longe, para

immensamente longe do Largo, do Palacete, da cidade, de toda aquella

vergonha que o trespassava. Mas uma carruagem?... Pensou na alquilaria

do Maciel, a mais retirada, para além das ultimas casas, na estrada do

Seminario. E cosido com os muros baixos d'essas ruas pobres, correu,

mandou engatar uma caleche fechada.

Emquanto esperava á porta, n'um banco, passou pela estrada uma lenta

carroça com moveis, panellas de cosinha, um grande colxão onde se

alastrava uma nodoa. Bruscamente Gonçalo recordou o divan que guarnecia

o Mirante. Era enorme, de mogno, todo coberto de riscadinho, com mollas

lassas que rangiam. E de repente o murmurio recomeçou, cresceu, rolando

com fragor de trovão por sobre os casebres visinhos, por sobre a cerca

do Seminario, por sobre Oliveira espantada:--«Não, não, que loucura!

Sim, sim, meu amor!»

Com um salto, Gonçalo gritou para dentro, para a cavallariça escura:

--Então, que inferno! não acaba, essa carroagem?

--Já a largar, meu Fidalgo.

No relogio da Piedade sete horas batiam--quando elle se atirou para a

caleche, e fechou as \_stores\_ pêrras, e se enterrou no fundo, bem

sumido, esmagado, com a sensação que o Mundo tremera, e as mais fortes

almas se abatiam, e a sua Torre, velha como o Reino, rachava, mostrando

dentro um montão ignorado de lixo e de saias sujas.

IX

Á porta da cosinha, saccudindo um sobrescripto já amarrotado, Gonçalo

ralhava com a Rosa cosinheira:

--Oh Rosa! pois tanto lhe recommendei que não escrevesse á mana

Graça?... Que teimosa! Então não arranjavamos a pequena, sem essas

lamurias para Oliveira? Graças a Deus, a Torre é larga bastante para

mais uma creancinha!

É que morrera a Crispola--a desgraçada viuva, visinha da Torre, que com

um rancho miudo de dous pequenos, tres raparigas, definhava no catre

desde a Paschoa. E agora Gonçalo, que mantivera o casebre em fartura,

andava accommodando as pobres creanças--já por cuidado d'elle muito

aceadamente vestidas de luto. A rapariga mais velha (tambem Crispola),

sempre encafuada na cosinha da Torre, passava regularmente a «ajudanta

da Rosa», com soldada. Um dos rapazes, de doze annos, espigado e

esperto, tambem Gonçalo o empregava na Torre como andarilho, para os

recados, com fardeta de botões amarellos. O outro, molle e ranhoso, mas

com o geito e o amor de carpinteirar, já Gonçalo, sob o patrocinio da

tia Louredo, o collocára em Lisboa, na Officina de S. José. D'uma das

outras raparigas se encarregava a mãe de Manoel Duarte, amoravel senhora

que habitava uma quinta formosa junto a Treixedo, e adorava Gonçalo de

quem se considerava «\_vassalla\_». Mas para a mais novinha e a mais

fraquinha não se arranjava amparo solido. A Rosa lembrára então--«que

certamente a Snr.^a D. Maria da Graça recolheria a creaturinha...»

Gonçalo rosnára com seccura:--«Oh! por uma côdea mais de pão não se

necessita encommodar a \_cidade d'Oliveira\_!» Rosa, porém, enlevada na

obra, desejando para pequerrucha tão franzina e loira o agasalho d'uma

senhora, escrevera a Gracinha, pela esmerada lettra do Bento, uma

verbosa carta com o pedido, e toda a historia lamentosa da Crispola, e

louvores devotos á caridade do Snr. Doutor. E era a resposta de

Gracinha, demorada mas enternecida, com a recommendação «de lhe mandarem

logo a pobre creança»--que impacientava o Fidalgo.

Por que, desde a tarde abominavel do Mirante, estranhamente se apoderára

d'elle uma repugnancia quasi pudica em communicar com os Cunhaes! Era

como se esse Mirante e a torpeza abrigada dentro das suas paredes côr de

rosa empestassem o jardim, o palacete, o Largo d'El-Rei, toda a cidade

d'Oliveira, e elle agora, por aceio moral, recuasse ante essa região

empestada onde o seu coração e o seu orgulho suffocavam... Logo depois

da sua fuga recebera do bom Barrôlo uma carta espantada:--«Que têlha foi

essa? Porque não esperaste? Eu, quando voltei á noite da quinta do

Marges, até fiquei com cuidado. E não imaginas como a Gracinha anda

nervosa! Soubemos da partida, por acaso, por um cocheiro do Maciel. Já

hoje comemos os pêcegos, mas não comprehendemos!...»--Gonçalo respondeu

seccamente n'um bilhete:--«Negocios». Depois recordou que deixára na

gaveta do seu quarto o manuscripto da Novella: e mandou um moço da

quinta, de madrugada, com um recado quasi secreto ao Padre Sueiro, «para

que entregasse a pasta ao portador, bem embrulhada, sem contar aos

senhores...» Entre a Torre e os Cunhaes só desejava separação e

silencio.

E nos encerrados dias que passou na Torre (sem se arriscar a

Villa-Clara, no terror de que a vergonha do seu nome já andasse rosnada

pelo estanco do Simões ou pelo armazem do Ramos) não cessou de vibrar

n'uma colera espalhada que a todos varava... Colera contra a irmã que,

calcando pudor, altivez de raça, receio dos escarneos d'Oliveira, tão

facil e estouvadamente como se calcam as flôres desbotadas d'um tapete,

correra ao Mirante, ao macho da bigodeira, apenas elle lhe acenára com o

lenço almiscarado! Colera contra o Barrôlo, o bochechudo bacôco, que

empregava os seus bacôcos dias celebrando o Cavalleiro, arrastando o

Cavalleiro para o Largo d'El-Rei, escolhendo na adega os vinhos mais

finos para que o Cavalleiro aquecesse o sangue, ageitando as almofadas

de todos os camapés para que o Cavalleiro saboreasse estiradamente o seu

charuto e a graça presente de Gracinha! Emfim colera contra si, que,

pela baixa cubiça de uma cadeira em S. Bento, abatera a unica muralha

segura entre a irmã e o homem da marrafa lusente--que era a sua

inimizade, aquella escarpada inimizade, sempre, desde Coimbra, tão

rijamente reforçada e recaiada!... Ah! todos tres horrendamente

culpados!

Depois uma tarde, enfastiado da solidão, ousou um passeio por

Villa-Clara. E reconheceu que na Assembleia, no estanco do Simões, na

loja do Ramos, os amores de Gracinha eram certamente tão ignorados como

se passassem nas profundidades da Tartaria. Immediatamente a sua alma

doce, agora socegada, se abandonou á doçura de tecer desculpas subtis

para todos os culpados d'aquella queda triste... Gracinha, coitada, sem

filhos, com tão mollengo e ensosso marido, alheia a todos os interesses

da intelligencia, indolente mesmo para uma costura ou bordado--cedêra,

que mulher não cederia? á credula e primitiva paixão que lhe brotára na

alma, n'ella se enraizára, lhe déra as suas unicas alegrias do mundo e

(influencia ainda mais poderosa!) lhe arrancára as suas unicas lagrimas!

O Barrôlo, coitado, era o Bacôco--e como o «pilriteiro» da cantiga,

incapaz de mais nobres fructos, só produzia os «pilritos» da sua

Bacoquice. E elle, coitado d'elle, pobre, ignorado, irresistivelmente se

rendera á fatal Lei d'Accrescentamento, que o levára, como a todos leva

na ancia de fama e fortuna, a furar precipitadamente pela porta casual

que se abre, sem reparar na estrumeira que atravanca os humbraes... Ah

realmente todos bem pouco culpados deante de Deus que nos creou tão

variaveis, tão frageis, tão dependentes de forças por nós ainda menos

governadas do que o Vento ou do que o Sol!

Não, irremissivelmente culpado,--só o outro, o malandro da grenha

ondeada! Esse, em toda a sua conducta com Gracinha, desde estudante,

mostrára sempre um egoismo atrevido, só punivel como puniam os antigos

Ramires, com a morte depois dos tormentos, e a carcassa posta aos

corvos. Em quanto lhe agradou, na ociosidade dos longos estios, um

namoro bocolico sob os arvoredos da Torre--namorára. Quando considerou

que uma mulher e filhos lhe atravancariam a vida ligeira--trahira. Logo

que a antiga bem amada pertenceu a outro homem--recomeçára o cerco

languido para colher, sem os encargos da paternidade, as emoções do

sentimento. E apenas esse marido lhe entreabre a sua porta--não se

demora, fende brutamente sobre a preza! Ah como o avô Tructesindo

trataria villão de tal villania! Certamente o assava n'uma rugidora

fogueira deante das barbacans--ou, nas masmoras da Alcaçova, lhe entupia

as guellas falsas com bom chumbo derretido...

Pois elle, neto de Tructesindo, nem sequer podia, quando encontrasse o

Cavalleiro nas ruas d'Oliveira, carregar o chapeu sobre a testa e

passar! A menor diminuição n'essa intimidade tão desastradamente

reatada--seria como a revelação da torpeza ainda abafada nas paredes do

Mirante! Toda Oliveira cochicharia, riria.--«Olha o Fidalgo da Torre!

Mette o Cavalleiro nos Cunhaes com a irmã, e logo, passadas semanas,

rompe de novo com o Cavalleiro! Houve escandalo, e gordo!»--Que delicia

para as Lousadas! Não, ao contrario! agora devia ostentar pelo

Cavalleiro uma fraternidade tão larga e tão ruidosa--que, pela sua

largueza e o seu ruido, inteiramente tapasse e abafasse o sujo enredo

que por traz latejava. Fingimento torturante--e imposto pela honra do

nome! O sujo enredo bem guardado entre os mais densos arvoredos do

jardim, na mais cerrada penumbra do Mirante!--e por fóra, ao sol, nas

praças d'Oliveira elle sempre com o braço carinhosamente enlaçado no

braço do Cavalleiro!

Os dias rolavam--e no espirito de Gonçalo não se estabelecia serenidade.

E sobretudo o amargurava sentir que era forçado a essa intimidade

vistosa com o Cavalleiro--tanto pelo cuidado do seu nome, como pela

conveniencia da sua Eleição. Toda a sua altivez por vezes se

revoltava:--«Que me importa a Eleição! Que valor tem uma encardida

cadeira em S. Bento?...» Mas logo a secca Realidade o emmudecia. A

Eleição era a unica fenda por onde elle lograria escapar do seu buraco

rural; e, se rompesse com o Cavalleiro, esse villão, vezeiro a

villanias, immediatamente, com o appoio da horda intrigante de Lisboa,

improvisaria outro Candidato por Villa-Clara... Desgraçadamente elle era

um d'esses seres vergados que \_dependem\_. E a triste dependencia d'onde

provinha? Da pobreza--d'essa escassa renda de duas quintas, abastança

para um simples, mas pobreza para elle, com a sua educação, os seus

gostos, os seus deveres de fidalguia, o seu espirito de sociabilidade.

E estes pensamentos lenta e capciosamente o empurraram a outro

pensamento--á D. Anna Lucena, aos seus duzentos contos... Até que uma

manhã encarou corajosamente uma possibilidade perturbadora:--casar com a

D. Anna!--Por que não? Ella claramente lhe mostrára inclinação, quasi

consentimento... Por que não casaria com a D. Anna?

Sim! o pae carniceiro, o irmão assassino... Mas tambem elle, entre

tantos avós até aos Suevos ferozes, descortinaria algum avô carniceiro;

e a occupação dos Ramires, atravez dos seculos heroicos, consistira

realmente em assassinar. De resto o carniceiro e o assassino, ambos

mortos, sombras remotas, pertenciam a uma Lenda que se apagava. D. Anna,

pelo casamento, subira da Populaça para a Burguesia. Elle não a

encontrava no talho do pae, nem no velhacouto do irmão--mas na quinta da

\_Feitosa\_, já Rica-Dona, com procurador, com capellão, com lacaios, como

uma antiga Ramires. Ah! sinceramente, toda a hesitação era pueril--desde

que esses duzentos contos, de dinheiro muito limpo, de bom dinheiro

rural, os trazia com o seu corpo, mulher tão formosa e séria. Com esse

puro ouro, e o seu nome, e o seu talento, não necessitaria para dominar

na Politica a refalsada mão do Cavalleiro... E depois que vida nobre e

completa! A sua velha Torre restituida ao esplendor sobrio d'outras

eras; uma lavoura de luxo no historico torrão de Treixedo; as viagens

fecundas ás terras que educam!... E a mulher que fornecia estes regalos

não lhes amargava o goso, como em tantos casamentos ricos, com a sua

fealdade, os seus agudos ossos, ou a sua pelle relentada... Não! Depois

do brilho social do dia não o esperava na alcova um mostrengo--mas

Venus.

E assim, lentamente trabalhado por estas tentações, mandou uma tarde um

bilhete á prima Maria, á \_Feitosa\_, pedindo--«para se encontrarem, sós,

n'algum passeio dos arredores, por que desejava ter com ella uma

\_conversasinha\_ séria e intima...» Mas tres immensos dias se

arrastaram--e não appareceu a almejada carta da \_Feitosa\_. Gonçalo

concluiu que a prima Maria, tão esperta, farejando a natureza da

\_conversasinha\_ e sem uma certeza para o alegrar, retardava, se

recusava. Atravessou então uma desolada semana, remoendo a melancolia

d'uma vida que sentia ôca e toda feita d'incertezas. O orgulho, um pudor

complicado, não lhe consentiam voltar a Oliveira, ao quarto d'onde

implacavelmente avistaria, por sobre o arvoredo, a cupula do Mirante com

o seu gordo Cupido:--e quasi o arrepiava a idéa de beijar a irmã na face

que o outro babujára! Sobre a Eleição descera um silencio de abobada--e

outra repugnancia, mais acerba, lhe vedava escrever ao Cavalleiro. João

Gouveia gozava as suas férias na Costa, de sapatos brancos, apanhando

conchinhas na praia. E Villa-Clara não se tolerava n'esse meado ardente

de Septembro--com o Titó no Alemtejo onde o levára uma doença do velho

Morgado de Cidadelhe, o Manoel Duarte na quinta da mãe dirigindo as

vindimas, e a Assembleia deserta e adormecida sob o innumeravel susurro

das moscas...

\* \* \* \* \*

Para se occupar e atulhar as horas, mais que por dever ou gosto d'Arte,

retomou a sua Novella. Mas sem fervor, sem veia agil. Agora era a

sanhuda arrancada de Tructesindo e dos seus cavalleiros, correndo sobre

o Bastardo de Bayão. Lance difficultoso--reclamando fragor, um

rebrilhante colorido Medieval. E elle tão molle e tão apagado!...

Felizmente, no seu Poemeto, o Tio Duarte recheára esse violento trecho

de bem apinceladas paisagens, d'interessantes rasgos de guerra.

Logo na Ribeira do Coice, Tructesindo encontrava cortada a machado a

decrepita ponte, cujos rotos barrotes e taboões carcomidos entulhavam no

fundo a corrente escassa. Na sua fuga o Bastardo acautelladamente a

desmantelára para deter a cavalgada vingadora. Então a pesada hoste de

Santa Ireneia avançou pela esguia ourela, ladeando os renques de choupos

em demanda do vau do Espigal... Mas que tardança! Quando as derradeiras

mulas de carga choutaram na terra d'além-ribeira já a tarde se adoçava,

e nas poças d'agua, entre as poldras, o brilho esmorecia, umas ainda

d'ouro pallido, outras apenas rosadas. Immediatamente Dom Garcia Viegas,

o \_Sabedor\_, aconselhou que a mesnada se dividisse:--a peonagem e a

carga avançando para Montemor, esgueirada e callada, para esquivar

recontros; os senhores de lança e os besteiros de cavallo arrancando em

dura carreira para colher o Bastardo. Todos louvaram o ardil do

\_Sabedor\_: e a cavalgada, aligeirada das filas tardas de archeiros e

fundibularios, largou, soltas as rédeas, atravez de terras ermas, depois

por entre barrocaes, até aos \_Tres-Caminhos\_, desolada chan onde se

ergue solitariamente aquelle carvalho velhissimo que outr'ora, antes

d'exorcisado por S. Froalengo, abrigava no sabbado mais negro de

Janeiro, ao clarão d'archotes enxofrados, a Grande Ronda de todas as

bruchas de Portugal. Junto do carvalho Tructesindo sopeou a arrancada:

e, alçado nos estribos, farejava as tres sendas que se trifurcam e se

encovam entre asperos, lobregos cerros de bravio e de tojo. Passára ahi

o Bastardo malvado?... Ah! por certo passára e toda a sua

maldade--porque no respaldo d'uma fraga, junto a tres cabras magras

retouçando o matto, jazia, com os braços abertos, um pobre pastorinho

morto, varado por uma frecha! Para que o triste cabreiro não soprasse

novas da gente de Bayão--uma bruta setta lhe atravessára o peito

escarnado de fome, mal coberto de trapos. Mas por qual das sendas se

embrenhára o malvado? Na terra solta, raspada pelo vento suão que rolava

d'entre-montes, não appareciam pegadas revoltas de tropel fugindo. E, em

tal solidão, nem choça ou palhoça d'onde villão ou velha alapada

espreitassem a levada do bando... Então, ao mando do Alferes Affonso

Gomes, tres almogavres despediram pelos tres caminhos á descoberta--em

quanto os Cavalleiros, sem desmontar, desafivelavam os morriões para

limpar nas faces barbudas o suor que os alagava, ou abeiravam os ginetes

d'um sumido fio d'agua que á orla da chan se arrastava entre ralo

caniçal. Tructesindo não se arredou de sob a ramada do carvalho de S.

Froalengo, immovel sobre o murzello immovel, todo cerrado no ferro da

sua negra armadura, as mãos juntas sobre a sella e o elmo pesadamente

inclinado como em magua e oração. E ao lado, com as colleiras errissadas

de prégos, as sangrentas linguas penduradas, arquejavam, estirados, os

seus dous mastins.

Já no emtanto a espera se alongava, inquieta, enfadonha--quando o

almogavre que mettera pela senda de Nascente reappareceu n'um rolo de

poeira, atirando logo o alarde de longe, com a ascuma alta. A hora

escassa de carreira avistára num cabeço uma hoste acampada, em arraial

seguro, rodeado d'estaca e valla!...

--Que pendão?

--As treze arruellas.

--Deus louvado! gritou Tructesindo, que estremeceu como acordando. É D.

Pedro de Castro, \_o Castellão\_, que entrou com os Leonezes e vem pelas

senhoras Infantas!

Por esse caminho pois não se atrevera o Bastardo!... Mas já pela senda

de Poente recolhia outro almogavre contando que entre-cerros, n'um

pinhal, topára um bando de bufarinheiros genovezes, retardados desde

alva, por que um d'elles esmorecera com mal de febres. E

então?...--Então, pela borda do pinheiral apenas passára em todo o dia

(no jurar dos genovezes) uma companhia de truões voltando da feira de

Grajelos. Só restava pois o trilho do meio, pedregoso e esbarrancado

como o leito enxuto d'uma torrente. E por elle, a um brado de

Tructesindo, tropeou a cavalgada. Mas já o crepusculo tristissimo

descia--e sempre o caminho se estirava, agreste, soturno, infindavel,

entre os cerros de urze e rocha, sem uma cabana, um muro, uma sebe,

rasto de rez ou homem. Ao longe, mais ao longe, emfim, enchergaram a

campina arida, coberta de solidão e penumbra, dilatada na sua mudez até

a um ceu remoto, onde já se apagava uma derradeira tira de poente côr de

cobre e côr de sangue. Então Tructesindo deteve a abalada, rente

d'espinheiros que se torciam nas lufadas mais rijas do suão:

--Por Deus, senhores, que corremos em pressa vã e sem esperança!... Que

pensaes, Garcia Viegas?

Todo o bando se apinhára: e uma fumarada subia dos ginetes arquejantes

sob as coberturas de malha. O \_Sabedor\_ estendeu o braço:

--Senhores! O Bastardo, antes de nós, galgou d'escapada essa campina

além, e metteu a Valle-Murtinho para pernoitar na Honra de Agredel, que

é bem afortalezada e parenta de Bayão...

--E nós, pois, D. Garcia?

--Nós, senhores e amigos, só nos resta tambem pernoitar. Voltemos aos

\_Tres-Caminhos\_. E de lá, em boa avença, ao arraial do Snr. D. Pedro de

Castro, a pedir agasalho... A par de tamanho senhor encontraremos mais

fartamente que nos nossos alforges o que todos, christãos e brutos,

vamos necessitando, cevada, um naco de vianda, e de vinhos tres golpes

rijos...

Todos bradaram com alvoroço:--«Bem traçado! bem traçado!...»--E de novo,

pelo barranco pedregoso, a cavalgada trotou pezadamente para os

\_Tres-Caminhos\_--onde já dous corvos se encarniçavam sobre o corpo do

pastorinho morto.

Em breve, ao cabo do caminho do Nascente, no cabeço alto, alvejaram as

tendas do arraial, ao clarão das fogueiras que por todo elle fumegavam.

O Adail de Santa Ireneia arrancou da bosina tres sons lentos annunciando

Filho-d'Algo. Logo de dentro da estacada outras businas soaram, claras e

acolhedoras. Então o Adail galopou até ao vallado, a annunciar ás

atalaias postadas nas barreiras, entre luzentes fogos d'almenara, a

mesnada amiga dos Ramires. Tructesindo parára no corrego escuro, que o

pinheiral cerrado mais escurecia movendo e gemendo no vento. Dous

cavalleiros, de sobreveste negra e capuz, logo correram pelo pendor do

outeiro--bradando que o Snr. D. Pedro de Castro esperava o nobre senhor

de Santa Ireneia e muito se prazia para todo seu regalo e serviço!

Silenciosamente Tructesindo desmontou; e com D. Garcia Viegas, e Leonel

de Çamora e Mendo de Briteiros e outros parentes de solar, todos sem

lança ou broquel, descalçados os guantes, galgaram o cabeço até á

estacada, cujas cancellas se escancararam, mostrando na claridade

incerta dos fogareus sombrios magotes de peões--onde, por entre os

bassinetes de ferro, surdiam toucas amarellas de mancebas e gorros

enguisalhados de jograes. Apenas o velho assomou aos barrotes dous

infanções, sacudindo a espada, bradaram:

--Honra! honra! aos Ricos-Homens de Portugal!

As trompas misturavam o clangor rispido aos rufos lassos dos tambores. E

por entre a turba, que calladamente recuára em alas lentas, avançou,

precedido por quatro cavalleiros que erguiam archotes accesos, o velho

D. Pedro de Castro, \_o Castellão\_, o homem das longas guerras e dos

vastos senhorios. Um corselete d'anta com lavores de prata cinjia o seu

peito já curvado, como consumido por tamanhas fadigas de pelejar e

tamanhas cubiças de reinar. Sem elmo, sem armas, appoiava a mão

cabelluda de rijas veias a um bastão de marfim. E os olhos encovados

faiscavam, com affavel curiosidade, na requeimada magreza da face, de

nariz mais recurvo que o bico d'um falcão, repuxada a um lado por um

fundo gilvaz que se sumia na barba crespa, aguda e quasi branca.

Deante do senhor de Santa Ireneia alargou vagarosamente os braços. E com

um grave riso que mais lhe recurvou, sobre a barba espetada, o nariz de

rapina:

--Viva Deus! Grande é a noite que vos traz, primo e amigo! Que não a

esperava eu de tanta honra, nem sequer de tanto gosto!...

\* \* \* \* \*

Ao rematar este duro Capitulo, depois de tres manhãs de trabalho,

Gonçalo arrojou a penna com um suspiro de cansaço. Ah! já lhe entrava a

fartura d'essa interminavel Novella, desenrolada como um novello

solto--sem que elle lhe podesse encurtar os fios, tão cerradamente os

emmaranhára no seu denso Poema o Tio Duarte que elle seguia gemendo! E

depois nem o consolava a certeza de construir obra forte. Esses

Tructesindos, esses Bastardos, esses Castros, esses \_Sabedores\_, eram

realmente varões Affonsinos, de solida substancia historica?... Talvez

apenas oucos titeres, mal engonçados em erradas armaduras, povoando

inveridicos arraiaes e castellos, sem um gesto ou dizer que datassem das

velhas edades!

E ao outro dia não reuniu em todo o seu ser coragem para retomar aquella

sofrega correria dos de Santa Ireneia sobre o bando escapadiço de Bayão.

De resto já remettera tres Capitulos da Novella--já calmára as ancias do

Castanheiro. Mas a ociosidade mais lhe pesou n'essa semana, arrastada

pelos canapés ou por entre os buxos do jardim, fumando e tristemente

sentindo que a Vida lhe fugia em fumo. Para o enervar accrescia um

aborrecimento de dinheiro--uma lettra de seiscentos mil réis, do

derradeiro anno de Coimbra, sempre reformada, sempre avolumada, e que

agora o emprestador, um certo Leite, d'Oliveira, reclamava com dureza. O

seu alfaiate de Lisboa tambem o importunava com uma conta pavorosa,

atulhando duas laudas. Mas sobretudo o desolava a solidão da Torre.

Todos os alegres amigos dispersos pela beira-mar ou nas quintas. A

Eleição encalhada como uma barca no lodo. A irmã de certo com o \_outro\_

no Mirante. Até a prima Maria desattendendo ingratamente o seu timido

pedido d'uma «conversasinha.» E elle no seu quente casarão, sem energia,

immobilisado n'uma inercia crescente, como se cordas o travassem, cada

dia mais apertadas--e d'homem se volvesse em fardo.

Uma tarde no seu quarto, vagaroso e sombrio, sem mesmo parolar com o

Bento, acabava de se vestir para montar a cavallo, espairecer n'um

galope pelos caminhos de Valverde--quando o pequeno da Crispola (já

estabelecido na Torre como pagem, de fardeta de botões amarellos) bateu

esbaforidamente á porta.--Era uma senhora que parára ao portão, dentro

d'uma carruagem, pedia ao Fidalgo para descer...

--Não disse o nome?

--Não, senhor. É uma senhora magra, puxada a dous cavallos, com redes...

A prima Maria! Com que alvoroço correu, agarrando no cabide do corredor

um velho chapeu de palha! E em baixo foi como se contemplasse a Deusa da

Fortuna na sua roda ligeira.

--Oh prima Maria, que surpreza!... Que felicidade!

Debruçada da portinhola da carruagem (a caleche azul da \_Feitosa\_), D.

Maria Mendonça, com um chapeu novo enramalhetado de lilazes, desculpou

atrapalhadamente e rindo o seu silencio. Recebera a carta do primo muito

atrasada... Sempre o fatal carteiro, tropego e bebedo... Depois uns dias

muito atarefados em Oliveira com a Annica, que preparava para o inverno

a casa da rua das Vellas.

--E finalmente, como devia uma visita em Villa-Clara á pobre Venancia

Rios, que tem estado doente, achei mais simples e mais completo parar na

Torre... E então?

Gonçalo sorria, embaraçado:

--Então, nada de grave, mas... É que desejava conversar comsigo... Por

que não entra?

Abrira a portinhola. Ella preferia passear na estrada. E ambos

s'encaminharam para o velho banco de pedra que os alamos abrigavam em

frente ao portão da Torre. Gonçalo sacudiu com o lenço a ponta do banco.

--Pois, prima Maria, eu desejava conversar... Mas é difficil, tão

difficil!... Talvez o melhor seja atacar a questão brutalmente.

--Ataque.

--Então lá vae!... A prima acha que eu perco o meu tempo se me dedicar á

sua amiga D. Anna?

Pousada de leve á borda do banco, enrolando attentamente a seda preta do

guardasolinho, Maria Mendonça tardou, murmurou:

--Não, acho que o primo não perde o seu tempo...

--Ah! acha?

Ella considerava Gonçalo, gozando a sua perturbação e anciedade.

--Jesus, prima!... Diga alguma cousa mais!

--Mas que quer que lhe diga mais? Já lhe declarei em Oliveira. Ainda sou

muito nova para andar com recadinhos de sentimento. Mas acho que a

Annica é bonita, é rica, é viuva...

Gonçalo arrancou do banco, erguendo os braços, em desolação. E, como D.

Maria tambem se erguera, ambos seguiram pela tira de relva que orla os

alamos. Elle quasi gemia, desconsolado:

--Ora bonita, viuva, rica... Para conhecer esses grandes segredos não a

incommodava eu, prima!... Que diabo! seja boa rapariga, seja franca! A

prima sabe, de certo já ambas conversaram... Seja franca. Ella tem por

mim alguma sympathia?

D. Maria parou, murmurou, riscando com a ponta do guardasolinho o trilho

amarellado da relva:

--Pois está claro que tem...

--Bravo! Então, se d'aqui a um tempo, passados estes primeiros mezes de

luto, eu me declarasse, me...

Ella dardejou a Gonçalo os espertos olhos:

--Santo Deus, como o primo por ahi vae, a galope... Então é uma paixão?

Gonçalo tirou o seu velho chapeu de palha, passou lentamente os dedos

pelos cabellos. E n'um immenso e triste desabafo:

--Olhe, prima! É sobretudo a necessidade de me accommodar na vida! Pois

não lhe parece?

--Tanto me parece que lhe indiquei o bom poizo... E agora adeus, passa

das cinco horas. Não me quero demorar por causa dos creados.

Gonçalo protestou, supplicou:

--Mais um bocadinho!... É tão cedo! Só outra cousa, com franqueza. Ella

é boa rapariga?

D. Maria voltára, ao cabo do renque d'alamos, recolhendo á caleche:

--Uma pontinha de genio, para animar a existencia. Mas muito boa

rapariga... E uma dona de casa admiravel! O primo não imagina como anda

a \_Feitosa\_. A ordem, o acceio, a regularidade, a disciplina... Ella

olha por tudo, até pela adega, até pela cocheira!

Gonçalo esfregou radiantemente as mãos:

--Pois se d'aqui a um anno se realisar o grande acontecimento hei de

gritar por toda a parte que foi a prima Maria que salvou a casa de

Ramires!

--Por isso eu trabalho, para servir o brazão e o nome! exclamou ella,

saltando ligeiramente para a caleche, como se fugisse, arremessada

aquella clara confissão.

O trintanario trepára á almofada. E em quanto os cavallos folgados

largavam, aos corcovos, D. Maria ainda gritou:

--Sabe quem encontrei em Villa Clara? O Titó!

--O Titó?...

--Chegou do Alemtejo, vem jantar comsigo. Eu não o trouxe na carruagem

por decencia, para o não comprometter...

E a caleche rolou--entre os risos e os doces acenos com que ambos se

afagavam, n'aquella nova concordancia mais calorosa d'uma conspiração

sentimental.

Gonçalo largou logo alegremente para Villa-Clara, ao encontro do Titó. E

já o alvoroçava a idéa de colher do Titó, intimo da \_Feitosa\_,

informações sobre a D. Anna, o seu genio, os seus modos. A prima Maria,

por amor dos Ramires (sobretudo, coitada, para proveito dos Mendonças!),

idealisava a noiva. Mas o Titó, o homem mais veridico do Reino, amando a

Verdade com a antiga devoção de Epaminondas, apresentaria D. Anna sem um

enfeite nem um desenfeite. E o Titó... Ah! sob o seu vozeirão troante, a

sua indolencia bovina, o Titó possuia um espirito muito attento, muito

penetrante.

Logo á Portella os dous amigos s'encontraram. E, apesar de separação tão

curta, o abraço foi estrondoso.

--Oh sô Gonçalão!...

--Oh Titósinho querido! tens feito cá uma falta enorme!... E teu irmão?

O mano melhor, mas arrasado. Muito cartapacio e muito fêmea para velho

de sessenta annos. E elle lá o avisára:--«Mano João, mano João! olhe que

assim sempre agarrado aos papeis velhos e ás cachopas novas, o mano

rebenta!»

--E por cá? Essa eleição?

--A eleição agora para outubro, nos começos d'outubro... De resto,

semsaboria universal. Gouveia na Costa, Manoel Duarte na vindima... Eu

seccadote, murchote, sem veia, até sem appetite.

--Olha que eu venho jantar e convidei o Videirinha.

--Bem sei, já me disse a prima Maria, que parou um bocado na Torre...

Ella está na \_Feitosa\_ com a D. Anna.

Durante um momento repisou sobre a intimidade da prima Maria na

\_Feitosa\_, com a tentação de desabafar, logo alli na estrada, sobre o

inesperado romance que desabrochára. Mas não ousou! Era um angustiado

acanhamento, como a vergonha de cubiçar assim todos os restos do pobre

Lucena--o Circulo e a viuva.

Então, conversando do Alemtejo e do mano João (que contára muitas

antigualhas massadoras sobre a genealogia dos Ramires), desceram da

Portella á Torre, com tenção de estirar o passeio até aos Bravaes. Mas,

na Torre, Gonçalo desejou avisar a Rosa dos dous convivas inesperados,

senhores de tão poderoso garfo. Entraram pela porta do pomar onde um fio

lento d'agoa s'atardava nos regueiros. Aos brados galhofeiros do Fidalgo

a Rosa accudio, limpando as mãos ao avental. O que! dous convidados!

Mesmo quatro, e mais valentes, que graças a Deus nosso Senhor o

jantarinho sobrava! Ainda de tarde comprára a uma mulher da Costa um

cesto de sardinhas, graudas e gordas que regalavam!... O Titó reclamou

logo uma fritada tremenda de sardinha e ovos. E os dois amigos

atravessavam o pateo--quando Gonçalo reparou no Bento, escarranchado no

banco da latada, deante d'uma tigella, e areando com enthusiasmo um

castão de prata lavrada, que emergia de dentro d'uma toalha enrolada

como d'uma bainha.

--Que castão é esse, Bento? assim embrulhado?

O Bento lentamente saccou da toalha torcida um chicote, escuro e

comprido, com tres arestas afiadas como as d'um florete.

--Nem o Snr. Dr. sabia! Estava no sotão. Agora de tarde andava lá a

escarafunchar por causa d'uma ninhada de gatos, e detraz d'um bahu dou

com umas esporas de prateleira e com este arrôcho...

Gonçalo estudou o macisso castão de prata, sacudio a fina vara que

zinia:

--Explendido chicote... Oh Titó, hein?... Afiado como um cutello. E

antigo, muito antigo, com as minhas armas... De que diabo é feito?

baleia?

--De cavallo-marinho... Uma arma terrivel. Mata um homem... O mano João

tem um, mas com castão de metal... Mata um homem!

--Bem, rematou Gonçalo. Limpa e põe no meu quarto, Bento! Passa a ser o

meu chicote de guerra!

Á porta do pomar ainda encontraram o Pereira da Riosa, de quinzena de

cutim deitada aos hombros. Em breve, no dia de S. Miguel, o Pereira

tomava emfim a lavra da Torre. E Gonçalo gracejou, mostrando ao Titó o

lavrador famoso. Eis o homem! eis o grande homem que se preparava a

tornar a Torre uma fallada maravilha de ceára, vinha e horta! O Pereira

coçava a barba rala:

--E tambem a enterrar bom dinheiro! Emfim um gosto sempre valeu mais que

um vintem! E o Fidalgo, como patrão, merece terra em que os olhos se

esqueçam de regalados!...

--Oh, Snr. Pereira! rebombou o Titó. Então não se esqueça de cuidar dos

melões. É uma vergonha! Nunca na Torre se comeu um bom melão!

--Pois para o anno, assim Deus nos conserve, já V. Ex.^a comerá na Torre

um bom melão!

Gonçalo abraçou ainda o esperto lavrador--e apressou para a estrada,

decidido a desenrolar toda a confidencia ao Titó, na solidão favoravel

do arvoredo dos Bravaes. Mas, apenas recomeçaram a caminhada, o mesmo

enleio o travou--quasi temendo agora as informações do Titó, homem tão

sevéro, de Moral tão escarpada. E todo o demorado giro pelos Bravaes o

findaram sem que Gonçalo desafogasse. O crepusculo descera, molle e

quente, quando recolheram--conversando sobre a pesca do savel no

Guadiana.

Defronte do portão da Torre Videirinha esperava, dedilhando o violão na

penumbra dos alamos. Como a noite se conservava abafada, sem uma aragem,

jantaram na varanda, com dous candieiros accesos. Logo ao desdobrar o

guardanapo o Titó, vermelho e espraiado sobre a cadeira, declarou «que

graças ao Senhor da Saude, a sede era boa!» Elle e Gonçalo praticaram as

usadas façanhas de garfo e de copo. Quando o Bento servio o café uma

immensa e lustrosa lua nova surgia, ao fundo da quinta escura, por traz

dos outeiros de Valverde. Gonçalo, enterrado n'uma cadeira de vime,

accendeu o charuto com beatitude. Todos os tedios e incertezas d'essas

semanas se despegavam da sua alma como cinza apagada, brevemente

varrida. E foi sentindo menos a doçura da noite, que um sabor melhor á

vida desanuviada, que exclamou:

--Pois, senhores, agora, está uma delicia!...

Videirinha, depois d'um curto cigarro, retomára o violão. Atravez da

quinta, pedaços de muros caiados, algum trilho de rua mais descoberto, a

agua do Tanque-Grande, rebrilhavam ao luar que resvalava dos cerros; e a

quietação do arvoredo, da claridade, da noite, penetravam n'alma com

adormecedora caricia. Titó e Gonçalo saboreavam o famoso cognac de

Moscatel, preciosa antigualha da Torre, silenciosamente enlevados no

Videirinha--que recuára para o fundo da varanda, se envolvera em sombra.

Nunca o bom cantador ferira as cordas com inspiração mais enternecida.

Até os campos, o ceu inclinado, a lua cheia sobre as collinas, escutavam

os queixumes do \_fado\_ da Ariosa. E no escuro, sob a varanda, o pigarro

da Rosa, os passos abafados dos creados, algum sumido riso de rapariga,

o bater das orelhas d'um perdigueiro--eram como a presença d'um povo

suavemente attrahido pelo descante formoso.

Assim a noite se alongou, a lua subio com solitario fulgor. Titó, pesado

do brodio, adormecêra. E como sempre, para findar, Videirinha atacou

ardentemente o \_Fado dos Ramires\_:

Quem te verá sem que estremeça,

Torre de Santa Ireneia,

Assim tão negra e callada

Por noites de lua cheia...

E lançou então uma quadra nova, que trabalhára n'essa semana com amor

sobre uma erudita nota do bom Padre Sueiro. Era a gloria magnifica de

Paio Ramires, Mestre do Templo--a quem o Papa Innocencio, e a Rainha

Branca de Castella, e todos os Principes da Christandade supplicam que

se arme, e corra em dura pressa, e liberte S. Luiz Rei de França,

captivo nas terras de Egypto...

Que só em Paio Ramires

Põe agora o mundo a esperança...

Que junte os seus Cavalleiros

E que salve o Rei de França!

E por este avô e tal façanha até Gonçalo se interessou--acompanhando o

canto, n'um tremulo esganiçado, de braço erguido:

Ai, que junte os seus cavalleiros

E que salve o Rei de França!...

Ao rolar mais forte do côro Titó descerrou as palpebras, arrancou do

canapé o corpansil immenso--e declarou que marchava para Villa Clara:

--Estou derreado! Sempre em jornada e sem dormir, desde hontem ás quatro

da manhã que larguei de Cidadelhe... Caramba, dava agora, como aquelle

rei grego, um crusado por um burro!

Então Gonçalo, animado pelo cognac, tambem se ergueu com uma resolução

quasi alegre:

--Oh Titó, antes de sahires anda cá dentro que quero fallar comtigo a

respeito d'um caso!

Agarrára um dos candieiros, penetrou na sala de jantar onde errava o

cheiro de magnolias morrendo n'um vaso. E ahi, sem preparação, com os

olhos bem decididos, bem cravados no Titó--que o seguira arrastadamente,

ainda se espreguiçava:

--Oh Titó, ouve lá e sê franco. Tu ias muito á \_Feitosa\_... Que te

parece aquella D. Anna?

Titó, que despertára como ao rebentar d'um morteiro, considerou Gonçalo

com assombro:

--Ora essa! Mas a que proposito?...

Gonçalo atalhou, na pressa de colher rapidamente uma certeza:

--Olha! Eu para ti não tenho segredos. N'estas ultimas semanas houveram

ahi umas conversas, uns encontros... Emfim, para resumir, se d'aqui a

tempos eu pensasse em casar com a D. Anna, creio que ella, por seu lado,

não recusava. Tu ias á \_Feitosa\_. Tu sabes... Que tal rapariga é ella?

Titó crusára os braços violentamente:

--Pois tu vaes casar com a D. Anna?

--Homem, não vou casar. Não sigo esta noite para a Egreja. Por ora quero

só informações... E de quem as posso ter, mais francas e mais seguras,

do que de ti, que és meu amigo e que a conheces?

Titó não descrusára os braços--levantando para o Fidalgo da Torre a face

honesta e sevéra:

--Pois tu pensas em casar com a D. Anna, tu, Gonçalo Mendes Ramires?...

Gonçalo atirou um gesto de impaciencia e fartura:

--Oh! se me vens com a fidalguia e com o Paio Ramires...

O Titó quasi berrou, na sua indignação:

--Qual fidalguia! É que um homem de bem, como tu, não pensa em casar com

uma creatura como ella!... Fidalguia?... Sim! Mas fidalguia d'alma e de

coração!

Gonçalo emmudeceu, trespassado. Depois, com uma serenidade a que se

forçára, argumentou, deduzio:

--Bem! tu então sabes outras cousas... Eu por mim sei que ella é bonita

e rica: sei tambem que é séria, por que nunca sobre ella se rosnou nem

aqui nem em Lisboa: são qualidades para se casar com uma mulher... Tu

agora affianças que se não pode casar com ella. Portanto sabes outras

cousas... Dize.

Foi então o Titó que emmudeceu, immovel deante do Fidalgo como se o laço

d'uma corda o colhesse e o travasse. Por fim, soprando, com um esforço

enorme:

--Tu não me chamaste para eu depôr como testemunha... Em principio, sem

explicações, perguntas se podes casar com essa mulher. E eu, sem

explicações, em principio, declaro que não... Que diabo queres mais?

Gonçalo exclamou, revoltado:

--Que quero? Pelo amor de Deus, Titó!... Suppõe tu que estou doidamente

apaixonado pela D. Anna, ou que tenho um interesse immenso em casar com

ella... Que não estou, nem tenho: mas suppõe! N'esse caso não se desvia

um amigo d'um acto em que elle está tão fundamente empenhado, sem lhe

apresentar uma razão, uma prova...

Assim apertado Titó baixou a cabeça, que coçou com desespero. Depois

acobardadamente, para escapar, adiou a contenda:

--Olha, Gonçalo, eu estou muito estafado. Tu não vaes a esta hora para a

Egreja: e ella menos, que o outro marido ainda não arrefeceu na cova.

Então ámanhã conversamos.

Atirou duas passadas enormes, empurrou a porta da varanda, berrando pelo

Videirinha:

--São que horas, Videira! Toca a abalar, que não dormi desde Cidadelhe.

Videirinha, que preparava com esmero um grog frio, esvasiou

atabalhoadamente o copo, recolheu o violão precioso. E Gonçalo não os

deteve, esfregando silenciosamente as mãos, amuado com aquella recusa do

Titó tão desamiga e teimosa. Como sombras atravessaram uma sala onde

dormia, esquecida desde os Ramires do seculo XVIII, uma espineta de

charão. No patamar da escada que conduzia á portinha verde, Gonçalo,

para os allumiar, erguera um castiçal. Titó accendeu um cigarro á vela.

A sua mão cabelluda tremia.

--Então, entendido... Appareço ámanhã, Gonçalo.

--Quando quizeres, Titó.

E no secco assentimento do Fidalgo transparecia tanto despeito--que Titó

hesitou nos estreitos degraus que atulhava. Por fim desceu pesadamente.

Videirinha, já na estrada, considerava o ceu, a luminosa serenidade:

--Que linda noite, snr. Doutor!

--Linda, Videirinha... E obrigado. Vossê hoje tocou divinamente!

Gonçalo entrára na sala dos retratos, pousára apenas o castiçal--quando,

por baixo da varanda aberta, o vozeirão do Titó retumbou:

--Oh Gonçalo, desce cá abaixo.

O Fidalgo rolou pelos degraus com soffreguidão. Para além dos alamos, no

luar da estrada, Videirinha afinava o violão. E apenas a face do Fidalgo

surdio na claridade da porta o Titó, que esperava com o chapéo para a

nuca, desabafou:

--Oh Gonçalo, tu ficaste amuado... É tolice! E entre nós não quero

sombras. Então lá vae! Tu não podes casar com essa mulher por que ella

teve um amante. Não sei se antes ou depois d'esse teve outro. Não ha

creatura mais manhosa, nem mais disfarçada. Não me venhas agora com

perguntas. Mas fica certo que ella teve um amante. Sou eu que t'o

affirmo: e tu sabes que eu nunca minto!

Bruscamente metteu á estrada, com os possantes hombros vergados. Gonçalo

não se movera de sobre os degraus de pedra, deante dos mudos alamos,

como elle immoveis. Uma palavra passára, irreparavel, no macio silencio

da noite e da lua--e eis o alto sonho que elle construira sobre a D.

Anna e a sua belleza e os seus duzentos contos despenhado no lodo!

Lentamente subio, repenetrou na sala. Por cima da chamma alta da vela,

n'um painel fusco, uma face acordára, uma secca, amarellada face, de

altivos bigodes negros, que se inclinava, attenta como reparando. E

longe, Videirinha espalhava pelos campos adormecidos os ingenuos versos

celebrando a gloria tamanha da Casa illustre:

Que só em Paio Ramires

Põe agora o mundo esperança...

Que junte os seus cavalleiros

E que salve o Rei de França!...

X

Até noite alta Gonçalo, passeando pelo quarto, remoeu a amarga certeza

de que sempre, atravez de toda a sua vida (quasi desde o collegio de S.

Fiel!), não cessára de padecer humilhações. E todas lhe resultavam de

intentos muito simples, tão seguros para qualquer homem como o vôo para

qualquer ave--só para elle constantemente rematados por dôr, vergonha ou

perda! Á entrada da vida escolhe com enthusiasmo um confidente, um

irmão, que traz para a quieta intimidade da Torre--e logo esse homem se

apodéra ligeiramente do coração de Gracinha e ultrajosamente a abandona!

Depois concebe o desejo tão corrente de penetrar na Vida Politica--e

logo o Acaso o fórça a que se renda e se acolha á influencia d'esse

mesmo homem, agora Auctoridade poderosa, por elle durante todos esses

annos de despeito tão detestada e chasqueada! Depois abre ao amigo,

agora restabelecido na sua convivencia, a porta dos Cunhaes, confiado na

seriedade, no rigido orgulho da irmã--e logo a irmã s'abandona ao antigo

enganador, sem lucta, na primeira tarde em que se encontra com elle na

sombra favoravel d'um caramanchão! Agora pensa em casar com uma mulher

que lhe offerecia com uma grande belleza uma grande fortuna--e

immediatamente um companheiro de Villa-Clara passa e segreda:--«A mulher

que escolheste, Gonçalinho, é uma marafona cheia d'amantes!» De certo

essa mulher não a amava com um amor nobre e forte! Mas decidira

accommodar nos formosos braços d'ella, muito confortavelmente, a sua

sorte insegura--e eis que logo desaba, com esmagadora pontualidade, a

humilhação costumada. Realmente o Destino malhava sobre elle com rancor

desmedido!

--E por quê? murmurava Gonçalo, despindo melancolicamente o casaco. Em

vida tão curta, tanta decepção... Porquê? Pobre de mim!

Cahio no vasto leito como n'uma sepultura--enterrou a face no

travesseiro com um suspiro, um enternecido suspiro de piedade por

aquella sua sorte tão contrariada, tão sem soccorro. E recordava o

presumpçoso verso do Videirinha, ainda n'essa noite proclamado ao

violão:

Velha casa de Ramires

Honra e flor de Portugal!

Como a flor murchára! Que mesquinha honra! E que contraste o do

derradeiro Gonçalo, encolhido no seu buraco de Santa Ireneia, com esses

grandes avós Ramires cantados pelo Videirinha--todos elles, se Historia

e Lenda não mentiam, de vidas tão triumphaes e sonoras! Não! nem sequer

d'elles herdára a qualidade por todos herdada atravez dos tempos--a

valentia facil. Seu pae ainda fora o bom Ramires destemido--que na

fallada desordem da romaria da Riosa avançava com um guardasol contra

tres clavinas engatilhadas. Mas elle... Alli, no segredo do quarto

apagado, bem o podia livremente gemer--elle nascera com a \_falha\_, a

falha de peor desdouro, essa irremediavel fraqueza da carne que,

irremediavelmente, deante de um perigo, uma ameaça, uma sombra, o

forçava a recuar, a fugir... A fugir d'um Casco. A fugir d'um malandro

de suissas louras que, n'uma estrada e depois n'uma venda o insulta sem

motivo, para meramente ostentar pimponice e arreganho. Ah vergonhosa

carne, tão espantadiça!

E a Alma... N'essa calada treva do quarto bem o podia reconhecer tambem,

gemendo. A mesma fraqueza lhe tolhia a Alma! Era essa fraqueza que o

abandonava a qualquer influencia, logo por ella levado como folha secca

por qualquer sopro. Por que a prima Maria uma tarde adoça os espertos

olhos e lhe aconselha por traz do leque que se interesse pela D.

Anna--logo elle, fumegando d'esperança, ergue sobre o dinheiro e a

belleza de D. Anna uma presumpçosa torre de ventura e luxo. E a Eleição?

essa desgraçada Eleição? Quem o empurrára para a Eleição, e para a

reconciliação indecente com o Cavalleiro, e para os desgostos d'ahi

manados? O Gouveia, só com leves argucias, murmuradas por cima do

cache-nez desde a loja do Ramos até á esquina do Correio! Mas que! mesmo

dentro da sua Torre era governado pelo Bento, que superiormente lhe

impunha gostos, dietas, passeios, e opiniões e gravatas!--Homem de tal

natureza, por mais bem dotado na Intelligencia, é massa inerte a que o

Mundo constantemente imprime fórmas varias e contrarias. O João Gouveia

fizera d'elle um candidato servil. O Manuel Duarte poderia fazer d'elle

um beberrão immundo. O Bento facilmente o levaria a atar ao pescoço, em

vez d'uma gravata de seda, uma colleira de couro! Que miseria! E todavia

o Homem só vale pela Vontade--só no exercicio da Vontade reside o goso

da Vida. Por que se a Vontade bem exercida encontra em torno

submissão--então é a delicia do dominio sereno: se encontra em torno

resistencia--então é a delicia maior da lucta interessante. Só não sahe

goso forte e viril da inercia que se deixa arrastar mudamente, n'um

silencio e macieza de cera... Mas elle, elle, descendendo de tantos

varões famosos pelo Querer--não conservaria, escondida algures no seu

Ser, dormente e quente como uma braza sob cinza, uma parcella d'essa

energia hereditaria?... Talvez! nunca porém n'esse pêco e encafuado

viver de Santa Ireneia a fagulha despertaria, resaltaria em chamma

intensa e util. Não! pobre d'elle! Mesmo nos movimentos da Alma onde

todo o homem realisa a liberdade pura--elle soffreria sempre a oppressão

da Sorte inimiga!

Com outro suspiro mais se enterrou, s'escondeu sob a roupa. Não

adormecia, a noite findava--já o relogio de charão, no corredor, batera

cavamente as quatro horas. E então, atravez das palpebras cerradas, no

confuso cançasso de tantas tristezas revolvidas, Gonçalo percebeu,

atravez da treva do quarto, destacando pallidamente da treva, faces

lentas que passavam...

Eram faces muito antigas, com desusadas barbas ancestraes, com

cicatrizes de ferozes ferros, umas ainda flammejando como no fragor de

uma batalha, outras sorrindo magestosamente como na pompa d'uma

gala--todas dilatadas pelo uso soberbo de mandar e vencer. E Gonçalo,

espreitando por sobre a borda do lençol, reconhecia n'essas faces as

veridicas feições de velhos Ramires, ou já assim comtempladas em

denegridos retratos, ou por elle assim concebidas, como concebera as de

Tructesindo, em concordancia com a rijeza e explendor dos seus feitos.

Vagarosas, mais vivas, ellas cresciam d'entre a sombra que latejava

espessa e como povoada. E agora os corpos emergiam tambem, robustissimos

corpos cobertos de saios de malha ferrugenta, apertados por arnezes

d'aço lampejante, embuçados em fuscos mantos de revoltas prégas,

cingidos por faustosos gibões de brocado onde scintillavam as pedrarias

de collares e cintos;--e armados todos, com as armas todas da Historia,

desde e clava gôda de raiz de roble errissada de puas, até ao espadim de

sarau enlaçarotado de seda e ouro.

Sem temor, erguido sobre o travesseiro, Gonçalo não duvidava da

realidade maravilhosa! Sim! eram os seus avós Ramires, os seus

formidaveis avós historicos, que, das suas tumbas dispersas corriam, se

juntavam na velha casa de Santa Ireneia nove vezes secular--e formavam

em torno do seu leito, do leito em que elle nascera, como a Assembleia

magestosa da sua raça resurgida. E até mesmo reconhecia alguns dos mais

esforçados, que agora, com o repassar constante do Poemeto do tio Duarte

e o Videirinha gemendo fielmente o seu «fado», lhe andavam sempre na

imaginação...

Aquelle além, com o brial branco a que a cruz vermelha enchia o

peitoral, era certamente Gutierres Ramires o \_d'Ultramar\_, como quando

corria da sua tenda para a escalada de Jerusalem. No outro, tão velho e

formoso, que estendia o braço, elle adivinhava Egas Ramires, negando

acolhida no seu puro solar a El-Rei D. Fernando e á adultera Leonor!

Esse, de crespa barba ruiva, que cantava sacudindo o pendão real de

Castella, quem, senão Diogo Ramires, \_o Trovador\_, ainda na alegria da

radiosa manhã d'Aljubarrota? Deante da incerta claridade do espelho

tremiam as fôfas plumas escarlates do morrião de Paio Ramires, que

s'armava para salvar S. Luiz Rei de França. Levemente balançado, como

pelas ondas humildes d'um mar vencido, Ruy Ramires sorria ás naus

inglezas que ante a prôa da sua Capitanea submissamente amainavam por

Portugal. E, encostado ao poste do leito, Paulo Ramires, pagem do Guião

d'El-Rey nos campos fataes de Alcacer, sem elmo, rota a couraça,

inclinava para elle a sua face de donzel, com a doçura grave d'um avó

enternecido...

Então, por aquella ternura attenta do mais poetico dos Ramires, Gonçalo

sentio que a sua Ascendencia toda o amava--e da escuridão das tumbas

dispersas accudira para o velar e soccorrer na sua fraqueza. Com um

longo gemido, arrojando a roupa, desafogou, dolorosamente contou aos

seus avós resurgidos a arrenegada Sorte que o combatia e que sobre a sua

vida, sem descanço, amontoava tristeza, vergonha e perda! E eis que

subitamente um ferro faiscou na treva, com um abafado brado:--«Neto,

doce neto, toma a minha lança nunca partida!...» E logo o punho d'uma

clara espada lhe roçou o peito, com outra grave voz que o

animava:--«Neto, doce neto, toma espada pura que lidou em Ourique!...» E

depois uma acha de coriscante gume bateu no travesseiro, offertada com

altiva certeza:--«Que não derribará essa acha, que derribou as portas

d'Arzilla?...»

Como sombras levadas n'um vento transcendente todos os avós formidaveis

perpassavam--e arrebatadamente lhe estendiam as suas armas, rijas e

provadas armas, todas, atravez de toda a Historia, ennobrecidas nas

arrancadas contra a Moirama, nos trabalhados cercos de Castellos e

Villas, nas batalhas formosas com o Castelhano soberbo... Era, em torno

do leito, um heroico reluzir e retinir de ferros. E todos soberbamente

gritavam:--«Oh neto, toma as nossas armas e vence a Sorte inimiga!...»

Mas Gonçalo, espalhando os olhos tristes pelas sombras ondeantes,

volveu:--«Oh Avós, de que me servem as vossas armas--se me falta a vossa

alma?...»

Acordou, muito cedo, com a enredada lembrança d'um pesadello em que

fallára a mortos:--e, sem a preguiça, que sempre o amollecia nos

colchões, enfiou um roupão, escancarou as vidraças. Que formosa manhã!

uma manhã dos fins de Septembro, macia, lustrosa e fina; nem uma nuvem

lhe desmanchava o vasto, o immaculado azul; e o sol já pousava nos

arvoredos, nos outeiros distantes, com uma doçura outomnal. Mas, apesar

de lhe respirar allentamente o brilho e a pureza, Gonçalo permaneceu

toldado de sombras, das sombras da véspera, retardadas no seu espirito

opprimido, como nevoas em valle muito fundo. E foi ainda com um suspiro,

arrastando tristonhamente as chinellas, que puxou o cordão da campainha.

O Bento não tardou com a infusa da agoa quente para a barba. E

acostumado ao alegre acordar do Fidalgo tanto estranhou aquelle

silencioso e enrugado mover pelo quarto, que desejou saber se o Snr.

Doutor passára mal a noite...

--Pessimamente!

Bento declarou logo, com vivacidade e reprovação--que certamente fizera

mal ao Snr. Doutor tanto cognac de moscatel. Cognac muito adocicado,

muito excitante... Bom para o Snr. D. Antonio, homemzarrão pesado. Mas o

Snr. Doutor, assim nervoso, nunca devia tocar n'aquelle cognac. Ou

então, meio calice escasso.

Gonçalo ergueu a cabeça, na surpreza de encontrar logo ao começo do seu

dia e tão flagrante, aquelle dominio que todos sobre elle se

arrogavam--e de que tanto se lastimava, atravez de toda a amarga noite!

Eis ahi o Bento mandando--marcando a sua ração de cognac! E justamente o

Bento insistia:

--O Snr. Doutor bebeu mais de tres calices. Assim não convém... Eu

tambem tive culpa em não tirar a garrafa...

Então, perante despotismo tão declarado, o Fidalgo da Torre teve uma

brusca revolta:

--Homem, não dês tantas leis. Bebo o cognac que preciso e que quero!

Ao mesmo tempo, com a ponta dos dedos, experimentava a agua na infusa:

--Esta agua está morna! exclamou logo. Já me tenho fartado de dizer!

Para a barba, preciso sempre agua a ferver.

O Bento, gravemente, mergulhou tambem o dedo na agua:

--Pois esta agua está quasi a ferver... Nem para a barba se necessita

agua mais quente.

Gonçalo encarou o Bento com furor. O que! mais objecções, mais leis!

--Pois vá immediatamente buscar outra agua! Quando eu peço agua quente,

pretendo que venha em cachão. Irra! tanta sentença!... Eu não quero

moral, quero obediencia!

O Bento considerou Goncalo atravez d'um espanto que lhe inchára a face.

Depois, lentamente, com magoada dignidade, empurrou a porta, levando a

infusa. E já Gonçalo se arrependia da sua violencia. Coitado, não era

culpa do Bento se a vida lhe andava a elle tão estragada e sacudida!

Depois, em casa tão antiga, não destoava a tradição dos antigos aios. E

o Bento com perfeito rigor lhes reproduzia a rabugice e a lealdade! Mas

ascendencia, e livre fallar bem lhe cabiam--bem os merecia por tão

longa, tão provada dedicação...

O Bento, ainda vermelho e inchado, voltava com a infusa fumegante. E

Gonçalo logo docemente, para o adoçar:

--Dia muito bonito, hein, Bento?

O velho rosnou, ainda amuado:

--Muito bonito.

Gonçalo ensaboava a face, rapidamente, na impaciencia de reatar com o

Bento, de lhe restabelecer a supremacia amoravel. E por fim mais doce,

quasi humilde:

--Pois se achas o dia assim bonito, dou um passeio a cavallo antes

d'almoço. Que te parece? Talvez me faça bem aos nervos... Com effeito,

aquelle cognac não me convém... Então, Bento, faze o favor, grita ahi ao

Joaquim que me tenha a egoa prompta immediatamente. Com certeza me

acalma, uma galopada... E no banho agora a agua bem esperta, bem quente.

Tambem me acalma a agua quente. Por isso necessito sempre agua bem

quente, a ferver. Mas tu, com essas tuas velhas idéas... Pois todos os

medicos o declaram. Para a saude agua quente, bem quente, a sessenta

graus!

E depois do rapido banho, em quanto se vestia, abriu mais familiarmente

ao velho aio a intimidade das suas tristezas:

--Ah! Bento, Bento, o que eu verdadeiramente precisava para me calmar,

não era um passeio, era uma jornada... Trago a alma muito carregada,

homem! Depois estou farto d'esta eterna Villa-Clara, da eterna Oliveira.

Muito mexerico, muita deslealdade. Precisava terra grande, distracção

grande.

O Bento, já reconciliado, enternecido, lembrou que o Snr. Doutor

brevemente, em Lisboa, encontraria uma linda distracção, nas Côrtes.

--Eu sei lá se vou ás Côrtes, homem! Não sei nada, tudo falha... Qual

Lisboa!... O que eu necessito é uma viagem immensa, á Hungria, á Russia,

a terras onde haja aventuras.

O Bento sorriu superiormente d'aquella imaginação. E apresentando ao

Fidalgo o jaquetão de velvetina cinzenta:

--Com effeito, na Russia parece que não faltam aventuras. Anda tudo a

chicote, diz o \_Seculo\_... Mas aventuras, Snr. Doutor, até a gente as

encontra na estrada... Olhe! o paesinho de V. Ex.^a, que Deus haja, foi

lá em baixo deante do portão que teve a bulha com o Dr. Avelino da

Riosa, e que lhe atirou a chicotada, e que levou com o punhal no

braço...

Gonçalo calçava as luvas d'anta, mirando o espelho:

--Pobre papá, coitado, tambem teve pouca sorte... E por chicote, ó

Bento, dá cá aquelle chicote de cavallo marinho que tu hontem areaste.

Parece que é uma boa arma.

\* \* \* \* \*

Ao sahir o portão, o Fidalgo da Torre metteu a egoa, sem destino, n'um

passo indolente, pela estrada costumada dos Bravaes. Mas no Casal Novo,

onde dous pequenos jogavam á bola debaixo das carvalheiras, pensou em

visitar o Visconde de Rio-Manso. Certamente lhe concertaria os nervos a

companhia de tão sereno e generoso velho. E, se elle o convidasse a

almoçar, gastaria os seus cuidados visitando essa fallada quinta da

\_Varandinha\_ e cortejando «o botão de Rosa».

Gonçalo recordava apenas confusamente que o terraço da \_Varandinha\_

dominava uma estrada plantada de choupos, algures, entre o logar da

Cerda e a espalhada aldêa de Canta-Pedra, E tomou o caminho velho que

desce das carvalheiras do Casal Novo, e penetra no valle, entre o cabeço

d'Avellan e as ruinas do Mosteiro de Ribadaes, no solo historico onde

Lopo de Bayão derrotára a mesnada de Lourenço Ramires... Ora enterrada

entre vallados, ora entre toscos muros de pedra solta, a vereda seguia

sem belleza, e cansativa: mas as madresilvas nas sebes, por entre as

amoras maduras, rescendiam: o fresco silencio recebia mais frescura e

graça dos fremitos d'aza que o roçavam; e tanto era o radiante azul nos

ceus serenos que um pouco do seu rebrilho e serenidade s'instillava

n'alma. Gonçalo, mais desannuviado, não se apressava: na Egreja dos

Bravaes, quando elle passára ao Casal Novo, batiam apenas as nove horas:

e depois de costear um lameiro d'herva magra parou a accender

pachorrentamente um charuto, rente da velha ponte de pedra que galga o

riacho das Donas. Quasi secca pela estiagem, a agoa escura mal corria,

sob as folhas largas dos nenufares, por entre os juncaes que a

atulhavam. Adiante, á orla d'um hervaçal, no abrigo d'uma moita

d'alamos, relusiam as pedras d'um lavadouro. Na outra margem, dentro

d'um velho bote encalhado, um rapazito, uma rapariguinha conversavam

profundamente, com dous molhos d'alfazema esquecidos nos regaços.

Gonçalo sorriu do idyllio--depois teve uma surpreza descobrindo, no

cunhal da ponte, rudemente entalhado, o seu Brazão-d'Armas, um Açor

enorme, que alargava as garras ferozes. Talvez aquellas terras outr'ora

pertencessem á Casa:--ou algum dos seus avós beneficos construira a

ponte, sobre torrente então mais funda, para segurança dos homens e dos

gados. Quem sabe se o avô Tructesindo, em memoria piedosa de Lourenço

Ramires, vencido e captivo nas margens d'aquella Ribeira!

O caminho, para além da ponte, alteava entre campos ceifados. As mêdas

lourejavam, pesadas e cheias, por aquelle anno de fartura. Ao longe, dos

telhados baixos d'um logarejo, vagarosos fumos subiam, logo desfeitos no

radiante ceu. E lentamente, como aquelles fumos distantes, Goncalo

sentia que todas as suas melancolias lhe escapavam da alma, se perdiam

tambem no azul lustroso... Uma revoada de perdizes ergueu o vôo d'entre

o restolho. Gonçalo galopou sobre ellas, gritando, sacudindo o seu forte

chicote de cavallo-marinho, que zenia como uma fina lamina.

Em breve o caminho torceu, costeando um souto de sobreiros, depois

cavado entre silvados com largos pedregulhos aflorando na poeira;--e ao

fundo o sol faiscava sobre a cal fresca d'uma parede. Era uma casa

terrea, com porta baixa entre duas janellas envidraçadas, remendos novos

no telhado e um quinteiro que uma escura e immensa figueira assombreava.

N'uma esquina pegava um muro baixo de pedra solta, continuado por uma

sebe, onde adiante uma velha cancella abria para a sombra d'uma ramada.

Defronte, no vasto terreiro que se alargava, jaziam cantarias, uma pilha

de traves; passava uma estrada, lisa e cuidada, que pareceu a Gonçalo a

de Ramilde. Para além, até a um distante pinheiral, desciam chãs e

lameiros.

Sentado n'um banco, junto da porta, com uma espingarda encostada ao

muro, um rapaz grosso, de barrete de lã verde, acariciava pensativamente

o focinho d'um perdigueiro. Gonçalo parou:

--Tem a bondade... Sabe por acaso qual é o bom caminho para a quinta do

Snr. Visconde de Rio-Manso, a \_Varandinha\_?

O rapasote ergueu a face morena, de buço leve, remechendo vagamente no

carapuço.

--Para a quinta do Rio-Manso... Siga pela estrada até á pedreira, depois

á esquerda a seguir, sempre rente da varzea...

Mas n'esse instante assomava á porta um latagão de suissas louras em

mangas de camisa, a cinta enfaixada em seda. E Gonçalo, com um

sobresalto, reconheceu logo o caçador que o injuriára na estrada de

Nacejas, o assobiára na venda do Pintainho. O homem relanceou

superiormente o Fidalgo. Depois, com a mão encostada á humbreira,

chasqueou o rapasote:

--Oh Manoel, que estás tu ahi a ensinar o caminho, homem! Este caminho

por aqui não é para asnos!

Conçalo sentiu a pallidez que o cobriu--e todo o sangue no coração, n'um

tumulto confuso, que era de medo e de raiva. Um novo ultrage, do mesmo

homem, sem provocação! Apertou os joelhos no sellim para galopar. E a

tremer, n'um esforço que o engasgava:

--Vossê é muito atrevido! É já pela terceira vez! Eu não sou homem para

levantar desordens n'uma estrada... Mas fique certo que o conheço, e que

não escapa sem lição.

Immediatamente, o outro agarrou a um cajado curto e saltou á estrada,

affrontando a egoa, com as suissas erguidas, um riso de immenso desafio:

--Então cá estou! Venha agora a lição... E para diante é que Vossê já

não passa, seu Ramires de merd...

Uma nevoa turvou os olhos esgaseados do Fidalgo. E de repente, n'um

inconsciente arranque, como levado por uma furiosa rajada de orgulho e

força, que se desencadeava do fundo do seu ser, gritou, atirou a fina

egoa n'um galão terrivel! E nem comprehendeu! O cajado sarilhára! A egoa

empinava, n'uma cabeçada furiosa! E Gonçalo entreviu a mão do homem,

escura, immensa, que empolgava a camba do freio.

Então, erguido nos estribos, por sobre a immensa mão, despediu uma

vergastada do chicote silvante de cavallo-marinho, colhendo o latagão na

face, de lado, n'um golpe tão vivo da aresta aguda que a orelha pendeu,

despegada, n'um borbutar de sangue. Com um berro o homem recuou,

cambaleando. Gonçalo galgou sobre elle, n'outro arremesso, com outra

fulgurante chicotada, que o apanhou pela bôca, lhe rasgou a bôca,

decerto lhe espedaçou dentes, o atirou, urrando, para o chão. As patas

da egoa machucavam as grossas coxas estendidas,--e, debruçado, Gonçalo

ainda vergastou, cortou desesperadamente face, pescoço, até que o corpo

jazeu molle e como morto, com jorros de sangue escuro ensopando a

camisa.

Um tiro atroou o terreiro! E Gonçalo, com um salto no selim, avistou o

rapasote moreno ainda com a espingarda erguida, a fumegar, mas já

hesitando aterrado.

--Ah, cão!

Lançou a egoa, com o chicote alto:--o rapaz, espavorido, corria

lentamente através do terreiro, para saltar o vallado, escapar para as

varzeas ceifadas!

--Ah cão, ah cão! berrava Gonçalo. Estonteado, o rapaz tropeçára n'uma

viga solta. Mas já se endireitava, largava, quando o Fidalgo o alcançou

com uma cutilada do chicote no pescoço, logo alagado de sangue.

Estendendo as mãos incertas, ainda cambaleou, abateu, estalou contra a

aresta d'um pilar, a cabeça mais sangue jorrou. Então Gonçalo, a

arquejar, deteve a egoa. Ambos os homens jaziam immoveis! Santo Deus!

Mortos? D'ambos corria o sangue sobre a terra secca. O Fidalgo da Torre

sentia uma alegria brutal. Mas um grito espantado soou do lado do

quinteiro.

--Ai que mataram o meu rapaz!

Era um velho que corria da cancella, n'uma carreira agachada, rente com

a sebe, para a porta da casa. Tão certeiramente o Fidalgo arremessou a

egoa, para o deter--que o velho esbarrou contra o peitoril que arfava

coberto de suor e d'espuma. E ante o inquieto animal escarvando, e

Gonçalo alçado nos estribos, com a face chammejante, o chicote a

descer--o velho, n'um terror, desabou sobre os joelhos, gritou

anciadamente:

--Ai, não me faça mal, meu Fidalgo, por alma de seu pae Ramires.

Gonçalo ainda o manteve assim um momento, supplicante, a tremer, sob o

justiceiro faiscar dos seus olhos:--e gosava soberbamente aquellas

callosas mãos que se erguiam para a sua misericordia, invocavam o nome

de Ramires, de novo temido, repossuido do seu prestigio heroico. Depois,

recuando a egoa:

--Esse malandro do rapazola desfechou a caçadeira!... Vossê tambem não

tem boa cara! Que ia vossê correndo para casa? Buscar outra espingarda?

O velho alargou desesperadamente os braços, offerecia o peito, em

testemunho da sua verdade:

--Oh meu Fidalgo, não tenho em casa nem um cajado!... Assim Deus me

ajude e me salve o rapaz!

Mas Gonçalo desconfiava. Quando descesse agora pela estrada de Ramilde,

bem poderia o velho correr ao casebre, agarrar outra caçadeira,

desfechar traiçoeiramente. E então com a presteza d'espirito que a lucta

afiára concebeu contra qualquer emboscada, um ardil seguro. E até n'um

relance sorrio recordando «traças de guerra», de D. Garcia Viegas, o

\_Sabedor\_.

--Marche lá deante de mim, sempre a direito, pela estrada!

O velho tardou, sem se erguer, aterrado. E batia com as grossas mãos nas

coxas, n'uma ancia que o engasgava:

--Oh meu Fidalgo, oh meu fidalgo! mas deixar assim o rapaz sem

acordo?...

--O rapaz está só atordoado, já se mecheu... E o outro malandro

tambem... Marche vossê!

E ao irresistivel mando de Gonçalo, o velho, depois de sacudir

demoradamente as joalheiras, começou a avançar pela estrada, vergado

deante da egoa, como um captivo, com os longos braços a bambolear,

rosnando, n'um rouco assombro:--Ai como ellas se armam! Ai Santo nome de

Deus, que desgraça! A espaços estacava, esgaseando para Gonçalo um olhar

torvo onde negrejava medo e odio... Mas logo o commando forte o

empurrava: «Marche!...» E marchava. Adiante, onde se erguia um cruseiro

em memoria do Abbade Paguim, assassinado, Gonçalo reconheceu um largo

atalho para a estrada dos Bravaes que chamavam o \_Caminho da Moleira\_. E

para ahi enfiou o velho, que no pavor d'aquella asinhaga solitaria,

pensando que Gonçalo o afastava de caminhos trilhados para o matar

commodamente, rompeu a gemer. «Ai que isto é o fim da minha vida! Ai

Nossa Senhora, que é o fim da minha vida!» E não cessou de gemer,

emmaranhando os passos tropegos, até que desembocaram na estrada alta

entre taludes escarpados, revestidos de giesta brava. Então de repente,

com outro terror, o homem bruscamente revirou, atirando as mãos ao

barrete:

--Oh meu senhor, o Fidalgo não me leva preso?...

--Marche! Corra! Que agora a egoa trota!

A egoa trotou--o velho correu, desengonçado, arquejando como um folle de

forja. Uma milha galgada, Gonçalo parou, farto do captivo, da lenta

marcha. De resto antes que o homem agora corresse a casa, e agarrasse

uma arma, e virasse para o alcançar, se desforrar--entraria elle, n'um

galope solto, o portão da Torre! Então bradou, com o sobr'olho duro:

--Alto! Agora pode voltar para traz... Mas, antes: Como se chama aquelle

seu logar?

--A Grainha, meu fidalgo.

--E vossê como se chama, e o rapaz?

O velho com a boca aberta, esperou, hesitou:

--Eu sou João, o meu rapaz Manoel... Manoel Domingues, meu Fidalgo.

--Vossê naturalmente mente. E o outro malandro, de suissas louras?

D'um folego, o velho gritou:

--Esse é o Ernesto de Nacejas, o valentão de Nacejas, que chamam o

\_Caça-abraços\_, e que tanto me desencaminhou o rapaz...

--Bem! Pois diga lá a esses dous marotos que me atacaram a pau e a tiro,

que não ficam quites sómente com a sova, e que agora têm de se entender

com a Justiça... Ella lá irá! Largue!

Do meio da estrada, Gonçalo ainda vigiou o velho que abalára, forçando

as passadas derreadas, limpando o suor que lhe pingava. Depois, pela

conhecida estrada, galopou para a Torre.

E ia levado, galopando n'uma alegria tão fumegante, que o lançava em

sonho e devaneio. Era como a sensação sublime de galopar pelas alturas,

n'um corcel de lenda, crescido magnificamente, roçando as nuvens

lustrosas... E por baixo, nas cidades, os homens reconheciam n'elle um

verdadeiro Ramires, dos antigos na Historia, dos que derrubavam torres,

dos que mudavam a configuração dos Reinos,--e erguiam esse maravilhado

murmurio que é o sulco dos fortes passando! Com razão! com razão! Que

ainda de manhã, ao sahir da Torre, não ousaria marchar para um rapazola

decidido que brandisse um varapau... E depois, de repente, na solidão

d'aquella casa terrea, quando o bruto das suissas louras lhe atira a

suja injuria--eis um \_não sei quê\_ que se desprende dentro do seu ser, e

transborda, e lhe enche cada veia de sangue ardido e lhe enrija cada

nervo de força destra, e lhe espalha na pelle o desprezo e a dôr, e lhe

repassa fundamente a alma de fortaleza indomavel... E agora alli

voltava, como um varão novo, soberbamente virilisado, liberto emfim da

sombra que tão dolorosamente assombreára a sua vida, a sombra molle e

torpe do seu mêdo! Por que sentia que, agora se todos os valentões de

Nacejas o affrontassem n'um rijo erguer de cajados--esse \_não sei quê\_,

lá dentro, no seu ser, de novo se soltaria, e o arremessaria, com cada

veia inchada, cada nervo retesado, para o delicioso fragor da briga!

Emfim era \_um homem\_! Quando em Villa Clara o Manuel Duarte, o Titó com

o peito alto, contassem façanhas, já elle não enrolaria encolhidamente o

cigarro--encolhido, mudo não sómente pela ausencia desconsoladora das

valentias, mas sobretudo pela humilhante recordação das fraquezas. E

galopava, galopava apertando furiosamente o cabo do chicote, como para

investidas mais bellas. Para além dos Bravaes, mais galopou, ao avistar

a Torre. E singularmente lhe pareceu, de repente, que a sua Torre, agora

\_mais sua\_, e que uma affinidade nova fundada em gloria e força, o

tornava mais senhor da sua Torre!

\* \* \* \* \*

Como para acolher Gonçalo mais dignamente, o portão grande, sempre

cerrado, offerecia uma entrada triumphal com os dous pesados batentes

escancarados. Elle atirou a egoa para o meio do pateo, bradando:

--Oh Joaquim! Oh Manoel! Eh lá! um de vossês!

O Joaquim surdiu da cavallariça, de mangas arregaçadas, com uma esponja

na mão.

--Oh Joaquim, depressa! Apparelha o Rocilho, corre a um sitio na estrada

de Ramilde, a que chamam a Grainha... Tive agora lá uma grande desordem!

Creio que dei cabo de dous homens... Ficaram n'uma poça de sangue! Não

digas que vaes da Torre, que te podem atacar! Mas sabe o que succedeu,

se estão mortos... Depressa, depressa!

O Joaquim, estonteado, remergulhou na cavallariça escura. E de cima

d'uma das varandas do corredor, partiram exclamações assombradas:

--Oh Gonçalo, o que foi?! santo Deus! o que foi?!

Era o Barrôlo. Sem desmontar, sem surpresa ante a apparição do Barrôlo,

Gonçalo atirou logo para a varanda a historia da bulha, tumultuosamente.

Um malandro que o insultára... Depois outro, que desfechou a

caçadeira... E ambos derribados sob as patas da egoa, n'uma poça de

sangue...

O Barrôlo despegou da varanda--e n'outro relance, investia pelo pateo,

com os curtos braços a boiar, enfiado. Mas então? mas então?... E

Gonçalo, desmontando, tremulo agora do cançasso e da emoção, esmiuçou

mais lances... Na estrada de Ramilde! Um valentão que o injuriou! A esse

rasgára a bôca, decepára a orelha... Depois o outro, um rapasola,

desfecha uma carabina... Elle corre, tão vivamente o colhe com uma

cutilada que o estira, para cima d'uma pedra, como morto...

--Uma cutilada?

--Com este chicote, Barrôlo! Arma terrivel!... Bem dizia o Titó!...

Estou perdido se não levo este chicote.

Esgaseado, Barrôlo remirava o chicote. Sim, com effeito ainda manchado

de sangue.--Então Gonçalo attentou no chicote, no sangue... Sangue de

gente! sangue fresco, que elle arrancára!... E por entre o seu orgulho,

uma piedade passou que o empallideceu:

--Que desgraça, vejam que desgraça!

Esquadrinhou vivamente o fato, as botas, no horror de nodoas de sangue,

que o salpicassem. Sim, santo Deus! sangue na polaina!... E

immediatamente anciou por se despir, se lavar,--galgou a escada, com o

Barrôlo que enxugava o suor, balbuciava:--«Ora uma d'essas! E de

repente! Assim na estrada!...» Mas no corredor, subindo n'uma carreira

da cosinha, appareceu Gracinha, pallida, com a Rosa atraz, que enterrava

os dedos entre o lenço e o cabello n'um pavor mudo.

--Que foi, Gonçalo? Jesus, que foi?!

Então, encontrando Gracinha junto d'elle, na Torre, n'esse momento

magnifico do seu orgulho, depois de tão rijo perigo vencido, Gonçalo

esqueceu o André, o Mirante, as sombrias humilhações, e no abraço em que

a colheu, nos fortes beijos que atirou á face querida, todo o seu amuo

se fundio em ternura. Com ella ainda chegada ao coração, suspirou de

leve, como uma creança cançada. Depois apertando as duas pobres mãos

tremulas, com um lento, enternecido sorriso, em quanto os olhos se lhe

humedeciam de confusa emoção, de confusa alegria:

--Pois foi o diabo, filha! Uma desordem horrivel, eu que sou tão pacato!

imagina tu...

E pelo corredor recomeçou para Gracinha, que arfava, e para a Rosa,

estarrecida, a historia do encontro, e o sujo ultrage, o tiro que

falhára e os malandros lacerados a chicote, e o velho marchando como um

captivo, a gemer pela estrada de Ramilde. Apertando o peito, n'um

desmaio, Gracinha murmurou:

--Ai, Gonçalo! E se um dos homens estivesse morto!

O Barrôlo, mais vermelho que uma pionia, berrou logo que taes malandros

mereciam ricamente a morte! E mesmo feridos, ainda necessitavam castigo

tremendo d'Africa! O Gouveia! era necessario mandar a Villa-Clara,

avisar o Gouveia!... Mas largas passadas ávidas abalaram o soalho--e foi

o Bento, que se ergueu deante de Gonçalo, bracejando n'uma ancia:

--Então, Snr. Doutor?... Diz que uma grande desordem!...

E á porta do escriptorio, onde todos pararam, novamente attentos, a

historia recomeçou, especialmente para o Bento, que a bebia, n'um lento

riso de gosto, crescendo, inchando, com os olhinhos humidos a reluzir,

como se tambem triumphasse. Por fim, triumphou, com estrondo:

--Foi o chicote, Snr. Doutor! O que serviu ao Snr. Doutor, foi o chicote

que eu lhe dei!

Era verdade. E Gonçalo, commovido, abraçou o velho aio, que n'uma

excitação, gritava para a Rosa, para Gracinha, para o Barrôlo:

--O Snr. Doutor deu cabo d'elles!... Aquelle chicote mata um homem!...

Os malvados estão mortos!... E foi o chicote! Foi o chicote que eu dei

ao Snr. Doutor!

Mas Gonçalo reclamava agua quente para se lavar da poeira, do suor, do

sangue... E o Bento correu, berrando ainda pelo corredor! depois pelas

escadas da cosinha--«que fôra o chicote! o chicote, que elle déra ao

Snr. Doutor!» Gonçalo entrára no quarto, acompanhado pelo Barrôlo. E

pousou o chapeu sobre o marmore da commoda, com um immenso \_ah\_

consolado! Era o consolo immenso de se encontrar, depois de tão violenta

manhã, entre as doces cousas costumadas, pisando o seu velho tapete

azul, roçando o leito de pau preto em que nascera, respirando pelas

vidraças abertas, onde as ramagens familiares das faias s'empurravam na

aragem para o saudar. Com que gosto se acercou do espelho de columnas

douradas, se mirou e se remirou, como a um Gonçalo novo e tão melhorado,

que nos hombros reconhecia mais largueza, e até no bigode um arquear

mais crespo.

E foi ao arredar do espelho, topando com o Barrôlo, que subitamente

despertou n'uma curiosidade immensa:

--Mas, oh Barrôlo, como é que vos encontro esta manhã na Torre?

Resolução da vespera, ao chá. Gonçalo não apparecia, não escrevia...

Gracinha a matutar, inquieta. Elle tambem espantado d'aquelle sumiço

depois do cesto dos pêcegos. De modo que ao chá, pensando tambem que a

parelha necessitava uma trotada, lembrára a Gracinha:--«Vamos nós amanhã

á Torre? no phaeton?»

--Além disso precisava fallar comtigo, Gonçalo... Tenho andado

aborrecido.

O Fidalgo juntou duas almofadas no divan, onde se enterrou:

--Como aborrecido?... Aborrecido por que?...

Barrôlo, com as mãos nos bolsos da rabona de flanella, que lhe cingia as

ancas gordas, considerou as flôres do tapete, melancolicamente:

--É uma grande secca! A gente não póde confiar em ninguem... Nem ter

familiaridades!...

N'um lampejo Gonçalo imaginou o Cavalleiro e Gracinha mostrando

estouvadamente nos Cunhaes, como outr'ora entre os arvoredos da Torre, o

sentimento que os dominava. E presentiu um desabafo, alguma queixa

triste do pobre Barrôlo, amargurado por suspeitas, talvez por

intimidades que espreitára. Mas a emoção suprema da sua batalha, sumira

para uma sombra inferior os cuidados que, ainda na vespera, o opprimiam:

todas as difficuldades da vida lhe appareciam agora, de repente,

n'aquelle frescor da sua coragem nova, tão faceis d'abater como os

desafios dos valentões; e não se assustou com as confidencias do

cunhado, bem seguro d'impôr áquella alma submissa de bacôco a confiança

e a quietação. Até sorriu, com indolencia:

--Então, Barrolinho? Succedeu alguma peripecia?

--Recebi uma carta.

--Ah!

Gravemente Barrôlo desabotoou o jaquetão, puxou do bolso interior uma

larga carteira, de couro verde e lustroso, com monogramma d'ouro. E foi

a carteira que elle mostrou a Gonçalo, com satisfação.

--Bonita, hein? Presente do André, coitado... Creio que até a mandou vir

de Paris. O monogramma tem muito chic.

Gonçalo esperava, espantado. Emfim o bom Barrôlo tirou da carteira uma

carta--já amarrotada, depois alisada. Era, n'um papel pautado, uma

lettra miudinha que o Fidalgo apenas relanceou, declarando logo com

segurança:

--É das Louzadas.

E leu, vagarosamente, serenamente, com o cotovello enterrado na

almofada: «Ex.^{mo} Snr. José Barrôlo.--V. Ex.^a apesar de todos os seus

amigos o alcunharem de \_Zé bacôco\_, mostrou agora muita espertesa,

chamando de novo para a sua intimidade e de sua digna esposa o gentil

André Cavalleiro, nosso Governador Civil. Com effeito a esposa de V.

Ex.^a, a linda Gracinha, que n'estes ultimos tempos andava tão murcha e

até desbotada (o que a todos nos inquietava) immediatamente reflorio, e

ganhou côres, desde que possue a valiosa companhia da primeira

auctoridade do districto. Portou-se pois V. Ex.^a como marido zeloso, e

desejoso da felicidade e boa saude de sua interessante esposa. Nem

parece rasgo d'aquelle que toda a Oliveira considera como o seu mais

illustre pateta! Os nossos sinceros parabens!»

Gonçalo guardou muito socegadamente na algibeira aquella carta que, dias

antes, o lançaria em infinita amargura e furia:

--É das Louzadas... E tu déste importancia a semelhante babuseira?

O Barrôlo repontou, com as bochechas abrazadas:

--Se te parece! Sempre embirrei com bilhetinhos anonymos... E depois

essa insolencia a respeito dos amigos me chamarem BACÔCO... Grande

infamia, hein? Tu acreditas?... Eu não acredito! mas lança sizania entre

mim e os rapazes... Nem voltei ao Club... Bacôco! Porquê? Por que eu sou

simples, sempre franco, disposto a arranchar... Não! se os rapazes no

Club me chamam bacôco pelas costas, caramba, mostram ingratidão! Mas eu

não acredito! Rebolou pelo quarto, desconsoladamente, as mãos cruzadas

sobre as gordas nadegas. Depois, estacando deante do divan, d'onde

Gonçalo o considerava, com piedade:

--Em quanto ao resto da carta é tão estupido, tão atrapalhado que ao

principio nem comprehendi. Agora percebo... Querem dizer que a Gracinha

e o Cavalleiro teem namoro... É o que me parece que querem dizer! Ora vê

tu que disparate! Até a intimidade do Cavalleiro é mentira. O pobre

rapaz, desde que lá jantou, só appareceu tres ou quatro vezes, á noite,

para a manilha, com o Mendonça... E agora abalou para Lisboa.

Então o Fidalgo pulou, de surpresa.

--O quê! o Cavalleiro foi para Lisboa?

--Pois partiu ha tres dias!

--Com demora?

--Com demora, com grande demora... Só volta no meado d'outubro para a

Eleição.

--Ah!

Mas o Bento rompeu pelo quarto, com o jarro d'agua quente, duas toalhas

de rendas, ainda n'uma excitação que o azafamava. Deante do espelho,

lentamente Barrôlo reabotoava o jaquetão:

--Bem, até logo, Gonçalinho. Eu desço á cavallariça, visitar a parelha.

Não imaginas! desde Oliveira, sem descanso, uma trotada explendida. E

nem um pello suado! Tu guardas a carta?

--Guardo, para estudar a lettra.

Apenas Barrôlo cerrára a porta--o Fidalgo recomeçou com o Bento a

deliciosa historia da briga, revivendo as surprezas e os rasgos,

simulando os arremessos da egoa, arrebatando o chicote para representar

as cutiladas silvantes, que arrancavam febra e sangue... E de repente,

em ceroulas:

--Oh Bento, traze o meu chapeu... Estou desconfiado que a bala roçou

pelo chapeu.

Ambos remiraram, esquadrinharam o chapeu. O Bento, no seu encarecimento

da façanha, achava a copa amolgada--até chamuscada.

--A bala passou de raspão, Snr. Doutor!

O Fidalgo negou, com a modestia grave d'um forte:

--Não! Nem de raspão!... Quando o malandro desfechou já o braço lhe

tremia... Devemos agradecer a Deus, Bento. Mas eu realmente não corri

grande perigo!

Depois de vestido, Gonçalo, passeando no quarto, releu a carta. Sim,

certamente das Lousadas. Mas agora essa maledicencia, soprada com tão

sordida maldade sobre as pobres bochechas do Barrôlo, não causava

damno--antes servia, quasi beneficamente, como a braza d'um ferro, para

sarar um damno. O pobre Barrôlo apenas se impressionára com a revelação

da sua bacoquice, essa ingrata alcunha posta pelos rapazes amigos, em

galhofas ingratas do Club e debaixo dos Arcos. A outra insinuação

terrivel, Gracinha reverdecendo ao calor amoroso do Cavalleiro, essa mal

a comprehendera, escassamente a attendera n'um desdem distrahido e

candido. Mas a carta que assim silvava por sobre o bom Barrôlo como

flecha errada--acertava em Gracinha, feriria Gracinha no seu orgulho, no

seu impressional pudor, mostrando á pobre tonta como o seu nome e mesmo

o seu coração, já arrastavam enxovalhadamente, pela rasteira mexeriquice

das Lousadas!... Certesa tão humilhadora não apagaria um sentimento--que

se não apagava com humilhações mais intimas, tanto mais dolorosas. Mas

estimularia a sua reserva e o seu desconfiado recato:--e agora que André

se afastára para Lisboa, operaria n'ella, surdamente, solitariamente,

sem que a presença tentadora lhe desmanchasse a influencia socegadora e

salutar. Assim o torpe papel aproveitava a Gracinha como um aviso

temeroso pregado na parede. E rancorosamente preparada pelas duas femeas

para desencadear nos Cunhaes escandalo e dôr--talvez restabelecesse, na

ameaçada casa, quietação e gravidade.--Gonçalo esfregou as mãos

pensando--que em tão ditosa manhã talvez até esse mal redundasse em bem!

--Oh Bento, onde está a Snr.^a D. Graça?

--A menina subiu agora ha pouco para o seu quarto, Snr. Doutor.

Era o seu quarto de solteira, claro e fresco sobre o pomar, onde ainda

se conservava o seu leito de linda madeira embutida, um toucador

illustre que pertencera á Rainha D. Maria Francisca de Saboya, e o

sophá, as cadeiras de casimira clara em que Gracinha bordára, n'um

arrastado labor d'annos, o Açor negro dos Ramires. E sempre que voltava

á Torre Gracinha gostava de reviver no seu quarto, as horas de solteira,

remexendo as gavetas, folheando velhos romances inglezes na estantesinha

envidraçada, ou simplesmente da varanda contemplando a querida quinta

estendida até aos outeiros de Valverde, a verde quinta, tão misturada á

sua vida que cada arvore lhe susurrava, cada recanto de verdura era como

um recanto do seu pensamento.

Gonçalo subiu--bateu á porta cerrada com o antigo aviso:--«Licença para

o mano!» Ella correu da varanda, onde regava nos seus antigos vasos

vidrados plantas sempre renovadas e cuidadas pela Rosa com carinho. E

desabafando logo do pensamento que a enchia:

--Oh Gonçalo! mas que felicidade nós virmos á Torre, justamente hoje,

que te succedeu cousa tamanha!

--É verdade, Gracinha, grande sorte! E não me admirei nada de te vêr...

Era como se ainda vivesses na Torre e te encontrasse no corredor... Quem

estranhei foi o Barrôlo! E no primeiro momento depois de desmontar,

pensava assim, vagamente: «mas que diabo faz aqui o Barrôlo? como diabo

se acha aqui o Barrôlo?...» Curioso, hein? Foi talvez que, depois da

desordem, me senti remoçado, com um sangue novo, e me julguei no tempo

em que desejavamos uma guerra em Portugal, e nós cercados na Torre, sob

o nosso pendão, o \_nosso terço\_ atirando bombardas aos hespanhoes...

Ella ria, lembrada dessas imaginações heroicas. E com o vestido entalado

entre os joelhos recomeçou a lenta rega dos seus vasos--em quanto

Gonçalo, encostado á varanda, considerando a Torre, retomado pela ideia

d'uma concordancia mais intima, que desde essa manhã se estabelecera

entre elle e aquelle heroico resto da Honra de Santa Ireneia, como se a

sua força, tanto tempo quebrada, se soldasse emfim firmemente á força

secular da sua raça.

--Oh Gonçalo! tu deves estar muito cançado! Depois d'essa verdadeira

batalha...

--Não, cançado não... Mas com fome. Com fome, e com uma sêde explendida!

Ella pousou logo o regador, sacudindo as mãos alegremente:

--Pois o almoço não tarda!... Já andei a trabalhar na cosinha, com a

Rosa, n'uma pescada á hespanhola... É uma receita nova do Barão das

Marges.

--Então insonsa, como elle.

--Não! até picante: foi o Snr. Vigario Geral que lh'a ensinou.

E como, deante do toucador da Rainha Maria Francisca, ella arranjava á

pressa os ganchos do cabello, para aproveitar a solidão favoravel,

apressou com um esforço, a confidencia que o commovia:

--E em Oliveira? Lá por Oliveira!

--Em Oliveira, nada... Muito calor!

Gonçalo, movendo os dedos lentos pela moldura do espelho, fino

entrelaçamento de açucenas e louros, murmurou:

--Eu sei apenas das Lousadas, das tuas amigas Lousadas. Continuam em

plena actividade...

Gracinha negou candidamente:

--As Lousadas? Não! Nem teem apparecido.

--Mas teem tecido!

E como os verdes olhos de Gracinha se alargaram, sem comprehender,

Gonçalo arrancou vivamente da algibeira a carta que guardára, que agora

lhe pesava, como uma chapa de ferro:

--Olha, Gracinha! Mais vale desabafarmos! Ahi tens o que ellas ha dias

escreveram a teu marido...

N'um relance, Gracinha devorou as linhas terriveis. E com ondas de

sangue nas faces, apertando as mãos n'uma afflicção, um desespero, em

que o papel amarfanhou:

--Oh Gonçalo! pois...

Gonçalo accudio:

--Não! o Barrôlo não se importou! Até se rio! E eu tambem, quando elle

me entregou esse papelucho... E a prova que ambos o consideramos uma

mexeriquice insensata, é que eu t'o mostro tão francamente.

Ella esmagava a carta nas mãos juntas e tremulas, pallida agora e

emmudecida pelo espanto, retendo grandes lagrimas que rebrilhavam. E

Gonçalo commovido, com gravidade, com ternura:

--Mas tu, Gracinha, sabes o que são terras pequenas. Sobre tudo

Oliveira! Precisas muito cuidado, muita reserva... Ai de mim! De mim vem

a culpa. Reatei relações que nunca se deviam reatar... Bem me tenho

arrependido! E acredita! por causa d'essa situação tão falsa e tão

perigosa, que eu creei, levianamente, por ambição tola, passei aqui na

Torre dias amargurados... Até nem m'atrevia voltar a Oliveira. Hoje, não

sei porquê, depois d'esta aventura, parece que tudo se esbateu,

s'afundou para uma grande sombra... Emfim já não me arde tão em braza no

coração... Por isso desabafo assim, serenamente.

Ella desatou n'um solto, doloroso choro em que a sua fraca alma se

desfazia. Com redobrada ternura Gonçalo abraçou os pobres hombros

vergados que os soluços espedaçavam. E foi com ella toda refugiada no

seu peito, que ainda a aconselhou, docemente:

--Gracinha, o passado morreu, e todos precisamos, para honra de todos,

que continue morto. Pelo menos que por fóra, em cada gesto teu, pareça

bem morto! Sou eu que t'o peço, pelo nosso nome!...

D'entre os braços do irmão, ella gemeu com infinita humildade:

--Mas elle até foi embora!... Nem quiz estar mais em Oliveira!

Gonçalo acariciou a acabrunhada cabeça que de novo se escondera contra o

seu peito, contra elle se apertava, como procurando a fresca

misericordiosa que dentro sentia brotar:

--Bem sei. E isso me mostra que tens sido forte... Mas precisas muita

reserva, muita vigilancia, Gracinha!... E agora socega. Não fallemos

mais, nunca mais, n'este incidente... Por que foi apenas um \_incidente\_.

E que eu provoquei, ai de mim, por leviandade, por illusão. Passou, está

esquecido! Socega, descança. E quando desceres traze os olhos bem

seccos.

Lentamente a desprendera dos braços, onde ella se arraigava como ao

abrigo mais certo e á consolação mais desejada. E sahia, engasgado pela

emoção, recalcando tambem as lagrimas... Um gemido timido, supplicante,

ainda o reteve.

--Gonçalo! mas tu pensas...

Elle voltou, de novo a abraçou, a beijou na testa lentamente:

--Eu penso que tu, agora bem avisada, bem aconselhada, vaes mostrar

muita dignidade, muita firmeza.

Rapidamente abalou, cerrou a porta. E na escada estreita, escassamente

allumiada por uma claraboia baça, limpava as palpebras, quando esbarrou

com o Barrôlo, que procurava Gracinha, para apressar o almoço.

--A Gracinha já desce! atabalhoou o Fidalgo. Está a lavar as mãos! Já

desce!... Mas antes do almoço vamos á cavallariça. Devemos uma visita á

egoa, a essa querida egoa que me salvou!

--É verdade, caramba! concordou logo Barrôlo revirando nos degraus, com

enthusiasmo. Precisamos visitar a egoa... Grande, briosa, hein! Mas

aposto que ficou mais suada que as minhas... Imagina! uma trotada

d'aquellas, desde Oliveira, e nem um pello molhado! Grandes egoas!

Tambem, o que eu as ólho, o que as trato!

Na cavallariça, ambos affagaram a egoa. Barrôlo lembrou que se

mimoseasse com uma ração larga de cenoura. Depois--para que Gracinha,

com vagar se calmasse,--o Fidalgo arrastou o Barrôlo ao pomar e á

horta...

--Tu não vens á Torre ha perto de seis mezes, Barrolinho! Precisas vêr,

admirar progressos. Anda agora por aqui a mão forte do Pereira da

Riosa...

--Imagino! grande homem, o Pereira! Mas eu tenho uma fome, Gonçalinho!

--Tambem eu!

Uma hora batia quando entraram na varanda onde a mesa esperava, florida

e em festa--e Gracinha, á beira do divan, percorria pensativamente a

velha \_Gazeta do Porto\_. Apesar de muito banhados, os seus bellos olhos

conservavam um ardor: e para o justificar, e o seu modo abatido, logo se

lastimou, córando, d'uma enxaqueca. Eram as emoções, o perigo de

Gonçalo...

--Tambem eu tenho dôr de cabeça! declarou o Barrôlo, rondando a mesa.

Mas a minha vem da fome... Oh filhos, é que estou desde as sete da manhã

com uma chavena de café e um ovo quente!

Gonçalo repicou a campainha. Mas quem rompeu pela porta envidraçada,

esbaforido, escancarando a bocca n'um riso immenso, foi o Joaquim, o

moço da cavallariça que voltava da Grainha.

Gonçalo atirou os braços, soffrego:

--Então?! então?!

--Pois lá estive, meu Fidalgo! exclamou o Joaquim com o peito a estalar

d'importancia. E vae por lá um povoleu, todos já sabem! Uma rapariga dos

Bravaes espreitou tudo, de dentro do quinteiro... Depois correu,

badalou... Mas o velho, o tal Domingues que mora na casa, e o filho,

abalaram ambos. E o rapaz, ao que dizem, pouco ferido. Se cahio, sem

sentidos, foi com o susto. O Ernesto de Nacejas, esse sim, santo nome de

Deus, apanhou. Lá o levaram em braços para casa d'um compadre alli ao

pé, na Arribada. Parece que fica sem orelha, e que fica sem bocca!...

Pois por todos aquelles sitios era o ai-jesus das moças!... E logo lá o

carregam para o Hospital de Villa Clara, que na casa do Compadre não

pode sarar. Um povoleu, e todos dão a rasão ao Fidalgo. O tal Domingues

era malandro. E o Ernesto, esse ninguem o podia enxergar! Mas todos lhe

tinham medo... O Fidalgo fez uma limpeza!

Gonçalo resplandecia. Ah! Ainda bem! que não passára damno mais forte,

que belleza perdida do D. Juan de Nacejas!

--E então o povo por lá, a fallar, a olhar para o sitio?

--Pois o povo não se arreda! E a mostrar o sangue, no chão, e as pedras

por onde se atirou a egoa do Fidalgo... E agora até contam que foi uma

espera, e que desfecharam tres tiros ao Fidalgo, e que depois adiante no

pinhal ainda saltaram tres homens mascarados que o Fidalgo

escangalhou...

--Eis a lenda que se forma! declarou Gonçalo.

O Bento apparecera com uma larga travessa fumegante. O Fidalgo affagou

risonhamente o hombro do Joaquim. E em baixo a Rosa que abrisse, para o

almoço da familia, duas garrafas de vinho do Porto, velho. Depois com a

mão nas costas da cadeira murmurou gravemente:--Pensemos um momento em

Deus, que me tirou hoje d'um grande perigo!

Barrôlo pendeu a cabeça, reverente. Gracinha, atravez d'um leve suspiro,

pensou uma leve oração. E desdobravam os guardanapos; Gonçalo acclamava

a travessa de pescada á hespanhola--quando o pequeno da Crispola

empurrou ainda a porta envidraçada «com um telegramma, que viera da

Villa!» Uma inquietação deteve os garfos. A manhã correra com tantas

agitações e espantos! Mas já um sorriso de gosto, de triumpho, se

espalhára na fina face de Gonçalo:

--Não é nada... É do Castanheiro, por causa dos capitulos do Romance que

eu lhe mandei... Coitado! Bom rapaz!

E, recostado na cadeira, recitou vagarosamente o telegramma, que os seus

olhos affagavam:--«Capitulos romance recebidos. Leitura feita amigos.

Enthusiasmo! Verdadeira obra prima! Abraço!...»

Barrôlo, com a bocca cheia, bateu as palmas. E Gonçalo, sem reparar na

travessa da pescada que Bento lhe apresentava, mas enchendo o copo de

vinho verde, com uma vaga tremura, um sorriso ditoso que não se

dissipava:

--Emfim, boa manhã... Grande manhã!

Gonçalo, apesar das insistencias de Gracinha e do Barrôlo, não os

acompanhou para Oliveira--no desejo de acabar, durante essa semana, o

derradeiro Capitulo da Novella, e depois cerrar o preguiçoso giro de

visitas aos influentes Eleitoraes do Circulo. Assim rematava a Obra

d'Arte e a obra de Politica,--e cumpria, Deus louvado, a tarefa d'esse

verão fecundo!

Logo n'essa noite retomou o manuscripto da Novella--e na margem larga

lançou a data, uma nota:--«\_Hoje, na freguesia da Grainha, tive uma

briga terrivel com dous homens que me assaltaram a pau e tiro, e que

castiguei severamente...\_» Depois, com facilidade atacou o lance de

tanto sabor medieval, em que Tructesindo Ramires, correndo no rasto do

Bastardo, penetrava, ao espalhado e fumarento clarão dos archotes, no

arraial de D. Pedro de Castro.

Com grave amisade acolhia o velho homem de guerra aquelle seu primo de

Portugal, que lhe trouxera a sua forte mesnada, de Santa Ireneia, quando

os Castros combateram um grande poder de Mouros em Enxarez de Sandornin.

Depois, na vasta tenda, reluzente d'armas, tapizada de pelles de leão e

d'urso, Tructesindo contava, ainda a arfar de dôr represa, a morte de

seu filho Lourenço, ferido na lide de Canta-Pedra, acabado á punhalada

pelo Bastardo de Bayão, deante das muralhas de Santa Ireneia, com o sol

no ceu alto a olhar a traição! Indignado, o velho Castro esmurraçou a

mesa, onde um rosario d'ouro se misturava a grossas peças de xadrez;

jurou pela vida de Christo, que, em sessenta annos d'armas e surpresas

nunca soubera de feito mais vil! E agarrando a mão do senhor de Santa

Ireneia, ardentemente lhe offereceu, para a empreza da santa vingança, a

sua hoste inteira--tresentas e trinta lanças, vasta e rija peonagem.

--Por Santa Maria! Formosa arrancada! bradou Mendo de Briteiros com as

vermelhas barbas a flammejar de gosto.

Mas D. Garcia Viegas, o \_Sabedor\_, entendia que para colherem o Bastardo

vivo, como convinha a uma vingança vagarosa e bem gosada, mais utilmente

serviria uma calada e curta fila de cavalleiros, com alguns homens de

pé...

--Porquê, D. Garcia?

--Porque o Bastardo, depois de se aligeirar, junto da Ribeira, da

pionada e carriagem correra, com a mira em Coimbra, para se acolher á

força da Hoste Real. N'essa noite, com o seu esfalfado bando de lanças,

pernoitára certamente no solar de Landim. E com o luzir da alva, para

encurtar, certamente retomava a galopada pelo velho caminho de Miradães,

que trepa e foge atravez das lombas do Caramulo. Ora elle, Garcia

Viegas, conhecia para deante do \_Poço da Esquecida\_, certo passo, onde

poucos cavalleiros, e alguns bésteiros, bem postados por entre o bravio,

apanhariam Lopo de Bayão como lobo em fojo...

Tructesindo, incerto e pensativo, mettia os dedos lentos pelos fios da

barba. O velho Castro duvidava, preferindo que se pozessse batalha ao

Bastardo em campo bem liso onde se avantajassem tantas lanças já

aprestadas, que depois correriam em alegre levada a assolar as terras de

Bayão. Então Garcia Viegas rogou aos seus primos d'Hespanha e de

Portugal que sahissem ao terreiro, deante da tenda, com fartura de

tochas para bem se allumiarem. E ahi, no meio dos cavalleiros curiosos,

á claridade dos lumes inclinados, D. Garcia vergou o joelho, riscou

sobre a terra, com a ponta d'uma adaga, o roteiro da \_sua caçada\_ para

lhe comprovar a belleza... D'além castello Landim, largaria com a alva o

Bastardo. Por aqui, quando a lua nascesse, abalariam elles, com vinte

cavalleiros dos Ramires e dos Castros, para que lidadores d'ambas as

mesnadas gosassem a lide. Além, se postariam, alapados no mattagal,

besteiros e peões de frecha. Por traz, d'este lado, para entaipar o

Bastardo, o senhor D. Pedro de Castro, se com tão gostosa ajuda elle

honrasse o Senhor de Santa Ireneia. Adiante, acolá, para colher pela

gorja o villão, o Snr. D. Tructesindo que era o pae e Deus mandava fosse

o vingador. E alli, na estreitura o derrubariam e o sangrariam como um

porco--e como o sangue era vil, a um tiro de bésta encontrariam agua

farta para lavar as mãos, a agoa do \_pégo das Bichas\_!...

--Famosa traça! murmurou Tructesindo convencido.

E D. Pedro de Castro bradou atirando um faiscante olhar aos Cavalleiros

d'Hespanha:

--Vida de Christo, que se meu tio-avô Gutierres tivera por Coudel aqui o

snr. D. Garcia, não lhe escapavam os de Lara quando levaram o Rei

Menino, na grande carreira, para Santo Estevam de Gurivaz!... Entendido

pois, primo e amigo! E a cavallo, para a monteria, mal reponte a lua!

E recolheram as tendas--que já nas fogueiras lourejavam os cabritos da

ceia, e os uchões acarretavam, d'entre os carros da sarga, os pesados

odres de vinho de Tordesillas.

Com a ceia no arraial (grave e sem ruido, por que um luto velava o

coração dos hospedes) Gonçalo terminou, n'essa noute, o seu capitulo IV,

lançando á margem outra nota:--«Meia noite... Dia cheio. Batalhei,

trabalhei.--». Depois no seu quarto, em quanto se despia, traçou todo o

alvoroto da briga curta em que o Bastardo como lobo em fojo quedaria

captivo, á mercê vingadora dos de Santa Ireneia... Mas de manhã, antes

d'almoço, ao abancar com gosto para o trabalho--recebeu dous

telegrammas, que o desviaram deliciosamente da correria contra o

Bastardo de Bayão.

Eram dois telegrammas d'Oliveira, um do Barão das Marges, outro do

capitão Mendonça--ambos com parabens ao Fidalgo «por assim escapar de

tão terrivel espera, destroçando os valentões de Nacejas.» O Barão das

Marges accrescentava:--«\_Bravissimo! É d'heroe!\_»

Gonçalo, enternecido, mostrou os telegrammas ao Bento. A nova da sua

façanha, pois, já se espalhára, impressionára Oliveira,

--Foi o Snr. José Barrôlo que contou! acudiu o Bento. E o Snr. Dr. verá!

o Snr. Dr. verá... Até no Porto se vão assombrar!

Ao bater meio dia, rompeu pelo corredor, com estrondo, o immenso Titó,

acompanhado pelo João Gouveia que chegára na vespera á tarde da Costa,

soubera da aventura na Assembleia, corria á Torre, como amigo para o

abraço, antes de comparecer, como Auctoridade, para o auto. Então

Gonçalo, ainda nos braços do Gouveia, pediu generosamente, «que se não

procedesse contra os bandidos...» O Administrador recusou, decidido e

secco, proclamando o principio da Ordem, e necessidade d'um escarmento

rijo, para que Portugal não recuasse aos tempos barbaros do João Brandão

de Midões. Elle e Titó almoçaram na torre:--e Titó, á sobremesa, lembrou

galhofeiramente a conveniencia d'um brinde, e bramou elle o brinde,

comparando Gonçalo ao elefante, «sempre bom, que tanto aguenta, e de

repente, zás, esmaga o mundo!»

Depois João Gouveia accendendo um grande charuto reclamou a

representação veridica da desordem, com os pulos, os gritos, para elle

se compenetrar como auctoridade. Então atravez da varanda, reviveu a

historia heroica, simulando com o chicote sobre o divan (que terminou

por esgaçar) os golpes que arremessára imitando os tombos meio

desmaiados do valentão de Nacejas, quando já o sangue o alagava. O

Administrador e o Titó visitaram na cavallariça a egoa historica; e no

pateo, Gonçalo ainda lhes mostrou as duas polainas de couro seccando ao

sol, lavadas do sangue que as salpicára.

Deante do portão João Gouveia bateu gravemente no hombro do Fidalgo:

--Gonçalo, vossê deve apparecer esta noite na Assembleia...

Appareceu--e foi acolhido como o vencedor d'uma batalha illustre. No

bilhar, por proposta do velho Ribas, flammejou um grande punche---e o

Commendador Barros, afogueado, teimava que no domingo se celebrasse em

S. Francisco um Te-Deum de graças, de que elle costearia as despezas,

com orgulho, caramba! Á sahida, acompanhado pelo Titó, pelo Gouveia,

pelo Manoel Duarte, por outros socios, encontraram o Videirinha--que não

pertencia á Assembleia, mas rondava, esperando o Fidalgo para lhe lançar

duas trovas do \_Fado\_, improvisadas n'essa tarde, em que o exaltava

acima dos outros Ramires, da Historia e da Lenda!

O rancho quedou no chafariz. O violão gemeu, com amor. E o cantar do

Videirinha, elevado da alma, varou a muda ramagem das olaias:

Os Ramires d'outras eras

Venciam com grandes lanças,

Este vence com um chicote,

Vêde que estranhas mudanças!

É que os Ramires famosos,

Da passada geração,

Tinham a força nas armas

E este a tem no coração!

A tão requebrado conceito--os amigos romperam em vivas a Gonçalo, á Casa

de Ramires. E o Fidalgo recolhendo á Torre, commovido, pensava:

--É curioso! Esta gente toda parece gostar de mim!...

Mas que emoção quando, de manhã cedo, o Bento o acordou com um

telegramma de Lisboa! Era do Cavalleiro--que «soubera pelos jornaes

attentado, lhe mandava enthusiastico abraço pela felicidade e pela

valentia!» Gonçalo berrou, sentado na cama:

--Caramba! então os jornaes em Lisboa já fallam, Bento! o caso anda

celebrado!

Certamente celebrado!--por que durante o delicioso dia, o moço do

Telegrapho, esbaforido sobre a perna manca, não cessou d'empurrar o

portão da Torre, com outros telegrammas, todos de Lisboa, da Condessa de

Chellas; de Duarte Lourençal; dos Marquezes de Cója \_felicitando\_; da

tia Louredo com «parabens ao destemido sobrinho»; da marqueza

d'Esposende «esperando que o caro primo tivesse agradecido a Deus!»... E

o ultimo do Castanheiro, com exclamações:--\_Magnifico! Digno de

Tructesindo!\_--Gonçalo, pela livraria, erguia os braços, estonteado:

--Santo nome de Deus! mas que terão dito os jornaes?

E, por entre os Telegrammas, accudiam os cavalheiros dos arredores, os

influentes,--o Dr. Alexandrino, aterrado, antevendo um regresso ao

Cabralismo; o velho Pacheco Valladares de Sá, que não se espantára do

seu nobre primo, por que sangue de Ramires, como sangue de Sás, sempre

ferve; o padre Vicente da Finta, que com os seus parabens, offereceu um

cestinho de cachos do seu famoso moscatel tinto; e por fim o Visconde de

Rio-Manso, que agarrado a Gonçalo, soluçou, no enternecimento quasi

ufano de que a briga assim rompesse, na estrada, quando «o querido

amigo, o amigo da sua Rosa» se encaminhava para a \_Varandinha\_. Gonçalo,

afogueado, banhado de riso, abraçava, recontava pacientemente a façanha,

acompanhava até ao portão aquelles cavalheiros, que ao montar as egoas,

ao entrar nas caleches, sorriam para a velha Torre, escura e rigida, na

doce claridade da tarde de Setembro, como saudando, depois do heroe, o

secular fundamento do seu heroismo.

E o Fidalgo, galgando as escadas para a livraria, de novo murmurava,

estonteado:

--Que terão dito os jornaes de Lisboa?

Nem dormiu, na anciedade de os devorar. Quando o Bento, em alvoroço,

rompeu pelo quarto com o correio--Gonçalo saltou, arrojou o lençol, como

se abafasse. E logo no \_Seculo\_, soffregamente percorrido, encontrou o

telegramma d'Oliveira, contando o assalto! os tiros disparados! a

immensa coragem do Fidalgo da Torre, que com um simples chicote... O

Bento quasi arrebatou o \_Seculo\_ das mãos tremulas do Fidalgo, para

correr á cosinha, bramar á Rosa a noticia gloriosa!

De tarde, Gonçalo correu a Villa-Clara, á Assembleia, para devorar os

outros jornaes de Lisboa, os do Porto. Todos contavam, todos celebravam!

A \_Gazeta do Porto\_, attribuindo o attentado a Politica, ultrajava

furiosamente o Governo. O \_Liberal Portuense\_, porém, relacionava «com

certas vinganças dos republicanos d'Oliveira, o pavoroso attentado que

quasi causára a morte d'um dos maiores fidalgos de Portugal e d'Hespanha

e d'um dos mais pujantes talentos da nova geração!» Os jornaes de

Lisboa, glorificavam sobre tudo «a coragem explendida do Snr. Gonçalo

Ramires.» E o mais ardente era a \_Manhã\_, n'um verboso artigo (de certo

escripto pelo Castanheiro), recordando as heroicas tradições da Casa

illustre, esboçando as bellezas do Castello de Santa Ireneia e

terminando por affirmar que «agora, se esperava com redobrada anciedade

a apparição da novella de Gonçalo Ramires, fundada sobre um feito de seu

avô Tructesindo no seculo XII, e promettida para o primeiro numero dos

\*Annaes de Litteratura e de Historia\*, a nova Revista do nosso querido

amigo Lucio Castanheiro, esse benemerito restaurador da Consciencia

heroica de Portugal!»--As mãos de Gonçalo, ao desdobrar os jornaes,

tremiam. E o João Gouveia, tambem soffrego, devorando tambem os artigos,

por sobre o hombro do Fidalgo, murmurava, impressionado:

--Vossê, Gonçalinho, vae ter uma votação tremenda!

Depois n'essa noute, recolhendo á Torre, Gonçalo encontrou uma carta que

o perturbou. Era de Maria de Mendonça, n'um papel perfumado, com o mesmo

perfume que tão docemente espalhava D. Anna, pelo adro de Santa Maria de

Craquêde:--«Só esta manhã soubemos o grande perigo que passou, e ficamos

\_ambas\_ muito commovidas. Mas ao mesmo tempo eu (e não só eu) muito

vaidosa da magnifica coragem do primo. É d'um verdadeiro Ramires! Eu não

vou ahi abraçal-o (com risco de me comprometter e \_fazer invejas\_) por

que um dos meus pequenos, o Neco, anda muito constipado. Felizmente não

é cousa de cuidado... Mas aqui todos, até os pequenos, anciamos por vêr

o heroe, e não creio que houvesse nada d'extraordinario, nem \_d'um lado\_

nem \_d'outro\_, em que o primo por aqui apparecesse além d'amanhã (quinta

feira) pelas tres horas. Davamos um passeio na quinta, e até se

merendava, á boa e velha moda dos nossos avós. Está dito? Muitos

comprimentos, \_muitos\_, da Annica, e o primo creia-me, etc.»--Gonçalo

sorriu, pensativamente, considerando a carta, recebendo o aroma. Nunca a

prima Maria lhe empurrára, tão claramente, a D. Anna para os braços... E

como D. Anna se deixava empurrar, prompta, e d'olhos cerrados... Ah, se

fosse somente para a alcova! Mas ai! era tambem para a Egreja. E de novo

sentia aquelle vozeirão do Titó, nos degraus da portinha verde com a lua

cheia por cima dos olmos negros: «Essa creatura teve um amante, e tu

sabes que eu nunca minto?»

Então tomou lentamente a penna, respondeu a D. Maria Mendonça:--«Querida

prima--Fiquei muito enternecido com o seu cuidado, e os seus

enthusiasmos. Não exaggeremos! Eu não fiz mais que correr a chicote uns

valentões que me assaltaram a tiro. É façanha facil para quem tenha,

como eu, um chicote excellente. Emquanto á visita á \_Feitosa\_, que me

seria tão agradavel, não a posso realisar com fundo pezar meu, nem na

quinta-feira, nem mesmo por todo este mez... Ando occupadissimo com o

meu livro, a minha Eleição, a minha mudança para Lisboa. A era dos

cuidados sérios soou severamente para mim,--cerrando a doce era dos

passeios e dos sonhos. Peço que apresente á Snr.^a D. Anna os meus

profundos respeitos. E com muitas amisades para si, e bons desejos pelo

restabelecimento d'esse querido Neco, espero me creia sempre seu

dedicado e grato primo, etc.»

Fechou vagarosamente a carta. E batendo o seu sinete d'armas sobre o

lacre verde, pensava:

--Assim aquelle maroto do Titó me rouba dusentos contos!...

\* \* \* \* \*

Durante toda essa macia semana dos fins de Setembro, Gonçalo trabalhou

no Capitulo final da sua Novella.

Era emfim a madrugada vingadora em que os Cavalleiros de Santa Ireneia,

reforçados pelas mais nobres lanças da mesnada dos Castros,

surprehendiam, no bravio desfiladeiro marcado por Garcia Viegas, o

\_Sabedor\_, o bando de Bayão, na sua açodada corrida sobre Coimbra...

Briga curta e falsa, sem destro e brioso terçar d'armas, mais semelhante

a montaria contra um lobo do que a arremettida contra um Filho-de-Algo.

E assim a desejára Tructesindo, com ruidosa approvação de D. Pedro de

Castro, por que não se cuidava de combater um inimigo, mas de colher um

matador.

Antes do luzir d'alva, o Bastardo abalára do castello de Landim, em dura

pressa e com tão descuidada segurança, que nem almogavar nem coudel lhe

atalayavam os trilhos. As cotovias cantavam quando elle, em aspero

trote, penetrou por essa brecha, entalada entre escarpas de penedia e

urze, que chamam a \_Racha do Moiro\_, desde que Mafoma a fendeu para que

escapassem as adagas christans de El-Rei Fernando, o \_Magno\_, o Alcaide

moiro de Coimbra e a monja que elle arrebatára á garupa. E apenas pela

esguia greta enfiára a derradeira lança da fila--eis que da outra

embocadura do valle surde o cerrado troço dos cavalleiros de Santa

Ireneia, que Tructesindo guia, com a viseira erguida, sem broquel,

sacudindo apenas uma ascuma de monte como se folgadamente andasse em

caçada. Da selva arredada que os encobria, rompem por traz as lanças dos

Castros, ristadas e cerrando a brecha mais densamente que as puas d'uma

levadiça. Do recosto dos cerros róla, como reprêsa solta, uma rude e

escura peonagem! Colhido, perdido, o Bastardo terrivel! Ainda arranca

furiosamente a espada, que redomoinhando o corôa de coriscos. Ainda com

um fero grito arremette contra Tructesindo... Mas bruscamente, d'entre

um escuro magote de fundeiros baleares, parte ondeando uma corda de

canave, que o laça pela gargalheira, o arranca n'um brusco sacão da sela

mourisca, o derriba, sobre pedregulhos em que a sua larga espada se

entala e se parte rente ao punho dourado. E emquanto os cavalleiros de

Bayão aguentam assombradamente o denso cerco de lanças, que os

envolvera--um rôlo de peões, em dura grita, como mastins sobre um cerdo,

arrastam o Bastardo para a lomba do outeiro, onde lhe arrancam broquel e

adaga, lhe despedaçam o brial de lã rôxa, lhe quebram os fechos do elmo,

para lhe cuspirem na face, nas barbas côr de ouro, tão bellas e de tanto

orgulho!

Depois a mesma bruta matula o iça, amarrado, para sobre o dorso d'uma

possante mula de carga, o estende entre dous esguios caixotes de

virotões, como rez apanhada ao recolher da montaria. E servos da

carriagem ficam guardando o Cavalleiro soberbo, o \_Claro-Sol\_ que

allumiava a casa de Bayão, agora entaipado entre dois caixotes de pau,

com cordas nos pés, e cordas nas mãos, e n'ellas espetado um triste ramo

de cardo--emblema da sua traição.

No emtanto os seus quinze Cavalleiros juncavam o chão, esmagados sob o

furioso cerco de lanças que os investira--uns hirtos, como adormecidos,

dentro das negras armaduras, outros torcidos, desfeitos, com as carnes

retalhadas, pendendo horrendamente entre malhas rotas dos lorigaes. Os

escudeiros, colhidos, empurrados a pontoada de chuço para a boca d'uma

barroca, sem resgate ou mercê, como alcateia immunda de roubadores de

gado, acabaram, decepados a macheta pelos barbudos estafeiros leonezes.

Todo o valle cheirava a sangue como um pateo de magarefes. Para

reconhecer os companheiros do Bastardo, uma turma de cavalleiros

desafivelava os gorjaes, as viseiras, arrancando furtivamente as

medalhas de prata, os bentos, saquinhos de reliquias, que todos traziam

como bem-tementes. N'uma face, de fina barba negra, que uma espuma

sangrenta manchava, Mendo de Briteiros reconheceu seu primo Sueiro de

Lugilde com quem, pela fogueira de S. João, folgára tão docemente e

bailára no castello de Unhello,--e vergado sobre a alta sella rezou,

pela pobre alma sem confissão, uma devota Ave-Maria. Fuscas, tristonhas

nuvens, abafavam a manhã d'Agosto. E afastados á entrada do valle, sob a

ramagem d'um velho azinheiro, Tructesindo, D. Pedro de Castro, e Garcia

Viegas, o \_Sabedor\_, decidiam que morte lenta, e bem dorida e viltosa,

se daria ao Bastardo, villão de tão negra vilta.

Contando assim a sombria emboscada com o gemente esforço de quem empurra

um arado por terra pedreira--gastára Gonçalo essa doce semana de

Setembro. E no sabbado, cedo, na livraria, com os cabellos ainda

molhados do banho de chuva, esfregava as mãos deante da banca--porque

certamente com duas horas de attento trabalho, findaria antes d'almoço a

sua Novella, a sua Obra! E todavia esse final, quasi o repellia, com o

seu sujo horror. O tio Duarte no seu Poemeto apenas o esboçára, com

esquiva indecisão, como nobre Lyrico que ante uma visão de bruta

ferocidade solta um lamento, resguarda a Lyra, e desvia para sendas mais

doces. E, ao tomar a penna, Gonçalo tambem, realmente lamentava que seu

avô Tructesindo não matasse outr'ora o Bastardo, no fragor da briga, com

uma d'essas cutiladas maravilhosas, e tão doces de celebrar, que racham

o cavalleiro e depois racham o ginete, e para sempre retinem na

Historia.

Mas não! Sob a folhagem do azinheiro, os tres cavalleiros combinavam com

lentidão uma vingança terrifica. Tructesindo desejára logo recolher a

Santa Ireneia, alçar uma forca deante das barbacans, no chão em que seu

filho rolára morto, e n'ella enforcar, depois de bem açoitado, como

villão, o villão que o matára. O velho D. Pedro de Castro, porém,

aconselhava despacho mais curto, e tambem gostoso. Para que rodear por

Santa-Ireneia, desbaratar esse dia d'Agosto na arrancada que os levava a

Montemór, a soccorro das Infantas de Portugal? Que se estendesse o

Bastardo amarrado sobre uma trave, aos pés de D. Tructesindo, como porco

pelo Natal, e que um cavallariço lhe chamuscasse as barbas, e depois

outro, com facalhão de ucharia, o sangrasse no pescoço,

pachorrentamente.

--Que vos parece, Snr. D. Garcia?

O \_Sabedor\_ desafivelára o casco de ferro, limpava nas rugas o suor e a

poeira da lide:

--Senhores e amigos! Temos melhor, e perto tambem, sem delongas de

cavalgada, logo adiante destes cerros, no \_Pego das Bichas\_... E nem

torcemos caminho, que de lá, por Tordezello e Santa Maria da Varge,

endireitamos a Montemór, tão direitos como vôa o corvo... Confiae em

mim, Tructesindo! Confiae em mim, que eu arranjarei ao Bastardo tal

morte e tão vil, que d'outra egual se não possa contar desde que

Portugal foi condado.

--Mais vil que forca, para cavalleiro, meu velho Garcia?

--Lá vereis, senhores e amigos, lá vereis!

--Seja! Mandae dar ás bozinas.

Ao commando d'Affonso Gomes, o Alferes, as bozinas soaram. Um troço de

besteiros e de estafeiros Leoneses rodearam a mula que carregava o

Bastardo amarrado e entalado entre dois caixotes. E acaudilhada por D.

Garcia, a curta hoste metteu para o \_Pego das Bichas\_, em desbando, com

os senhores de lança espalhados, como em marcha de folgança e paz, (?) e

todos n'uma rija fallada recordando, entre gabos e risos, as proezas da

lide.

A duas leguas de Tordezello e do seu castello formoso, se escondia entre

os cerros o \_Pego das Bichas\_. Era um lugar de eterno silencio e de

eterna tristeza. Em esmerados versos lhe marcára o tio Duarte a desolada

asperidão:

Nem trillo d'ave em balançado ramo!

Nem fresca flôr junto de fresco arroio!

Só rocha, mattagal, ribas soturnas,

E em meio o \_Pego\_, tenebroso e morto!...

E quando os primeiros cavalleiros, galgada a lomba d'um cerro, o

avistaram, na melancholia da manhã nevoenta, emmudeceram da larga

fallada, repucharam os freios, assustados ante tão aspero ermo, tão

propicio a Bruxas, a Avantesmas e a Almas penadas. Deante do escalavrado

barranco, por onde os ginetes escorregavam, ondulava uma ribanceira,

aberta com charcos lamacentos, quasi chupados pela estiagem, luzindo

pardamente, por entre grossos pedregulhos e o tojo rasteiro. Ao fundo, a

meio tiro de bésta, negrejava o \_Pego\_, lagoa estreita, lisa, sem uma

ruga n'agua, duramente negra, com manchas mais negras, como lamina

d'estanho onde alastrasse a ferrugem do tempo e do abandono. Em torno

subiam os cerros, eriçados de matto bravio e alto, sulcados por trilhos

de saibro vermelho como por fios de sangue que escoresse, e rasgados no

alto por penedias lustrosas, mais brancas que ossadas. Tão pesado era o

silencio, tão pesada a soledade, que o velho D. Pedro de Castro, homem

de tanta jornada, se espantou:

--Feia paragem! E voto a Christo, a Santa Maria, que nunca antes de nós,

n'ella entrou homem remido pelo baptismo.

--Pois, Snr. D. Pedro de Castro! accudiu o \_Sabedor\_, já por aqui se

moveu muita lança, e luzida, e ainda em tempos do Conde D. Sueiro, e de

vosso rei D. Fernando, se erguia n'aquella beira d'agua, uma castellania

famosa! Vêde além!--E mostrava na ponta do pego, fronteira ao barranco,

dous rijos pilares de pedra, que emergiam da agua negra, e que chuva e

vento polira como marmores finos. Um passadiço de traves, sobre estacas

limosas e meio apodrecidas, atava a margem ao mais grosso dos pilares. E

a meio d'esse rude esteio pendia uma argola de ferro.

No emtanto já o tropel da peonagem se espalhára pela ribanceira. D.

Garcia Viegas desmontou, bradando por Pero Ermigues, o Coudel dos

bésteiros de Santa Ireneia. E, ao lado do ginete de Tructesindo, risonho

e gozando a surpreza, ordenou ao Coudel que seis dos seus rijos homens

descessem o Bastardo da mula, o estirassem no chão, o despissem, todo

nú, como sua mãe barregã o soltára á negra vida...

Tructesindo encarou o \_Sabedor\_, franzindo as sobrancelhas hirsutas:

--Por Deus, D. Garcia! que me ides simplesmente afogar o villão, e sujar

essa agua innocente!...

E alguns Cavalleiros, em redor, murmuraram tambem contra morte tão

quieta e sem malicia. Mas os miudos olhos de D. Garcia giravam,

lampejavam de triumpho e gosto:

--Socegae, socegae! Velho estou certamente, mas ainda o senhor Deus me

consente algumas traças. Não! Nem enforcado, nem degolado, nem

afogado... Mas chupado, senhores! Chupado em vida, e de vagar, pelas

grandes sanguesugas que enchem toda essa agua negra!

D. Pedro de Castro, maravilhado, bateu o guante nas solhas do coxote:

--Vida de Christo! Que ter n'uma hoste o Snr. D. Garcia, é ter

juntamente, para marchas e conselho, enrolados n'um só, Annibal e

Aristoteles!

Um rumor d'admiração correu pela hoste:

--Boa traça, boa traça!

E Tructesindo, radiante, bradava:

--Andar, andar, bésteiros! E vós, senhores, recuae para a lomba do

cerro, como para palanque, que vae ser grande a vista! Já seis bésteiros

descarregavam da mula o Bastardo amarrado. Outros cercavam, com mólhos

de cordas. E, como magarefes para esfolar uma rez, toda a rude turma se

abateu sobre o malfadado, arrancando por cordas que desatavam a

cervilheira, o saio, as grevas, os sapatões de ferro, depois a grossa

roupa de linho encardido. Agarrado pelos compridos cabellos, filado

pelos pés, onde se cravavam agudas unhas no furor de o manter, com os

braços esmagados sob outros grossos braços retêsos, o possante Bastardo

ainda se estorcia, urrando, cuspindo contra as faces confusas da

matulagem um cuspo avermelhado, que espumava!

Mas, por entre o escuro tropel que o cobria, o seu corpo, todo despido,

branquejava, atado com cordas mais grossas. Lentamente o seu furioso

urrar esmorecia, arquejado e rouquenho. E um após outro se erguiam os

bésteiros, esfalfados, bufando, limpando o suor do esforço.

No emtanto os Cavalleiros d'Hespanha, de Santa Ireneia, desmontavam

cravando o couto das lanças entre o tojo e as pedras. Todos os recostos

dos outeiros se cubriam da mesnada espalhada, como palanques em tarde de

justa. Sobre uma rocha mais lisa, que dous magros espinheiros toldavam

de folha rala, um pagem estendera pelles d'ovelha para o Snr. D. Pedro

de Castro, para o senhor de Santa Ireneia. Mas só o velho \_Castellão\_ se

accommodou, para uma repousada delonga, desafivelando o seu corselete de

ferro tauxeado d'ouro.

Tructesindo permanecera erguido, mudo, com os guantes apoiados ao punho

da sua alta espada, os olhos fundos ávidamente cravados na tenebrosa

lagôa que, com morte tão fera e tão suja, vingaria seu filho... E pela

borda do \_Pego\_, peões, e alguns cavalleiros d'Hespanha, remexiam com

virotões, com os coutos das ascumas, a agua lodosa, na curiosidade das

negras bichas escondidas, que o povoavam.

Subitamente a um brado de D. Garcia, que rondava, toda a chusma de peões

amontoada em torno ao Bastardo se arredou:--e o forte corpo appareceu,

nú e branco, sobre a terra negra, com um denso pello ruivo nos peitos, a

sua virilidade afogada n'outra matta de pello ruivo, e todo ligado por

cordas de canave que o inteiriçavam. N'aquella rigidez de fardo, nem as

costellas arfavam--apenas os olhos refulgiam, ensanguentados,

horrendamente esbugalhados pelo espanto e pelo furor. Alguns cavalleiros

correram a mirar a aviltada nudez do homem famoso de Bayão. O senhor dos

Paços d'Argelim mofou, com estrondo:

--Bem o sabia, por Deus! Corpo de manceba, sem costura de ferida!...

Leonel de Çamora raspou o sapato de ferro pelo hombro do malfadado:

--Vêde este \_Claro-Sol\_, tão claro, que se apaga agora, em agua tão

negra!

O Bastardo cerrava duramente as palpebras,--d'onde duas grossas lagrimas

escaparam, lentamente rolaram... Mas um agudo pregão resoou pela

ribanceira:

--Justiça! Justiça!

Era o Adail de Santa Ireneia, que marchava, sacudia uma lança, atroava

os cerros:

--Justiça! justiça que manda fazer o Senhor de Treixedo e de Santa

Ireneia, n'um perro matador!... Justiça n'um perro, filho de perra, que

matou vilmente, e assim morra vilmente por ella!...

Trez vezes pregoou por deante da hoste apinhada nos cerros. Depois

quedou, saudou humildemente Tructesindo Ramires, o velho Castro,--como a

julgadores no seu Estrado de julgamento.

--Aviae, aviae! bradava o Senhor de Santa Ireneia.

Immediatamente, a um commando do \_Sabedor\_, seis bésteiros, com as

pernas embrulhadas em mantas da carga, ergueram o corpo do Bastardo como

se ergue um morto enrolado no seu lençol, e com elle entraram na agua,

até ao mais alto pilar de granito. Outros, arrastando molhos de cordas,

correram pelo limoso passadiço de traves. Com um alarido d'\_aguenta!

endireita! alça!\_ n'um desesperado esforço o robusto corpo branco foi

mergulhado n'agua até ás virilhas, arrimado ao mais alto pilar, depois

n'elle atado com um longo calabre que, passando pela argola de ferro, o

suspendia, sem escorregar, tão seguro e collado como um rôlo de vela que

se amarra ao mastro. Rapidamente os bésteiros fugiram d'agoa,

desentrapando logo as pernas, que palpavam, raspavam no horror das

bichas sugadoras. Os outros recolheram pelo passadiço, n'uma fila que se

empurrava. No Pego ficava Lopo de Bayão bem arranjado para a vistosa

morte lenta, com a agoa que já o afogava até ás pernas, com cordas que o

enroscavam até ao pescoço como a um escravo no poste; e uma espessa

mecha dos cabellos louros laçada na argola de ferro, repuxando a face

clara, para que todos n'ella gozassem largamente a humilhada agonia do

\_Claro-Sol\_.

Então o attento da hoste, esperando espalhada pelos recostos dos cerros,

mais entristeceu o enevoado silencio do ermo. A agoa jazia sem um

arrepio, com as suas manchas, negras como uma lamina d'estanho

enferrujado. Entre as cristas das rochas, archeiros postados pelo

\_Sabedor\_, atalaiavam, para além, os descampados. Um alto vôo de gralha

atrevessou grasnando. Depois um bafo lento agitou as flamulas das lanças

cravadas no tojo denso.

Para despertar, aviar a lentidão das bichas, alguns peões atiravam

pedras á agoa lodosa. Já alguns cavalleiros hespanhoes rosnavam

impacientes com a delonga, n'aquella cova abafada. Outros, descendo

agachados a borda da lagôa, para mostrar que falladas bichas nunca

acudiriam, mergulhavam lentamente, n'agoa negra, as mãos descalçadas,

que depois sacudiam, rindo, e mofando o \_Sabedor\_... Mas de repente um

estremeção sacudiu o corpo do Bastardo; os seus rijos musculos, no

furioso esforço de se desprenderem, inchavam entre as cordas, como

cobras que se arqueiam; dos beiços arreganhados romperam, em rugidos, em

grunhidos, ultrages e ameaças contra Tructesindo covarde, e contra toda

a raça de Ramires, que elle emprasava, dentro do anno, para as labaredas

do Inferno! Indignado, um Cavalleiro de Santa Ireneia agarrou uma bésta

de garrunche, a que retesou a corda.

Mas D. Garcia deteve o arremesso:

--Por Deus, amigo! Não roubeis ás sanguesugas nem uma pinga d'aquelle

sangue fresco!... Vêde como veem! vêde como veem!

Na agoa espessa, em torno ás coxas mergulhadas do Bastardo, um fremito

corria, grossas bolhas empolavam,--e d'ellas, mollemente, uma bicha

surdio, depois outra e outra, lusidias e negras, que ondulavam, se

collavam á branca pelle do ventre, d'onde pendiam, chupando, logo

engrossadas, mais lustrosas com o lento sangue que já escorria. O

Bastardo emmudecera--e os seus dentes batiam estridentemente. Enojados,

até rudes peões desviaram a face cuspindo para as urzes. Outros, porém,

chasqueavam, assuavam as bichas, gritando--\_a elle, donzellas! a elle!\_

E o gentil Çamora de Cendufe, clamava rindo contra tão ensossa morte!

Por Deus! Uma apostura de bichas, como a enfermo d'almorreimas. Nem era

sentença de Rico-Homem--mas receita d'herbanista moiro!

--Pois que mais quereis, meu Leonel? acudio alegremente o \_Sabedor\_,

resplandecendo. Morte é esta para se contar em livros! E não tereis este

inverno serão á lareira, por todos os solares de Minho a Douro, em que

não volte a historia d'este Pego, e d'este feito! Olhae nosso primo

Tructesindo Ramires! Formosos tratos presenceou de certo em tão longo

lidar d'armas!... E como goza! tão attento! tão maravilhado!

Na encosta do outeiro, junto do seu balsão, que o Alferes cravára entre

duas pedras, e como elle tão quêdo, o velho Ramires não despregava os

olhos do corpo do Bastardo, com deleite bravio, n'um fulgor sombrio.

Nunca elle esperára vingança tão magnifica! O homem que atára seu filho

com cordas, o arrastára n'umas andas, o retalhára a punhal deante das

barbacans da sua Honra--agora, vilmente nú, amarrado tambem como cerdo,

pendurado d'um pilar, emergido n'uma agoa suja, e chupado por

sanguesugas, deante de duas mesnadas, das melhores d'Hespanha, que

miravam, que mofavam! Aquelle sangue, o sangue da raça detestada, não o

bebia a terra revolta n'uma tarde de batalha, escorrendo de ferida

honrada, atravez de rija armadura--mas, gota a gota, escuramente e

mollemente se sumia, sorvido por nojentas bichas, que surdiam famintas

do lodo e no lodo recahiam fartas, para sobre o lodo bolsar o orgulhoso

sangue que as enfartára. N'um charco, onde elle o mergulhára, viscosas

bichas bebiam socegadamente o cavalleiro de Bayão! Onde houvera homizio

de solares fundado em desforra mais dôce?

E a fera alma do velho acompanhava, com inexoravel goso, as sanguesugas

subindo, espalhadamente alastrando por aquelle corpo bem amarrado, como

seguro rebanho pela encosta da collina onde pasta. O ventre já

desapparecia sob uma camada viscosa e negra, que latejava, relusia na

humidade morna do sangue. Uma fila sugava a cinta, encovada pela ancia,

d'onde sangue se esfiava, n'uma franja lenta. O denso pello ruivo do

peito, como a espessura d'uma selva, detivera muitas, que ondulavam, com

um rasto de lodo. Um montão ennovelado sangrava um braço. As mais

fartas, já inchadas, mais relusentes, despegavam, tombavam mollemente:

mas logo outras, famintas, se aferravam. Das chagas abandonadas o sangue

escorria delgado, represo nas cordas, d'onde pingava como uma chuva

rala. Na escura agoa boiavam gordas postemas de sangue esperdiçado. E

assim sorvido, ressumando sangue, o malfadado ainda rugia, atravez

ultrages immundos, ameaças de mortes, de incendios, contra a raça dos

Ramires! Depois, com um arquejar em que as cordas quasi estalavam, a

bocca horrendamente escancarada e avida, rompia aos roucos urros,

implorando \_agoa, agoa!\_ No seu furor as unhas, que uma volta de amarras

lhe collára contra as fortes côxas, esfarrapavam a carne, cravavam-se na

fenda esfarrapada, ensopadas de sangue.

E o furioso tumulto esmorecia n'um longo gemer cançado--até que parecia

adormecido nos grossos nós das cordas, as barbas relusindo sob o suor

que as alagára como sob um grosso orvalho, e entre ellas a espantada

lividez d'um sorriso delirado.

No emtanto já na hoste derramada pelos cerros, como por um palanque, se

embotára a curiosidade bravia d'aquelle supplicio novo. E se acercava a

hora da ração de meridiana. O Adail de Santa Ireneia, depois o Almocadem

Hespanhol, mandaram soar os anafins. Então todo o áspero ermo se animou

com uma faina d'arraial. O almazem das duas mesnadas parára por detraz

dos morros, n'uma curta almargem d'herva, onde um regato claro se

arrastava nos seixos, por entre as raizes de amieiros chorões. N'uma

pressa esfaimada, saltando sobre as pedras, os peões corriam para a fila

dos machos de carga, recebiam dos uchões e estafeiros a fatia de carne,

a grossa metade d'um pão escuro: e, espalhados pela sombra do arvoredo,

comiam com silenciosa lentidão, bebendo da agoa do regato pelas concas

de pau. Depois preguiçavam, estirados na relva,--ou trepavam em bando

pela outra encosta dos morros, através do matto, na esperança

d'atravessar com um virote alguma caça erradia. Na ribanceira, deante da

lagôa, os cavalleiros, sentados sobre grossas mantas, comiam tambem, em

roda dos alforges abertos, cortando com os punhaes nacos de gordura nas

grossas viandas de porco, empinando, em longos tragos, as bojudas

cabaças de vinho.

Convidado por D. Pedro de Castro, o velho \_Sabedor\_ descançava,

partilhando d'uma larga escudella de barro, cheia de \_bolo papal\_, d'um

bolo de mel e flôr de farinha, onde ambos enterravam lentamente os

dedos, que depois limpavam ao forro dos morriões. Só o velho Tructesindo

não comia, não repousava, hirto e mudo deante do seu pendão, entre os

seus dous mastins, n'aquelle fero dever de acompanhar, sem que lhe

escapasse um arrepio, um gemido, um fio de sangue, a agonia do Bastardo.

Debalde o \_Castellão\_, estendendo para elle um pichel de prata, gabava o

seu vinho de Tordesillas, fresco como nenhum d'Aquilat ou de Provins,

para a sede de tão rija arrancada. O velho Rico-Homem nem attendera:--e

D. Pedro de Castro, depois de atirar dous pães aos alões fieis,

recomeçou discorrendo com Garcia Viegas sobre aquelle teimoso amor do

Bastardo por Violante Ramires que arrastára a tantos homizios e furores.

--Ditosos nós, Snr. D. Garcia! Nós a quem a edade e o quebranto e a

fartura já arredam d'essas tentações... Que a mulher, como m'ensinava

certo Physico quando eu andava com os moiros, é vento que consola e

cheira bem, mas tudo enrodilha e esbandalha. Vêde como os meus por ellas

penaram! Só meu pae, com aquella desvairança de zelos, em que matou a

cutello minha dôce madre Estevaninha. E ella tão santa, e filha do

Imperador! A tudo, tudo leva, a tonta ardencia! Até a morrer, como este,

sugado por bichas, deante d'uma hoste que merenda e mofa. E por Deus,

quanto tarda em morrer, Snr. D. Garcia!

--Morrendo está, Snr. D. Pedro de Castro. E já com o demo ao lado para o

levar!

O Bastardo morria. Entre os nós das cordas ensanguentadas todo elle era

uma ascorosa aventesma escarlate e negra com as viscosas pastas de

bichas que o cobriam, latejando com os lentos fios de sangue que de cada

ferida escorriam, mais copiosos que os regos d'humidade por um muro

denegrido.

O desesperado arquejar cessára, e a ancia contra as cordas, e todo o

furor. Molle e inerte como um fardo, apenas a espaços esbogalhava

horrendamente os olhos vagarosos, que revolvia em torno com enevoado

pavor. Depois a face abatia, livida e flaccida, com o beiço pendurado,

escancarando a bocca em cova negra, d'onde se escoava uma baba

ensanguentada. E das palpebras novamente cerradas, entumecidas, um muco

gotejava, tambem como de lagrimas engrossadas com sangue.

A peonagem, no emtanto, voltando da ração, reatulhava a ribanceira,

pasmava, com rudes chufas para o corpo pavoroso que as bichas ainda

sugavam. Já os pagens recolhiam manteis e alforges. D. Pedro de Castro

descera do cabeço com o \_Sabedor\_ até á borda da agoa lodosa, onde quasi

mergulhava os sapatos de ferro, para contemplar, mais de cerca, o

agonisante de tão rara agonia! E alguns senhores, estafados com a

delonga, afivelando os gibanetes, murmuravam:--«Está morto! Está

acabado!»

Então Garcia Viegas gritou ao Coudel dos Bésteiros:

--Ermigues, ide vêr se ainda resta alento n'aquella postema.

O Coudel correu pelo passadiço de traves, e arrepiado de nojo palpou a

livida carne, acercou da bocca, toda aberta, a lamina clara da adaga que

desembainhára.

--Morto! morto!--gritou.

Estava morto. Dentro das cordas que o arroxeavam o corpo escorregava,

engilhado, chupado, esvasiado. O sangue já não manava, havia coalhado em

postas escuras, onde algumas bichas teimavam latejando, relusindo. E

outras ainda subiam, tardias. Duas, enormes, remexiam na orelha. Outra

tapava um olho. O \_Claro-Sol\_ não era mais que uma immundice que se

decompunha. Só a madeixa dos cabellos louros, repuxada, presa na argola,

relusia com um lampejo de chamma, como rastro deixado pela ardente alma

que fugira.

Com a adaga ainda desembainhada, e que sacudia, o Coudel avançou para o

Senhor de Santa Ireneia, bradou:

--Justiça está feita, que mandastes fazer no perro matador que morreu!

Então o velho Rico-Homem atirando o braço, o cabelludo punho, com

possante ameaça, bradou, n'um rouco brado que rolou por penhascos e

cerros:

--Morto está! E assim morra de morte infame quem traidoramente me

affronte a mim e aos da minha raça!

Depois, cortando rigidamente pela encosta do cerro, atravez do matto, e

com um largo aceno ao Alferes do Pendão:

--Affonso Gomes, mandae dar as bozinas. E a cavallo, se vos praz, Snr.

D. Pedro de Castro, primo e amigo, que leal e bom me fostes!...

O \_Castellão\_ ondeou risonhamente o guante:

--Por Santa Maria, primo e amigo! que gosto e honra os recebi de vós. A

cavallo pois se vos praz! Que nos promette aqui o Snr. D. Garcia vêrmos

ainda, com sol muito alto, os muros de Monte-mór.

Já a peonagem cerrava as quadrilhas, os donzeis d'armas puxavam para a

ribanceira os ginetes folgados que a vasta agua escura assustava. E, com

os dous balsões tendidos, o Açor negro, as Treze Arruellas, a fila da

cavalgada atirou o trote pelo barranco empinado, d'onde as pedras soltas

rolavam. No alto, alguns cavalleiros ainda se torciam nas sellas para

silenciosamente remirarem o homem de Bayão, que lá ficava, amarrado ao

pilar, na solidão do Pego, a apodrecer. Mas quando a ala dos bésteiros e

fundibularios de Santa Ireneia desfilou, uma rija grita rompeu, com

chufas, sujas injurias ao «perro matador». A meio da escarpa, um

bésteiro, virando, retezou furiosamente a bésta. A comprida garruncha

apenas varou a agua. Outra logo zinio, e uma bala de funda, e uma setta

barbada,--que se espetou na ilharga do Bastardo, sobre um negro novello

de bichas. O Coudel berrou: «cerra! anda!» A récua das azemolas de carga

avançava, sob o estralar dos lategos: os moços da carriagem apanhavam

grossos pedregulhos, apedrejavam o morto. Depois os servos carreteiros

marcharam, nos seus curtos saios de couro crú, balançando um chuço

curto:--e o capataz apanhou simplesmente esterco das bestas, que chapou

na face do Bastardo sobre as finas barbas d'ouro.

XI

Quando Gonçalo, estafado e já todo o ardor bruxuleando, retocou este

derradeiro traço da affronta--a sineta no corredor repicava para o

almoço. Emfim! Deus louvado! eis finda essa eterna \_Torre de Ramires\_!

Quatro mezes, quatro penosos mezes desde Junho, trabalhára na sombria

resurreição dos seus avós barbaros. Com uma grossa e carregada lettra,

traçou no fundo da tira \*Finis\*. E datou, com a hora, que era do

meio-dia e quatorze minutos.

Mas agora, abandonada a banca onde tanto labutára, não sentia o

contentamento esperado. Até esse supplicio do Bastardo lhe deixára uma

aversão por aquelle remoto mundo Affonsino, tão bestial, tão deshumano!

Se ao menos o consolasse a certeza de que reconstituira, com luminosa

verdade, o ser moral d'esses avós bravios... Mas que! bem receava que

sob desconcertadas armaduras, de pouca exactidão archeologica, apenas

s'esfumassem incertas almas de nenhuma realidade historica!... Até

duvidava que sanguesugas recobrissem, trepando d'um charco, o corpo d'um

homem, e o sugassem das côxas ás barbas, em quanto uma hoste mastiga a

ração!... Emfim, o Castanheiro louvára os primeiros Capitulos. A

Multidão ama, nas Novellas, os grandes furores, o sangue pingando: e em

breve os \*Annaes\* espalhariam, por todo o Portugal, a fama d'aquella

Casa illustre, que armára mesnadas, arrasára castellos, saqueára

comarcas por orgulho de pendão, e affrontára arrogantemente os Reis na

curia e nos campos de lide. O seu verão, pois, fôra fecundo. E para o

coroar, eis agora a Eleição, que o libertava das melancolias do seu

buraco rural...

Para não retardar as visitas ainda devidas aos Influentes, e tambem para

espairecer, logo depois d'almoco montou a cavallo--apezar do calor, que

desde a vespera, e n'aquelle meado d'outubro, esmagava a aldeia com o

refulgente peso d'uma canicula d'Agosto. Na volta da estrada, dos

Bravaes um homem gordo, de calça branca enxovalhada, que s'apressava,

bufando, sob o seu guarda-sol de panninho vermelho, deteve o Fidalgo com

uma cortezia immensa. Era o Godinho, amanuense da Administração. Levava

um officio urgente ao Regedor dos Bravaes, e agora corria á Torre de

mandado do Snr. Administrador...

Gonçalo recuou a egoa para a sombra d'uma carvalha:

--Então que temos, amigo Godinho?

O Snr. Administrador annunciava a S. Ex.^a que o maroto do Ernesto, o

valentão de Nacejas, em tratamento no Hospital d'Oliveira, melhorára

consideravelmente. Já lhe repegára a orelha, a bocca soldava... E, como

se procedeu á querella, o patife passava da enfermaria para a cadeia...

Gonçalo protestou logo, com uma palmada no selim:

--Não senhor! Faça o obsequio de dizer ao Snr. João Gouveia que não

quero que se prenda o homem! Foi atrevido, apanhou uma dóse tremenda,

estamos quites.

--Mas Snr. Goncalo Mendes...

--Pelo amor de Deus, amigo Godinho! Não quero, e não quero... Explique

bem ao Snr. João Gouveia... Detesto vinganças. Não estão nos meus

habitos, nem nos habitos da minha familia. Nunca houve um Ramires que se

vingasse... Quero dizer, sim, houve, mas... Emfim explique bem ao Snr.

João Gouveia. De resto eu logo o encontro, na Assembleia... Bem basta ao

homem ficar desfeiado. Não consinto que o apoquentem mais!... Detesto

ferocidades.

--Mas...

--Esta é a minha decisão, Godinho.

--Lá darei o recado de V. Ex.^a

--Obrigado. E adeus!... Que calor, hein!

--De rachar, Snr. Gonçalo Mendes, de rachar!

Gonçalo seguiu, revoltado pela ideia de que o pobre valentão de Nacejas,

ainda moído, com a orelha mal soldada, baixasse á sordida enxovia de

Villa-Clara, para dormir sobre uma taboa. Pensou mesmo em galopar para

Villa-Clara, reter o zelo legal do João Gouveia. Mas perto, adeante do

lavadoiro, era a casa d'um Influente, o João Firmino, carpinteiro e seu

compadre. E para lá trotou, apeando ao portal do quinteiro. O compadre

Firmino largára cedo para a Arribada, onde trabalhava nas obras do lagar

do Snr. Esteves. E foi a comadre Firmina que correu da cosinha, obesa e

lusidia, com dous pequenos dependurados das saias e mais sujos que

esfregões. O Fidalgo beijou ternamente as duas faces ramelosas:

--E que rico cheiro a pão fresco, oh comadre! Foi a fornada, hein? Pois

então grande abraço ao Firmino. E que se não esqueça! A Eleição vem para

o outro Domingo. Lá conto com o voto d'elle. E olhe que não é pelo voto,

é pela amisade.

A comadre arreganhava os dentes magnificos n'um regalado e gordo

riso:--«Ai o Fidalgo podia ficar seguro! Que o Firmino já jurára, até ao

Snr. Regedor, que para o Fidalgo era todo o sitio a votar, e quem não

fosse a amor ia a pau.» O Fidalgo apertou a mão da comadre--que do

degrau do quinteiro, com os dous pequenos enrodilhados nas saias, e o

gordo riso mais embevecido, seguiu a poeira da egoa como o sulco d'um

Rei benefico.

E depois nas outras visitas, ao Cerejeira, ao Ventura da Chiche,

encontrou o mesmo fervor, os mesmos sorrisos luzindo de gosto. «O que!

para o Fidalgo! Isso tudo! E nem que fosse contra o Governo!»--Na tasca

do Manoel da Adega, um rancho de trabalhadores bebia, já ruidoso, com as

jaquetas atiradas para cima dos bancos: o Fidalgo bebeu com elles,

galhofando, gosando sinceramente a pinga verde e o barulho. O mais

velho, um avejão escuro, sem dentes, e a face mais engilhada que uma

ameixa secca, esmurrou com euthusiasmo o balcão:--«Isto, rapazes, é

fidalgo que, quando um pobre de Christo escalavra a perna, lhe empresta

a egoa, e vae elle ao lado mais d'uma legua a pé, como foi com o Sôlha!

Rapazes! isto é Fidalgo para a gente ter gosto!» As \_saudes\_ atroaram a

venda. E quando Gonçalo montou, todos o cercavam como vassallos

ardentes, que a um aceno correriam a votar,--ou a matar!

Em casa do Thomaz Pedra, a avó Anna Pedra, uma velha entrevada, muito

velha e tremula, rompeu a choramigar por o seu Thomaz andar para o

Olival quando o Fidalgo o visitava. «Que aquillo era como visita de

santo!»

--Ora essa, tia Pedra! Peccador, grande peccador!

Dobrada na cadeirinha baixa, com as farripas brancas descendo do lenço,

pela face toda chupada de gelhas e pelluda, a tia Anna bateu no joelho

agudo:

--Não senhor! não senhor! que quem mostrou aquella caridade pelo filho

do Casco, merece estar em altar!

O Fidalgo ria, beijocava pequenadas encardidas, apertava mãos asperas e

rugosas como raizes, accendia o cigarro á braza das lareiras,

conversando, com intimidade, das molestias e dos derriços. Depois, no

calor e pó da estrada, pensava:--«É curioso! parece haver amisade,

n'esta gente!»

Ás quatro horas, derreado, decidiu cessar o giro, recolher á Torre pela

estrada mais fresca da \_Bica Santa\_. E passára o logarejo do Cerdal,

quando na volta aguda do Caminho, rente ao souto de azinheiros, quasi

esbarrou com o Dr. Julio, tambem a cavallo, tambem no seu giro, de

quinzena d'alpaca, alagado em suor, debaixo d'um guarda-sol de sêda

verde. Ambos detiveram as egoas, se saudaram amavelmente.

--Muito gosto em o vêr, Snr. Dr. Julio...

--Egualmente, com muita honra, Snr. Gonçalo Ramires...

--Então tambem na tarefa?...

O Dr. Julio encolheu os hombros:

--Que quer V. Ex.^a? Se me metteram n'esta! E sabe V. Ex.^a como isto

acaba?... Acaba em eu mesmo, no outro Domingo, votar em V. Ex.^a.

O Fidalgo riu. Ambos se debruçaram, para se apertarem as mãos com

alegria, com estima.

--Que calor este, Snr. Dr. Julio!

--Horroroso, Snr. Gonçalo Ramires... E que massada!

Assim o Fidalgo empregou essa semana nas visitas aos Eleitores--«os

grandes e os miudos.» E dois dias antes da Eleição, n'uma sexta-feira á

tarde, com um tempo já macio e fresco, partiu para Oliveira--onde

chegára, na vespera, o André Cavalleiro, depois da sua tão longa, tão

fallada demora em Lisboa.

Nos Cunhaes, apenas saltára da caleche, logo se enfureceu ao saber, pelo

bom João da Porta--«que as Snr.^{as} Louzadas estavam em cima, de

visita, com a Snr.^a D. Graça...»

--Ha muito?

--Já lá estão pegadas ha meia hora boa, meu senhor.

Gonçalo enfiou surrateiramente para o seu quarto, pensando:--«Que

desavergonhadas! Chegou o André, veem logo cocar!» E já se lavára,

mudára o fato cinzento,--quando o Barrôlo appareceu, esbaforido,

desusadamente radiante, de sobrecasaca, de chapeu alto, com as bochechas

accesas, alvoroçadamente radiantes:

--Eh, seu Barrôlo, que janota!

--Parece bruxedo! gritou o Barrôlo, depois d'um abraço, que repetiu, com

desacostumado fervor. Estava agora mesmo para te mandar um telegramma,

que viesses...

--Para quê?

O Barrôlo gaguejou, com um riso reprimido que o illuminava, o inchava:

--Para quê? P'ra nada... Quero dizer, para a Eleição! Pois a Eleição é

além d'ámanhã, menino! O Cavalleiro chegou hontem. Agora volto eu do

Governo Civil. Estive no Paço com o Snr. Bispo, depois passei pelo

Governo Civil... Optimo, o André! Aparou o bigode, parece mais moço. E

traz novidades... Traz grandes novidades!

E o Barrôlo esfregava as mãos, n'um tão faiscante alvoroço, com tanto

riso escapando dos olhos e da face relusente, que o Fidalgo o encarou

curioso, impressionado:

--Ouve lá, Barrolinho! Tu tens alguma cousa boa para me annunciar?

Barrôlo recuou, negou com estrondo, como quem bruscamente fecha uma

porta. Elle? Não! Não sabia nada! Só a Eleição! Na Murtosa votação

tremenda...

--Ah! pensei, murmurou Goncalo. E a Gracinha?

--A Gracinha tambem não!

--Tambem não quê, homem? Como está? Simplesmente como está?

--Ah! está com as Louzadas. Ha mais de meia hora, aquellas bebedas!...

Naturalmente por causa do Bazar do Asylo Novo... Esta massada dos

Bazares... E ouve lá, Gonçalinho! Tu ficas até Domingo?

--Não, volto ámanhã para a Torre.

--Oh!...

--Pois dia d'Eleicão, homem! devo estar em casa, no meu centro, no meio

das minhas freguezias...

--É pena, murmurou o Barrôlo. Logo se sabia juntamente com a Eleição...

Eu dava um jantar tremendo...

--Logo se sabia, o quê?

O Barrôlo emmudeceu, com outro riso nas bochechas, que eram duas brazas

gloriosas. Depois novamente gaguejou, gingando:

--Logo se sabia... Nada! O resultado, o apuramento. E grande brodio,

grande foguetorio. Eu, na Murtosa, abro pipa de vinho.

Então Gonçalo risonhamente prendeu o Barrôlo pelos hombros:

--Dize lá, Barrolinho. Dize lá. Tu tens uma cousa boa para contar ao teu

cunhado.

O outro escapou, protestando com alarido: Que teima, que tolice. Elle

não sabia nada. O André não lhe contára nada!

--Bem, concluiu o Fidalgo, certo de um amavel mysterio, que pairava.

Então descemos. E se essas carraças das Louzadas ainda estiverem lá

pegadas, manda dizer pelo escudeiro á sala, bem alto, á Gracinha, que

cheguei, que lhe desejo fallar immediatamente no meu quarto: com esses

monstros não ha considerações.

O Barrôlo balbuciou, hesitando:

--O Snr. Bispo gosta d'ellas... Muito amavel commigo, ainda ha pouco, o

Snr. Bispo.

Mas, logo nas escadas, sentiram o piano, Gracinha cantarolando. Já se

libertára das Louzadas. Era uma antiga canção patriotica da Vendeia, que

outr'ora na Torre, ella e Gonçalo entoavam com emoção, quando os

inflammava o amor fidalgo e romantico dos Bourbons e dos Stuarts:

Monsieur de Charette a dit à ceux d'Ancenes

"Mes Amis!...

Monsieur de Charette a dit...

Gonçalo franziu vagarosamente o reposteiro da sala, rematando a

estrophe, com o braço erguido como uma bandeira:

"Mes amis!

Le Roy va rammener les Fleurs de Lys!"

Gracinha saltou do mocho, n'uma surpresa.

--Não te esperavamos! imaginei que passavas a Eleição na Torre... E por

lá?

--Na Torre, tudo bem, com a ajuda de Deus... Mas eu com trabalho

immenso. Acabei o meu romance; depois visitas aos Eleitores.

Barrôlo, que não socegava pela sala, rompeu para elles, com o mesmo riso

suffocado:

--Queres tu saber, Gracinha? Tem estado este homem, desde que chegou,

n'uma curiosidade, a ferver. Imagina que eu tenho uma boa nova, uma

grande nova para lhe contar... Eu não sei nada, a não ser a Eleição!

Pois não é verdade, Gracinha?

Gonçalo, muito serio, prendeu o queixo da irmã:

--Sabes tu, dize lá.

Ella sorriu, córada... Não, não sabia nada, só a Eleição.

--Dize lá!

--Não sei... São tolices do José.

Mas então, ante aquelle sorriso fraco, rendido, que confessava--o

Barrôlo não se conteve, desafogou como um morteiro estoira.--Pois bem!

sim! com effeito!--Grande novidade! Mas o André, que a trouxera de

Lisboa, fresquinha a saltar, queria elle, só elle, causar a surpresa a

Gonçalo...

--De modo que eu não posso! Jurei ao André. A Gracinha sabe, que eu já

lhe contei hontem... Mas tambem não póde, tambem jurou. Só o André. Elle

vem logo tomar chá, e rebenta a bomba... Que é uma bomba! e graúda!

Gonçalo, roído de curiosidade, murmurou simplesmente, encolhendo os

hombros:

--Bem, já sei, é uma herança! Tens quinze tostões d'alviçaras, Barrôlo.

Mas durante o jantar e depois na sala tomando café, emquanto Gracinha

recomeçára as velhas canções patrioticas, agora as jacobitas, em louvor

dos Stuarts--Gonçalo anciou pela apparição do Cavalleiro. Nem receava

que a esse encontro se misturasse amargura, despeito suffocado. Todo o

seu furor contra o Cavalleiro, acceso na dolorosa tarde do Mirante,

revolvido na Torre durante torturados dias, logo se dissipára lentamente

depois da sua tocante conversa com a irmã, na manhã historica da briga

da Grainha. Gracinha então, com grandes lagrimas de pureza e de verdade,

jurára reserva, retrahimento. Gonçalo, abandonando Oliveira, mostrava

tambem uma resistencia louvavel contra o sentimento ou a vaidade que o

transviára. Demais elle não podia romper novamente com o Cavalleiro,

andando ainda nos mexericos e espantos d'Oliveira aquella reconciliação

ruidosa que chamára o Cavalleiro á intimidade dos Cunhaes. E por fim de

que valiam furores ou magoas? Nenhum rugir ou gemer seu annullariam o

mal que se consummára no Mirante--se porventura se consummára. E assim

toda a cólera contra o André se dissipára n'aquella sua leve e doce

alma, onde os sentimentos, sobretudo os mais escuros, os mais

carregados, sempre facilmente se desfaziam como nuvens em ceu de

estio...

Mas quando, perto das nove horas, o Cavalleiro penetrou na sala,

vagaroso e magnifico, com o bigode encurtado mas mais retorcido, uma

gravata vermelha entufando estridentemente no largo peito que entufava,

Gonçalo sentiu uma renovada aversão por toda aquella petulancia recheada

de falsidade--e apenas poude bater mollemente, desenxabidamente, nas

costas do velho amigo, que o apertava n'um abraço d'apparatosa ternura.

E em quanto André, torcendo as luvas claras, languidamente enterrado na

poltrona que o Barrôlo lhe achegou com carinho, contava de Lisboa e de

Cascaes, tão alegre, e partidas de \_bridge\_ e da Parada e

d'El-Rei--Gonçalo revivia a tarde do Mirante, o seu pobre coração a

bater contra a persiana mal fechada, a bruta supplica murmurada atravez

d'aquelles bigodes atrevidos, e emmudecera, como empedernido,

esmigalhando nervosamente entre os dentes o charuto apagado. Mas

Gracinha conservava uma serenidade attenta, sem nenhum dos seus

chammejantes rubores, dos seus desgraçados enleios de modo e gesto,

apenas levemente secca, d'uma seccura preparada e posta. Depois André

alludira muito desprendidamente ao seu regresso a Lisboa, depois da

Eleição, «porque o tio Reis Gomes, o José Ernesto, esses crueis amigos,

lhe andavam atirando para os hombros todo o trabalho da Nova Reforma

Administrativa.»

Entre elle e Gracinha, separados por um curto tapete, parecia cavada uma

funda legua de fosso, onde rolára, se afundára todo aquelle romance do

verão, sem que na face d'ambos restasse um afogueado vestigio do seu

ardor. E Gonçalo, insensivelmente contente pela apparencia, terminou por

abandonar a cadeira onde se impedernira, accendeu o charuto na vela do

piano, perguntou pelos amigos de Lisboa. Todos (segundo o Cavalleiro)

anciavam pela chegada de Gonçalo.

--Lá encontrei tambem o Castanheiro... Enthusiasmado com o teu Romance.

Parece que nem no Herculano, nem no Rebello existe nada tão forte, como

reconstrucção historica. O Castanheiro prefere mesmo o teu realismo

epico ao do Flaubert, na \_Salammbô\_. Emfim, enthusiasmado! E nós, está

claro, ardendo por que appareça a sublime obra.

O Fidalgo córou profundamente, murmurando--«Que tolice!» Depois roçou

pela poltrona em que se enterrava o André, afagou suavemente o largo

hombro do André:

--Pois, tens feito cá muita falta, meu velho! Ha dias passei em Corinde,

tive saudades...

Então o Barrôlo, que não socegava, vermelho, a estoirar rebolando pela

sala, espiando ora o Cavalleiro, ora o Gonçalo, com um riso mudo e

avido, não se conteve mais, gritou:

--Bem, basta de prologos... Vamos lá agora á grande surpresa, André! Eu

tenho estado toda a tarde a rebentar... Mas emfim, jurei e calei! Agora

não posso... Vamos lá. E tu, Gonçalinho, vae preparando os quinze

tostões.

Gonçalo, com a curiosidade de novo refervendo, apenas sorria,

desprendidamente:

--Com effeito! Parece que tens uma bella novidade.

O Cavalleiro alargou lentamente os braços, sempre enterrado na vasta

poltrona, sem pressa:

--Oh! é a cousa mais simples, mais natural... A Snr.^a D. Graça já sabe,

não é verdade?... Não ha motivo para surpresa... Tão legitima, tão

natural!

Gonçalo exclamou, já impaciente:

--Mas emfim, venha lá, dize.

O Cavalleiro insistia, indolente. Todo o espanto era que só agora se

pensasse em a realisar, cousa tão devida, tão adequada. Pois não lhe

parecia á Snr.^a D. Graça?

Gonçalo, n'uma braza, berrou:

--Mas quê? que diabo?

O Cavalleiro, que se despegára vagarosamente da poltrona, puxou os

punhos, e deante de Gonçalo, no silencio attento, alteando o peito,

grave, quasi official, começou:

--Meu tio Reis Gomes, e o José Ernesto, tiveram uma ideia muito natural,

que communicaram a El-Rei, e que El-Rei approvou... Que approvou mesmo

ao ponto de a appetecer, de se assenhorear d'ella, de desejar que fosse

só sua. E hoje é só d'El-Rei. El-Rei pois pensou, como nós pensamos, que

um dos primeiros fidalgos de Portugal, decerto mesmo o primeiro, devia

ter um titulo que consagrasse bem a antiguidade illustre da Casa, e

consagrasse tambem o merito superior de quem hoje a representa... Por

isso, meu querido Gonçalo, já te posso annunciar, e quasi em nome

d'El-Rei, que vaes ser Marquez de Treixedo.

--Bravo! bravo! bramou o Barrôlo, com palmas delirantes. Saltem para cá

os quinze tostões, Snr. Marquez de Treixedo!

Uma onda de sangue cobria a fina face de Gonçalo. N'um relance sentiu

que o Titulo era um dom do Cavalleiro, não ao chefe da casa de Ramires,

mas ao irmão complacente de Gracinha Ramires... E sobre tudo sentia a

incoherencia de que, ao chefe d'uma Casa dez vezes secular, mãe de

Dynastias, edificadora do Reino, com mais de trinta dos seus varões

mortos sob a armadura, se atirasse agora um ouco titulo, atravez do

\_Diario do Governo\_, como a um tendeiro enriquecido que subsidiou

eleições. Todavia saudou o Cavalleiro, que esperava a effusão, os

abraços.--Oh! Marquez de Treixedo! certamente muito elegante, muito

amavel... Depois, esfregando as mãos, com um sorriso de graça e

d'espanto... Mas, meu caro André, com que auctoridade me faz El-Rei

Marquez de Treixedo?

O Cavalleiro levantou vivamente a cabeça n'uma offendida surpresa:

--Com que auctoridade? Simplesmente com a auctoridade que tem sobre nós

todos, como Rei de Portugal que ainda é, Deus louvado!

E Gonçalo, muito simplesmente, sem fumaça ou pompa, com o mesmo sorriso

de suave gracejo:

--Perdão, Andrésinho. Ainda não havia Reis de Portugal, nem sequer

Portugal, e já meus avós Ramires tinham solar em Treixedo! Eu approvo os

grandes dons entre os grandes fidalgos; mas cumpre aos mais antigos

começarem. El-Rei tem uma quinta ao pé de Beja, creio eu, o \_Roncão\_.

Pois dize tu a El-Rei, que eu tenho immenso gosto em o fazer, a elle,

Marquez do Roncão.

O Barrôlo embasbacára, sem comprehender, com as bochechas descahidas e

murchas. Da beira do canapé, Gracinha, toda córada, faiscava de gosto,

por aquelle lindo orgulho que tão bem condizia com o seu, mais lhe

fundia a alma com a alma do irmão amado. E André Cavalleiro, furioso,

mas vergando os hombros com ironica submissão, apenas murmurou:--«Bem,

perfeitamente!... Cada um se entende a seu modo...»

O escudeiro entrava com a bandeja do chá.

\* \* \* \* \*

E no Domingo foi a Eleição.

Ainda com uma desconfiança, uma reserva supersticiosa, o Fidalgo desejou

atravessar esse dia muito solitariamente, quasi escondido, e no sabbado,

em quanto todos os amigos de Villa-Clara, mesmo os d'Oliveira, o

consideravam estabelecido nos Cunhaes, e em communicação azafamada com o

Governo Civil, montou a cavallo ao escurecer, e trotou surrateiramente

para Santa Ireneia.

Mas o Barrôlo (ainda abalado com «aquelle despauterio do Gonçalo, que

era uma offensa para o Cavalleiro! até para El-Rei!») ficára com a

missão de telegraphar para a Torre as noticias successivas das

assembleias, á maneira que ellas acudissem ao Governo Civil. E, com

ruidoso zelo, logo depois da missa, estabeleceu entre os Cunhaes e o

velho Convento de S. Domingos um serviço de creados formigando sem

repouso. Gracinha, na sala de jantar, ajudada por Padre Sueiro, copiava

com amor, n'uma lettra muito redonda, os telegrammas mandados pelo

Cavalleiro, que ajuntava a lapis alguma nota amavel--«\_Tudo

optimamente!\_»--\_Victoria cresce.\_--\_Parabens a V. Ex.^{as}.\_

Pela estrada de Villa-Clara á Torre, incessantemente, o moço do

Telegrapho se esbaforia sobre a perna manca. O Bento rompia pela

livraria, berrando: «outro telegramma, Snr. Doutor». Gonçalo, nervoso,

com um immenso bule de chá sobre a banca, a bandeja já alastrada de

cigarros meio fumados, lia o telegramma ao Bento. O Bento, com \_vivas\_

pelo corredor, corria a bramar o telegramma á Rosa.

E assim, quando cerca das oito horas, o Fidalgo consentiu em jantar--já

conhecia o seu triumpho explendido. E o que o impressionava, relendo os

telegrammas, era o enthusiasmo carinhoso d'aquelles influentes, povos

que elle mal rogava, e que convertiam o acto da Eleição quasi n'um acto

d'Amor. Toda a freguezia dos Bravaes marchára para a Egreja, cerrada

como uma hoste, com o José Casco na frente erguendo uma enorme bandeira,

entre dous tambores que estouravam. O Visconde de Rio-Manso entrára no

adro da Egreja de Ramilde na sua victoria, com a neta toda vestida de

branco, seguido por uma vistosa fila de \_char-à-bancs\_, onde se

apinhavam eleitores sob toldos de verdura. Na Finta todos os casaes se

esvasiavam, as mulheres carregadas d'ouro, os rapazes de flôr na orelha,

correndo á Eleição do Fidalgo entre o repenicar das violas, como á

romaria d'um Santo. E deante da taberna do Pintainho, em face á Egreja,

a gente da Velleda, da Riosa, do Cercal, erguera um arco de buxo, com

distico vermelho, sobre panninho:--«Viva o nosso Ramires, flôr dos

homens!»

Depois, em quanto jantava, um moço da quinta voltou de Villa-Clara,

alvoroçado, contando o delirio, as philarmonicas pelas ruas, a

Assembleia toda embandeirada, e na casa da Camara, sobre a porta, um

transparente com o retrato de Gonçalo, que uma multidão acclamava.

Gonçalo apressou o café. Por timidez, receoso dos vivorios, não ousava

correr a Villa-Clara--a espreitar. Mas accendeu o charuto, passou á

varanda, para respirar a doce noite de festa, que andava tão cheia de

clarões e rumores em seu louvor. E ao abrir a porta envidraçada quasi

recuou, com outro espanto. A Torre illuminára! Das suas fundas frestas,

atravez das negras rexas de ferro, sahia um clarão; e muito alta, sobre

as velhas ameias, refulgia uma serena corôa de lumes! Era uma surpresa,

preparada, com delicioso mysterio, pelo Bento, pela Rosa, pelos moços da

quinta,--que agora, todos, no escuro, por baixo da varanda, contemplavam

a sua obra, allumiando o ceu sereno. Gonçalo percebeu os passos

abafados, o pigarro da Rosa. Gritou alegremente da borda da varanda:

--Oh, Bento! Oh, Rosa!... Está ahi alguem?

Um risinho esfusiou. A jaqueta branca do Bento surdio da sombra.

--O Snr. Doutor queria alguma cousa?

--Não, homem! Queria agradecer... Foram vocês, hein? Está linda a

illuminacão! Mas linda. Obrigado, Bento. Obrigado, Rosa! Obrigado,

rapazes! De longe deve fazer um effeito soberbo.

Mas o Bento ainda se não contentava com aquellas lamparinas frouxas. A

Torre, para sobresahir, necessitava chammas fortes de gaz. O Snr. Doutor

nem imaginava a altura, depois em cima, a immensidão do eirado.

Então, de repente, Gonçalo sentiu um desejo de subir a esse immenso

eirado da Torre. Não entrára na Torre desde estudante--e sempre ella lhe

desagradára por dentro, tão escura, de tão duro granito, com a sua

nudez, silencio e frialdade de jazigo, e logo no pavimento terreo os

negros alçapões chapeados de ferro que levavam ás masmorras. Mas agora

as luzes nas frestas aqueciam, reviviam aquella derradeira ossada, Honra

de Ordonho Mendes. E de entre as suas ameias, mais alto que da varanda,

lhe parecia interessante respirar aquella rumorosa sympathia esparsa,

que em torno, pelas freguezias rolava, subindo para elle, atravez da

noite, como um incenso. Enfiou um paletot, desceu á cosinha. O Bento, o

Joaquim da horta, divertidos, agarraram grandes lanternas. E com elles

atravessou o pomar, penetrou pela atarracada poterna, de funda

hombreira, começou a trepar a esguia escadaria de pedra, que tanta sola

de ferro polira e poira.

Já desde seculos se perdera a memoria do logar que occupava aquella

torre nas complicadas fortificações da Honra e Senhorio de Santa

Ireneia. Não era de certo (segundo padre Sueiro) a nobre torre albarran,

nem a de Alcaçova, onde se guardava o thesouro, o cartorio, os sacos tão

preciosos das especiarias do Oriente--e talvez, obscura e sem nome,

apenas defendesse algum angulo de muralha, para os lados em que o

Castello enfrontava com as terras semeadas e os olmedos da Ribeira. Mas,

sobrevivente ás outras mais altivas, comprehendida nas construcções do

Paço formoso que se erguera d'entre o sombrio Castello Affonsino, e que

dominava Santa Ireneia durante a dynastia d'Aviz, ligada ainda por

claras arcarias d'um terraço ao Palacio de gosto italiano, em que

Vicente Ramires converteu o Paço manuelino depois da sua campanha de

Castella: isolada no pomar, mas sobranceando o casarão que lentamente se

edificára depois do incendio do Palacio em tempo d'El-Rei D. José, e a

derradeira certamente onde retiniram armas e circularam os homens do

Terço dos Ramires--ella ligava as edades e como que mantinha, nas suas

pedras eternas, a unidade da longa linhagem. Por isso o povo lhe chamára

vagamente a «Torre de D. Ramires». E Gonçalo, ainda sob a impressão dos

avós e dos tempos que resuscitára na sua Novella, admirou com um

respeito novo a sua vastidão, a sua força, os seus empinados escalões,

os seus muros tão espessos, que as frestas esguias na espessura se

alongavam como corredores, escassamente allumiadas pelas tigelinhas

d'azeite, com que o Bento as despertára. Em cada um dos trez sobrados

parou, penetrando curiosamente, quasi com uma intimidade, nas salas núas

e sonoras, de vasto lagedo, de tenebrosa abobada, com os assentos de

pedra, estranho buraco ao meio, redondo como o d'um poço e ainda pelas

paredes riscadas de sulcos de fumos, os anneis dos tocheiros. Depois em

cima, no immenso eirado que a fieira de lamparinas, cingindo as ameias,

enchia de claridade, Gonçalo, erguendo a gola do paletot na aragem mais

fina, teve a dilatada sensação de dominar toda a Provincia, e de possuir

sobre ella uma supremacia paternal, só pela soberana altura e velhice da

sua torre, mais que a Provincia e que o Reino. Lentamente caminhou em

roda das ameias, até ao miradouro, a que um candieiro de petroleo, sobre

uma cadeira de palhinha posta em frente á fresta, estragava o entono

feudal. No céo macio, mas levemente enevoado, raras estrellas luziam,

sem brilho. Por baixo a quinta, toda a largueza dos campos, a espessura

dos arvoredos se fundiam em escuridão. Mas na sombra e silencio, por

vezes além, para o lado dos Bravaes, lampejavam foguetes remotos. Um

clarão amarellado e fumarento, caminhando mais longe, entestando para a

Finta, era de certo um rancho com archotes festivos. Na alta Egreja da

Velleda tremeluzia uma illuminação vaga, rala. Outras luzes, incertas

através do arvoredo, riscavam o velho arco do Mosteiro, em Santa Maria

de Craquêde. Da terra escura subia, por vezes, um errante som de

tambores. E lumes, fachos, abafados rufos, eram dez freguezias

celebrando amoravelmente o Fidalgo da Torre, que lhes recebia o amor e o

preito no eirado da sua torre, envolto em silencio e sombra.

O Bento descera, com o Joaquim, para reforçar as lamparinas nas frestas

dos muros, onde ellas esmoreciam na espessura. E Gonçalo sósinho,

acabando o charuto, recomeçou a rolda, lento, em torno ás ameias,

perdido n'um pensamento que já o agitára estranhamente, atravez

d'aquelle sobresaltado Domingo... Era pois popular! Por todas essas

aldeias, estendidas á sombra longa da Torre, o Fidalgo da Torre era pois

popular! E esta certeza não o penetrava d'alegria, nem de

orgulho,--antes o enchia agora, n'aquella serenidade da noite, de

confusão, d'arrependimento! Ah! se adivinhasse--se elle adivinhasse!...

Como caminharia, com a cabeça bem levantada, com os braços bem

estendidos, sósinho, em confiança risonha para todas essas sympathias

que o esperavam, tão certas, tão dadas. Mas não! Sempre se julgára

cercado da indifferença d'aquellas aldeias, onde elle, apesar do

antiquissimo nome, era o costumado moço, que volta de Coimbra e vive

silenciosamente da sua renda, passeando na sua egoa. A essas

indifferenças tão naturaes nunca elle imaginára arrancar o punhado de

votos, o punhado de papelinhos que necessitava para entrar na Politica,

onde elle conquistaria pela destreza o que os velhos Ramires recebiam

por herança--fortuna e poder. Por isso se agarrára tão avidamente á mão

do Cavalleiro, á mão do Snr. Governador Civil--para que S. Ex.^a, o bom

amigo, o mostrasse, o impozesse como o homem necessario, o querido do

Governo, o melhor entre os bons, a quem as freguezias deviam offerecer

n'um Domingo o punhado de votos.

E na impaciencia d'esse favor abafára a memoria de amargos aggravos;

deante d'Oliveira pasmada abraçára o homem detestado desde annos, que

andava chasqueando e demolindo, por praças e jornaes: facilitára a

resurreição de sentimentos que para sempre deviam jazer enterrados; e

envolvera o ser que mais amava, a sua pobre e fraca irmãsinha, em

confusão e miseria moral... Torpezas e damnos--e para quê? Para

surripiar um punhado de votos que dez freguezias lhe trariam correndo,

gratuitamente, effusivamente, entre \_vivas\_ e foguetes, se elle acenasse

e lh'os pedissse...

Ah! eis ahi... Fôra a desconfiança, essa encolhida desconfiança de si

mesmo,--que desde o collegio, atravez da vida, lhe estragára a vida. Era

a mesma desgraçada desconfiança, que ainda semanas antes, deante de uma

sombra, um pau erguido, uma risada n'uma taberna, o forçava a abalar, a

fugir, arripiado e praguejando contra a sua fraqueza. Por fim, um dia,

n'uma volta d'estrada, avança, ergue o chicote--e descobre a sua força!

E agora, penetra por entre o povo, agarrado timidamente á mão poderosa,

por se imaginar impopular--e descobre a sua popularidade immensa. Que

vida enganada, e tanto a sujára--por não saber!

O Bento não apparecia, ainda azafamado em illuminar condignamente as

rexas da Torre. Gonçalo atirou a ponta do charuto, e com as mãos nas

algibeiras do paletot, parou junto do miradouro, olhou vagamente para as

estrellas. A nevoa adelgaçára quasi sumida,--lumes mais vivos palpitavam

no ceu mais profundo. De lumes e ceus descia essa sensação de

infinidade, d'eternidade, que penetra, como uma surpresa, nas almas

desacostumadas da sua contemplação. Na alma de Gonçalo passou, muito

fugidiamente, o espanto d'essas eternas immensidades sob que se agita,

tão vaidosa da sua agitação, a rasteira, a sombria poeira humana. Longe,

algum derradeiro foguete ainda lampejava, logo apagado na escuridão

serena. As luzinhas sobre a capella de Velleda, sobre o arco de Santa

Maria de Craquêde, esmoreciam, já ralas. Todo o remoto rumor de

musicatas se perdera, na mudez mais funda dos campos adormecidos. O dia

de triumpho findava, breve como os luminares e os foguetes.--E Gonçalo,

parado, rente do miradouro, considerava agora o valor d'esse triumpho

por que tanto almejára, porque tanto sabujára. Deputado! Deputado por

Villa-Clara, como o Sanches Lucena. E ante esse resultado, tão miudo,

tão trivial,--todo o seu esforço tão desesperado, tão sem escrupulos,

lhe parecia ainda menos immoral que risivel. Deputado! Para quê? Para

almoçar no Bragança, galgar de tipoia a ladeira de S. Bento, e dentro do

sujo convento escrevinhar na carteira do Estado alguma carta ao seu

alfaiate, bocejar com a inanidade ambiente dos homens e das ideias, e

distrahidamente acompanhar, em silencio ou balando, o rebanho do S.

Fulgencio, por ter desertado o rebanho identico do Braz Victorino. Sim,

talvez um dia, com rasteiras intrigas e sabujices a um chefe e á senhora

do chefe, e promessas e risos atravez de Redacções, e algum Discurso

esbrazeadamente berrado--lograsse ser Ministro. E então? Seria ainda a

tipoia pela calçada de S. Bento, com o correio atraz na pileca branca, e

a farda mal-feita, nas tardes d'assignatura, e os recurvados sorrisos

d'amanuenses pelos escuros corredores da Secretaria, e a lama escorrendo

sobre elle de cada gazeta d'opposição... Ah! que pêca, desinteressante

vida, em comparação d'outras cheias e soberbas vidas, que tão

magnificamente palpitavam sob o tremeluzir d'essas mesmas estrellas! Em

quanto elle se encolhia no seu paletot, deputado por Villa-Clara, e no

triumpho d'essa miseria--Pensadores completavam a explicação do

Universo; Artistas realisavam obras de belleza eterna; Reformadores

aperfeiçoavam a harmonia social; Santos melhoravam santamente as almas;

Physiologistas diminuiam o velho soffrer humano; Inventores alargavam a

riqueza das raças; Aventureiros magnificos arrancavam mundos de sua

esterilidade e mudez... Ah! esses eram os verdadeiramente homens, os que

viviam deliciosas plenitudes de vida, modelando com as suas mãos

incançadas fórmas sempre mais bellas ou mais justas da humanidade. Quem

fôra como elles, que são os sobre-humanos! E tal acção tão suprema

requeria o Genio, o dom que, como a antiga chamma, desce de Deus sobre

um eleito? Não! Apenas o claro entendimento das realidades humanas--e

depois o forte querer.

E o Fidalgo da Torre, immovel no eirado da Torre, entre o ceu todo

estrellado, e a terra toda escura, longamente revolveu pensamentos de

Vida superior--até que enlevado, e como se a energia da longa raça, que

pela Torre passára, refluisse ao seu coração, imaginou a sua propria

encaminhada emfim para uma acção vasta e fecunda, em que soberbamente

gozasse o goso de verdadeiro viver, e em torno de si creasse vida, e

accrescentasse um lustre novo ao velho lustre de seu nome, e riquezas

puras o dourassem e a sua terra inteira o bem-louvasse por que elle

inteiro e n'um esforço pleno bem servira a sua terra...

O Bento surdiu da portinha baixa do eirado, com a lanterna:

--O Snr. Doutor ainda se demora?

--Não. A festa acabou, Bento.

\* \* \* \* \*

Nos começos de Dezembro, com o primeiro numero dos \*Annaes\*, appareceu a

\_Torre de D. Ramires\_. E todos os jornaes, mesmo os da opposição,

louvaram «esse estudo magistral (como affirmou a \_Tarde\_) que, revelando

um erudito e um artista, continuava, com uma arte mais moderna e

colorida, a obra de Herculano e de Rebello, a reconstituição moral e

social do velho Portugal heroico.» Depois das festas de Natal, que elle

passou alegremente nos Cunhaes, ajudando Gracinha a cosinhar bolos de

bacalhau por uma receita sublime do padre José Vicente, da Finta, os

amigos d'Oliveira, os rapazes do Club e da Arcada offereceram ao

Deputado por Villa-Clara, na sala da Camara, adornada de buxos e

bandeiras, um banquete, a que assistia o Cavalleiro, de gran-cruz, e em

que o Barão das Marges (que presidia) saudou «o prestigioso moço que,

talvez em breve, nas cadeiras do Poder levantasse do marasmo este brioso

paiz, com a pujança, a valentia, que são proprias da sua raça

nobilissima!»

\* \* \* \* \*

No meado de Janeiro, por uma agreste noite de chuva, Gonçalo partiu para

Lisboa; e atravez do inverno, em Lisboa, andou sempre nos

\_Carnet-Mondain\_ e \_High-Life\_ dos jornaes, nas noticias de jantares, do

\_raouts\_, de tiros aos pombos, de Caçadas d'El-Rei, tão notado nos

movimentos mais simples da sua elegancia, que os Barrôlos assignaram o

\_Diario Illustrado\_ para saber quando elle passeava na Avenida. Em

Villa-Clara, na Assembleia, o José Gouveia já encolhia os hombros,

rosnando:--«Desandou em janota!»--Mas nos fins d'Abril uma noticia de

repente alvoroçou Villa-Clara, espantou na quieta Oliveira os rapazes do

Club e da Arcada, perturbou tão inesperadamente Gracinha, então em

Amarante com o Barrôlo, que n'essa noite ambos abalaram para Lisboa--e

na Torre atirou a Rosa para um banco de pedra da cosinha, lavada em

lagrimas, sem comprehender, gemendo:

--Ai o meu rico menino, o meu rico menino, que o não torno mais a vêr!

Gonçalo Mendes Ramires, silenciosamente, quasi mysteriosamente,

arranjára a concessão d'um vasto praso de Macheque, na Zambezia,

hypothecára a sua quinta historica de Treixedo, e embarcava em começos

de Junho no paquete \_Portugal\_, com o Bento, para a Africa.

XII

Quatro annos passaram ligeiros e leves sobre a velha Torre, como vôos

d'ave.

N'uma doce tarde dos fins de Septembro, Gracinha, que chegára na vespera

de Oliveira acompanhada pelo bom Padre Sueiro, descansava na varanda da

sala de jantar, estendida sobre o canapé de palhinha, ainda com um

grande avental branco, tapando o vestido até ao pescoço, um velho

avental do Bento. Todo o dia, d'avental, atravez do casarão, ajudada

pela Rosa e pela filha da Crispola, s'esfalfára, arrumando e limpando,

com tanto gosto e fervor no trabalho, que ella mesma sacudira o pó a

todos os livros da livraria, o seu socegado pó de quatro annos. O

Barrôlo tambem se occupára, dando sentenças nas obras da cavallariça,

que a valente egoa da briga da Grainha em breve partilharia com uma egoa

ingleza, de meio sangue, comprada em Londres. Tambem Padre Sueiro

remexera, pelo Archivo, zelosamente, com um espanejador. E até o Pereira

da Riosa, o bom rendeiro, apressava desde madrugada dois moços na final

limpeza da horta, agora muito cuidada, já com meloal, já com morangal, e

duas novas ruas, ambas bordadas de roseiras e recobertas de latada que a

parra densa já recobria.

Com efeito a Torre, entre a alvoroçada alegria de todos, enfeitava a sua

velhice--por que no Domingo, depois dos seus quatro annos d'Africa,

Gonçalo regressava á Torre.

E Gracinha, estendida no canapé com o seu velho avental branco, sorrindo

pensativamente para a quinta silenciosa, para o ceu todo córado sobre

Valverde, recordava esses quatro annos, desde a manhã em que abraçára

Gonçalo, suffocada e a tremer, no beliche do \_Portugal\_... Quatro annos!

Assim passados, e nada mudára no mundo, no seu curto mundo d'entre os

Cunhaes e a Torre, e a vida rolára, e tão sem historia como rola um rio

lento n'uma solidão:--Gonçalo na Africa, na vaga Africa, mandando raras

cartas, mas alegres, e com um enthusiasmo de fundador de Imperio; ella

nos Cunhaes, e o seu Barrôlo, n'um tão quieto e costumado viver, que

eram quasi d'agitação os jantares em que reuniam os Mendonças, os

Marges, o coronel do 7, outros amigos, e á noite na sala se abriam duas

mezas de panno verde para o voltarete e para o boston.

E n'este manso correr de vida se desfizera mansamente, quasi

insensivelmente, a sombria tormenta do seu coração. Nem ella agora

comprehendia como um sentimento, que atravez das suas anciedades ella

justificava, quasi secretamente santificava por o saber \_unico\_, e o

desejar \_eterno\_, assim se sumira, insensivelmente, sem dilacerações,

deixára apenas um leve arrependimento, alguma esfumada saudade, tambem

estranheza e confusão, restos de tanto que ardera, formando uma cinza

fina... A successão das cousas rolára, como o vento ás lufadas n'um

campo, e ella rolára, levada com a inercia d'uma folha secca.

Logo depois do derradeiro Natal passado com Gonçalo, André, que ainda os

acompanhára á Missa do Gallo e consoára nos Cunhaes, voltou para Lisboa,

para essa «Reforma», de que se lastimava... No silencio que entre ambos

então se alargou, corria já uma frialdade d'abandono... E quando André

recolheu a Oliveira, ao seu Governo Civil, partia ella para Amarante,

onde a santa mãe do Barrôlo adoecera, com uma vagarosa doença d'anemia e

velhice, que em Maio a levou para o Senhor.

Em Junho fôra o commovido embarque de Gonçalo para a Africa,--e no

tombadilho do paquete, entre o barulho e as bagagens, um encontro com

André, que chegara d'Oliveira, dias antes, e contou muito alegremente do

casamento da Mariquinhas Marges. Todo esse verão, como o Barrôlo

decidira fazer obras consideraveis no velho palacete do Largo d'El-Rei,

o passaram na quinta da \_Murtosa\_, que ella escolhera por causa da linda

matta, dos altos muros de convento. A essa solidão attribuiu logo o

Barrôlo a sua melancolia, a sua magreza, aquelle cansado scismar a que

se abandonava, pelos bancos musgosos da matta, com um romance esquecido

no regaço. Para que ella se distrahisse, se fortificasse com banhos do

mar, alugou em Setembro, na Costa, o vistoso chalet do commendador

Barros. Ella não tomou banhos, nem apparecia na praia, á fresca hora das

barracas, entre as senhoras sentadas em cadeirinhas baixas:--e só á

tarde passeava pelo comprido areal rente á vaga, acompanhada por dous

enormes galgos que lhe dera Manoel Duarte. Uma manhã, ao almoço, ao

abrir as \_Novidades\_, Barrôlo pulou, com um berro, um espanto. Era a

queda inesperada do Ministerio do S. Fulgencio! André Cavalleiro

apresentava logo a sua demissão pelo telegrapho. E ainda pelas

\_Novidades\_ souberam na Costa que S. Ex.^a partira para uma «longa e

pittoresca viagem», a viagem a Constantinopla, á Asia Menor, que elle

annunciára ao jantar nos Cunhaes. Ella abrira um Atlas: com o dedo lento

caminhou desde Oliveira até á Syria, por sobre fronteiras e montes: já

André lhe parecia desvanecido, n'esses horisontes mais luminosos; fechou

o Atlas, pensando simplesmente «como a gente muda!»

Em Novembro voltaram a Oliveira, n'um sabbado de chuva, e ella na

carruagem sentia toda a melancolia e a frialdade do ceu penetrar no seu

coração. Mas no Domingo acordou com um lindo sol nas vidraças. Para a

missa das onze na Sé, ella estreou um chapéo novo; depois, no caminho

para casa da tia Arminda, levantou os olhos para o casarão do Governo

Civil: agora habitava lá outro Governador Civil, o Snr. Santos

Maldonado, um moço louro que tocava piano.

Na outra primavera o Barrôlo, agora escravisado pela paixão d'obras,

imaginou demolir o Mirante para construir outra estufa, mais vasta, com

um repuxo entre palmeiras, que formaria «um jardim d'inverno catita.»

Os trabalhadores começaram por esvasiar o Mirante da velha mobilia que o

guarnecia desde o tempo do tio Melchior: o immenso divan jazeu dois dias

no jardim, encalhado contra uma sebe de buxo, e o Barrôlo, impaciente,

com aquelle desusado traste, de molas quebradas, nem o consentiu nas

arrecadações do sotão, mandou que o queimassem com outras cadeiras

partidas, n'uma fogueira de festa, na noute dos annos de Gracinha. E

ella andou em torno da fogueira. O estofo poído flammejou, depois o

mogno pesado mais lentamente, com um leve fumo, até que uma braza ficou

latejando, e a braza escureceu em cinza.

Logo n'essa semana as Lousadas, mais agudas, mais escuras, invadiram uma

tarde os Cunhaes--e apenas espetadas no sophá, logo lhe contaram, com um

riso feroz nos olhinhos furantes, do grande escandalo, o Cavalleiro! em

Lisboa! sem rebuço! com a mulher do Conde de S. Romão! um fazendeiro de

Cabo Verde!

N'essa noite, ella escreveu a Gonçalo uma carta muito longa que

começava:--«Por cá estamos todos bem, e n'este rame-ram costumado...» E

com effeito a vida recomeçára, no seu rame-ram, simples, contínua, e sem

historia, como corre um rio claro n'uma solidão.

Á porta envidraçada da varanda o filho da Crispola espreitou--o filho da

Crispola, que ficára sempre na Torre, como «andarilho», mas crescera

muito para fóra da sua antiga jaqueta de botões amarellos, usava agora

jaquetões velhos do Snr. Doutor, e já repuxava o buço:

--É que está lá em baixo o Snr. Antonio Villalobos, com o Snr. Gouveia e

outro senhor, o Videirinha, e perguntam se podem fallar á senhora...

--O Snr. Villalobos! Sim! que subam, que entrem para aqui, para a

varanda!

Ao atravessar a sala, onde dous esteireiros d'Oliveira pregavam uma

esteira nova, o vozeirão do Titó já ribombava, notando os «preparativos

da festa...» E quando entrou na varanda a sua face mais barbuda, mais

requeimada, rebrilhava com a alegria d'encontrar emfim a Torre

despertando d'aquella modorra, em que tudo dentro parecia tristemente

apagado, até o lume das caçarolas:

--Peço desculpa da invasão, prima Graça. Mas passamos, de volta d'um

passeio dos Bravaes, soubemos que a prima viera com o Barrôlo...

--Oh! gosto immenso, primo Antonio. Eu é que peço desculpa d'esta

figura, assim despenteada, de grande avental... Mas todo o dia em

arranjos, a preparar a casa... E o Snr. Gouveia, como tem passado? Não o

vejo desde a Paschoa.

O administrador, que não mudára n'esses quatro annos, escuro, secco,

como feito de madeira, sempre esticado na sobrecasaca preta, apenas com

o bigode mais amarellado do cigarro, agradeceu á Snr.^a D. Graça... E

passára menos mal, desde a Paschoa. A não ser a desavergonhada da

garganta...

--E então o nosso grande homem? quando chega? quando chega?

--No Domingo. Estamos todos em alvoroço... Então não se senta, Snr.

Videira? Olhe, puxe aquella cadeira de vime. A varanda por ora não está

arranjada.

Videirinha, logo depois da Eleição, recebera de Gonçalo o logar

promettido, facil e com vagares, para não esquecer o violão. Era

amanuense na Administração do Concelho de Villa-Clara. Mas convivia

ainda na intimidade do seu chefe, que o utilisava para todos os

serviços, mesmo de enfermeiro, e o mandava sempre com uma auctoridade

secca, mesmo ceando ambos no Gago.

Timidamente arrastou a cadeira de vime, que collocou, com respeito,

atraz da cadeira do seu Chefe. E depois de tirar as luvas pretas, que

agora sempre trazia para realçar a sua posição, lembrou que o comboio

chegava ao apeadeiro de Craquêde ás dez e quarenta, não trazendo atrazo.

Mas talvez o Snr. Doutor apeasse em Corinde, por causa das bagagens...

--Duvido, murmurou Gracinha. Em todo o caso o José está com tenção de

partir de madrugada, para o encontrar na bifurcação, em Lamello.

--Nós não! acudiu o Titó, que se sentára familiarmente no rebordo da

varanda. Cá o nosso rancho vae simplesmente a Craquêde. Já é terra da

familia, e sitio mais socegado para o vivorio... Mas então esse homem

não se demorou em Lisboa, prima Graça?

--Desde Domingo, primo Antonio. Chegou no Domingo, de Paris, pelo

Sud-Express. E teve uma chegada brilhante... Oh! muito brilhante! Hontem

recebi eu uma carta da Maria Mendonça, uma grande carta em que conta...

--O que? A prima Maria Mendonça está em Lisboa?

--Sim, desde os fins d'Agosto, n'uma visita a D. Anna Lucena...

Vivamente, João Gouveia puxou a cadeira, n'uma curiosidade que de certo

o remoera:

--É verdade, Snr.^a D. Graça!--Então parece que a D. Anna Lucena comprou

uma casa em Lisboa. anda em arranjos de mobilia?... V. Ex.^a ouviu,

Snr.^a D. Graça?

Não, Gracinha não sabia. Mas era natural, agora que tanto se demorava em

Lisboa, pouco se aproveitava da \_Feitosa\_, tão linda quinta...

--Então casa! exclamou o Gouveia, com immensa convicção. Se anda em

arranjos de mobilia, então casa. É natural, quer posição. Depois, já lá

vão quatro annos de viuvez, e...

Gracinha sorriu. Mas o Titó, que coçava lentamente a barba, voltou á

carta da prima Maria Mendonça, contando a chegada.

--Sim! acudiu Gracinha, conta, esteve na Estação, no Rocio. Parece que o

Gonçalo optimo, mais forte... Olhe, primo Antonio, leia a carta. Leia

alto! Não tem segredos. É toda sobre o Gonçalo...

Tirára do bolso um pesado enveloppe, com sinete d'armas no lacre. Mas a

prima Maria escrevia sempre depressa, n'uma lettra atabalhoada, com as

linhas crusadas. Talvez o primo Antonio não comprehendesse...--E com

effeito, deante das quatro folhas de papel erriçadas de negras linhas,

parecendo uma sebe espinhosa, o Titó recuou, aterrado. Mas o João

Gouveia immediatamente se offereceu, com a sua pericia em decifrar

officios de regedores... Não havendo segredos.

--Não, não ha segredos, afiançou Gracinha, rindo. É unicamente sobre o

Gonçalo, como n'um jornal.

O administrador folheou a immensa carta, passou os dedos sobre o bigode,

com certa solemnidade:

«Minha querida Graça... A costureira do Silva diz que o vestido...»

--Não! acudiu Gracinha. É na outra pagina, no alto. Volte a pagina.

Mas o Administrador gracejou, ruidosamente. Oh! está claro, carta de

senhora, logo os trapos... E a Snr.^a D. Graça a assegurar que era toda

sobre Gonçalo. Pois já veriam se pelo meio se não fallava ainda em

vestidos... Ah! estas senhoras, com os trapos!...--Depois recomeçou, na

outra pagina, com lentidão e gravidade:

«...Deves agora estar anciosa por saber da grande chegada do primo

Gonçalo. Foi realmente brilhante, e parecia uma recepção de pessoa real.

Eramos mais de trinta amigos. Está claro, appareceu toda a roda da nossa

parentella; e se rebentasse de repente n'essa manhã uma revolução, os

Republicanos apanhavam alli junta, na estação do Rocio, toda a flôr da

nobresa de Portugal, da velha, da boa. De senhoras, era a prima Chellas,

a tia Louredo, as duas Esposendes (com o tio Esposende, que apesar do

rheumatismo e da vindima, veiu expressamente da quinta de Torres), e eu.

Homens, todos. E como estava o Conde de Arega, que é secretario d'El-Rei

e o primo Olhalvo, que é o seu Mordomo-Mór, e o Ministro da Marinha e o

Ministro das Obras Publicas, ambos condiscipulos e intimos de Gonçalo,

as pessoas na estação deviam imaginar que chegava El-Rei. O Sud-Express

trouxe quarenta minutos de demora. De modo que parecia um salão, com

toda aquella gente da sociedade, muito alegre, e o primo Arega, sempre

tão amavel e engraçado, e fazendo já convites para um jantar (que depois

deu) ao primo Gonçalo. Lá fui a esse jantar com o meu vestido verde,

novo, que ficou bem...»

Gouveia gritou triumphando:

--Hein? que disse eu?! cá está vestido. Vestido verde!

--Lê para deante, homem! bramou o Titó.

E o Administrador, realmente interessado, recomeçou, com entono:

«...com o meu vestido verde novo, excepto a saia, um pouco pesadota.

Creio que fui eu a primeira que avistou o primo Gonçalo, na plataforma

do Sud-Express. Não imaginas como vem... optimo! Até mais bonito, e

sobretudo mais homem. A Africa nem de leve lhe tostou a pelle. Sempre a

mesma brancura. E d'uma elegancia, d'um apuro! Prova de como se adeanta

a civilisação d'Africa! dizia o primo Arega, este é estylo novo de

tangas em Macheque!... Como imaginas, muito abraço, muita beijoca. A tia

Louredo choramigou. Ah, já esquecia! Estava tambem o Visconde de

Rio-Manso, com a filha, a Rosinha. Muito linda ella, com um vestido do

Redfern, fez sensação. Todos me perguntavam quem era, e o conde d'Arega,

está claro, logo com appetite de ser apresentado. O Rio-Manso tambem

choramigou ao abraçar o primo Gonçalo. E ali viemos todos, em nobre

sequito, pela estação fóra, entre o pasmo dos povos. Mas immediatamente

uma scena. De repente, no meio de toda aquella nata de brazões, o primo

Gonçalo rompe e cahe nos braços do homemzinho de bonet agaloado que

recebia á porta os bilhetes. Sempre o mesmo Gonçalo! Parece que o

conheceu ao chegar a Lourenço Marques, onde o homem tratava de se

estabelecer como photographo. Mas já esquecia o melhor--o Bento! Não

imaginas o Bento... Magnifico! Deixou crescer um bocado de suissa. É um

modelo, vestido em Londres, de grande casaco de viagem de panno claro,

até aos pés, luvas amarelladas, gravidade immensa. Gostou de me vêr na

estação--perguntou logo, com o olho humido, pela Snr.^a D. Graça, e pela

Rosa. Á noite, o José e eu jantamos em familia, com o primo Gonçalo, no

Bragança, para conversar da Torre e dos Cunhaes. Elle contou muitas

cousas interessantes d'Africa. Traz notas para um livro, e parece que o

praso prospera. N'estes poucos annos plantou dois mil coqueiros. Tem

tambem muito cacau, muita borracha. Gallinhas são aos milhares. É

verdade que uma gallinha gorda em Macheque vale um pataco. Que inveja!

Aqui em Lisboa custa seis tostões, só com ossos--por que tendo tambem

alguma carne no peito, salta para cá dez tostões, e agradece! No praso

já se construiu uma grande casa, proximo do rio, com vinte janellas e

pintada de azul. E o primo Gonçalo declara que já não vende o praso nem

por oitenta contos. Para felicidade completa até achou um excellente

administrador. Eu todavia duvido que elle volte para a Africa. Tenho

agora cá a minha linda ideia sobre o futuro do primo Gonçalo. Talvez te

rias. E não adivinhas... com effeito, eu mesma só n'essa noite em que

jantamos no Bragança, recebi de repente a inspiração. O Rio-Manso está

tambem no Bragança. Quando desciamos para o jantar, para um gabinete,

encontramos no corredor o velho com a pequena. O homem tornou logo a

abraçar Gonçalo, com uma \_ternura de pae\_. E a Rosinha tão vermelha se

fez, que até Gonçalo, apesar de excitado e distrahido, notou e córou de

leve. Parece que já ha entre elles um conhecimento antigo, por causa

d'um cesto de rosas, e que, desde annos, o Destino os anda

surrateiramente chegando. Ella é realmente uma belleza. E tão

sympathica, tão bem educada!... Differença d'edade, apenas onze annos; e

o dote tremendo. Fallam em quinhentos contos. Ha apenas a questão de

sangue e o d'ella, coitadinha... Emfim, como se diz em heraldica,--«\_o

Rei faz a pastora Rainha\_.» E os Ramires, não só vem dos Reis, mas os

Reis vem dos Ramires.--E agora passando a assumpto menos

interessante...»

Discretamente João Gouveia dobrou a carta, que entregou a Gracinha,

louvando a Snr.^a D. Maria Mendonça como um «reporter» precioso. Depois,

com um cumprimento:

--E, minha senhora, se as previsões d'ella se realisam...

Mas não! Gracinha não acreditava! Ora! imaginações da Maria Mendonça.

--O primo Antonio bem a conhece, sabe como ella é casamenteira...

--Pois se até a mim me quiz casar, ribombou o Titó saltando do rebordo

da varanda. Imagine a prima... Até a mim! Com a viuva Pinho, da loja de

pannos.

--Credo!

Mas o Gouveia insistia, com superioridade, um sentimento verdadeiro da

vida positiva:

--Olhe, Snr.^a D. Graça, acredite V. Ex.^a, sempre era melhor arranjo

para o Gonçalo que a Africa... Eu não acredito n'esses prazos... Nem na

Africa. Tenho horror á Africa. Só serve para nos dar desgostos. Boa para

vender, minha senhora! A Africa é como essas quintarolas, meio a monte,

que a gente herda d'uma tia velha, n'uma terra muito bruta, muito

distante, onde não se conhece ninguem, onde não se encontra sequer um

estanco; só habitada por cabreiros, e com sezões todo o anno. Boa para

vender.

Gracinha enrolava lentamente nos dedos a fita do avental:

--O quê! vender o que tanto custou a ganhar, com tantos trabalhos no

mar, tanta perda de vida e fazenda?!

O Administrador protestou logo, com calor, já enristado para a

controversia:

--Quaes trabalhos, minha senhora? Era desembarcar alli na areia, plantar

umas cruzes de pau, atirar uns safanões aos pretos... Essas glorias

d'Africa são balelas. Está claro, V. Ex.^a falla como fidalga, neta de

fidalgos. Mas eu como economista. E digo mais...

O seu dedo agudo ameaçava argumentos agudos.

Titó acudiu, salvou Gracinha:

--Oh Gouveia, nós estamos a tirar o tempo á prima Graça, que anda nos

seus arranjos. Essas questões d'Africa são para depois, com o Gonçalo, á

sobremeza... E então, minha querida prima, até Domingo, em Craquêde. Lá

comparece o rancho todo. E quem atira os foguetes sou eu!

Mas Gouveia, cofiando o côco com a manga, ainda esperava converter a

Snr.^a D. Graça ás ideias sãs, sobre Politica Colonial.

--Era vender, minha senhora, era vender! Ella sorria, já

consentia--tomando a mão do Videirinha, que hesitava, com os dedos

espetados:

--E então, Snr. Videira, tem agora algumas quadras novas para o \_Fado\_?

Córando, Videirinha balbuciou que «arranjára uma coisita, tambem n'um

fado, para a volta do Snr. Doutor.» Gracinha prometteu decorar, para

cantar ao piano.

--Muito agradecido a V. Ex.^a... Creado de V. Ex.^a...

--Então até Domingo, primo Antonio... Está uma tarde linda.

--Até Domingo, em Craquêde, prima.

Mas á porta envidraçada, João Gouveia parou mais teso, bateu na testa:

--Já me esquecia, desculpe V. Ex.^a! Recebi uma carta do André

Cavalleiro, da Figueira da Foz. Manda muitas saudades ao Barrôlo. E quer

saber se o Barrôlo lhe poderia ceder d'aquelle vinho verde de Vidainhos.

É tambem para um africanista, para o conde de S. Romão... Parece que a

Snr.^a condessa se péla por vinho verde!

E os tres amigos, em fila, atravessaram a sala de jantar, onde o

vozeirão do Titó ainda ribombou, louvando a esteira nova de côres. No

corredor, Videirinha espreitou para a Livraria, notou o molho de penas

de pato espetado no velho tinteiro de latão, que esperava, rebrilhando

solitariamente sobre a mesa nua sem papeis nem livros. Depois a Rosa

appareceu á porta do quarto de Gonçalo, ajoujada de roupa, com um riso

em cada ruga da sua face redonda e côr de tijolo, que o farto lenço de

cambraia, muito branco, circumdava como um nimbo. O Titó affagou

carinhosamente o hombro da boa cosinheira:

--Então, tia Rosa, agora recomeçam essas grandes petisqueiras, hein?

--Louvado seja Deus, Snr. D. Antonio! Que imaginei que não tornava a vêr

o meu rico senhor. Tambem já tinha decidido... Se me enterrassem o corpo

aqui em Santa Ireneia, antes de eu vêr o menino, a alma com certesa ia á

Africa para lhe fazer uma visita.

Os seus miudos olhos piscaram, lagrimejando de gosto--e seguiu pelo

corredor, tesa e decidida, com a sua trouxa que rescendia a maçã

camoeza. O Gouveia murmurára com uma careta:--«Safa!» E os tres amigos

desceram ao pateo onde, por curiosidade do Titó, visitaram as obras da

cavallariça.

--Veja você! exclamou elle para o Gouveia, que accendia o charuto. Você

a negar!... Mobilias, obras, egoa ingleza... Tudo já dinheiro d'Africa.

O Administrador encolheu os hombros:

--Veremos depois como elle traz o figado...

Deante do portão o Titó ainda parou a colher, na roseira costumada, uma

rosinha para florir o jaquetão de velludilho. E juntamente entrava o

Padre Sueiro, recolhendo d'uma volta pelos Bravaes, com o seu grande

guarda-sol de panninho e o seu breviario. Todos acolheram com carinho o

santo e douto velho, tão raro agora na Torre.

--E então no Domingo, cá temos o nosso homem, Padre Sueiro!

O capellão achatou sobre o peito a mão gorda, com reverencia, com

gratidão...

--Deus ainda me quiz conceder, na minha velhice, mais esse grande

favor... Pois mal o esperava. Terras tão asperas, e elle tão delicado...

E para conversar de Gonçalo, da espera em Craquêde, acompanhou aquelles

senhores até á ponte da Portella. João Gouveia manquejava, aperreado por

umas infames botas novas que n'essa manhã estreára. E descançaram um

momento no bello banco de pedra que o pae de Gonçalo mandára collocar,

quando Governador Civil d'Oliveira. Era esse o doce sitio d'onde se

avista Villa-Clara, tão aceada, sempre tão branca, áquella hora toda

rosada, d'esde o vasto convento de Santa Theresa até ao muro novo do

cemiterio no alto, com os seus finos cyprestes.

Para além dos outeiros de Valverde, longe, sobre a Costa, o sol descia,

vermelho como um metal candente que arrefece, entre nuvens vermelhas,

accendendo ainda, em ouro coruscante, as janellas da Villa.

Ao fundo do valle, uma claridade nimbava as altas ruinas de Santa Maria

de Craquêde, entre o seu denso arvoredo. Sob o arco, o rio cheio corria

sem um rumor, já dormente na sombra dos choupos finos, onde ainda

passaros cantavam. E na volta da estrada, por cima dos alamos que

escondiam o casarão, a velha Torre, mais velha que a Villa e que as

ruinas do Mosteiro, e que todos os casaes espalhados, erguia o seu

esguio miradoiro, envolto no vôo escuro dos morcegos, espreitando

silenciosamente a planicie e o sol sobre o mar, como em cada tarde

d'esses mil annos, desde o Conde Ordonho Mendes.

Um pequeno com uma alta aguilhada passou, recolhendo duas vaccas lentas.

Do lado da Villa, o padre José Vicente da Finta trotou na sua egoa

branca, saudou o Snr. Administrador, o amigo Sueiro, abençoando tambem a

chegada do Fidalgo para quem já preparára uma bella cesta da sua uva

moscatel. Trez caçadores, com uma matilha de coelheiras, atravessaram a

estrada, descendo pelo portello á quelha que contorna o casal do

Miranda.

Um silencio ainda claro, de immenso repouso, tão doce como se descesse

do ceu, cobria a largueza povoada dos campos, onde não se movia uma

folha, na macia transparencia do ar de Setembro. Os fumos das lareiras

accesas já se escapavam, lentos e leves, d'entre a telha rala. Na loja

do João ferreiro, adeante da Portella, o clarão da forja avivou, mais

vermelho. Um \_bum-bum\_ de tambor bateu festivamente para o lado dos

Bravaes, cresceu apressado, marchando:--n'algum cabeço, depois

lentamente se afastou, esmoreceu, logo sumido, em arvoredos ou no valle

mais fundo.

João Gouveia, que se recostára no canto do largo assento de pedra, com o

seu côco sobre os joelhos, acenou para o lado dos Bravaes:

--Estou a lembrar aquella passagem do romance do Gonçalo, quando os

Ramires se preparam para soccorrer as Infantas, andam a reunir a

mesnada. É assim, a estas horas da tarde, com tambores: e por sitios...

«Na frescura do valle...» Não! «Pelo valle de Craquêde...» Tambem não!

Esperem vocês, que eu tenho boa memoria... Ah! «E por todo o fresco

valle até Santa Maria de Craquêde, os atambores mouriscos abafados no

arvoredo, tararam! tararam! ou mais vivos nos cerros ralatam! ralatam!

convocavam á mesnada dos Ramires, na doçura da tarde...» E lindo!

Por sobre as costas do Titó que, debruçado, riscava pensativamente com o

bengalão a poeira da estrada, Videirinha adeantou para o seu chefe a

face estendida, com um sorriso de finura:

--Oh Snr. Administrador, olhe que talvez seja ainda mais bonito, quando

os Ramires largam a perseguir o Bastardo! Cá para mim, tem mais poesia.

Quando o velho faz aquella jura com a espada e depois lá na Torre, muito

devagar, começa a tocar a finados... É d'appetite!

Á borda do assento, encolhido contra o Titó, para que o Snr.

Administrador se alastrasse confortavelmente, Padre Sueiro, com as mãos

no cabo do seu guarda-sol, concordou:

--Com certesa! são lances interessantes... Com certesa! N'aquella

novella ha imaginação rica, muito rica: e ha saber, ha verdade.

O Titó, que depois de \_Simão de Nantua\_, em pequeno, não abrira mais as

folhas d'um livro, e não lêra a \_Torre de D. Ramires\_, murmurou, com um

risco mais largo na poeira:

--Extraordinario, aquelle Gonçalo!

O Videirinha não findára o seu enlevado sorriso:

--Tem muito talento... Ah! o Snr. Doutor tem muito talento.

--Tem muita raça! exclamou o Titó, levantando a cabeça. E é o que o

salva dos defeitos... Eu sou um amigo de Gonçalo, e dos firmes. Mas não

o escondo, nem a elle... Sobretudo a elle. Muito leviano, muito

incoherente... Mas tem a raça que o salva.

--E a bondade, Snr. Antonio Villalobos! atalhou docemente Padre Sueiro.

A bondade, sobretudo como a do Snr. Gonçalo, tambem salva... Olhe, ás

vezes ha um homem muito serio, muito puro, muito austero, um Catão que

nunca cumpriu senão o dever e a lei... E todavia ninguem gosta d'elle,

nem o procura. Por que? Por que nunca deu, nunca perdoou, nunca

acarinhou, nunca serviu. E ao lado outro leviano, descuidado, que tem

defeitos, que tem culpas, que esqueceu mesmo o dever, que offendeu mesmo

a lei... Mas quê? É amoravel, generoso, dedicado, serviçal, sempre com

uma palavra doce, sempre com um rasgo carinhoso... E por isso todos o

amam, e não sei mesmo, Deus me perdôe, se Deus tambem o não prefere...

A curta mão que acenára para o ceu, recahiu sobre o cabo d'osso do

guarda-sol. Depois, e córado com a temeridade de pensamento tão

espiritual acudiu cautelosamente:

--Que esta não é propriamente doutrina da Egreja!... Mas anda nas almas;

anda já em muitas almas.

Então João Gouveia abandonou o recosto do banco de pedra e teso na

estrada, com o côco á banda, reabotoando a sobrecasaca, como sempre que

estabelecia um resumo:

--Pois eu tenho estudado muito o nosso amigo Gonçalo Mendes. E sabem

vocês, sabe o Snr. Padre Sueiro quem elle me lembra?

--Quem?

--Talvez se riam. Mas eu sustento a semelhança. Aquelle todo de Gonçalo,

a franqueza, a doçura, a bondade, a immensa bondade, que notou o Snr.

Padre Sueiro... Os fogachos e enthusiasmos, que acabam logo em fumo, e

juntamente muita persistencia, muito aferro quando se fila á sua

ideia... A generosidade, o desleixo, a constante trapalhada nos

negocios, e sentimentos de muita honra, uns escrupulos, quasi pueris,

não é verdade?... A imaginação que o leva sempre a exaggerar até á

mentira, e ao mesmo tempo um espirito pratico, sempre attento á

realidade util. A viveza, a facilidade em comprehender, em apanhar... A

esperança constante n'algum milagre, no velho milagre d'Ourique, que

sanará todas as difficuldades... A vaidade, o gosto de se arrebicar, de

luzir, e uma simplicidade tão grande, que dá na rua o braço a um

mendigo... Um fundo de melancolia, apesar de tão palrador, tão sociavel.

A desconfiança terrivel de si mesmo, que o acobarda, o encolhe, até que

um dia se decide, e apparece um heroe, que tudo arrasa... Até aquella

antiguidade de raça, aqui pegada á sua velha Torre, ha mil annos... Até

agora aquelle arranque para a Africa... Assim todo completo, com o bem,

com o mal, sabem vocês quem elle me lembra?

--Quem?...

--Portugal.

Os tres amigos retomaram o caminho de Villa-Clara. No ceu branco uma

estrellinha tremeluzia sobre Santa Maria de Craquêde. E Padre Sueiro,

com o seu guarda-sol sob o braço, recolheu á Torre vagarosamente, no

silencio e doçura da tarde, resando as suas Avè-Marias, e pedindo a paz

de Deus para Gonçalo, para todos os homens, para campos e casaes

adormecidos, e para a terra formosa de Portugal, tão cheia de graça

amoravel, que sempre bemdita fosse entre as terras.

FIM

\* \* \* \* \*

A revisão das provas d'este livro, desde paginas 417 até á conclusão,

não foi feita pelo Auctor. Entretanto seguiu-se á risca o original.

End of Project Gutenberg's A Illustre Casa de Ramires, by Eça de Queiroz

\*\*\* END OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES \*\*\*

\*\*\*\*\* This file should be named 23145-8.txt or 23145-8.zip \*\*\*\*\*

This and all associated files of various formats will be found in:

http://www.gutenberg.org/2/3/1/4/23145/

Produced by Rita Farinha and the Online Distributed

Proofreading Team at http://www.pgdp.net (This file was

produced from images generously made available by National

Library of Portugal (Biblioteca Nacional de Portugal).)

Updated editions will replace the previous one--the old editions

will be renamed.

Creating the works from public domain print editions means that no

one owns a United States copyright in these works, so the Foundation

(and you!) can copy and distribute it in the United States without

permission and without paying copyright royalties. Special rules,

set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to

copying and distributing Project Gutenberg-tm electronic works to

protect the PROJECT GUTENBERG-tm concept and trademark. Project

Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you

charge for the eBooks, unless you receive specific permission. If you

do not charge anything for copies of this eBook, complying with the

rules is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose

such as creation of derivative works, reports, performances and

research. They may be modified and printed and given away--you may do

practically ANYTHING with public domain eBooks. Redistribution is

subject to the trademark license, especially commercial

redistribution.

\*\*\* START: FULL LICENSE \*\*\*

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg-tm mission of promoting the free

distribution of electronic works, by using or distributing this work

(or any other work associated in any way with the phrase "Project

Gutenberg"), you agree to comply with all the terms of the Full Project

Gutenberg-tm License (available with this file or online at

http://gutenberg.org/license).

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg-tm

electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg-tm

electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to

and accept all the terms of this license and intellectual property

(trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all

the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy

all copies of Project Gutenberg-tm electronic works in your possession.

If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project

Gutenberg-tm electronic work and you do not agree to be bound by the

terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or

entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. "Project Gutenberg" is a registered trademark. It may only be

used on or associated in any way with an electronic work by people who

agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few

things that you can do with most Project Gutenberg-tm electronic works

even without complying with the full terms of this agreement. See

paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project

Gutenberg-tm electronic works if you follow the terms of this agreement

and help preserve free future access to Project Gutenberg-tm electronic

works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation ("the Foundation"

or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project

Gutenberg-tm electronic works. Nearly all the individual works in the

collection are in the public domain in the United States. If an

individual work is in the public domain in the United States and you are

located in the United States, we do not claim a right to prevent you from

copying, distributing, performing, displaying or creating derivative

works based on the work as long as all references to Project Gutenberg

are removed. Of course, we hope that you will support the Project

Gutenberg-tm mission of promoting free access to electronic works by

freely sharing Project Gutenberg-tm works in compliance with the terms of

this agreement for keeping the Project Gutenberg-tm name associated with

the work. You can easily comply with the terms of this agreement by

keeping this work in the same format with its attached full Project

Gutenberg-tm License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern

what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in

a constant state of change. If you are outside the United States, check

the laws of your country in addition to the terms of this agreement

before downloading, copying, displaying, performing, distributing or

creating derivative works based on this work or any other Project

Gutenberg-tm work. The Foundation makes no representations concerning

the copyright status of any work in any country outside the United

States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate

access to, the full Project Gutenberg-tm License must appear prominently

whenever any copy of a Project Gutenberg-tm work (any work on which the

phrase "Project Gutenberg" appears, or with which the phrase "Project

Gutenberg" is associated) is accessed, displayed, performed, viewed,

copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with

almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or

re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included

with this eBook or online at www.gutenberg.org

1.E.2. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is derived

from the public domain (does not contain a notice indicating that it is

posted with permission of the copyright holder), the work can be copied

and distributed to anyone in the United States without paying any fees

or charges. If you are redistributing or providing access to a work

with the phrase "Project Gutenberg" associated with or appearing on the

work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1

through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the

Project Gutenberg-tm trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or

1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is posted

with the permission of the copyright holder, your use and distribution

must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional

terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked

to the Project Gutenberg-tm License for all works posted with the

permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg-tm

License terms from this work, or any files containing a part of this

work or any other work associated with Project Gutenberg-tm.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this

electronic work, or any part of this electronic work, without

prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with

active links or immediate access to the full terms of the Project

Gutenberg-tm License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary,

compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any

word processing or hypertext form. However, if you provide access to or

distribute copies of a Project Gutenberg-tm work in a format other than

"Plain Vanilla ASCII" or other format used in the official version

posted on the official Project Gutenberg-tm web site (www.gutenberg.org),

you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a

copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon

request, of the work in its original "Plain Vanilla ASCII" or other

form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg-tm

License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying,

performing, copying or distributing any Project Gutenberg-tm works

unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing

access to or distributing Project Gutenberg-tm electronic works provided

that

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from

the use of Project Gutenberg-tm works calculated using the method

you already use to calculate your applicable taxes. The fee is

owed to the owner of the Project Gutenberg-tm trademark, but he

has agreed to donate royalties under this paragraph to the

Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments

must be paid within 60 days following each date on which you

prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax

returns. Royalty payments should be clearly marked as such and

sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the

address specified in Section 4, "Information about donations to

the Project Gutenberg Literary Archive Foundation."

- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies

you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he

does not agree to the terms of the full Project Gutenberg-tm

License. You must require such a user to return or

destroy all copies of the works possessed in a physical medium

and discontinue all use of and all access to other copies of

Project Gutenberg-tm works.

- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any

money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the

electronic work is discovered and reported to you within 90 days

of receipt of the work.

- You comply with all other terms of this agreement for free

distribution of Project Gutenberg-tm works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg-tm

electronic work or group of works on different terms than are set

forth in this agreement, you must obtain permission in writing from

both the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and Michael

Hart, the owner of the Project Gutenberg-tm trademark. Contact the

Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable

effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread

public domain works in creating the Project Gutenberg-tm

collection. Despite these efforts, Project Gutenberg-tm electronic

works, and the medium on which they may be stored, may contain

"Defects," such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or

corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual

property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a

computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by

your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the "Right

of Replacement or Refund" described in paragraph 1.F.3, the Project

Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project

Gutenberg-tm trademark, and any other party distributing a Project

Gutenberg-tm electronic work under this agreement, disclaim all

liability to you for damages, costs and expenses, including legal

fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT

LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE

PROVIDED IN PARAGRAPH F3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE

TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE

LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR

INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH

DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a

defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can

receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a

written explanation to the person you received the work from. If you

received the work on a physical medium, you must return the medium with

your written explanation. The person or entity that provided you with

the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a

refund. If you received the work electronically, the person or entity

providing it to you may choose to give you a second opportunity to

receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy

is also defective, you may demand a refund in writing without further

opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth

in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS' WITH NO OTHER

WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO

WARRANTIES OF MERCHANTIBILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied

warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages.

If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the

law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be

interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by

the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any

provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the

trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone

providing copies of Project Gutenberg-tm electronic works in accordance

with this agreement, and any volunteers associated with the production,

promotion and distribution of Project Gutenberg-tm electronic works,

harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees,

that arise directly or indirectly from any of the following which you do

or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg-tm

work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any

Project Gutenberg-tm work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg-tm

Project Gutenberg-tm is synonymous with the free distribution of

electronic works in formats readable by the widest variety of computers

including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists

because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from

people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the

assistance they need, is critical to reaching Project Gutenberg-tm's

goals and ensuring that the Project Gutenberg-tm collection will

remain freely available for generations to come. In 2001, the Project

Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure

and permanent future for Project Gutenberg-tm and future generations.

To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4

and the Foundation web page at http://www.pglaf.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive

Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non profit

501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the

state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal

Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification

number is 64-6221541. Its 501(c)(3) letter is posted at

http://pglaf.org/fundraising. Contributions to the Project Gutenberg

Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent

permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's principal office is located at 4557 Melan Dr. S.

Fairbanks, AK, 99712., but its volunteers and employees are scattered

throughout numerous locations. Its business office is located at

809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887, email

business@pglaf.org. Email contact links and up to date contact

information can be found at the Foundation's web site and official

page at http://pglaf.org

For additional contact information:

Dr. Gregory B. Newby

Chief Executive and Director

gbnewby@pglaf.org

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg

Literary Archive Foundation

Project Gutenberg-tm depends upon and cannot survive without wide

spread public support and donations to carry out its mission of

increasing the number of public domain and licensed works that can be

freely distributed in machine readable form accessible by the widest

array of equipment including outdated equipment. Many small donations

($1 to $5,000) are particularly important to maintaining tax exempt

status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating

charities and charitable donations in all 50 states of the United

States. Compliance requirements are not uniform and it takes a

considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up

with these requirements. We do not solicit donations in locations

where we have not received written confirmation of compliance. To

SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any

particular state visit http://pglaf.org

While we cannot and do not solicit contributions from states where we

have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition

against accepting unsolicited donations from donors in such states who

approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make

any statements concerning tax treatment of donations received from

outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg Web pages for current donation

methods and addresses. Donations are accepted in a number of other

ways including checks, online payments and credit card donations.

To donate, please visit: http://pglaf.org/donate

Section 5. General Information About Project Gutenberg-tm electronic

works.

Professor Michael S. Hart is the originator of the Project Gutenberg-tm

concept of a library of electronic works that could be freely shared

with anyone. For thirty years, he produced and distributed Project

Gutenberg-tm eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg-tm eBooks are often created from several printed

editions, all of which are confirmed as Public Domain in the U.S.

unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily

keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our Web site which has the main PG search facility:

http://www.gutenberg.org

This Web site includes information about Project Gutenberg-tm,

including how to make donations to the Project Gutenberg Literary

Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to

subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.